VOLUME V

ANNO V

SERPA (PORTUGAL), JANEIRO DE 1903

N.º 1

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

DIRECTORES:
LADISLAU PIÇARRA
E M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programa, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico da educação publica exercida pela imprensa.»

RAMALHO ORTIGÃO.

PREÇO DA ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal, serie de 12 numeros	1$200 réis
Para o Estrangeiro, serie de 12 numeros	8 fr.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO
(CADA NUMERO 1 FR.)

PARIS — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
LONDRES — F. FISHER UNVIN, PUBLISHER — 11, Paternoster Buildings.
BERLIN — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

VENDA AVULSO NO PAIZ
(100 RÉIS CADA NUMERO)

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio
Porto — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44
Coimbra — Livraria França Amado
Braga — Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª
Vianna do Castello — Livraria Academica e Religiosa

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor TrindadeCoelho*

PREÇO DE 12 NUMEROS 1200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, * * *

PREÇO — 1200 RÉIS

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva A. J. Torres de Carvalho, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.).*

PREÇO — 1200 RÉIS

A TRADIÇÃO

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

Quinto anno

1903

COLLABORADO POR:

Arronches Junqueiro, A. Thomaz Pires, D. Antonio X. Pereira Coutinho, A. R. Gonçalves Vianna, Alberto Pimentel, D. Antonio de Mello Breyner, dr. Candido de Figueiredo, Conde de Sabugosa, Conde de Arnoso, Costa Caldas, Celestino Soares, Dias Nunes, D. Elvira Monteiro, F. d'Assis Orta, dr. Graça Affreixo, José da Silva Picão, D. João de Camara, Julio de Lemos, José Orta Cano, dr. Ladislau Piçarra, Manuel Ramos, Pedro A. d'Azevedo, Ramalho Ortigão, dr. Souza Viterbo, dr. Thomaz de Mello Breyner. dr. Theophilo Braga.

Collaboração musical de **D. Elvira Monteiro.**

1904

Typ. a vapor de Adolpho de Mendonça

Rua do Corpo Santo, 46 e 48

LISBOA

Anno V — N.º 1 SERPA, Janeiro de 1903 Volume V

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

CANÇÕES CASTELHANAS EM PORTUGAL

Os poetas palacianos versificam na lingua castelhana e muitas das suas composições ficaram pelos Cancioneiros hespanhes, como estas coplas:

Bien diré d'amor,
pues que me lo fez
quedar esta vez
por seu servidor.

Eu tenho vontade
d'amor me partir,
e tal en verdade
nunca o servir,
sem aver galardon
de minha senhor.

O amor me dizia
un dia fallando:
— Si me plazeria
amar de sen bando
gentil graciosa
de fina color. [1]

No preciossimo Cancioneiro musical hespanhol, do seculo XV, algumas Canções referem-se a Portugal, ou tem versos portuguezes; a Canção 458 é um fragamento que revela uma linda barcarola:

Meus olhos van por lo mare,
Mirando van Portugale.

Meus olhos van por lo rio,
. . . .

[1] Cancionero de Isabel II, fl. 78. Ap. Rios, *Hist. litt.*, VII, 74.

A Canção 425 é um colloquio entre uma castelhanha e um portuguez, sobre o pé:

Olhade-me, gentil dona,
Y valey per vossa ley,
Que so da casa do Rey.

De menino so criado
No Paço mas que ninguem;
So fidalgo aprobado
Da Villa de Santarem.
Olhade-me sin desden,
Y valey per vosa fey,
Que so da casa do Rey. Etc.

Na côrte de Fernando e Isabel cantava-se um Romance sobre a batalha do Toro, em que se accentuava a derrota de D. Affonso V de Portugal; achava-se refugiado na côrte de Castella Fernão da Silveira, depois da conjuração contra D. João II, e ahi lhe suscitou o romance um dito memoravel pela ironia através do seu sentido historico:

«Sendo el Rey D. Affonso, o quinto, viuvo, escreveram-lhe alguns Senhores de Castella que casasse com sua sobrinha a Excellente Senhora, que lá estava, e a quem pertencia o Reyno de Castella, que elles o ajudariam contra el Rey D. Fernando de Aragão, que pretendia o Reyno porque casara com uma irmã de el Rey Don Herique; tendo estes dois Reys sobre isto guerra dentro em Castella, dando-se a batalha entre Touro e Sa-

mora, foi el Rey Dom Affonso, que pelejava em uma parte, vencido, e o Principe Dom João seu filho, em outra vencedor, e ficou no campo com a honra, e o pae salvou-se em hum logar que estava por elle, e tornado para Portugal nunca mais pode proseguir este intento. Estando el Rey Dom Fernando huma sésta ouvindo musica, cantando-lhe o seu musico *hum Romance, a lettra do qual continha o vencimento que se houvera contra el Rey Dom Affonso*, e depois de acabado perguntou el Rey a Fernão da Silveira.

— Que lhe parecia?

E podendo mais com elle a natureza de portuguez, que o odio particular que tinha a el Rey Dom João, respondeu:

— Senhor, muito bem está o Romance do pay; mas faça-me V. A. agora a mercê que mande o cantar *Villancete* do filho.»[1]

Como este Romance á batalha do Toro, tambem se fizeram outros á Conquista de Granada, de que Barbieri publicou a letra e a musica no seu importante Cancioneiro. Como uma epigenese, sobre os Romances velhos trovaram os Romances novos dos acontecimentos contemporaneos.

Em uns versos de Stuniga (*Canc. gener.*, fl. XXX. Ed. 1557), fallando nas prendas proprias de um cavalheiro, diz que deve saber tocar instrumentos, e cantar *velhos Cantares:*

> Flauta, laud, vihuela,
> al galan son muy amigos;
> *Cantares tristes antiguos;*
> es los que les consuela.

Tambem Sá de Miranda allude a esses *Cantares velhos*, quando diz no versos: se os *velhos soláos* fallam verdade...» No Cancioneiro musical do Seculo XV, publicado por Barbieri, encontram-se muitos d'esses cantares, que completám as referencias que a elles fazem como muito conhecidos Gil Vicente, Caminha e Christovam Falcão; apontaremos a Canção: *Nunca fué pena mayor*, que a rainha D. Joanna (filha do rei D. Duarte) mulher de Henrique IV de Castella, em 1456, desejou vêr glosada. Em Portugal Pero Homem intercalou-a em umas coplas, que vem no Cancioneiro de Resende. (III, 87.) Barbieri tambem a encontrou intercalada nas tragi-comedias de Gil Vicente *Fragoa de Amor* e *Cortes de Jupiter*; transcreve a letra da Canção feita pelo primeiro Duque de Alba D. Garcia Alvarez de Toledo, com a musica de Juan de Urrede (maestro flamengo, segundo Vander Straeten.)

A estrophe 42 do *Chrisfal*, traz tambem um referencia a esses Cantares velhos, e principalmente castelhanos:

> Tendo parecer devino,
> pera que melhor lhe quadre,
> Cantar canto de ladino:
> *Yo me yva la mi madre*
> *a Sancta Maria del Pino.*

No citado *Cancioneyro musical de los siglos XV, XVI*, publicado por Barbieri em 1890, vem a forma original primitiva (n.º 380):

> *Yo me iba, la mi madre,*
> *A Sancta Maria del Pino;*
> Vi andar una serrana
> Bien acerca del camino.
> Saya traia pretado
> De un verde florentino;
> Bien alla la viera andar
> Gurriando su ganado
> Y dicendo este cantar: etc.

Barbieri diz: «la musica está bien hecha, y su melodia tiene muy buen sabor popular.» (p. 195.)

Por aqui se vê como as Canções castelhanas iam invadindo a côrte de Portugal, a ponto de já na primeira metade do seculo XVI dizer Jorge Ferreira que se não perdoava uma cantiga portugueza. E' tambem esta uma das causas da obliteração da poesia popular portugueza no continente, ao passo que se conservou

[1] *Memoria dos Ditos e Sentenças.* Ms. da Torre do Tombo, n.º 1126.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

AVEIRO — A parte central da cidade

nos dois Archipelagos atlanticos, aonde esta influencia cortezanesca não chegou.

THEOPHILO BRAGA.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

NA BOTICA NOVA

Na botica nova
'Stá um boticario.
Canta o rouxinol,
Responde o canario.

Responde o canario,
Do alto castello.
Além vem meu bem,
De fato amarello.

De fato amarello,
De fato alvadio,
Além vem meu bem
Descendo o navio.

Descendo o navio,
Vae para a estação,
Alem vem meu bem
Apertar-me a mão.

Serpa.

ELVIRA MONTEIRO.

PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

V

Quando o sinistro de uma rede rebentar no rolo da praia é um acontecimento imprevisto e isolado no decurso da safra; á beira-mar acha-se apenas o pessoal que ali concorre habitualmente, e o proprietario da companha tem probalidades de defender parte da sua pescaria, indemnisando-se porventura do custeio do lance.

Mas se o accidente é a repetição d'outro succedido na vespera, n'aquella praia, o proprietario nada póde esperar, porque uma immensa chusma dos arredores tem então acudido á costa na espectativa de novos sinistros.

Estas noticias propagam-se com extraordinaria rapidez nos povoados ribeirinhos da ria, onde tem um verdadeiro successo, e logo que lá chegam ou ao outro dia, de todos esses logarejos mais agricolas do que de pescadores, partem magotes e magotes—velhos e novos, mulheres e rapazes—munidos de redenhos e canastras para a provavel e apetecida *apanhia*.

Chegados á costa, em velhas bateiras e barcos moliceiros, tendo-se-lhes reunido pelo caminho a maior parte dos lavradores que encontraram ao moliço[1] da ria, toda a caravana corre para o mar, e ali anda compacta, de rede em rede, pousando d'um lado e outro das que veem sahindo d'agua, como um bando de corvos esfaimados e agourentos.

Lance que rebente no meio d'esta multidão carateristicamente avara e accintosamente ali reunida para obter de graça o unico producto que compra para alimentação — a sardinha— esse é lance completamente perdido: os campesinos — *labregos* e *pategos*, como lhe chamam os maritimos — lançam se ferozmente á apanhia como verdadeiros piratas e em quanto sentem uma sardinha na praia á tona d'agua, nenhum desampara o local sempre a porfia de quem mais pilha, atropellando-se, roubando-se uns aos outros, rasgando-se as roupas e até agredindo-se, na furia e na embriaguez da rapina.

Contra este flagelo tomam-se todas as precauções, na pesca: mettem-se redes novas ao serviço; procura-se o melhor sitio da praia para ellas sahi-

[1] Alga do fundo e dos terrenos alagados da ria, colhida para adubo agricola.

CANCIONEIRO MUSICAL

I

NA BOTICA NOVA

Musica recolhida por D. ELVIRA MONTEIRO

(CHOREOGRAPHICA)

rem; se o comprimento das mangas, a certa altura da tiragem, impedem o sacco de deslisar com a corrente ao longo da borda, cortam-se; passa-se uma funda, com as respectivas calas de reforço, pelo fundo do sacco logo que elle chegue ao alcance; e algumas vezes, em S. Jacintho e na Costa Nova, se a maré é favoravel e o mar o permitte, vae o barco lá fóra, amarra a bocca do sacco, corta as mangas, e pelo cabo a que está amarrada a boia do *calime*, reboca o sacco pela barra dentro, vindo a companha abril-o á borda do rio.

Além d'isto, logo que os calões apontam na praia, todo o pessoal salta n'agua e prolonga-se pelas mangas fóra até á maior distancia possivel, alliviando-as do solo para que a tração seja mais doce e mais rapida.

Os momentos que precedem a vinda do sacco são bem tetricos para o proprietario.

Em taes occasiões é preciso que elle tenha no pessoal da companha alguns homens verdadeiramente amigos e dedicados, que distribuidos aqui e acolá, vigiem o que fazem aquelles que são puros mercenarios e não teem afinal motivo para ser mais do que isso: aquella athmosphera que então envolve a beira do mar é por demais communicativa e empolgante, para que a um dos companheiros não venha a tentação de, a fingir que salva com uma das mãos, não vá com a navalha na outra rasgar o apparelho e entregal-o á pilhagem.

Depois, aquelle momento culminante em que se decide: ou a sorte d'um só — o dono, ou a da chusma em peso — tantos!; e em que se decide tambem: continuar-se a faina regular e trivial de todos os dias, ou passar-se a uma scena estrondosamente anormal, palpitante de novidades e de episodios, tragica até — aquelle momento tambem os desvaira, e nem sempre elles se conseguem dominar.

Isto sem contar com as vinganças latentes no animo d'alguns, ou com a descrença que elles professem mais ou menos justificadamente, pelos apregoados dogmas do altruismo.

E assim acontece, ás vezes, estar um bello lance quasi salvo, todos os inumeros esforços empregados parecerem ter já vencido o seu premio, e de repente, sem se saber como nem porque, erguer-se o grito estridente da apanhia e toda aquella populaça movimentar-se e cahir sobre a rede desapiedadamente.

Como todos os casos emocionantes, este da apanhia tem tambem a sua nota comica.

Geralmente no final d'aquella pilhagem repugnante e brutal — que nos faz recordar os tempos historicos em que os naufragios eram tidos como um castigo dos deuses contra os naufragos e a favor dos habitantes das costas onde elles tinham logar — no final d'aquella pirataria que só agora as leis começam a debellar [1] — alguns apanhadores ainda fazem o proprietario roubado, alvo de instantes pedidos de concessão de cabazes e ás vezes mesmo de um carro, para o transporte da pescaria, pedidos que nem sempre podem ser indeferidos perante boas relações porventura em vigor com o impetrante, e o parecer d'elle sobre o assumpto, seha alteração: «então porque zangar? — se elle a não apanhasse outro a apanharia, e mal por mal... — ha de deital-a fóra?»

E assim, não raro acaba um d'estes espectaculos por ser o peixe da apanhia, transportado de graça, desde o mar até ao rio, pelo proprio individuo a quem o roubaram. O que tambem não quer dizer que alguns

[1] O regulamento actual procura attenuar quanto possivel a selvageria das apanhias, estabelecida pelo uso, obrigando os apanhadores extranhos á companha a entregar ao proprietario metade da pescaria; e os da companha a entregal-a toda, afim de ficarem mais interessados na salvação da rede do que na apanhia.

proprietarios não tenham ás vezes o espirito preciso para desde logo offerecerem fretes aos rapinantes — preço da tabella.

Se se salva um grande lance, em S. Jacintho a faina da pescaria é deveras curiosa e interessante.

Dependendo o valor d'uma rede cheia de sardinha, da abundancia ou da escassez na occasião, não é possivel precisal-o em absoluto; mas para um mercado médio póde se-lhe arbitrar a quantia de 3:000$000 réis. [1]

Logo que se abre a rede e ha lota formada, começa a arrematação da pescaria, e carros em acto continuo a transportam para os vagonetes. Tres ou quatro d'estes carregados — vem um boi e condul-os ao rio. Dos armazens para a praia — muitos carros com cabazes vasios. N'esta e n'aquella lota contracta-se o frete da conducção á cabeça; mercantel e *manageira* regateiam com alma e gritam ambos que se arruinam; mas estão tão praticos um e outro na medição cubica das lotas que nenhum d'elles consegue enganar o adversario. Em poucos momentos — formigueiros de mulheres para cá e para lá nas linhas mais a geito.

Rouba-se sardinha por toda a parte, mas moderadamente, uma a ama. Ninguem faz caso — quando Deus dá, é para todos.

Os mercanteis gritam sempre — que não *roibem* — mas são incapazes de tirar uma sardinha do cesto d'uma creança.

O serviço aperta e todo o mundo tem que fazer. Os comboios passam a ser de 5 e 6 vagonetes.

No rio as companhas dos mercanteis não teem mãos a medir: as bateiras prolongadas com a praia e um pouco ao largo, com uma prancha da terra para bordo; dois homens mettidos n'agua recebem d'outros a sardinha e lavam-n'a, peneirando-a em cabazes semi mergulhados, e pousando-os sobre a prancha logo que o peixe tenha largado toda a escama; dois dentro do barco, vão puchando esses cabazes e despejam-nos a granel de pôpa á prôa, atirando-os em seguida para a agua. De vez em quando — uns punhados de sal sobre a pescaria que vae cahindo.

Logo que a bateira está carregada, um que em terra está recebendo os wagons, e escolhendo as sardinhas de tamanho saliente, espalha algumas da escolha por cima de tudo *para compôr* — e corridas as coberturas de esteira e içada a vela, larga o barco para Aveiro só com um homem nas mais das vezes.

A seguir, carrega-se outros e outros barcos. A' medida que vae faltando gente nas companhas dos mercanteis, vae-se contractando homens e mulheres.

Não ha tempo de cosinhar nem de comer. De vez em quando — um cangirão de vinho da taberna ali perto e uma codea de brôa; raro — tambem uma sardinha assada ou frita.

Os empregados das companhas da costa, permanentes no rio para o serviço de transportes, com os moços de gado que trouxeram a pesca, vão reunindo os cabazes exvasiados pelos mercanteis, convenientemente fechados em grupos de tres — dois unidos pelas bordas com outro dentro — e em breve, comboios de canastrame vasio correm para a costa a reforçar ali a embalagem da pescaria.

Mette se a noute, mas a faina não afrouxa. No mar e no rio — archotes e lampeões d'azeite espetados em varas.

Acabadas as bateiras ou calculada sufficiente a pescaria expedida para Aveiro — a sardinha vae para os lagares dos mercanteis. Se os lagares

---

[1] Em 1899 vendeu-se sardinha em S. Jacintho no mez de dezembro — quer dizer a melhor sardinha — pelo frete ao rio. A sardinha era gratuita — os mercanteis só pagavam 120 réis por cabaz posto á beira da ria — preço corrente da conducção.

N'esse anno a exploração do districto de Aveiro foi de 756:383$640 réis, ao passo que toda a costa do Algarve produziu réis 749:741$750.

escasseiam, alguns que estejam com sardinha mais antiga e inferior, são despejados, para darem logar á nova, indo aquella para a pilha do *escasso* — ou peixe destinado a adubo agricola.

Acontece ser meia noute e ainda haver trabalho no rio.

Em Aveiro, os negociantes do caes fazem o preço conforme a exploração das differentes companhas em S. Jacintho, na Costa Nova e Torreira. Se não concorreu pescaria d'estas duas praias, os mercanteis de S. Jacintho ganham; no caso contrario as suas bateiras ficam às vezes dias e dias no caes da praça do peixe e não raro voltam carregadas para S. Jacintho a fazerem o trasbordo da sardinha para os lagares.

Vendido o barco — á simples vista determinam logo os milheiros que elle traz, quasi que com todo o rigor — logo as tricanas começam a empilhar a sardinha em canastras com mais ou menos sal, conforme vae para longe ou para perto.

Umas trabalham por conta do negociante do caes, outras já por conta dos sardinheiros que d'ahi a pouco atrellam os muares aos carroções ou carregam-nos apenas com dois cabazes, partindo aquelles para a serra e estes para logares mesmo da planicie.

Aqui excepcionalmente se trabalha na pescaria durante a noute ao ar livre. Sendo urgente fazel-o, os negociantes do caes teem amplos armazens que servem para todos os ramos de salga.

Da praça do peixe seguem as canastras para a estação do caminho de ferro em carros de bois, e ali são expedidas para muitos pontos de Portugal e de Hespanha.

Além da pescaria, o movimento de pastos e de junco da ria para alimentação e camas do gado, a exportação permanente de estrumes dos estabulos, os grandes fornecimentos do sal, vinho, lenha e d'outros productos de primeira necessidade na pesca, dão a todas as praias do Sul a começar no Furadouro, e especialmente a S. Jacintho, uma vida que á primeira vista não é facil attribuir-se lhes.

A importação de pastos é quasi diaria em todas as emprezas. Barcos especialmente destinados a este serviço e pertencentes ás proprias companhas, chegam todas as manhãs ao rio carregados de palha de milho, fazendo-se logo o trasbordo para a costa nos wagonetes das differentes linhas.

Se a tracção das redes se faz aqui, apenas por 5 juntas em cada cala — ou mais rigorosamente por quatro, porque das cinco, ha sempre uma em regresso, do terminus para o ponto inicial da allagem — quando no Norte o seu numero é o triplo d'este, a verdade é que no Norte o arrasto constitue uma exploração independente dentro da pesca, ao passo que nas costas do Sul as juntas são propriedade das proprias empresas. Em compensação o gado é visivelmente muito mais possante que além, porque é escropulosamente escolhido entre o mais corpulento e de melhores carnes; o seu tratamento é como em nenhuma outra parte — a base da alimentação é a bandeira de milho já secca, o melhor e mais caro de todos os pastos; mesmo que haja longos periodos de mar ruim, o penso é sempre constante; e por ultimo, se durante o verão o gado é bastante castigado pelo grande numero de lances de todos os dias e pelo calor, n'esta epocha costumam algumas empresas dar-lhe vinho para o reanimar, e depois no hynverno, tambem elle gosa longas folgas de completo descanço, ao passo que no Norte, se não tem pesca, vae para os serviços da lavoura. Como já disse, o gado das empresas è de ordinario vendido no fim da safra e substituido por outro em pleno vigor, no anno seguinte — o que tudo faz

com que dez juntas sejam sufficientes para a tracção d'uma rede.

Nos palheiros do rio em S. Jacintho tambem se estabelecem bastantes companhas de pesca do caranguejo nos bancos exteriores da barra e suas immediações.

O systema de captura do crustaceo é quasi o mesmo de Espinho; differe apenas de em vez d'um barco, ser a pesca feita por duas bateiras de reduzidas dimensões, e uma muito mais pequena do que a outra, formando ambas o que se chama uma *amarração*.

A bateira maior, fundeada a um ancorote, segura o *reçoeiro* e a outra vae fazer o lance trazendo-lhe em seguida a *mão da barca*. Ambas as calas se allam então a bordo da primeira até chegar o sacco do *chinchorro*. Enche-se primeiro a maior e por fim a mais pequena.

Esta pesca é perigosissima porque os barcos não teem nem capacidade nem estructura para resistir á menor ondulação que repentinamente se levante, e os quatro ou seis da companha carregam sempre a *amarração* até as bateirinhas pôrem a borda rezvez com a agua. [1]

E' claro que só com muito bom mar e tempo seguro, além de marés favoraveis no decurso do dia, elles se aventuram fóra da barra. Ainda assim no outomno, que é a epoca da força do mexoalho, o mar é muito inconstante em toda a costa de Portugal, sobretudo para o Norte das Berlengas, e mais do que em nenhuma parte na barra d'Aveiro extensamente esparcellada, succedendo aos carangueijos por varias vezes, mudarse-lhes o mar chão em mar ondulado quasi de repente e sem nenhum aviso ou prenuncio.

Sahem a barra sempre no fim da vazante, para a todo o tempo poderem arribar para dentro com a maré d'enchente. D'ordinario regressam no fim d'esta, perto do collo do préamar, e se o mar offerece algum risco, a primeira *amarração* que entra, logo que está safa da ondulação, paira n'essa altura aguardando as outras, para soccorrer as que porventura naufraguem.

Quando algum barco se enche d'agua ou se volta, a corrente a encher traz tudo praia dentro, embarcação e tripulantes, uns a nadar, outros agarrados ao casco, e se está *amarração sobre remos cá dentro*, tudo se salva — menos a pescaria, está bem de ver — não se chegando ás vezes a perder nem um remo.

A lota ou mercada do mexoalho faz-se depois junto aos palheiros do rio em S. Jacintho, onde vae um guarda do posto fiscal da praia cobrar o fisco, seguindo depois o escasso, já vendido, em barcos para as malhadas ou caes de descarga da ria, onde passa para carros de bois que o levam ás terras do comprador.

Se o mercado está pouco concorrido de lavradores, ou o tomam os mercanteis ou vae então para os palheiros das companhas do mexoalho, e o carangueijo é então empilhado e salgado, até lhe apparecer procura.

A Costa Nova do Prado segue na pesca as normas de S. Jacintho.

Differe apenas d'aquella praia em não ter linhas ferreas, o movimento ser menor porque possue só quatro companhas em vez de sete, e em os

---

[1] A lei maritima, com quanto estabeleça uma vistoria aos barcos, julgando-os aptos ou não para a pessoa a que se destinam, formalidade sem a qual elles não podem exercer a industria — é certo que uma tolerancia tradicional tem permittido em todos os portos as curtas sahidas dos barcos fluviaes para a pesca costeira.

Esta tolerancia se tem a grave inconveniencia de não evitar catastrophes mais que provaveis, é ainda assim muito justa attendendo á miseria dos pescadores.

Tentando-se em Aveiro, acabar com a ida das bateiras da ria ao mexoalho do mar, os pescadores perante a solicitude de medidas que os inhibiam de morrer afogados, impetravam, e com o mais natural de todos os direitos, que medidas complementares das primeiras, fossem inhibil-os de morrer famintos.

arraiaes estarem estabelecidos á beira do rio e não junto ao mar como em S. Jacintho.

E' a praia de banhos mais procurada pela gente d'Aveiro e de Ilhavo villa que lhe fica fronteira — reunindo portanto uma numerosa colonia de forasteiros que lhe dá bastante vida e animação durante os mezes do outomno.

O pessoal das companhas provem em grande parte de Ilhavo e da Gafanha e de Vagos, sendo aqui muito menor do que em S. Jachinto a percentagem de *marinhões* — gente da Murtosa.

Assim tambem, da pescaria sahe muita para aquellas localidades — Ilhavo e Vagos — seguindo sempre quanto possivel o caminho da ria. A maior parte é em todo o caso tomada pelos mercanteis d'Aveiro ali estabelecidos e vem para a cidade.

Mira é de todas as praias de pesca do districto, a que está em peores condicções para se poder guindar a maior desenvolvimento da industria.

Já fóra dos limites da ria, cercada apenas por algumas lagôas e tractos alagadiços, não tem via maritima para a conducção do pescado; e facilmente tambem não a póde ter terrestre, porque a costa acha-se separada do verdadeiro continente por uma larga faxa d'areal de meia duzia de kilometros de largura.

De maneira que ali os tranportes da sardinha são feitos por eguas e muares de carga, o que é moroso e caro.

Das quatro a cinco companhas que trabalham na praia de Mira, ainda uma continúa a ser allada a braços, seguindo o uzo antigo. O pessoal em todas ellas é constituido por *mirães* — gente da villa e das cercanias.

A maior parcella do vencimento estipulado, assenta na percentagem sobre o rendimento bruto da safra deduzidas as importancias do fisco, vinho de *marinhas* e gado, como principaes.

A grande differença das percentagens de Mira compensa as pequenas soldadas fixas consignadas na matricula, para toda a safra.

E' porém curioso, que pela maneira de enunciar as percentagens, parece que ellas não differem em valôr, d'aqui para as do Norte. Provém isto de que no Norte chamam 4 % a 0,4 % quando em Mira a mesma designação é realmente correcta e verdadeira.

O gado em Mira é propriedade das companhas ou pelo menos alugado por toda a safra, e fica-lhes carissimo pelo sustento, o que é bem de vêr, pois que a difficuldade de transportes já evidenciada valorisa exageradamente o pasto posto á beira-mar — cujo preço no concelho, diga-se de passagem, já de si não é nada baixo.

A consequencia natural de todas as difficuldades de conducção é a sardinha ter ali um preço elevadissimo, porque o concelho não é favorecido nem pelo caminho de ferro nem por boas estradas que lá lhe levem d'outros pontos, os productos do mar — o mesmo isolamento em que elle está com a sua costa, subsiste-lhe com todos os demais centros.

Mas a alta cotação da sardinha restringe-lhe muito o mercado, porque o concelho nãs é rico, e a conclusão final, é que a industria da pesca em Mira tem de procurar cuidadosamente o equilibrio entre a producção e a procura para se poder sustentar. [1]

Mira é muito frequentada como estancia balnear pela gente dos concelhos de Mira e Cantanhede, mas as

---

[1] E' de notar que em Mira assim como no Furadouro — praias de difficil cummunicação — a pesca, se não póde de envolver-se livremente, tambem nos annos de escassez aufere sempre grandes lucros. E' a lei geral de todas as pequenas industrias.

No anno corrente, a safra está a findar deixando as emprezas de todo o disctricto em crise e para algumas companhas — terrivel; os pescadores de ha muito que sentem os horrores da fome. Pois o Furadoro que já fechou a safra em novembro teve lucros e até fabulosos para algumas emprezas.

familias que n'estas localidades dispõem de recursos para tal effeito não são muito numerosas, de maneira que a praia conserva o cunho do centro de pescadores, e bem carateristico.

(Aveiro)

JAYME AFFREIXO.

SETUBAL

Crenças, superstições e usos tradicionaes

VI

Astronomia e meteorologia pastoril

CHUVAS

Um dos meteóros cuja previsão mais procupa o espirito dos camponêses, é, sem duvida, a chuva.

Ha desenas de prenuncios a este respeito, sendo alguns bem extravagantes.

Para melhor comprehensão convém em primeiro lugar descrever a terminologia popular no que se refere a meteoros em geral.

Comecêmos pela chuva.

Os elementos em que se alicerça toda a classificação popular, são n'este caso, a duração, intensidade, ou abundancia.

— *Aguaceiro.*

Chuva fórte mas intermitente, sempre acompanhada de vento geralmente do N W ou W.

— *Chuva de pedra*—graniso.— *Chuviscos* — Analoga aos *Aguaceiros* diferindo na abundancia, que n'estes é menor, e em serem acompanhados de vento N E ou L. ê baixa de temperatura.

— *Murraceiros* — Chuva miudinha e presistente, sem vento e com temperatura mais elevada.

— *Orvalheiras* — Chuva das madrugadas de verão, tambem chamadas *choradeiras.*

—*Branduras* — Chuva analoga aos *murraceiros*, mas acompanhada de ligeiro vento do sul e com temperatura elevada.

— As nuvens

Tambem teem a sua nomenclatura especial.

— *Rabos de gato ou de galo*, aos Stractus — conforme se apresentam rectos ou curvos.

— *Ceu pedrento* — Cirrus.

— *Castelos*—Cumulus. Tambem lhe chamam *nuvens de trovoada.*

— *Aguaceiros* — ou *ceu velho* — aos nimbus.

Ventos — Direcção

Vento norte	N
Travessia alta	NW
Travessia	W
Travessia baixa	SW
Vento do sul	S.
Vento de Heepanha	NE a SE

Velocidade

Viração — Vento fraco do sul, no verão.

Arilho — Vento fraco e muito frio.

Brisa — Vento regular e humido.

Ventinho — vento mais forte.

Ventania — vento violento mas ás *rajádas.*

Rajadas — vento incerto.

Salseiro — vento baixo e violento.

Furacão — vento violentissimo.

Nortadas — do Norte.

Suão — vento môrno do Sul.

Ha a juntar os ventos proprios a certos mêses.

Em abril ha umas nortadas a que chamam *Regateiras de abril.*

— Julho tem o nome do *mês dos assobios.*

Vejamos agora como e em quem se observa a proximidade da chuva.

A' lua cabe a preponderancia sobre todos os seres *barometricos.*

Lua nova trovejada... etc veja-se o art. V do n.º 7, anno 4.º, d'esta revista.

Segue a rasoavel predição pela direcção dos ventos.

Os ventos do quadrante S e W são humidos, logo *Travessia Baixa* sul e S E ou de *Hespanha*, trazem chuva.

Ao N W, a que chamam travessia alta, dão tambem o nome de *vento mijão*, por ser fertil em *aguaceiros*.

Os cirrus — *ceu pedrento, ou chuva ou vento.*

As nevoas são as *alcoviteiras* da chuva.

— *Sol com espeques* —(projecção da lûs do Sol sobre certa disposição de nuvens) indica chuva.

— *Lua com circo* — (halo lunar) ou as *estrellas muito vivas* tambem annunciam chuva.

Predição por meio dos animaes

Quando, ao cahir a noite os mochos piam muito, esperam nevoeiros, e as nevoas acarretam a chuva.

O mesmo succede se as galinhas ou outras *aves de penna* se catam; notar-se-ha para onde tem a cauda voltada, pois a sua posição indica d'onde ha de vir a chuva.

— Quando, ao pôr do Sol as milheirinhas (Frigilla serinus — Linneu) cantam em grandes bandos, espere-se chuva.

— A sahida das formigas sexuadas, *formigas d'aza*, indica *branduras*.

— As aranhas pelas paredes *a andar*, assim como as andorinhas voando perto do chão, *andorinha rasteira*, indicam chuva.

— Se as gaivotas veem em bandos para os campos dizem: «gaivotas em terra é signal de vendaval».

— As aranhas encurtam as suas teias nas proximidades de chuva. (A especie observada é a aranha dos mattos *epeira diadema* L.)

— Os gatos em correrias desordenadas *adivinham ventos*; e quando se lambem, prenunciam chuva, estando sempre de frente para o lado de onde ella ha de vir.

— Quando os corvos crocitam vem temporal.

— Se afflue muito *peixe espada* — (Sepidopus lusitanicus, de Seach.) dizem os maritimos que é certo o temporal dentro em poucos dias.

Mesmo sobre o corpo humano se fazem observações meteorologicas.

— O agravamento dos padecimentos, annuncia mudança de tempo.

— A chuva é annunciada por *comichão* nos ouvidos ou no naris.

— O mesmo indica a dôr nos *calos.*

— Ha ainda as epocas fixas em que as chuvas tomam nome especial.

— Em abril — *aguas mil coadinhas por um cantil.*

Maio — *Chuva de maio faz a gente formosa.*

— Em junho, *orvalheiras de S. João.*

— Em outubro — *cordoádas de S. Francisco.*

— Nos dias de semana temos o sabbado — *chuva de sábo* (Sabbado) *não tem cabo.*

— «No sabbado em que o Sol não apparêça, ganham as freiras de Santa Clara um carneiro.»

— Qando os caldeireiros passam *repenicando* nos seus arames, é prognostico infalivel de chuva.

Se qualquer passeio é transtornado por causa da chuva, não é raro ouvir-se: «parece que somos caldeireiros!»

— Quando começa a chover, cantam os rapazes estas disparatadas quadras, reminiscencias talvez de remotissimos esconjuros, entoando-as com mnsica de sua composição, aonde *encaixam* como podem a letra.

Para pedir chuva:

«Chove! Chove! Chove!
Galinha á mól,
Que Nosso Senhor
nos dará pão mól.»

Para parar a chuva:

«Esteia! Esteia! Esteia!
Um saco de areia.
«Espalha! Espalha! Espalha!
Um saco de palha.»

Tudo isto é cantado em côro.

— O arco iris, a que chamam *arco da velha*, ou *arco da alliança*, é tambem

mimoseado pelos garotos com esta quadra:

«Arco da velha
tira-te d'ahi,
que as moças bonitas
não são para ti.»

—Esta musica é um verdadeiro himno dos garotos. N'ella mettem todas as suas composições *poeticas*.

—Chamam os camponêses *arco* da alliança porque afirmam que emquanto elle aparecer ha ainda *mundo* durante sete annos.

—Quando está chovendo e o sol aparece irisando as gotas d'agua, ouve-se logo alguem dizer: *«estão as feiticeiras a pentear-se.»*

O povo tem muitas *maximas* relativas á chuva.

—Não ha rega como a do ceu.

—Ha chuva que seca e sol que réga.»

—Chuva na Ascenção, das palhinas faz pão.»

—Portugal, para ser Portugal, ha de ter trés cheias antes do Natal.»

—As nevoas fazem amadurecer os figos.»

—Anno de Agua, pouca magua.

— Anno pingueiro enche o celeiro.

—A agua é o sangue da terra.»

— Mais vale chover que nevar.»

Pelo que deixo dito se ajuiza quão grande é a lista das predições, variadissimos, e por vezes extravagantes os *instrumentos* a observar.

Mas todas essas observações, ingenuas umas, irisorias muitas, nos mostram como o homem tenta prescutar a naturesa, surprehender-lhe os segredos, para se prevenir, ou para aproveital-os na sua colossal e remotissima epopopeia da lucta pela vida.

(Continùa)

ARRONCHES JUNQUEIRO.

UM LIBERTINO

Em 26 de abril de 1798 comparecia na primeira casa das audiencias da Inquisição de Lisboa, perante o Inquisidor Manuel Estanislau Fragoso, o sr. Francisco de Lima Lyra Souto-Maior, solteiro, filho de Luiz Antonio de Barros Lima Souto-Maior, natural de Lapella, termo de Monção, de idade de 41 annos, o qual movido pelos escrupulos da sua consciencia vinha denunciar Agostinho Vargas, irmão de um fulano do mesmo appellido «que tem huma loge de Bilhar no Rocio e isto pelo vêr muitas vezes nesta quaresma comer carne e pensa sem ter causa alguma, porquanto dizia fazel-o só por ser fraco e comer pouco» apesar de que tal padecimento não o impedia de dormir só «circumstancia que deu origem ao seu escrupulo e a suppôl-o *libertino* e o mesmo conceito fazia do Padre Antonio José Machado de Azevedo, da villa de Caminha, e morador com elle denunciante em casa de José Quaresma Caldeira na calçada do Carmo e que tudo o que referia foi visto *(sic)* na casa de pasto de Manuel d'Almeida no mesmo sitio».

E' tudo quanto consta de aproveitavel da denuncia, que se guarda, sob o n.° 14:607 da inquisição de Lisboa, no Archivo Nacional.

Por *libertino* entendia-se em Roma o filho de um *liberto* ou escravo alforriado. Mais tarde designou-se com aquelle nome o individuo livre de preconceitos religiosos e tradicionaes, até que hoje passou a ter uma significação injuriosa. Outros termos offensivos modernos começaram tambem por se empregar sem sentido malevolo, taes como: mariola, patife, tratante, etc.

Na epoca em que se dava a denuncia que acima apontei, estava Bocage ainda soffrendo as consequencias do seu espirito independente. [1]

[1] Para o conhecimento d'esta epoca são indispensaveis os trabalhos dos srs. Theophilo Braga e Pinto de Carvalho.

Alternadamente a Intendencia da policia e o Tribunal do Santo Officio tiveram de se occupar do poeta que ameaçava arruinar o throno e o altar, com grave escandalo das paternaes auctoridades d'aquelles tempos, que tinham sobre as de hoje a vantagem de governar com uma situação economica e financeira mais desafogada e uma consideração europea mais firme do que modernamente acontece. Erão tempos aquelles, em que uma esquadra portugueza não figurava mal ao lado da de Nelson. Donde se deverá deduzir que foi a mudança d'aquelle regimen, que prejudicou a situação de Portugal — dirá qualquer regalista imbuido de ***bluff***.

Não obstante o cuidado e a prevenção das auctoridades, em certas occasiões tiveram de ser tomadas medidas energicas a fim de debellar propagandas perigosas, como as que succederam em fevereiro de 1672 e que vem narradas nas *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, pg. 193.

«Neste mes chegarão á Corte muitos vagabundos e inquietos que por lista dos Parochos S. A. mandou prender por todas as povoações de seu reino para livremente pagar e servir á India; verdadeiramente ordem christã e politica, para alimpar os povos de aggressores e escandalosos, que sem temor de Deus e dos homens faltão ás obrigações de seus estados e fazem gala de livres, commettendo tantas demasias, quantos são os males que fazem com a culpa e com o exemplo, e tem sido este meio utilissimo para apartar o joio de trigo e enfrear os excessos do vicio e do escandalo».

PEDRO A. D'AZEVEDO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(Recolhidos da Tradição oral)

A gulosa

Era d'uma vez um pescador que tinha uma mulher muito gulosa, de fórma que nunca fazia jantar para o marido, mas ella andava sempre a fazer coisinhas boas para comer, e o marido comia só pão com azeitonas ou fructa.

Um dia que o homem estava dizendo muito mal á sua vida por Deus lhe ter dado uma mulher assim, sendo elle tão trabalhador, quando puxou a rêde viu um peixe muito grande, mas quando elle o ia a apanhar, diz-lhe o peixe:

«Não me toques, que sou o rei dos peixes e venho aqui para te valer nas tuas afflicções, visto que ainda ha pouco tanto te lastimavas.»

«E' verdade — disse o pescador — sou muito infeliz, porque trabalho todo o anno e nunca tenho, ao menos um dia, um jantarsinho que me aqueça o estomago, porque a minha mulher não m'o quer fazer.»

«Pois bem — lhe diz o peixe — aqui tens estas quatro bonecas, põe uma a cada canto da cosinha sem ella vêr, e deixa que ámanhã já has de ter ceia.» E o peixe desappareceu.

O pescador, tanto que foram horas, foi para casa e sem a mulher vêr collocou as bonecas, comeu alguma coisa com pão e foi-se deitar; e no outro dia levantou-se e saiu, como costumava.

Ella, quando lhe pareceu, levantou-se tambem, accendeu o lume e pôz a agua para o café; depois fritou uns ovos e quando estava o almoço feito assentou-se ao lume e disse:

«Estende-te, perna,
No rio está quem te governa;
Elle, se se quizer aquecer,
Vá beber vinho á taberna.»

Começou a almoçar, mas assim que

metteu o comer na bocca, ouve uma voz que dizia:

«O que é aquillo?»

«E' comer!»

«Sem o marido?»

«Pois se a mulher é uma gulosa!»

A mulher teve um grande susto. Andou vendo por toda a casa, mas não viu nada.

Ainda com receio, mas mais tranquilla, voltou a querer almoçar, mas tornou a ouvir as mesmas vozes:

«O que é aquillo?»

«E' comer!»

«Sem o marido?»

«Pois se ella é uma gulosa!»

D'esta vez não quiz mais saber do almoço e foi a fugir com medo! A fome apertava-a, por isso resolveu ir fazer umas batatas para a ceia, quando viesse o marido, e assim fez.

A' noite, assim que elle veio, foi ella logo sair-lhe ao encontro, dizendo-lhe: «Anda marido, vem ceiar, que tu deves estar com vontade.»

O marido ficou muito admirado, mas não fez perguntas. Comeram bem e no outro dia, quando elle saiu, recommendou-lhe ella — «que viesse cedo, que lhe teria uma boa ceia.»

Pensando, porém, que tivesse sido allucinação sua, tentou novamente almoçar á chaminé; mas, tal qual como no outro dia, ouviu as mesmas vozes e as mesmas perguntas. Emendou-se então.

Nunca mais comeu sem estar o marido, e viveram muito bem.

Passado tempo o pescador levou as bonecas ao rei dos peixes, para elle emprestar a outro que precisasse d'ellas para o mesmo fim, — porque o que ha mais é gente gulosa.

(Elvas)

A velha

Era d'uma vez uma velhinha, muito velha, muito amarraccada, que andava sempre a pedir esmola, fazendo uma grande lamuria: —«que não tinha ninguem, que era muito desgraçadinha, etc., etc.

Mas dizia-se que a velha tinha dinheiro, e por isso, n'um dia, um ladrão, emquanto ella foi á fonte, entrou-lhe em casa e metteu-se debaixo da cama.

A velha quando voltou viu-lhe um pé. Esteve para gritar, mas teve medo de que elle a matasse e por isso deixou a porta aberta e ajoelhando-se em frente de um crucifixo que tinha, pôz-se de mãos postas a dizer:

«O' meu Senhor! eu quando era moça namorava um rapaz muito bonito! (e dizia isto levantando a voz); depois meu Senhor casei com elle, e quando vim para casa tirou-me o veu! Que vergonha, meu Senhor! (e isto ainda mais alto). Depois tirou-me o vestido, as saias, as botas, Ai! ai! ai! que vergonha!» (e gritava mais ainda).

Os visinhos que ouviram aquelles gritos, accudiram a ver o que era, e a velha assim que sentiu gente em casa, sem mudar de posição, gritava. «Vão debaixo da cama que lá está o ladrão!»

Os visinhos foram a ver e lá estava o homem que levou uma bella sova; e assim se livrou a pobre velha de ser roubada e morta.

(Elvas)

Quem tirou o olho á rainha?

Era uma vez uma mulher que tinha duas filhas e todos os dias ia á missa. As filhas, uma era Catharina e outra Mariquinhas. Um dia disse para a Catharina: «Vamos á missa», e ella disse: «Vá vocemecê, que eu tenho fome e a missa não enche barriga». Foi mãe e a outra filha á missa. Catharina tinha fome e foi á varanda que dava para o jardim do rei, que tinha uma pereira que dava para a varanda; as peras ainda estavam verdes e ella, com a fome que tinha, mesmo verdes as comia, e viu vir a rainha com um açafate de flores e outro do doces e chegar a um tampo de pau e espalhar as flores pelo chão e tirar o tampo e sahir um cão

que parecia o demonio e estar a metter os doces na boca do demonio. Catharina deu-lhe tamanha zanga que atirou com uma pera ao olho da rainha e l'ho tirou. A rainha, com as dores, metteu o demonio para dentro e foi gritando que lhe tinham tirado o olho.

A mãe de Catharina e a irmã vinham da missa muito assustadas e disseram para a Catharina: «Ai, que tiraram um olho á rainha!» — «Bem haja quem lh'o tirou, que fui eu!» — «Cala-te, Catharina, que estamos perdidas!» — Mãe, que estamos ganhadas!» O rei mandou deitar um pregão para ver quem tinha tirado o olho á rainha; ninguem sabia quem tinha tirado o olho á rainha. O rei vestiu-se de pobre e andou pedindo pelas portas a vêr se ouvia alguma conversa; foi bater á porta de Catharina, pediu uma esmola e ouviu a mãe e as filhas a dizer quem tinha tirado o olho á rainha, e pediu que lhe dessem gasalho aquella noute, porque não sabia onde era a casa dos pobres. A mãe disse-lhe: «Perdôe por amor de Deus, tenho duas filhas e não posso deixal-o cá dormir, nem lhe posso dar esmola porque somos muito pobres». Mas o rei não fazia senão teimar que o deixassem entrar, que estava muito molhado. Catharina, com era muito decidida, disse para o pobre: «Entre, pobresinho, a minha mãe não quer senão missa, e caridade não tem nenhuma». O pobre entrou e foi-se pôr ao lume e disse: «Ai, assim que cheguei a esta terra, ouvi uma má noticia: dizem que tiraram um olho á rainha». Responde a Catharina: Bem haja quem lh'o tirou, que fui eu». A mãe dizia-lhe: «Cala-te, Catharina, que estamos perdidas». — Cale-se, mãe que estamos ganhadas».

O rei, assim que isto ouviu, já não podia parar, levantou-se e disse: «Nada, já vejo que não posso aqui estar» e agradeceu e sahiu. Foi logo para o palacio e no outro dia mandou chamar as tres. A mãe e a Mariquinhas choravam muito, mas a Catharina ria-se. «Venha cá a mãe: Então você sabe quem foi que tirou o olho á rainba?» — «Saberá Vossa Real Magestade que não» — «Então vá-se embora. Venha cá a Mariquinhas: Sabes quem tirou o olho á rainha?» Saberá Vossa Real Magestade que não; eu fui á missa com minha mãe e não scube de nada». — «Venha cá a Catharina: Tu sabes quem tirou o olho á rainha?» — Eu vou contar a Vossa Real Magestade», e depois contou e o rei disse: «Se fôr verdade o que tu dizes, caso comtigo e mando matar a rainha». Foi o estado do rei todo atraz e ella disse ao rei que mandasse fazer um lume ao pé do tampo de pau, e ella chegou e tirou o tampo e sahiu o diabo e foi para o lume e rebentou. Depois o rei e aquella gente toda voltaram para mandarem matar a rainha e já ella se tinha atirado ao mar. Depois, o rei casou com Catharina, que dizia á mãe e á irmã:

«Se não tirasse o olho
Não era eu rainha».

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

PROVERBIOS & DICTOS

De pequeno verás que filho terás.

Nem dormir com gatos, nem dar passos sem sapatos.

Quem se casa com um patrão, todos os dias está viuvo.

Por falta de um frade não vae a terra o convento.

Cada leão tem sua sezão.

Abaixa a terra, abaixa a mazella.

Quando o anno é de leite até os chibos o dão.

O tempo não o come o lobo.

(Recolhidos em Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

ADUBOS CHIMICOS

MASSA DE MENDOBI
Para engorda e sustento de gado cavallar e vaccum

MASSA DE LINHAÇA
Para engorda e sustento de gado cavallar e vaccum

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Fundada em 1865

FORNECEDORA DA CASA REAL

Marca da fabrica registada

C. U. F. (PARA SACCAS)

Endereço telegraphico	Numero telephonico
Fabril-Lisboa	*501*

FABRICA DE ADUBOS CHIMICOS

Elementares, compostos e mixtos, purgueira e outros bagaços

BAGAÇOS MIXTOS

Adubos para todas as culturas e em harmonia com a qualidade das terras.
Riqueza garantida em azote,
acido phosphorico assimilavel, potassa e cal.

Pureza absoluta de corpos prejudiciaes ás plantas ou ás terras

Para garantir a maior efficacia no emprego dos adubos chimicos, e sempre que se trate de encommendas superiores a 100$000 réis, a COMPANHIA UNIÃO FABRIL, escolherá a pedido do comprador a forma especial do adubo que convenha á cultura a que a terra é destinada e á sua composição chimica quando lhe mandem uma amostra, levantada segundo as instrucções que fornece e sem que o lavrador tenha que dispender coisa alguma com este trabalho especial.

GRANDES FABRICAS

Largo das Fontainhas e Rua Vinte e Quatro de Julho, 940

LISBOA

PREÇOS OS MAIS REDUZIDOS DO MERCADO

MASSA DE PALMISTE
Para engorda e sustento de gado suino e adubo de terras

MASSA DE PURGUEIRA
Para adubo das terras

Envia preços e catalogos a quem fizer o pedido á

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA

ANNO V

N.º 2

VOLUME V

SERPA (PORTUGAL), FEVEREIRO DE 1903

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

DIRECTORES:
LADISLAU PIÇARRA
E M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico da educação publica exercida pela imprensa.»

RAMALHO ORTIGÃO.

PREÇO DA ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

EM PORTUGAL, SERIE DE 12 NUMEROS .... 1$200 RÉIS
PARA O ESTRANGEIRO, SERIE DE 12 NUMEROS .... 8 FR.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO
(CADA NUMERO 1 FR.)

PARIS — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
LONDRES — F. FISHER UNVIN, PUBLISHER — 11, Paternoster Buildings.
BERLIN — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

VENDA AVULSO NO PAIZ
(100 RÉIS CADA NUMERO)

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio
Porto — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44
Coimbra — Livraria França Amado
Braga — Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª
Vianna do Castello — Livraria Academica e Religiosa

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor TrindadeCoelho*

PREÇO DE 12 NUMEROS 1200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, ***

PREÇO — 1200 RÉIS

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva. A. J. Torres de Carvalho, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr).*

PREÇO — 1200 RÉIS

Anno V — N.º 2 SERPA, Fevereiro de 1903 Volume V

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

VI

A ria

Tendo descripto a industria da pesca maritima n'esta região, mal pareceria que nos não occupassemos agora da pesca interior, deixando de lado a ria d'Aveiro, como se ella não existisse.

Abordamos porém este assumpto o menos gostosamente que é possivel, porque ao contrario do que nos succedeu no litoral, só encontramos aqui a mais profunda decadencia.

Possue a ria uma extensão consideravel — cerca de 45 kilometros na linha Norte-Sul, e braços de mais de 12 kil., apresentando n'alguns pontos larguras superiores a 3 kil. — e é ella dotada dos mais variados elementos de riqueza, em tão grande escala, que dificlmente encontramos n'outros paizes, outra que se lhe assemelhe.

Se lançarmos a vista para uma carta detalhada das costas de Portugal e Hespanha, não podemos deixar de confessar que em toda a peninsula não existe bacia salgada tão vasta e que reuna tantas condicções eminentemenie proprias para o desenvolvimento de um sem numero de industrias maritimas, como a ria d'Aveiro.

Têm a França no golpho de Gasconha, e aproximadamente no parallelo de Bordéus, a famosa bacia d'Ar. cachou, cuja primasia não pretendemos pôr em duvida, nem mesmo em toda a Europa. Mas das suas bacias salgadas do Mediterraneo, no golpho de Leão — nomeadamente as de Leucate e Sigean, entre Narbonne e Perpignan, as da costa Moutpellier, e as de Valcare e Berre nas boccas do Rhodano — são algumas muito consideraveis e formam pequenos mares interiores, é certo, como as de Thau e Berre; mas a maior parte d'ellas não está já em communicação franca e permanente com o mar e nem todas possuem rios que lhes variem a salsugem das aguas, tornando-as assim aptas para multiplices fins.

O mesmo podemos dizer das lagoas do Comacchio e da bacia de Venesa nas costas da Italia banhadas pelo Adriatico. A nossa ria, não o devemos occultar, tem defeitos naturaes — consequencia das causas da sua formação — que, por isto mesmo, hão de ir sempre augmentando. A precipitação das areias do mar sobre a duna e d'aqui para dentro da bacia, a accumulação dos sedimentos das aguas fluviaes, devido á pequenez da barra, e a progressiva diminuição d'esta, já pelo açoriamento exterior que vem do oceano, já pelo que se forma interiormente — tudo concorre

concumitantemente para uma rapida alteação dos fundos.

Estas desvántagens apresentam-nas porém todos os estuarios formados á custa das alluviões marinhas, e o que succede aqui não póde deixar de repetir-se em Arcachou em Maguelonne, Thau, e ainda nas boccas do Rhodano, cujas rias de ha muito fecharam completamente as suas barras á invasão das aguas oceanicas.

E' evidente que quando uma causa natural, constante e energica, começa a produsir trabalho que nos é util, essa força não pode milagrosamente morrer no momento em que passa a contrariar-nos. Da parte da intelligencia humana, está então o compensal-a ou fazer-lhe derivar a sua acção.

No caso presente, certamente que não é cruzando os braços e *deixando correr*, que se evitará ou annulará o effeito das correntes oceanicas e dos ventos mareiros.

O entravamento das areias da duna por meio de plantações e arborisação, as dragagens, os redentes, os molhes e quantas obras d'arte a engenheria moderna nos está proporcionando diariamente — tudo isto de ha muito foi proposto como indispensavel á conservação d'esta magnifica bacia.

Mas, cousas nossas — quanto a Natureza foi prodiga para comnosco, dotando Portugal com um tão rico estuario, quanto nós da nossa parte o temos desaproveitado e destruido — nas suas propriedades mais apreciaveis, com especialidade.

Não só não temos obstado ao desaparecimento da ria pela influencia das causas naturaes que concorreram á sua formação, como ainda temos ajudado e provocado até, esssa obra da Natureza, agora destruidora.

*

O aniquilamento da ria provem, a bem dizer, da avidez agricola.

A numerosa população que atrahida pelas riquezas abundantes da grande bacia veio estabelecer-se em torno do seu leito, procurou naturalmente viver da exploração de todos os productos que ella lhes offerecia. Seguindo a tendencia universal de todos os povos, esses individuos — animados de mais a mais pelas favoraveis condicções locaes — o que de preferencia desenvolveram com mais ardôr, foi a industria agricola.

Para tal effeito, conquistaram ás marés as maiores areas de terreno que poderam, e reconhecendo na alga marinha e nos juncos as suas excepcionaes propriedades de fertilisação, dedicaram-se desde logo á colheita d'estes adubos, tanto para uso proprio como para commercio entre elles.

A pesca era por assim dizer um recurso, e constituia uma occupação accidental de que se lançava mão na folga dos trabalhos agricolas.

A certa altura, esses individuos agrupados por concelhos, intervieram como entidades collectivas no direito á conquista e uso da ria, estabelecendo-se então uma rudimentar separação entre aguas e praias municipaes, e aguas e praias particulares.

Ficou assim a ria dividida em logradouros dos differentes municipios ribeirinhos, e em predios do dominio individual. N'estes, cada proprietario podia fazer o que muito bem lhe appetecesse, e n'aquelles outro tanto succedia com as vereações camararias.

Tal separação, se por um lado cohibiu os mais timidos e humildes, aguçou os mais audases e proporcionou-lhes mesmo o meio mais commodo e seguro de augmentar progressivamente suas fazendas.

Como as extremas da propriedade alagada não são susceptiveis da demarcação rigorosa pelos processos vulgares, os que iam alastrando o seu dominio difficilmente podiam ser contestados, e quando o eram, como a questão se derimia sempre entre cousa publica e cousa particular, o espirito da justiça tradicional na nossa raça, cahia por via da regra contra o que

COSTUMES & PERSPECTIVAS

AVEIRO — O CAES DA PRAÇA DE PEIXE

era de todos, o que sem duvida tornava o prejuizo mais doce de soffrer-se, e d'esta forma a propriedade do usurpadôr ficava depois do pleito, indiscutivelmente augmentada e legalisada.

Ao mesmo tempo, a agricultura mais afastada do litoral ribeirinho, dado o devido apreço aos adubos marinhos, pela grande riqueza do iodo e azote que apresentavam — o que era de summa vantagem para os campos arenosos de toda a planicie do Vouga — augmentou lhes desmedidamente a procura e o valôr. Então, instigados pelo lucro, os donos de propriedade alagada procuravam por todos os meios e atravez de todas as contigemias, chamar a si o mais que podessem do alvéo das aguas, não só no prolongamento dos terrenos de que já estavam de posse, como ainda em qualquer outro ponto, embora isoladamente.

Está bem de vêr que a alga e os juncos offerecendo uma alta cotação no mercado, e cada vez maior, em taes propriedades não se introduziu a menor transformação ou adaptação *a qualquer outro fim que não fosse a* producção natural de plantas aquaticas. Tudo ficou como estava, unicamente com a differença de que — quem queria apanhar os vegetaes espontaneamente produzidos na ria, de principio fasia-o livremente e depois passou a compral-os no solo sub-aquatico, aos municipios e a um certo numero de particulares, para lá os poder ir tomar.

Como o junco tem o valôr de tres a cinco veses o da alga e só se produz nos terrenos mais altos — nos banhados apenas pelos preamares — os donos dos terrenos alagados não tinham o menor interesse em conservar os fundos, antes pelo contrario augmentavam suas rendas com a alteação das praias. Isto conjugava-se ainda com a maior facilidade de se apossarem dos terrenos, desde que sobre elles não pesavam grossas camadas d'agua, e assim, por mais d'um motivo, quasi todos os proprietarios ribeirinhos mais ou menos concorreram em auxilio da exalção natural do leito da ria, estabelecendo represas ás aguas, e apressando d'esta forma a deposição dos sedimentos.

Os prejuizos causados na grande bacia por este systema de acquisição de propriedade e de riqueza particular, são importantissimos.

No seu magnificado relatorio sobre a ria d'Aveiro, impresso em 1899, diz o sr. Fonseca Regalla:

«O estreitamento da bacia, proveniente das usurpações, é de todos «conhecido. Canaes n'outro tempo «largos são hoje estreitas vallas; caldeiras espaçosas transformam se em «esteiros; e alguns esteiros e canaes «teem desaparecido. Entre outros podemos mencionar o que, ha poucos «annos ainda, seguia da foz do Vouga, atravez da ilha Privada, até á «marinha Capella, o qual desapareceu, **ficando o seu alvéo encorporado na ilha.** [1] Percorrendo a «ria, os praticos a cada passo apontam grandes espaços de terreno que «*elles conheceram do dominio publico* «mas que, pelo processo summario «da usurpação, se tornaram propriedade particular: de momento a momento indicam vedações avançadas, «sem permissão legal, sobre terrenos «que a ria banhava, o que de resto, «a simples inspecção das margens torna evidente.»

*

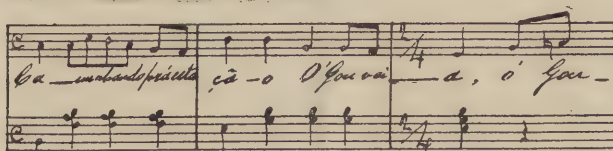
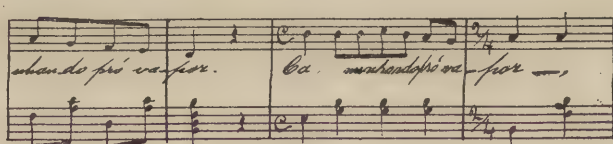
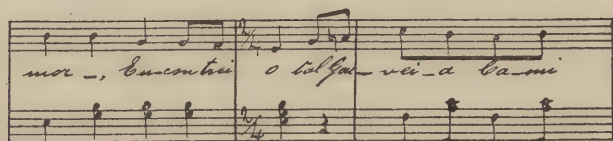
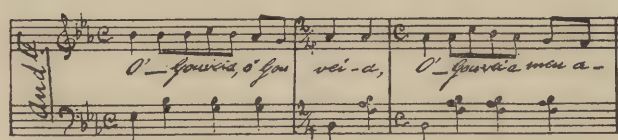
A rotina que vim descrevendo prolongou-se até nossos dias e constitue ainda hoje o regimen de exploração da ria.

Leis modernas e de espirito incontestavelmente civilisador se crearam já para regular o exercicio da soberania, unica e acceitavel, em aguas que não podem ser nem devem ser municipaes ou particulares, mas sim do dominio publico, e em terrenos que por todos os principios de direi-

[1] O sublinhado é nosso.

CANCIONEIRO MUSICAL

II

O' GOUVEIA

Musica recolhida por D. ELVIRA MONTEIRO

(DESCANTE)

to em sociedades cultas, só podem, quando muito, estar sob o dominio do Estado.

Mas, as trevas, sobre que essa luz da justiça impendia, eram tão profundas e cerradas, que nenhum raio as conseguiu partir, e levar depois a sua alvorada até ao ultimo plano onde se arrastam os mais infimos dos differentes comparsas d'este cahos.

O que mais é para admirar, na obstinação pela permanencia d'este estado de coisas, é a parte activa desempenhada por alguns municipios, recusando-se por todos os meios a perder os seus logradouros.

A meu vêr, bem logrados teem elles sido, e o melhor processo para deixarem de o continuar a ser, consistiria precisamente em adoptar com enthusiasmo a nova ordem de idéas, concorrendo da sua parte com todo o auxilio para que ellas se posessem em pratica.

Seria este o unico modo porque hoje poderiam zelar, com verdade e com justiça, os interesses de seus municipes.

*

A influencia nefasta da industria agricola na ria d'Aveiro não se traduz sómente na monopolisação dos terrenos e da producção vegetal. Não pára aqui — ha ainda *o escasso*.

A este respeito diz ainda o sr. Fonseca Regalla, na sua citada obra:

«E' este o nome de mais um adubo «com que a ria benificia os extensos «campos que a marginam, adubo de «tal força restauradora, que se em«prega *semeando-o sobre o terreno es«cassamente*, facto este de que lhe «provem o nome, provavelmente.»

«O escasso é composto dos detri«tos das pescas e das especies impro«prias para alimentação, ou pelas «suas infimas dimensões, de mistura «com a folhada que as varredouras «trazem do fundo. O carangueijo, o «camarão bruxo, mouro, vermelho, e «a enguia são os principaes elemen«tos d'este adubo, em que entram em «grande proporção, tambem, os em«bryões de todas as outras especi«es.»

«Qual será o valor dos pequenis«simos peixes que as varredouras «destroem com este destino?»

Ora que a agricultura aproveite os detritos das pescas, e anime ainda a pesca de especies incommestiveis ou do limitadissimo consumo, como o caranguejo e o camarão mouro ou bruxo, é perfeitamente acceitavel visto que a pesca d'estes crustaceos não envolve outras especies. Faz-se isto em toda a parte e tem um fim duplamente benefico: favorece a cultura do solo e protege a industria da pesca.

Mas na ria d'Aveiro não é esta a verdadcira essencia do facto.

Aqui, a cobiça de adubos fortes e relativamente baratos desmoralisou desde principio a industria nativa da pesca, levando-a a capturar a eito todos os seres vivos que povoavam a aguas, porque os productos depois tinham sempre a mesma acceitação — ou iam para alimentação, ou eram empregados em beneficio das searas e quasi vantajosamente, para muitos individuos.

D'esta fórma o exercicio da pesca nunca chegou a constituir uma industria definida e separada, dentro do magnifico viveiro natural que representa a ria; e mais tarde, quando se desenvolveu o commercio dos adubos maritimos que ella produzia, instituiu se mesmo um ramo especial de pesca, cujo fim era, e ainda é, a apanha das creações de todos os peixes da ria, aos milhares de milhões, para serem vendidas aos lavradores á rasão de 1$000 a 1$200 réis a barcada.

N'uma memoria inedita de Edmundo Machado, encontramos as seguintes palavras cheias de verdade e de commoção, ao referir-se aos botirões e ás varredouras da ria:

«Faz dó em certas epochas em que «a ria se enche de peixes pequenissi-

«mos de especies estimadas, de 4 a «6 centimetros de comprimento, taes «como linguados, roballos, tainhas, «entrados pela barra, presenciar a «chegada ao caes, pela manhã, de «grande numero de bateiras cheias «com esta massa organica ainda meio «viva, que se fosse deixada crescer «adquiriria dentro de um ou dois an«nos um enorme valor, e vel-a assim «entregar a vil preço ao serviço d'uma «industria que aliás não carece d'este «recurso, de que só lança mão por «espirito de rotina e por desmasello.»

Ao periodo que acabamos de transcrever — bem eloquenta na sua singeleza e modestia de dizer — nada ha a accrescentar.

Dá-se comtudo um pequeno incidente entre o pescador e o lavrador, nos caes onde se vende como esterco a fauna maritima em embryão, facto que a sã justiça não permitte que se omitta: — a intervenção do fisco a legalisar esse commercio e essa industria, cobrando os 5 % de imposto para o Estado.

*

Dissemos que o exercicio da pesca nunca chegou a constituir uma industria definida dentro da ria, e em artigos anteriores isto mesmo démos a ver que acontecia na costa do mar, embora ahi os motivos fossem diversos.

Pondo porém de lado as causas determinantes, o que é certo é que no districto maritimo d'Aveiro, a entidade pescador não está perfeitamente caracterisada, ou antes — a classe piscatoria não existe aqui.

Em todas as povoações do delta do Vouga, grandes ou pequenas, o ribeirinho dotado d'alguma actividade tem por todos os lados elementos de trabalho que o cathechisem, e d'elles lança mão naturalmente, em maior ou menor numero, conforme as suas condições particulares. Todos elles, mais ou menos se dedicam á pesca, ou no mar ou na ria; mas fazer vida unica e exclusivamente d'esta industria nas aguas interiores, só succede com um limitado grupo, o qual é — o dos desherdados da sorte.

Afóra estes, a quem podemos chamar os indigentes da região — na sua totalidade, velhos, aleijados, morbidos, indolentes no ultimo gráu, etc. — na pesca da ria concorrem individuos de todas as classes, menos pescadores, quasi se pode dizer.

Nos centros mais populosos, distingue-se sempre, é certo, uma classe indiscutivelmente maritima, de profisões por completo dependentes do mar ou da ria, como:

mercanteis — individuos d'Aveiro, da Murtoza, d'Ilhavo, que fazem o trafego e commercio de sardinha entre o litoral e estes centros do consumo e exportação:

marnotos — que são os que se empregam na fabrica do sal;

barqueiros — que fazem os fretes maritimos na carga e descarga dos navios, na navegação do Vouga e na da ria;

guardas ou rendeiros de praias — que por conta alheia ou propria tomam conta dos juncaes e presidem ou exploram esta producção e o seu commercio.

A estes temos a accrescentar um grande numero de individuos adstrictos intimamente ás empresas de pesca do litoral, e ainda *os moliceiros* de profissão — apanhadores da alga, ou moliço.

Alem dos que mencionamos, ha tambem variadas profissões não maritimas que dão grande contingente para a classe de que tratamos, por motivos quasi especiaes e privativos a cada um.

Todos estes individuos constitúem *a gente da beira mar* e não a classe piscatoria. Qualquer d'elles soffrerá em seu orgulho se lhe derem o nome de pescador.

Pescam na ria é verdade mas como açambarcadores do que lá existe.

Os seus apparelhos predilectos são

os botirões — verdadeiros saccos de encher. Quando o botirão não póde funccionar — a varredoura, se não ha em que entreter o tempo; e se fazem officio de mercanteis — a draga do berbigão, nas occasiões em que o mar não dá trabalho.

Não querem outras artes nem pretendem saber se estragam com estas os fundos ou arruinam os pesqueiros. O seu modo de vida é outro, para todos elles; na pesca são apenas guerrilheiros d'occasião — o que lhes convem quando a ella dedicam o seu tempo, é uma farta colheita; e por certo o unico considerando de pêso, que lhes acudirá á mente, quando porventura meditem no futuro, é que — quem vier depois...

*

Uma excepção se abre n'esta numerosa população ribeirinha — o pescador da Murtosa, mas este é realmente pescador porque emigra frequentemente.

São ainda de Edmundo Machado as seguintes palavras:

«Sob o ponto de vista da pesca «distinguem-se sobretudo e muito ca«rachteristicamente os pescadores da «Murtoza e os pescadores d'Aveiro.

«Os primeiros, sabedores do offi«cio, pescam um pouco por toda a «parte, emigrando em determinados «mezes para o Tejo, o Douro, o Sado, «etc., e na ria, *embora se sirvam mui«tas vezes de rede de malha prohibi«da*,[1] empregam tambem outras, de «typos muito variados, taes como a «solheira, a branqueira, e outros tres«malhos, a rede de salto, a mugeira, «as tarrafas, etc.; põem em pratica «os artificios do verdadeiro pescador, «e de fórma que é sempre o melhor «e o mais bem provido o mercado «onde vão vender.

«Os segundos, ao contrario, fazem «consistir toda a sua astucia e habili«dade no emprego das *chinchas* e dos «*botirões*.

....

«Mas este systema de pesca é re«putado pelos pescadores d'Aveiro «como a ultima e a mais elevada ex«pressão da arte! O que não admira, «porque em quanto as redes (os bo»tirões) mergulhados n'agua exercem «a sua acção destruidora, elles dor«mem descançadamente no barco.

«E d'esta circumstancia resulta que, «se uma ou outra vez, algum func«cionario zeloso tem tentado fazer «cumprir a lei e os regulamentos da «pesca, pondo cobro a esta pratica «abusiva, elles de prompto se levan«tam, em grande massa e altos ber«ros, a protestar que o que se pre«tende é fazel-os morrer de fome.»

Como se vê, o pescador da Murtosa não poupa os pesqueiros nem quebra lanças pela conservação do povoamento das aguas — e tão tolo seria elle que o fizesse —; mas tem em si o instincto do verdadeiro pescador, e convenientemente guiado, era susceptivel de entrar n'uma norma de pesca, contribuindo para a formação d'uma industria séria e digna.

Os do sul da ria — a tal classe da *gente da beira-mar*— estes, que usualmente se envergonham do cognome de pescadores, logo que presentem indicios de vida nova, alliam-se n'essa occasião aos miseros que outro recurso não têm além d'uma pequena bateira e a chincha, aos indigentes que verdadeiramente constituem a classe piscatoria da ria; e mano a mano com estes desgraçados, não se envergonham então do mistér, e fazem crer aos incautos que ha aqui uma enormissima colonia que vive unica e exclusivamente da industria da pesca.

Por tal systema, capcioso e bem engendrado, a *beira-mar* tem conseguido manter sempre a rotina em que vem vindo a pesca desde os tempos primitivos; e o caso é que, apresentando-se como pobres e miseraveis

---

[1] Este sublinhado é nosso.

nos momentos criticos, dispõem de tanta influencia e poderio, que minam certeiramente todas as actividades que se erguem, e exercem um tal pêso na conservação do *statu-quo*, que não ha já illusões de que elle se resolva um dia.

A pesca desregrada e devastadora, a usurpação do leito das aguas pela propriedade particular, o proposito inhabalavel d'algumas camaras ribeirinhas em conservar os seus obsuletos direitos a logradouros municipaes em aguas da ria, e sobre isto a sêde sempre crescente da agricultura pelos adubos aquaticos, quer vegetaes, quer animaes — tudo isto se reune para a depredação da riqueza das aguas e dos fundos e para o esphacelamento do vasto estuario, que assim vae morrendo e sumindo-se.

*

Feito este esboço — que é uma pallida expressão da verdade —, de que animo havemos de ler o trecho do sr. Baldaque da Silva, ao expôr os fins da Commissão Central Permanente de Piscicultura?

Apresenta este senhor a nobre idéa de com justiça se fazer da ria d'Aveiro o centro da pesca maritima interior, dizendo que se crie:

«um laboratorio de preparação de «ovulos das melhores especies de «agua doce, apto para fornecer aos «particulares a creação dos viveiros e «aos rios o repovoamento de que es«tão exhaustos; uma piscina indus«trial modelo, na riquissima ria de «Aveiro, centro da piscicultura mari«tima interior, habilitando os proprie«tarios dos terrenos emergentes d'essa «grande bacia salgada a estabelecer a «industria da creação e engorda que «póde, só por si, abastecer de peixe «vivo todos os mercados do paiz.»

Ao mesmo tempo esclarece o sr. Baldaque que é egualmente intuito da dita commissão, crear-se:

«uma regulamentação geral ade«quada aos usos e costumes do paiz, «moldada nos methodos technicos ex«perimentados n'outras nações.»

D'esta regulamentação, decretada e *cumprida*, é que verdadeiramente e essencialmente se carece, na ria de Aveiro, em todos os rios do paiz e até nas aguas maritimas.

As energias que se levantem com o nobre fim da remodelação das pescas como base insubstituivel do resurgimento maritimo de Portugal, que tenham em mira o auctorisado e experimentado conselho que para aqui transcrevi.

Só depois de regulamentadas as pescas, não ficando esses regulamentos *só no papel*, é que não seremos d'um comico quasi ridiculo em pensarmos nas estações do repovoamento, ou seja na industria da piscifactura.

Não vem fóra de proposito sitar ainda outra verdade penetrante cahida da penna de Edmundo Machado:

«... em nenhum viveiro (da ria «d'Aveiro) se faz a reproducção arti«ficial, o que não admira.

«Seria o mais extraordinario dos «contrasensos que os particulares, á «custa de trabalho e de difficuldades «procurassem produsir por centenas, «o que o Estado annualmente deixa «destruir por milhares de milhões.»

E para terminar esta critica preliminar, que já vae longa, mas é indispensavel para cabal entendimento do que é a pesca nas aguas interiores da região d'Aveiro, citarei finalmente a seguinte apreciação do sr. João Miguel Rosa, delegado no inquerito da pesca de 1890, na zona do Norte:

«Creio por isto, que duas lanchas «— canhoneiras, do menor calado de «agua possivel movidas por meio de «rodas lateraes ou, melhor, por uma «roda na pôpa, munidas de uma me«tralhadora e algum armamento de «mão, e tripuladas pelo maximo de

«18 pessoas, sob o commando d'um «official subalterno, conseguiriam es- «tabelecer o dominio da lei na ex- «tensa ria d'Aveiro, com pouca ou «nenhuma resistencia; resultado este «que nunca se ha logrado com as pro- «videncias, verdadeiramente theori- «cas, que em geral teem sido ado- «ptadas, nem se obterá com o sim- «ples concurso dos guardas da res- «pectiva circunscripção hydraulica, os «quaes, operando isolados ou em pe- «queno numero, se veem a miudo for- «çados a ceder perante a força de um «argumento empregado pelos infra- «ctores, argumento que se reduz ao «manejo de um utensilio de lavoura, «que por alguns é denominado *meia* «*lua*, e que vulgarmente é conhecido «pelo nome de *foice roçadoura*.

«Só com o emprego de taes meios «se conseguirá pôr termo ao inclassi- «ficavel abuso dos pescadores ven- «derem para escasso, isto é, para adu- «bo de terras, grandes porções de «peixe; só assim se lograva cercar «do prestigio a auctoridade....... «....; e, por fim, *só assim será admis-* «*sivel a tentativa de repovoação* «*das aguas da ria, quer por meio de* «*viveiros, quer pela applicação dos* «*processos da piscicultura, os resul-* «*tados dos quaes seriam fatalmente* «*aniquilados proseguindo os systemas* «*de devastação que presentemente* «*campeiam.*» [1]

«São talvez violentas as providen- «cias indicadas, mas creio que desde «outubro de 1886, em que foi decre- «tado o regulamento em questão, tem «decorrido numero de annos suffi- «ciente para provar que com meios «suasorios nada se consegue na ria «d'Aveiro.»

A seguir diz o sr. Rosa que a crise que sobreviria só se faria sentir nos pescadores d'Aveiro, porque os da Murtosa procuram as pescas onde quer que sejam productivas, embora n'outras zonas, a grande distancia dos seus lares e finalmente expõe:

«Da parte da colonia piscatoria que «mais soffreria nada ha esperar, por- «quanto os individuos mais antigos «d'ella não só se consideram, e real- «mente são, inhabeis para o emprego «de typos de rede, differentes d'aquelle «com que sempre lidaram, como tam- «bem educam os mais novos no exer- «cicio exclusivo dos mesmos typos, «do que resulta a existencia d'uma «classe que, a pretexto da miseria, «*mas influenciada mais directamente* «*pela teimosia, vae sempre vivendo* «*em completo antagonismo com a lei.*» [1]

«E, realmente, não é justo que, «para poupar crise angustiosa a um «pequeno numero de individuos, se «firam interesses do maior numero, «constituido sem duvida pelos habi- «tantes do districto d'Aveiro, e mes- «mo de alguns districtos limitrophes, «os quaes, podendo obter da ria uma «alimentação sadia e barata, vão «vendo encarecer esta successiva- «mente, e de futuro poderáa vel-a «desapparecer por completo.»

*

Isto posto, tractemos propriamente da industria da pesca na ria, tal como ella é e se executa.

Fevereiro de 903

JAYME AFFREIXO.

Meu caro Manuel Nunes:

Abuso talvez da tua revista, espraiando me n'este artigo em considerandos d'uma ethnographia um tanto forçada.

Espero que d'isto me desculparás.

Assisti ha dias ao Congresso Maritimo e ali, entre varias propostas para a rehabilitação das nossas pescas, apresentadas por auctoridades cujas opiniões respeito, emitti sobre o as-

[1] Sublinhamos nós estas palavras.

[1] É nosso o sublinhado.

sumpto o meu parecer, que se resume no seguinte:

1.º — Não fazer uso de providencias que podessem influir depois, de perto ou de longe, em tornar o pescadôr permanente em qualquer zona.

2.º — Pôr em vigôr regulamentos praticos e policia de pesca.

Aproveito agora, ao tratar da ria, a occasião de explicar à um limitado numero d'amigos a minha conducta n'aquelle patriotico certamen.

Ha-de-te parecer algo pombalino o meu systema — porque conheço o teu espirito amplamente aberto a todas as idéas modernas — e por isso dedico-te especialmente um ultimo considerando — e prometto que é ultimo a valer.

Nas pescas, no mar, na vastidão das aguas, salienta-se como em nenhum outro meio o direito á liberdade humana, mas tambem — aquella theoria do sapateiro, no celebre dito, hoje muito em voga: *aqui todos havemos de comer, ou então ha-de haver moralidade.*

A' bon entendeur... salut.

Teu velho amigo,

Jayme.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

O' GOUVEIA

O' Gouveia, ó Gouveia,
O' Gouveia meu amor!
Encontrei o tal Gouveia
Caminhando p'ró vapor.

Caminhando pr'ó vapor,
Caminhando pr'á estação...
O' Gouveia, ó Gouveia,
Gouveia do coração!

Serpa.

M. DIAS NUNES.

A INQUISIÇÃO EM SERPA

Durante tres seculos existiu em Portugal um tribunal que teve o dom de ser perturbador, pretendendo, todavia, evitar os escandalos.

São uteis, porém, as investigações nos processos que se nos conservam para nós conhecermos a vida dos tres seculos que precedem a implantação do systema constitucional, assim chamado.

A maioria dos processos da inquisição tratão dos descendentes de judeus que ainda tentavam seguir a religião dos seus antepassados, e tem para nós, hoje, minimo interesse na parte religiosa, em virtude da monotonia das confissões. E' possivel que por esta via dos christãos-novos chegassem aos costumes portuguezes algumas contribuições, pois, que muitas vezes, o individuo de legitima ascendencia christã, praticava por ignorancia, ritos judaicos.

Todas as terras tinham no seu seio grupos de christãos-novos e entre ellas Serpa não pode ser considerada das menos representadas.

Do processo da Inquisição de Evora que tem o n.º 3:204, e que hoje se guarda no archivo nacional, extrahio alguns elementos para a estatistica dos christãos novos de Serpa, sem pretender rigor.

O preso chamava-se Manuel Dias, era sapateiro e foi indicado por Francisco Mendes, Manuel Rodrigues, cortidor e Mór Gonçalves. O primeiro d'estes contou que o reu se lhe tinha denunciado seguir a lei de Moisés, n'um faval á Fonte Santa. Em 3 de dezembro de 1602 declarou Manuel Dias ser meio christão-novo e natural de Serpa. Foi em Alvallade de Campo de Ourique que seu pae Gaspar Dias, alfaiate, lhe disse que acreditasse na lei de Moisés. Mais tarde, tendo passado á viver em Serpa, a trabalhar em casa de Diogo Dias, sapateiro, o *Vinagre*, irmão de seu pae, um dia elles dois, Pero Dias, Catharina Gomes, Margarida

Gomes, filhas de Diogo Dias, Leonor Lopes, filha de Margarida Gomes e Violante Dias, mulher de Pero Dias, declararam seguir a lei mosaica. Depois nos logares seguintes: ermida de S. Pedro, Posto do Sesmo, Pego dos Saveis, Valle da Navarra, Fonte de Ortosim e Pisão da Villa, se encontrou com estes individuos que todos declararão seguir a lei de Moisés: Manuel Rodrigues. tecelão, Maria Gonçalves, mulher de José Luiz, ferrador, irmã de Manuel Rodrigues, Alvaro Rodrigues o Chocalheiro, Martins Rodrigues e Diogo Rodrigues, seus filhos, Braz Rodrigues, estalajadeiro, Bento Martins, seu filho, Manuel Rodrigues, çurrador e sua mulher Brasia Gonçalves, Maria Gonçalves, mulher de Bento Ramos, Antonio Fernandes, tecelão, Bastião Nunes, pisoeiro, Manuel Borralho, Catharina Borralho, mulher de Francisco Lopes, Beatriz Gomes Borralho, João Vaz Gusano, tio do reu e Beatriz Gonçalves.

Em 6 de dezembro de 1602 constou só da geneologia o interrogatorio do reu. Disse ser filho de Gaspar Dias e de Nera Rodrigues. Disse, ainda, que era casado com Brites Gonçalves de quem tinha um filho e tres filhas. A idade era de 40 annos. Em 24 de dezembro disse que tinha fallado sobre a lei de Moisés na Horta do Pinhão com Custodio Vaz, Gaspar Affonso e Pero Vaz, filhos de seu tio João Vaz Gusano; no mesmo logar com Manuel Ribeiro e Luiz Ribeiro, filhos de João Ribeiro, no tempo da azeitona, no logar da Barbuda com Maria, filha do dito Luiz Ribeiro; no logar de Val da França com Sebastiana Madeira, meia christã-nova, filha de Manuel Fernandes, que foi para Roma; no logar de Castella com Isabel Martins, filha de Diogo Fernandes o Derrengado, seu primo; indo para S. Braz, com Simão Fernandes, meio christão-novo, sapateiro, de alcunha o *Apparicio*; á porta da Margarida Gomes meia christã-nova, mulher de Francisco Vaz, homem pardo, com ella; e indo dos Pelames para Serpa com João Gonçalves o *Boi*.

Em 20 de outubro de 1603 ainda mais accusou Ignes Alvares e uma sua filha casada com Miguel de Bairros, que foram para Lisboa, Micia Gomes, já fallecida, casada com Domingos Vaz, ferreiro, e Custodio Rodrigues de Alpoem, provedor e sua mulher, Francisca Doria.

Em 29 de outubro de 1603 disse que, andando elle a pescar no Guadiana com João Rodrigues, filho de Francisco Dias, com Mestre Alvaro, cirurgião, com Nuno Rrodrigues, boticario e com Manuel da Costa, filho de Estevão Fernandes, que mora agora em Elvas, declararam-se todos por crentes na lei de Moisés.

Em 24 de dezembro de 1603 mais accusou Leonor Fernandes, mulher de Nuno Rodrigues, boticario, Violante de Abrunhosa, mulher de Rafael Fernandes, Francisca Frajoa, mulher de Diogo Bugalho, Leonor Fontes, mulher de Mathias Mendes e João de Fontes, christãos-novos, e ainda os seguintes com quem conversou na Horta de João Bocarro: Francisco Mendes, filho de Fernão Martins o Bocarro, Jeronymo Fernandes, filho de Diogo Fernandes o Derrengado, e Custodio Coelho, escrivão dos orfãos da villa.

O castigo imposto a Manuel Dias foi leve attendendo a ter dito quanto sabia, e a ter denunciado todos os individuos que conhecia taxados de crerem na lei de Moisés.

Por esta resenha se veem os individuos, ligados pelo sangue judaico já diluido, que tinham residencia na villa de Serpa. Dos descendentes destes, os que se não homisiaram ainda ficaram soffrendo, cerca de seculo e meio, as arremetidas do sacro tribunal.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

SETUBAL

Crenças, superstições e usos tradicionaes

VII

Astronomia e meteorologia pastoril

TROVOADAS

A trovoada, pela violencia do seu estampido, pela intensidade dos seus relampagos, chuvas impetuosas, calmas absolutas, muitas vezes seguidas de tremendos cyclones, deveu prender e aterrorisar a vista e o pensamento do homem desde o seu alvorecer remotissimo no mundo.

Nada mais justificado. Uma trovoada é espectaculo surpreendente e terrifico; é grande em todas as suas manifestações; e d'essa grandêsa, aonde se sente um poder imenso, brota o temôr e o respeito que, apesar de tudo, invade as populações ruraes, e sacode por vezes, n'uns repelões de susto, o peito dos nossos pescadores tão habituados já ás luctas formidaveis do mar. Repito, nada mais justificado.

Em eras remotas, eras onde o pensamento humano mal encontra um objecto em que se fixe para formular uma edeia, estabelecer um confronto, que impressão sentiria o homem de então ao ver abrir-se o ceu, e um jacto de fogo rasgar de cima abaixo, instantaneamente, uma d'aquellas arvores que elle nem trabalhando longo tempo conseguiria aluir-lhe a base! Depois o trovão, ruido extraordinario que nenhum outro eguala, como o encheria de terror e pasmo!

Foi talvês n'essas ocasiões, que no cerebro dos primitivos homens brotou a primeira edeia do sobrenatural, embrião de futuras religiões.

De todos os espectaculos da naturêsa, nenhum mais apropriado a ferir a imaginação humana, nenhum que mais lhe cáve no intimo a crença em seres sobrenaturaes e poderosissimos.

Passaram seculos. Mudaram-se as grosseiras crenças, os fabulosos mythos em religiões mais ou menos aceitaveis; mas o temôr e o respeito por este fenómeno ficou indelevelmente impresso na alma humana.

Ainda hoje, que a electricidade é utilisada na vida pratica, e em que todos mais ou menos sabem a origem d'essas formidaveis manifestações, ainda hoje a trovoada é considerada como manifestação da cólera celeste, e o respeito estampa-se no rosto dos camponêses, que se descobrem reverentes ao fusilar d'um relampago, ao ribombar d'um trovão.

E' ainda o respeito que faz com que o povo não diga *raio* mas sim *perigo*, *centelha*, *corisco*; porque a palavra *raio* é tida como pouco respeitosa, e só empregada como praga.

Crêem que ha diversos tamanhos de raio.

O *perigo* é o maior de todos e julgam que tem corpo solido a que dão o nome de *pedras de raio*.

(Vidé *Tradição* de 1900 — pag. 124 *Annuletos*.)

Os camponêses são intolerantes para com quem não tenha o maximo respeito pelas trovoadas.

Contam-se casos...

«Um moleiro, estando á porta do seu moinho, com o barrete na cabeça, começou a cantarolar emquanto os trovões estalavam no ceu.

De repente veio um *perigo* que o matou.»

— «Outro camponês entendeu, por escarneo, impôr silencio á naturêsa revolta, foi logo ali assombrado.»

E muitos outros defendendo a mesma these.

A devoção aconselha varias résas, sendo uma das mais vulgares o *magnificat*, e merecem particular devoção, n'ests sitios, Santa Barbara e S. Jeronimo, que dizem ser *advogados contra os trovões*.

— As *palmas bentas* que se distribuem no domingo de Ramos, são queimadas para afugentar as trovoadas.

(As palmas são folhas da *phenix*

dactylifera, entrançadas e algumas até artisticamente rendilhadas).

— Ha tambem, *velas bentas* que se acendem com o mesmo fim.

Eis o espolio que ainda resta na alma popular, do legado que a humanidade de outras eras lhe transmitiu, que a civilisação crescente transformou, para conjurar o mal e abrandar a cólera celeste.

Vejâmos agora os meios de que se servem para prever a aproximação de trovoadas ou precaverem-se d'ellas.

— As precauções pessoaes são, como já disse, as résas e outras devoções.

Os camponêses são, n'este como em muitos casos, fatalistas mas coherentes.

Crendo que as trovoadas são a manifestação da colera celeste, e sentindo dentro em si á consciencia de que são culpados, esperam resignados e submissos o castigo. E' coherente.

Ora esta maneira de ver leva-os a olhar como ofensiva á divindade todas as precauções aconselhadas, incluindo o famoso pára-raios.

Vem então a historia do castelo de bronze que um rei mandou fazer para se livrar do raio e que uma *centelha* desfez n'um instanto.

Mas se para si desdenham todas as precauções, empregam-nas para os animaes, porque *são creaturas.*

A previsão limita-se a pouco e a causa d'esta deficiencia é ainda e sempre o respeito de que estão possuidos e o temôr de ofender prescrutando *segredos qua são do ceu.*

Eis algumas.

E' á Lua ainda a quem cabe as honras de primasia.

Lua nova trovejada, creem que será em todos os quartos.

— Lua eutre nuvens presagia trovoada.

— *Lua nevoada traz trovoada.*

O calor demasiado, indica approximação de trovoadas. Dizem calor *ensampado.*

— A prssença de cumulos a que chamam *nuvens de trovoada* presagia o mesmo.

Os relampagos que se produzem abaixo do horisonte sem nuvens visiveis, não os creem produzidos por trovoadas distantes mas simplesmente prognostico de calôr.

Ha mêses em que são certas as trovoadas

«Trovoadas de maio».

«Trovoadas de S. Lourenço» (agosto).

Apesar do médo sempre teem observado alguma coisa.

Notam que as trovoadas *andam contra o vento* ou *trazem o vento adiante.*

— As trovoadas sêcas (sem chuva) são as mais perigosas.

— *Chuva de trovoada, cada pingo uma canada.*

— As trovoadas só se demoram nos sitios onde abundam *os materiaes* (mineraes metalicos).

— O choupo, *Populos tremula* L. e a oliveira são muito *castigados dos perigos.*

— «Quando um raio cae n'uma casa corre todos os cantos, e vae á lareira por onde se enterra sete braças pelo chão abaixo, empéstando tudo com cheiro de enxofre»

— As trovoadas, ora são consideradadas como agentes beneficos, ora como verdadeiros castigos.

— São as trovoadas que fazem brotar com mais abundancia as nascentes d'agua.

«Sem vir uma trovoada não rebentam esses nascimentos»

— Consideram as trovoadas funestas durante a gestação dos animaes, matando os pintos no ovo, e chegando muitas vezes a fazer *mover* as vacas prenhes. Comtudo a sua influencia nefasta não atinge a especie humana.

— Para defender os ovos, colocam debaixa da *césta* onde a galinha *está tirando*, uma ferradura ou uma thesoura aberta.

Com o mesmo fim colocam a ferradura debaixo das *camas* nos estabulos onde ha gado prenhe.

Eis a serie de preservativos que a crença popular admite na neutralisação dos efeitos das trovoadas, assim como dos prenuncios que se atrevem a observar.

(Continùa)

ARRONCHES JUNQUEIRO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(Recolhidos da Tradição oral)

O boi barrabil

Era uma vez um rei, que tinha um boieiro que muito estimava por ser muito verdadeiro; dizia o rei que o boieiro não sabia mentir e diziam os vassallos que elle uma vez pelo menos havia de faltar á verdade, ao que o rei retrucava — que não. Havia na boiada um boi que o rei estimava muito e se chamava o *boi barrabil.* Quando o boeiro ia falar ao rei, este perguntava sempre: «Como está o boi barrabil?» Ao que respondia o boieiro sempre, — que estava bom. Os fidalgos tinham inveja de que o rei tratasse tão bem o homem, e começaram a querel-o indispôr com o rei; disseram que elle havia de arrancar o coração do boi barrabil e pregar uma mentira ao rei dizendo que o boi tinha morrido, — ao que o rei dizia que era impossivel elle mentir, que havia de dizer a verdade. Depois combinaram os fidalgos em ir uma das fidalgas estar com o boieiro e dizer-lhe que gostava muito do boi barrabil, etc., etc., e que lhe queria o coração. O homem ficou muito admirado da exigencia e disse-lhe que isso não fazia elle, e ella respondeu: «pensa n'isso e eu cá volto ámanhã». O homem ficou pensativo em vista da formosura da fidalga, mas em todo o caso no outro dia tornou lhe a dizer — que não, que isso não fazia elle. Ella disse-lhe: «pensa bem, que eu ámanhã torno a vir e has de por força dar-me o coração do boi barrabil». No outro dia não poude o homem ser superior áquella exigencia, tirou o coração ao boi e entregou-o á fidalga. Depois d'ella se retirar começou a pensar no que tinha feito e como havia de dizer ao rei que o boi estava morto: — Pela manhã vou falar ao rei e digo-lhe: Salve Deus a Vossa Magestade. — «Adeus, homem, então como estás?» — Eu bom, muito obrigado. — «E o nosso boi barrabil?» — Ora, o nosso boi barrabil ia por uma ladeira abaixo, escorregou, cahiu e morreu; — mas nada, isto é mentira, isto não digo eu, vou-lhe dizer antes: Altura, alvura e formusura fez com que eu tirasse o coração ao boi barrabil: — bem, esta mentira está bem. E deitou-se a dormir. No outro dia foi falar a Sua Magestade e na fórma do costume disse-lhe: — Salve Deus a Vossa Magestade. — «Adeus, homem, como estás, e o nosso boi barrabil?» — Ora o nosso boi barrabil... o nosso boi barrabil... — «Então o que é, homem? — Ora, saberá Vossa Magestade, altura, alvura e formosura fizeram com que eu tirasse o coração ao boi barrabil. Então disse o rei aos fidalgos: «ganhei, o homem não sabe mentir, pensando que me pregava mentira, disse a verdade».

(Elvas)

A sogrs enganada

Era uma vez um almocreve, casado havia pouco tempo, e a mãe prometteu-lhe uma récua de machos se elle desse uma sova na mulher, para lhe ter respeito. Elle dizia que não tinha motivos para lhe bater, e dizia-lhe a mãe: «Motivos sempre ha; olha, em ella indo fazer a açorda, quando ella pizar o alho e saltar para o chão, ella ha-de apanhal-o e deital-o para o gral, e então começas a ralhar e das-lhe nma sova.»

Bem; elle no outro dia foi ver quando ella estava a pizar o alho,s altou-lhe effectivamente, mas ella em logar de o apanhar foi buscar o ou-

tro e disse: «Por causa de um alho não se desmancha uma alhada». E d'esta maneira elle não lhe disse nada. No outro dia foi a casa da mãe e esta perguntou se já tinha dada a sova, ao que elle respondeu que não, e contou o que se tinha passado.—«Pois olha, amanhã vae á praça, compra uns peixes e leva-os para casa, vae-te embora, não lhe digas como o queres e á noite, quando vieres, se ella os tiver fritos, diz lhe que os querias assados; e ahi tens já um motivo para lhe bateres.» Elle assim fez: comprou os peixes, trouxe-os e não lhe disse nada. Ella quando viu o que elle tinha trazido ficou muito afflicta, porque não sabia como elle gostava; poz-se a pensar e disse para consigo: faço-lh'os de differentes maneiras. Quando eram quasi horas de vir o marido pôz a meza, como era costume, e pôz os pratos com os peixes e tapou os pratos.

Quando veio foram a cear; ella destapou um dos pratos e elle disse: «Então, fritos?» e ella respondeu: «Encomo os querias, assados?» —«Ora, assados!» Então como os querias? — «Cozidos!» Ella destapou um dos pratos e disse: «Aqui os tens cózidos» E elle: «Ora já vejo que é impossivel o que a minha mãe quer!» e explicou-lhe o que era.—«É só isso? então arranja-se bem; olha, põe o albarda do burro no meio da casa e e com um pau começa a bater-lhe; eu grito muito e chóro, fingindo que eu é que eu que estou levando a sova».

Assim fizeram; os visinhos, que ouviram aquelle *lavarinto*, começaram a bater-lhe á porta, mas elle não quiz abrir. Foram chamar a mãe, que viesse accudir á nora, que o marido a ia matar. Veio logo a mão e começou muito zangada a dizer-lhe que abrisse a porta. Elles esconderam a albarda e a mulher deitou-se no meio da casa, fingindo que estava muito doente.

Aberta a porta, a mãe começou a ralhar muito com elle e disse-lhe: «Pegue em sua mulher e leve-a para a cama, e venha comigo para trazer uma gallinha para lhe fazer caldos. E com a gallinha veio o dinheiro para os machos.

(Elvas)

Faze tu bem,
Não cates a quem.

Era uma vez um homem muito rico e não se assentava á mesa sem lá ter um pobre. Um dia não apparecia nenhum pobre e o diabo côxo do inferno foi bater á porta e pediu uma esmola.

— O' pobresinho, veio a boa hora, entre.

E para se seguir o costume da casa, o criado foi lavar os pés ao pobre; viu que elle tinha os pés redondos, e disse para o amo — que visse com quem se assentava á mesa, pois que o pobresinho tinha pés de cabra.

O amo disse: — «Deixa, faze tu bem, não cates a quem».

Veio o pobresinho, comeu muito bem e depois de acabar de jantar disse:

— «Sempre lhe quero dizer que em se vendo n'alguma affliçâo brade pelo diabo côxo do inferno.»

Houve depois muitas guerras e prenderam o homem; esteve na prizão muitos annos, e lembrando-se do tempo em que fazia tanto bem aos pobres, recordou-se do diabo côxo do inferno. Bradou por elle e appareceu-lhe logo, dizendo:

— «Então ainda agora é que te lembraste de mim? Monta-te ás minhas costas e dize: anda diabo para diante, que eu te livro da prizão.»

E assim foi.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

ANNO V

N.º 3

VOLUME V

SERPA (PORTUGAL), MARÇO DE 1903

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

DIRECTORES:

LADISLAU PIÇARRA

E M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico da educação publica exercida pela imprensa.»

RAMALHO ORTIGÃO.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

EM PORTUGAL, SERIE DE 12 NUMEROS	1$200 RÉIS
PARA O ESTRANGEIRO, SERIE DE 12 NUMEROS	8 FR.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO

(CADA NUMERO 1 FR.)

PARIS — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
LONDRES — F. FISHER UNVIN, PUBLISHER — 11, Paternoster Buildings.
BERLIN — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

VENDA AVULSO NO PAIZ

(100 RÉIS CADA NUMERO)

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*
Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*
Coimbra — *Livraria França Amado*
Braga — *Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª*
Vianna do Castello — *Livraria Academica e Religiosa*

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor TrindadeCoelho*

PREÇO DE 12 NUMEROS 1200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, * * *

PREÇO — 1200 RÉIS

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva A. J. Torres de Carvalho, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.).*

PREÇO — 1200 RÉIS

Anno V — N.º 3 SERPA, Março de 1903 Volume V

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

VII

A ria

Os principaes apparelhos da pesca da ria são os *botirões* e as *redes de arrastar*, seguindo-se-lhes a *birbigoeira*, a *fisga*, a *bolsa do caranguejo*, e finalmente a *solheira*, a *branqueira* e a *rede de salto* ou *parreira*.

Botirão

O botirão é um sacco de rede, de fórma conica, a cujas paredes está cosido interiormente, — a menos de meio comprimento a partir do vertice — um outro sacco muito mais pequeno, que toma sensivelmente a fórma do primeiro, depois de se lhe apertar o fundo até ficar com abertura sufficiente para a passagem do peixe.

A este sacco interior dá-se o nome de *nassa*, e na verdade, permittindo a entrada da pescaria e oppondo-se ao mesmo tempo á sua facil sahida, elle opéra como o fundo das nassas de vime, muito usadas na pesca fluvial e conhecidas em todo o paiz.

O botirão varía de dimensões conforme os locaes a que é destinado. Nos grandes fundos empregam-nos de 16 metros de comprimento, com 7 approximadamente de diametro de bocca — dimensões estas que se reduzem a cerca de metade, se se pretende usal-os em pequenos canaes ou sitios espraiados.

Como em todas as redes de sacco, a malha d'estas diminúe da bocca para a cuada, onde attinge o minimo de $0^m,003$ de lado, quando o fio está secco; e formando um panno quasi cerrado depois de mettido na agua o apparelho.

Na bocca póde medir a malha cerca de $0^m,02$.

E' o botirão uma rede fixa, e arma-se em estacas cravadas no fundo dos canaes ou *calles*, de modo que o plano da bocca fique na normal á direcção das correntes d'agua.

Ao longo d'estas estacas mestras ou *paixões*, deslisam verticalmente duas varas ás quaes se amarra as duas quartas partes oppostas da bocca do sacco. A distancia que medeia entre as paixões deve dar tambem um quarto d'essa circumferencia.

Cosida assim a bocca da rede ás duas varas, fazem-se depois descer estas ao longo das paixões, com laçadas de corda a servirem de corrediças, e o botirão actuado pela corrente toma então a fórma de uma pyramide quadrangular deitada.

Dos quatro lados da bocca — o inferior deve tocar o fundo, os lateraes estão apoiados nas estacas, e o su-

perior ha de alcançar quasi a superficie da agua.

Quando vira a maré, o pescador pucha acima as varas que deslisam nas paixões, chama a rede á borda do barco, desaperta o cordel que esgana a passagem da nassa, e despoja o botirão da pescaria que tem no fundo.

Em seguida desamarra os lados da bocca, de uma e outra vara, troca-os e amarra-os de novo; torna a apertar a nassa; arria outra vez as varas ao longo das paixões; e larga a rede para a corrente — ficando agora a bocca voltada á enchente, se primeiro estava á vasante, ou vice-versa.

O botiroeiro só tem portanto de se incommodar no fim das marés, e fóra d'estas occasiões de trabalho, bem momentaneas e espaçadas, póde elle entregar-se a outra sorte de pesca ou ir mesmo para terra tratar de seus affazeres; e se não tem em que empregar o tempo, nada o inhibe de deitar-se a dormir na prôa do barco.

Dizem que é precisamente por se *pescar a dormir*, que este systema dos botirões tem tão numerosos adeptos, sobretudo na cidade de Aveiro.

Não somos nós que o neguemos, ou que queiramos ao menos obscurecer esse lidimo predicado de tal arte de pescar; parece-nos comtudo, que ella tambem se recommenda bastante aos seus admiradores por lhes permittir — apanhar peixe na ria a ouvir missa na egreja.

*

Nas calles ou canaes em que as correntes são intensas, as paixões — embora bem batidas a maço — não aguentam o esforço da rede, e é necessario n'estes casos, tanto para a enchente como para a vasante, ajudal-as com plumas de corda.

As plumas ou estays amarram nas cabeças das paixões, e dando-se-lhes comprimento conveniente, vão amarrar a outra extremidade nos pés de varas ou *guias*, que se cravam de um e outro lado d'aquellas estacas, a uma distancia de 15 a 20 metros no sentido das correntes.

De maneira que, nos canaes mais importantes, as linhas de botirões importam a cravação de tres ordens de estacaria: a das paixões, ao centro; a das guias da enchente, a jusante; a das guias da vasante, por montante.

Do entrave feito aos cursos d'agua, pelo madeirame e respectivas redes, resulta sempre uma certa revolta nas areias do fundo, e quando as aguas são já de si muito sedimentosas — a deposição d'esses sedimentos junto ás represas.

Ora é isto precisamente o que se manifesta na ria — provocando os botirões tão grandes açoriamentos nas linhas onde se armam, que todos os annos ha algumas paixões a quebrar, por não ser possivel arrancal-as nem com a força de flutuação das bateiras, amarradas ás estacas em baixa-mar e impulsionadas depois a subir, com a enchente.

Demais a mais esta obstrucção ás correntes tem um longo periodo: a safra dos botirões começa em meados d'outubro e só termina com o mez de março.

São quasi seis mezes, durante os quaes a ria se acha impedida á navegação por cerca de 50 linhas de triplice estacaria, que tomam em cada canal dois terços pelo menos da sua largura.

Estes açoriamentos parciaes teem uma influencia bastante perniciosa no regimen das correntes, alterando-lhes a direcção a cada passo, e o sommatorio de todos elles ha de traduzir necessariamente uma importante quebra no volume d'aguas que a ria recebe do mar.

São prejuizos de ha muito em completa evidencia, e reconhecida até pelos proprios que os originam; com quanto os reconheçam, e mais do que ninguem os devam sentir, os pescadores teem-se opposto sempre a todas as tentativas de remodelação das pescas dentro da ria.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Costa de Aveiro — a entrada do barco no mar (pesca da sardinha)

Concorrem, é certo, n'esta relutancia, a indolencia d'uns e a ganancia d'outros, as más condicções economicas de muitos d'elles, e ainda varios motivos de identica natureza, inherentes a todas as colonias de pescadores; mas é por egual incontroverso que essa reluctancia já devia ter sido vencida, visto que uão é susceptivel de ser convencida.

*

A distancia entre as differentes linhas é muito variavel, reduzindo-se nos canaes proximos da barra a menos de meio kilometro.

Em regra, apoiam-se alternadamente n'uma e noutra margem, afim de não fazerem tanta sombra de pesca umas ás outras. Se a primeira linha da juzante começa a espetar as estacas na margem direita, a segunda vae estabelecel-as a partir da margem esquerda, a terceira volta a apoiar-se na da direita, a quarta passa á da esquerda e assim succesivamente.

Cada barco ou bateira arma tres redes em quatro *paixões*, que distam entre si quatro metros aproximadamente, havendo n'alguns logares 45 botirões mergulhados a tomarem uma extensão de 180 metros.

As paixões, conservam-nas geralmente nos locaes de pesca, durante toda a safra; mas as redes armam-se simplesmente nas semanas de lua nova ou lua cheia, em quanto dura o maior incremento das aguas de marés vivas.

E' n'estas occasiões de grande força das correntes que o peixe se desloca em maiores cardumes, embora involuntariamente algumas vezes.

O botirão segue quanto póde a inversa de todos os systemas da verdadeira arte halieutica, a qual ao passo que procura engenhosamente a maior captura, tem sempre em vista a conservação dos pesqueiros, não destruindo os fundos nem os embryões, e zelando sempre o repovoamento das aguas, fornecido pela accorrencia dos adultos que veem desovar ou abrigar-se.

O botirão — verdadeiro sacco de encher — tem unicamente em mira a fartança, e alheio a todas as considerações de sensatez e de altruismo, vae buscar precisamente ás correntes do repovoamento a sua magna colheita.

E' no hynverno que as especies do mar, guiadas pelas variantes da temperatura, teem um movimento mais pronunciado na ria.

Peixes do largo veem visitar a grande bacia do Vouga, demorando-se algum tempo ou tomando seguidamente o curso da enchente e vasante.

Os domiciliados na ria abandonam por essa occasião as pequenas espessuras d'agua — que são as que mais depressa manifestam o minimo thermal —, vão procurar os canaes de mais fundo e por fim sahem para o mar em demanda da temperatura que lhes é necessaria.

Concorre tambem no exodo da ria, a falta d'abrigo nas algas, as quaes pelo Natal já se acham colhidas pelos moliceiros.

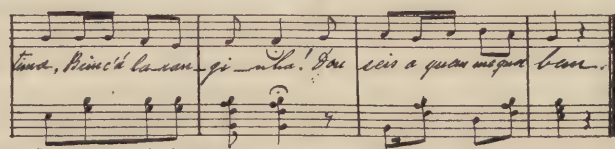
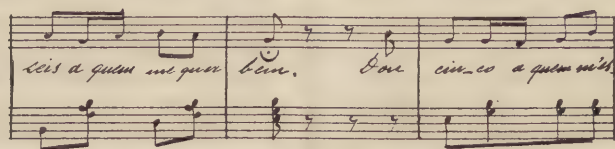
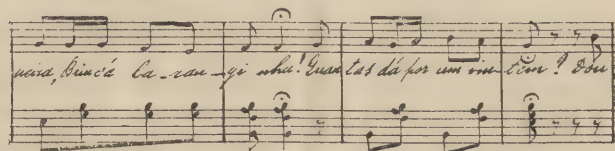
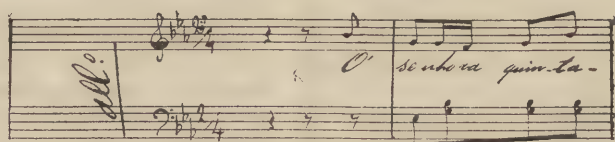
As vasantes d'aguas vivas do hynverno são portanto as que levam mais emigrantes da ria, e é então n'estas epochas que os botirões postados ao través das *calles* fazem a primeira parte da sua grande colheita.

Logo que termina o rigor da quadra hynvernosa, ahi por fevereiro, começa a ria a ser procurada novamente pela fauna habitual das suas aguas — certas especies, para a desova, e outras para o crescimento — podendo-se dizer que a epocha da *montée* tem logar n'esta grande bacia entre principios de fevereiro e meados d'abril.

Ora é exactamente n'esta corrente de abastecimento e repovoamento das aguas da ria, que aquellas redes fixas completam a segunda parte — a mais rica e a mais prolongada — da sua safra annual.

CANCIONEIRO MUSICAL

III

SENHORA QUINTANEIRA

Musica recolhida por D. Elvira Monteiro

(CHOREOGRAPHICA)

De maneira que, nas vasantes do hynverno e nas enchentes da primavera, o maior vulto dos elementos procreadores da riqueza piscicola da ria, entra em massa para os saccos dos botirões.

A captura das especies, quando ellas emigram, ainda se tolera, desde que os peixes tenham as dimensões requisitadas para consumo; mas depois, quando elles voltam ovados e alguns apenas nascidos, o açambarcar toda esta fauna logo á sua entrada, é um vandalismo de tal ordem que difficilmente se comprehende como isto se admitte na epocha actual, em que tanto se preconisa a idéa de crear viveiros de reproducção ou estabelecimentos de piscifactura.

Porque — não é nos canaes ramificados, na rede peripherica da grande bacia, que os botirões se vão estabelecer. Não. Como os logares mais naturalmente abundantes hão de ser as calles principaes, proximas da barra — é ahi nos collectores das correntes d'agua e das correntes da pescaria, tanto no exodo como na *montée*, que o pescador da ria vae cravar as estacas e armar suas redes.

O numero de botirões estacados em cada anno na ria, regula por 400, representando uma superficie de açambarcamento de 1:600 metros de comprido approximadamente; e note-se que os que se armam a maior distancia da barra não distam d'ella 9 kilometros.

Taes redes não podem ser mesmo consideradas como artes de pesca, porque não teem arte, nem estudo nem revelam engenho nenhum por parte do pescador; não constituem um systema de pescas dedusido da observação das necessidades e habitos das especies a que são destinados. Além d'isto não exigem trabalho na sua manobra, nem esta offerece qualquer variante de dia para dia, ou mesmo de anno para anno.

Saccos de encher, postados em linha cerrada na passagem forçada de todos os peixes que pretendam entrar ou sahir da ria, capturam-nos a todos sem distincção, não lhes escapando pelas malhas nem o mais pequeno, porque essas malhas desapparecem e cerram completamente depois do fio bem molhado e da rede esticada pela corrente.

Para a pescaria meuda lá está o mercado do escasso que dá sahida a tudo — e assim mais ou menos, tudo vem a dar lucro.

As outras pescas da ria é que, com este açambarcamento, ficam em situação de não poderem progredir nem tão pouco aperfeiçoarem-se em apparelhos não nocivos, de apprehensão efficaz e de protecção ao mesmo tempo aos fundos e embryões.

De sorte que o verdadeiro complemento do balisão é a *varredoura*, que vae rapar todos os fundos a eito, e acabar de colher o que milagrosamente escapou d'aquellas redes.

*

Cada barco ou bateira, pescando em tres botirões, não exige mais do que dois tripulantes, ou tres quando muito — se em logar isolado, ou linhas em que haja mais bateiras a lançarem.

Algumas vezes emprega cada companha duas bateiras, servindo uma para levar o pescado, da manhã, aos mercados, e ficando a outra sómente com um dos companheiros a tomar conta das redes.

Nas linhas mais importantes, onde lançam cerca de 15 bateiras ou companhas, formadas geralmente por mercanteis (negociantes de sardinha) o serviço da conducção de pescaria e vigilancia dos aparelho faz-se de commum accordo entre todos ou entre grupos, o que reduz n'estes casos o pessoal de cada companha a um unico individuo, servindo-se muitas vezes d'uma bateira de qualquer dos

camaradas para a manobra da rede nas occasiões da volta das marés.

As linhas estão hoje marcadas pela authoridade respectiva em toda a ria, não sendo permittida a collocação de botirões fóra d'esses logares; e em cada linha só pódem lançar os pescadores que no praso competente, n'ella tenham ido inscrever os seus nomes.

Em regra, aquelle que já vier, desde annos anteriores, explorando um certo local, não é destituido de seus direitos de anno para anno, e continúa a lançar ahi, até que por motu proprio peça mudança para outra linha.

Os logares dentro da mesma linha seguem identica regra na sua distribuição.

O numero um, escolhe á sua vontade o ponto em que ha de cravar as estacas para os seus tres botirões; o numero dois, vae armar as suas redes, encostando-as pela direita ou pela esquerda d'aquelles; o numero tres, segue a mesma norma, e todos os outros assim procedem até ao derradeiro.

Como ha grande differença de condicções da pesca nas posições d'uma mesma linha, conforme a distancia a que ellas se acham da maior fundura do canal, tambem a numeração é distribuida por antiguidade de exploração, ou na falta d'esta, pela primasia de requerimento do logar.

Não obedece este systema de concessões a um principio de justiça e de equidade, pois que os concessionarios nem pagam qualquer tributo especial, nem justificam de nenhum outro modo a preferencia que gosam; o systema da pesca é porém tão retrogrado e, por assim dizer, tão *conservador*, que não é demais applicar-se-lhe lei de exploração por egual *conservadora* e anachronica.

JAYME AFFREIXO.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

SENHORA QUINTANEIRA

— O' senhora quintaneira,
— Brinc'á laranjinha! —
Quantas dá por um vintem?
— Dou cinco a quem m'estima,
— Brinc'á laranjinha! — } bis
Dou seis a quem me quer bem.

Serpa.

M. DIAS NUNES.

O Norte e o Sul

O bello estudo ethnológico, que o o sr. Pedro A. de Azevedo subscreveu na *Tradição* de novembro ultimo, suggere-me uma ligeira annotação, confirmativa do facto registado pelo esclarecido articulista e infatigavel investigador, da intensa religiosidade do norte do país.

Quando fui secretário director geral da Bulla da Cruzada, tive occasião de verificar que no anno económico de de 1881 1882, se distríbuiram nas dioceses do continente e ilhas *summários*, *escritos* e *bullas*, na importancia de réis 85:144$510.

Para esta somma, as alludidas dioceses contribuiram respectivamente com as seguintes verbas, que reproduzo pela ordem decrescente:

Braga	27:692$000
Porto	10:641$960
Lisbôa	6:670$760
Coímbra	6:227$900
Angra	5:727$700
Lamego	5:386$370
Bragança	3:840$960
Viseu	2:661$310
Funchal	2:658$980
Aveiro	2:402$510
Leiria	2:067$990

Pinhel	1:855$780
Algarve	1:595$020
Evora	748$680
Castello Branco.	723$500
Beja	517$350
Portalegre.....	285$720
Elvas	204$370

A simples inspecção destas verbas, inda tomando em conta a respectiva densidade de população, faz resaltar quanto o povo do norte sobreleva em devoção ou religiosidade o povo do sul.

Descontando-se a importancia das bullas, distribuidas em Angra e no Funchal, onde a religiosidade também é sensível, fica-nos um total de 76:757$830 réis. Tomando como centro do país o bispado de Coimbra, ao qual se reunia a maior parte da antiga diocese de Leiria, vemos que as dioceses do norte consumiram, em bullas, 60:370$260 réis e as do sul apenas 16:487$570 réis! Quase o dôbro disto consumiu só a diocese de Braga.

Estes são os factos. Donde elles procedem, digam-no os ethnólogos. Mas se *a leigos é permittido aventurar* uma explicação, talvez esta se encontre no largo contacto que o povo do sul teve com outras religiões. O domínio arabe no Algarve até o século XIII, a conservação do reino moirisco de Granda até os fins do século XV, a convisinhança de moirarias e judiarias na população christan ou neogótica do sul, influiriam naturalmente no esfriar de velhas crenças, que teimaram em permanecer vigorosas no recesso das montanhas da Beira e das fragas e valleiros de além-Doiro.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(Recolhidos da Tradição oral)

O sonho

Era uma vez um rei que tinha tres filhas e todos os dias lhes perguntava o que tinham sonhado, e uma vez a mais nova disse-lhe que tinha sonhado que ainda havia de ser rainha, dar beijamão, e que havia de recusar a mão ao pae. O pae, assim que a filha lhe disse isto, nunca mais a poude ver, e pensou em matal-a. Um dia mandou preparar um trem, mandou metter a filha dentro e disse ao creado que a levasse para um escampado e que a matasse e que lhe levasse a lingua d'ella. Ella levava um canzinho. Ao chegar ao escampado, o creado mandou-a descer do trem e disse-lhe:

— Real senhora, o seu pae manda-me matal-a, mas eu tenho muita pena de a matar e não a mato; mato antes o canzinho e levo-lhe a lingua.

Ella disse:

— Mata-me.

Mas elle matou o cão, tirou-lhe a lingua e foi-se embora, deixando a princeza no escampado. O pae quando recebeu a lingua ficou muito satisfeito. A princeza anoitecia e amanhecia nos campos e um dia metteu-se n'um bosque muito fechado onde não havia senão bichos, e tão farta estava de viver que ia ter mesmo com os bichos para a tragarem; mas os bichos cheiravam-n'a e fugiam d'ella, e ella dizia:

— Sou tão má que até os bichos fogem de mim!

Uma noite viu ao longe uma luz e foi direito a ella. Foi ter a um palacio e, como estava a chover, entrou e escondeu-se detraz do portão. A' hora da meia noite viu entrar um gigante muito feio, e ella teve tanto medo que tapou a cara. O gigante assim que entrou, disse:

— Cheira-me aqui a carne humana; e disse-lhe: Levanta-te.

E ella levantou-se, e depois ajoelhou e pediu-lhe perdão.

— Quem te trouxe aqui?

— A minha desgraça, — respondeu ella.

— E quem és tu?

Ella cantou-lhe o que se tinha passado com o pae. E depois o gigante mandou-a subir e levou-a a uma casa onde havia todas as qualidades de comida e fêl-a comer. Depois levou-a a um quarto com uma cama preparada e disse-lhe:

— Este quarto é o da menina; aqui ninguem lhe ha de tocar; a menina fica sendo minha filha e amanhã lhe digo o serviço que ha de fazer. E foi-se embora. No outro dia quando se levantou appareceu-lhe o gigante e disse-lhe que fosse almoçar. Depois do almoco disse-lhe que lhe queria dar um serviço a fazer e levou-a a uma casa qne estava rodeada de gaiollas de passarinhos.

— O serviço que te dou a fazer, é tratar d'estes passarinhos todos, mas cautela não deixes fugir algum.

Estava lá um de que ella gostou muito, e levava horas esquecidas a brincar com elle; mas um dia fugiu-lhe e ella teve um grande desgosto; chorou todo o dia e á noite veio o gigante e disse-lhe:

— Que tens tu, estás doente?

— Não, meu pae, não estou doente, o que tenho é um grande desgosto porque o passarinho verde fugiu.

— Não tenhas desgosto, que eu é que lhe dei licença; mais tarde tu o verás.

Um dia chegou um cavalheiro ao palacio e bateu á porta. Ella disse-lhe que não lhe abria a porta porque não estava lá o pae. Depois veio o pae e levou o cavalheiro para a sala, chamou-a a ella e disse-lhe:

— Este senhor vem a pedir-te para casar, é o principe de tal parte.

Depois trataram do casamento; o gigante era rei de sete reinados e no dia do casamento deu quatro á filha e fez convite para todos os reis irem ao casamento. No dia do casamento o principe apresentou-se todo vestido de verde e ella lembrou-se do passarinho que tinha fugido, o qual passarinho era o principe que estava ali encantado. O principe e a princeza, que já eram reis, subiram, depois do casamento, ao throno, e todos os convidados foram beijar a mão á rainha, onde tambem foram as irmans d'ella e o pae, e quando este ia a beijar a mão, ella recusou a mão ao pae, e a elle deu-lhe um desmaio e cahiu das escadas do throno, e depois aclarou-se tudo. Seja Jesus louvado, que é meu conto acabado.

(Elvas)

O baguinho de milho

Era uma vez uma mulhér e um homem que queriam ter um filho ainda que não fosse senão do tamanho de um bago de milho, e a mulher teve um filho d'esse tamanho, fazendo-lhe assim Deus a vontade. Um dia o filho quiz ir levar o jantar ao pae e a mãe deixou-o, e elle foi com a cestinha. Chegou lá, entregou o jantar ao pae, e elle, o baguinho de milho, foi-se pôr em cima de uma couve, mas veio um boi e comeu-o. E depois elle começou a gritar lá de dentro da barriga do boi:

— Pae, mate o boi, que eu dou-lhe dinheiro para tres ou para quatro.

O pae matou o boi e sahiu o baguinho. E depois o baguinho foi-se a correr mundo, e chegou lá a uma casa onde estavam uns ladrões e disse o capitão:

— Fechem bem as portas não ouça alguem.

E começaram a repartir o dinheiro dos roubos. O baguinho pôz-se no meio da mesa. Um dos ladrões deu-lhe um encontrão, foi ter a uma parêde o baguinho de milho e pôz-se aos gritos:

— Não me empurre, não me empurre!

E pôz-se outra vez no meio da mesa. Feitos os repartimentos, disse o baguinho de milho:

— Ainda falta um quinhão.

Respondeu o capitão:

— Ainda falta um quinhão? Elles já todos teem.

Mas pôz uma bolsa em cima da mesa para quem a quizesse apanhar. Diz o baguinho de milho:

— Não é para quem a quizer apanhar, que é para mim.

E depois foram jantar. Elle tambem quiz jantar e deram-lhe de jantar. Depois o baguinho de milho metteu-se dentro da bolsa e foi rebolando para casa da mãe a dizer ao pae que elle bem lhe tinha dito que lhe arranjava dinheiro para tres ou quatro bois. Depois ficaram muito contentes, e está o meu conto acabado.

(Elvas!

O passarinho verde

Era uma vez um rei e uma rainha e tinham uma filha que nunca quiz namorar; não tinha distracção nenhuma, mais que ir todos os dias ao mirante: um dia viu vir um bando de passarinhos onde vinha um passarinho verde, que, poisando no mirante começou a brincar com a princeza. A princeza estava-se penteando e o passarinho roubou-lhe a fita do cabello e voou. A princeza riu muito. No outro dia, ainda mais cedo, já ella estava no mirante, á espera do passarinho, que veio, poisou no mirante, pôz-se de brincadeira com a princeza, roubou-lhe o pente e fugiu. Ao terceiro dia roubou-lhe o lenço, e nunca mais appareceu em nenhum dia. A princeza começou com um grande desgosto e nunca mais sahiu do quarto. O rei mandou deitar um bando, que toda a pessoa que fizesse rir a princeza lhe dava uma tença Ninguem fazia rir a princeza; um dia foi lá um velho que andou á roda da cama da princeza a fazer-lhe graças para ella se rir, mas a princeza, já muito zangada, mandou pôr o velho fóra do quarto. Quando o velho foi para casa, disselhe a velha, que era a sua mulher:

— «Então, fizeste rir a princeza?»

— «Nem rir, nem chorar».

— «Então vou lá eu amanhã».

A velha no outro dia foi, e no caminho encontrou um muro com muitos buracos á roda.

— «Que *diantre* será aquillo?» disse a velha, «deixa-me ir a ver o que é aquella novidade, para levar á princeza».

Chegou ao muro, assomou, olhou lá para baixo e viu vir um bando de passarinhos onde vinha um verde, a dizer:

> «*Fita, lenço e pente,*
> *Quem me dera agora ver*
> *Quem de mim está ausente;*
> *Tres vezes trema o palacio,*
> *E o palacio não tremeu.*»

A velha ouviu isto e foi-se embora. Chegou lá ao palacio, pediu licença para entrar e depois andava á roda da cama a dizer graças, e a princeza sem se rir, até que a velha se lembrou do muro e disse:

— «Real Senhora, vou-lhe contar uma coisa», e esteve-lhe a contar o que viu.

A princeza começou-se a rir e a dizer:

— «Conta, bôa velha».

Começaram logo a tocar os sinos com a alegria da princeza fallar.

Depois a princeza disse para a velha:

— «Leva-me lá, ao tal muro».

E foram lá.

Depois a princeza olhou para baixo e viu vir o bando dos passarinhos onde vinha o verde a dizer:

> «*Fita, lenço e pente,*
> *Quem me dera ver*
> *Quem de mim está ausente;*
> *Tres vezes trema o palacio,*
> *E o palacio não tremeu*
> *E a princeza morreu*
> *Ou estará presente?*»

— «*Estou presente*» disse a princeza.

Ouviu-se depois um estalo muito grande e o passarinho desencantou se

e appareceu um principe que casou com a princeza, e a velha ficou no palacio.

(Elvas)

O camponez

Era d'uma vez um camponez, que estava n'uma herdade. O rei andava á caça e perguntou-lhe de que vivia:
—Vivo do meu trabalho, com doze vintens por dia; devido os em tres partes, a primeira com os meus velhos paes, que já não podem trabalhar, a segunda com o meu sustento e de minha mulher, e a terceira dou-a a juros, isto é, aos meus filhos. O rei gostou da resposta e disse ao camponez que não dissesse a ninguem como dividia os doze vintens, sem ver cem vezes a cara do rei. Elle assim prometteu. Já no palacio o rei mandou chamar os fidalgos e perguntou se eram capazes de saber quem era o homem que dividia todos os dias os doze vintens que ganhava em tres partes, e como os dividia. Os fidalgos começaram a dar voltas á imaginação até que descobriram quem era o homem e foram ter com elle. Elle não queria dizer de maneira nenhuma como dividia os doze vintens; mas os fidalgos tanto teimaram que elle disse: Só declaro isso se me derem cem moedas d'ouro. Os fidalgos não tiveram mais remedio senão dal-as, e elle disse como dividia os doze vintens. Foram para o palacio e disseram ao rei.

O rei mandou logo chamar o camponez:

—O' maroto! então tu descobriste-te, sem veres cem vezes a cara do rei?

—Vi-a, vi-a, em cem moedas d'ouro que os fidalgos me deram.

—E's muito esperto, disse o rei. E perguntou-lhe que tença queria? E elle respondeu:

—Quero que cada homem que tenha medo das mulheres me dê cinco réis.

—Oh homem! tu queres só isso?

—Quero, sim Senhor, quero, e heide-me governar.

– Pois mando lançar o pregão.

O homem começou a enriquecer com a dança dos cinco réis e já andava de carruagem. Um dia estava o rei á janella e passou elle. O rei mandou parar a carruagem e elle entrou, e o rei perguntou-lhe:

—Como pódes tu estar assim, só com 5 réis de cada homem que tenha medo das mulheres?

Depois o homem começou a contar-lhe que no caminho vira uma princeza muito bonita... N'isto ia passando a rainha e o rei disse:

—Fala baixo, baixo, que vem ahi a rainha.

—Ai, tambem Vossa Real Magestade? Ora salta para cá 5 réis.

E o rei deu-lh'os, e o homem ainda continúa na dança de apanhar 5 réis a cada marido que tem medo da mulher.

(Elvas)

Não me cortes o cabello Que meu pae me penteou.

Era uma vez um homem e uma mulher e tinham uma filha, e o homem e a mulher foram á missa, e a mãe disse para a filha que ficasse para guardar os figos e que não os deixasse apanhar dos passarinhos. A filha foi para a varanda a guardar os figos e deixou comer um e metade d'outro. Quando veio a mãe, ella estava a chorar.

—Então quantos figos comeram os passaros?

—Comeram um e metade d'outro.

—Deixa estar que não m'as ficas perdendo.

Fez uma cova no quintal e disse para a filha que se mettesse ali dentro pois queria semear um batatal do tamanho d'ella. Ella metteu-se, e a mãe deitou-lhe terra para cima e ali ficou. Veio depois o marido:

—Então a Maria?

—Foi para a mestra.

No outro dia:

—Então a Maria?

— Foi a um mandado.

Um dia o marido disse para um creado:

— Vae ao quintal colher herva para os cavallos.

O creado foi e começou a ceifar. Chegou lá a um ponto e ouviu de debaixo da terra:

Não me cortes o cabello
Que meu pae me penteou,
A minha mãe me arrastou,
N'esta cova me deitou,
Por via d'um passarinho.

O creado foi a contar ao amo; o amo mandou cavar ali e appareceu-lhe a filha. Perguntou-lhe quem a tinha ali mettido. Ella confessou a verdade, e elle mandou atar a mãe da rapariga ao rabo d'um cavallo e correu com elle por montes e valles. Está o meu conto acabado.

(Elvas).

As pretas

Era d'uma vez duas pretas e moravam juntas. Uma tinha um filho e a outra uma filha. Depois os filhos foram crescendo e diz uma das pretas para a outra:

— Os nossos filhos já estão muito crescidos e parece mal andarem a brincar os dois juntos e então tu ficas aqui e eu vou morar para muito longe.

E lá foi a comadre Cizerina com sua filha Juliana a morar para muito longe. O *Manel*, o filho da outra preta, nunca mais quiz comer. Dizia-lhe a mãe:

— Anda, *Manel*, toma um caldinho.

— Nan quér, qu ê quér morrê.

A mulher viu-se tão afflicta, que foi a casa da comadre Cizerina e disse-lhe que fosse lá um bocadinho a ver se o *Manel* bebia o caldinho. A comadre Cizerina foi e levou su filha Juliana, e esconderam-se as duas em quanto a mãe do *Manel* lhe foi dar o caldinho.

— Anda, *Manel*, toma este caldinho.

— Nan quér, qu'ê quér morrê.

— Anda, *Manel*, toma o caldinho que está ali a comadre Cizerina com su filha Juliana.

Elle deu uma gargalhada e disse:

— Sempre vocemecê está fazendo rir a gente; dê cá o caldinho.

Tomou o caldinho e pôz-se bom; e aqui está como se preparou o casamento do *Manel* com Juliana, a filha da comadre Cizerina.

(Elvas)

O parvo

Era uma vez uma mulher que tinha um filho que era parvo. Um dia não tinha nada que comer e tinha lá uma carga de lenha e um pato, e deu-os ao filho para vender e disse-lhe:

— Pede tanto pela lenha como pelo pato.

O filho assim fez. Chegou lá a uma villa, estava uma mulher d'um almocreve e o almocreve tinha ido fazer uma viagem, e ella tinha lá um hospede que era um padre. E depois a mulher quiz comprar o pato e perguntou ao rapaz quanto queria por elle.

— O mesmo que pela lenha.

— Mas quanto queres tu pela lenha?

— O mesmo que por o pato.

O padre disse á mulher que lhe désse o que lhe parecesse. E depois o rapaz começou a chorar, e diz-lhe a mulher:

— De que estás a chorar?

— Ainda não comi do meu pato.

— Oh rapaz, então tu vendeste o pato e queres comer do pato?

— Mas é que eu ainda não me aqueci á minha lenha.

Depois o padre disse:

— Deixe-o ficar para ahi, elle é parvo.

Ficou e estava n'aquella lamuria: «Ainda não comi do meu pato; ainda não me aqueci à minha lenha».

Veio o marido, e diz assim a mulher, antes de lhe abrir a porta:

— Então agora como ha de ser isto?

Diz-lhe o padre:

— Ora, escondo-me aqui para este entreforro.

— E então o rapaz?

— Vae tambem.

O rapaz lá no entreforro continuou na mesma lamuria e o homem cá fóra dizia:

— Parece que temos coisa má em casa.

E a mulher dizia:

— E' verdade, já ha bocadinho que estou á ouvir isto e não posso saber o que é. Olha, se queres vou chamar além o padre, o nosso compadre.

— Pois sim, vae.

E esteve contando ao compadre o que tinha em casa. O padre veio e andou benzendo as casas e chegou ao entreforro onde estava o outro padre com o rapaz. O padre sahiu do buraco com o rapaz ás costas e o outro correu atraz d'elle com um pau para bater-lhe, mas o padre aparava as pancadas nas costas do rapaz, que berrava como uma cabra, e safou-se da casa; e o rapaz lá foi para casa da mãe todo choroso. E está o meu conto acabado.

(Elvas)

O baguinho de romã

Era uma vez um homem muito velho e tinha um filho que era muito intelligente e queria ir aprender; depois foi para casa de um homem a aprender artemagía, e o homem foi fazer uma viagem por muitos dias. O rapaz chamava-se João e o homem entregou-lhe as chaves das casas todas e disse-lhe:

— Abre as portas todas menos aquella, porque se lá vaes, morres.

Elle assim que o mestre se foi embora foi a primeira que abriu e viu uma casa cheia de livros. Emquanto o mestre para lá esteve, estudou de noite e de dia e jà sabia tudo. Veio o mestre, elle estava sentado ao sol na varanda e disse-lhe:

— Então, João, que fizeste?

— Estive sentado ao sol.

Depois foi o homem fazer outra viagem ainda por mais dias e elle fez-se n'um pombo e foi a casa do pae esteve-lhe dizendo para o ir buscar a casa do mestre; que elle havia de lhe apresentar uma cesta com uma gallinha e muitos pintos e conhecer d'ali o filho. Que o que estivesse mis encolhidinho, que esse era o filho.

— Veio o mestre e disse-lhe:

— Então, João, que fizeste?

— Ora, estive sentado ao sol.

No outro dia foi o homem buscar o filho, e elle apresentou-lhe a cesta e disse-lhe:

— Se conheces d'ahi o teu filho, leva-o, e se não o conheces fico com elle.

— Oh senhor! então eu trouxe-lhe o rapaz e apresenta-me pintos? Eu não quero pintos, quero o rapaz.

E olhava para os pintos a ver se via o que estava encolhidinho. Estava muito encolhido debaixo da aza da gallinha. Depois elle disse, o homem:

— E' aquelle.

O mestre tirou-o de dentro da cesta e levou-o lá dentro e fez-se n'um rapaz. O homem ficou muito contente e levou-o para casa. E elle disse para o pae:

— Ganha muito dinheiro comigo porque eu já sei a arte toda. Fez-se n'um cavallo, o rapaz, e disse para o pae que o fosse vender á feira e que lhe tirasse sempre o freio. Andava lá o mestre, conheceu logo o cavallo e quiz compral-o. E o homem queria-lhe tirar o freio, mas o mestre não quiz. Levou-o lá para a cavallariça, com o freio, e deixou-o para lá ficar. E depois foi lá um homem a dar agua aos outros cavallos e deu-lhe tambem a elle e tirou-lhe o freio. Veio de lá o mestre todo zangado e vê o cavallo feito n'um rapaz; ia a correr para o apanhar e o rapaz fez-se n'uma rã e saltou logo para a agua; o mestre fez-se n'um sapo para o ir apanhar; elle fez-se n'um pombo e foi voando; o mestre fez-se n'uma

aguia para o ir apanhar, e elle fez-se n'um annel e foi cahir no collo da princeza. A princeza ficou louca de contente e o mestre teve de se ir embora desgostoso. A princeza levou o anel para o quarto e tirou-o do dedo. Fez-se logo n'um rapaz e a princeza ia a gritar e elle disse-lhe que não gritasse, que elle que sabia muita arte. E depois a princeza disse-lhe:

— Já não te vás d'aqui embora; cá te ha de vir de comer, não te ha de faltar nada. Depois o rei adoeceu. Foram lá muitos medicos. O mestre, que soube, foi tambem, feito medico. Depois disse:

— Ponho o rei bom se me der um anel que a princeza traz na mão esquerda.

O rei disse-lhe que sim, e pôz-se logo bom. A priuceza não queria dar de maneira nenhuma o anel. Foi para o quarto e disse ao rapaz o que succedia. E elle disse:

— Não se assuste; primeiro finja que não o quer dar e depois atire comigo ao chão, com o anel, com muita força.

No outro dia foi o mestre, o medico: Que queria o anel. Ella primeiro não o queria dar, depois atirou-o ao chão com muita força e fez-se o anel n'uma romã muito aberta, e o mestre fez-se n'uma gallinha com muitos pintos e comeu a romã, e esqueceu-lhe um baguinho; o rapaz, só do baguinho, fez-se n'uma raposa, e comeu a gallinha e os pintos. E o rei deu-lhe como recompensa casar com a princeza. E casou, e estão muito satisfeitos, ainda hontem á noite lá fui tomar chá, e tão certo como estar o meu conto acabado.

(Elvas)

O compadre Fachica

Era uma vez um preto e uma preta. Eram muito ricos, e o preto morreu. Na frente da preta morava um sapateiro e assim que o preto morreu o sapateiro quiz apanhar dinheiro á preta. A' noite estava a preta sentada á chaminé e ouviu gemer lá em cima.

— Quem é que 'tá ahi?

— Sô eu.

— Quem é tu?

— Sô o compadre Fachica.

— Entã que qués tu?

— Trinta mê rés ó vizinhe sapatêr.

— Vá tu alma escançar, que ámanhã vô pagar ó vezinho sapatêr.

Pela manhã foi a preta e disse:

— Entã, vézinhe sapatêr, mê Fachica devia cá algum tinta mê rés?

— Devia, sim senhora, mas isso não é pressa.

— Pôs aqui tem. qu'ê nã quer qu'o mê Fachica 'teja nas penas do prugatoire.

Na outra noite foi outra vez o sapateiro para cima da chaminé a gemer, e que queria que se levasse 30 mil réis ao vizinho sapateiro. E a preta foi pagar no dia seguinte. Na terceira noite a mesma dança, mas a preta, escamada, brada para o alto da chaminé:

Tanto tinta mê rés,
Tanto tinta mê rés,
O' tu alma vá p'r'ó cé'
O' vá p'r'ó infern'
Já nan pago más dinhêr'
O' vizinhe sapatêr'.

(Elvas)

Eu pequei com um moço

Era uma vez um homem e uma mulher que trabalhavam n'um tear. A mulher era muito beata, todos os dias se ia confessar. Um dia o marido fez-se frade e foi-lhe ouvir a confissão. E ella disse:

Accuso-me, padre,
Que pequei com um moço,
Que pequei com um velho,
Que pequei com um frade.

E depois a mulher quando foi para casa já encontrou o marido mettido

no tear. Foi-se despir para se metter tambem no tear, e começa o marido:

Eu pequei com um moço,
Eu pequei com um velho,
En pequei com um frade,
E dá-lhe que dá-lhe.

A mulher embatucou e ficou muito triste. Foi a casa de uma visinha buscar um raminho de salsa, e veio de lá com o recado ensinado. Quando voltou continuava o marido:

E dá-lhe que dá-lhe,
Eu pequei com um moço,
Eu pequei com um velho,
Eu pequei com um frade.

E ella: Então tu não foste moço? Então tu não és velho? E hoje não foste frade?

Ah! velho, velho, velho,
Que te metto n'um chinello!

(Elvas)

Canta, surron, canta

Era uma vez uma hespanhola que tinha uma filha, e a filha foi á fonte buscar uma bilha d'agua e deixou lá um anelsinho de oiro; depois foi buscal-o. Encontrou lá um pobresinho que a metteu n'um surrão. Depois o pobresinho foi a pedir com o surrão ás costas. Chegava ás portas e dizia:

Canta, surron, canta,
Sinó te matarê.

Respondiam lá de dentro do surrão:

Num surron voy metida,
Num surron morirê,
Por um anelito d'oro,
Que nel pilar quedê.

— Esmola ao pobresinho, dizia o homem.

Chegou lá a uma venda, e a vendedeira, ouvindo o *cante*, mandou entrar o pobresinho. Deu-lhe muito de comer e muito vinho e o velho deixou-se dormir. A vendedeira foi descoser o surrão e encontrou a menina, que contou tudo. O velho foi preso, e a menina foi para casa da mãe. Está meu conto acabado e meu dinheiro ganhado.

(Elvas)

Fezes e postemas

Era uma vez um homem e uma mulher. A mulher comprava paios e morcellas, comprava coisas boas, e quando vinha o marido mettia tudo no oratorio, debaixo do manto de Nossa Senhora, e dizia ao marido que não comia senão meia duzia de amendoas em cada semana, uma amendoa por dia. O homem acreditava. Um dia foi a casa de uma visinha e contou o que se passava. Diz-lhe a visinha:

— Olhe, faça-se vossamercê morto, e esteja a ver o que ella faz.

Elle assim fez. E Depois a mulher tudo era olhar para Nossa Senhora e dizer:

Fezes e postemas
Só aquella gloriosa o sabe.

E conforme podia, lá ia buscar bocados de paio debaixo do manto de Nossa Senhora e comia-os. Até que o marido salta da cama, agarra n'um pau, e ai pai!

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

PROVERBIOS & DICTOS

(Continuado do anno IV, pag. 96)

CCCLXXXVII

Cada um, em sua casa, é rei.

CCCLXXXVIII

Com os santos serás santo.

CCCLXXXIX

Chega-te aos bons serás um d'elles.

CCCXC

Com homem enfadado, poucas razões.

CCCXCI

Com animaes não se lucta, senão com varas.

CCCXCII

Com teu amo não jogues as peras, porque elle come as maduras.

CCCXCIII

O que não vae á eira vae á feira.

CCCXCIV

O coração não falla mas adivinha.

CCCXCV

Velhos... são os outeiros, mas elles dão flôres!

CCCXCVI

Vozes de burro não chegam ao ceu.

CCCXCVII

Morra o gato — morra farto.

CCCXCVIII

Foram palavras que Deus disse: «Adeus mundo, cada vez a peor!»

CCCXCIX

Homem prevenido vale por dois.

CD

Não ha festa nem dança onde não vá a nossa Constança.

CDI

Nem tudo ao mar, nem tudo á terra.

CDII

Um dia mau passadoiro é.

CDIII

Para velhaco, velhaco e meio.

CDIV

Abaixa a terra — abaixa a mazella.

CDV

As feiras fazem-se para quem gosta.

CDVI

Agua de massa, farta a casa.

CDVII

Lua de janeiro não tem parceiro.

CDVIII

— Quem te fez alveitar?
— O mal dos meus burricos.

CDIX

Quem se obriga a amar, obriga-se a padecer.

CDX

Quando Deus queria — do pégo ventava, do norte chovia.

CDXI

Quem gosta come, e quem não gosta *sopeteia*.

CDXII

Quem de empreitada deu — que culpa tenho eu?

CDXIII

Quem se desherda antes que morra, merece levar com uma cachamorra.

(Continúa).

(Da tradição oral, em Serpa)

M. DIAS NUNES.

VOLUME V

ANNO V

N.º 4

SERPA (PORTUGAL), ABRIL DE 1903

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

DIRECTORES:
LADISLAU PIÇARRA
E M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico da educação publica exercida pela imprensa.»

RAMALHO ORTIGÃO.

SUMMARIO:

PREÇO DA ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

EM PORTUGAL, SERIE DE 12 NUMEROS .... 1$200 RÉIS
PARA O ESTRANGEIRO, SERIE DE 12 NUMEROS .... 8 FR.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO
(CADA NUMERO 1 FR.)

PARIS — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
LONDRES — F. FISHER UNVIN, PUBLISHER — 11, Paternoster Buildings.
BERLIN — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

VENDA AVULSO NO PAIZ
(100 RÉIS CADA NUMERO)

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio
Porto — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44
Coimbra — Livraria França Amado
Braga — Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª
Vianna do Castello — Livraria Academica e Religiosa

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*

PREÇO DE 12 NUMEROS 1200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, * * *

PREÇO — 1200 RÉIS

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva A. J. Torres de Carvalho, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.).*

PREÇO — 1200 RÉIS

Anno V — N.º 4 SERPA, Abril de 1903 Volume V

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

VIII

A ria

As redes de arrastar usadas na pesca da ria são *as mugeiras*, *as tarrafas*, *os chinchorros* e *as chinchas*.

Todos estes apparelhos teem o mesmo feitio das *artes de cercar e allar para a terra* empregadas na pesca costeira, e que nós descrevemos detalhadamente quando nos occupámos do litoral; variam uns dos outros simplesmente nas dimensões das *mangas*, comprimento e altura, e nas dimensões do sacco — comprimento e circumferencia de bocca.

As mugeiras alcançam 40^m de comprimento nas mangas e 8^m no sacco; as tarrafas — 35^m em cada manga e 6 de sacco; os chinchorros — 30 a 32^m em manga, e 4 a 5^m no sacco; as chinchas regulam até 12^m nas mangas com o maximo de 3^m de comprimento no sacco.

A manobra d'estas redes faz-se ordinariamente deixando-se em terra o extremo de uma das callas — *o reçoeiro* — e indo a bateira ao largo fazer o lance, trazendo depois o extremo da outra calla — *a mão-de barra* — para a mesma praia, ilha ou sapal onde ficou a primeira. A gente da companha ála então as duas cordas, juntando-as a pouco e pouco á medida que a rede vem vindo, e quando as mangas começam a sahir e a pescaria tem entrado já para o sacco, unem-nas completamente e assim proseguem na faina até o sacco ficar em sêcco.

Abrem-no depois longitudinalmente, cortando ou desfazendo uma cosedura de fio na juncção dos pannos da rede que formam o sacco, e extrahem-lhe a pescaria por meio de enxalavares.

A's vezes empregam uma outra bateira convenientemente fundeada, para ficar com o *reçoeiro*, e fazem então a manobra toda do lance independentemente da terra. E' isto porém pouco vulgar, porque á excepção das mugeiras — que demandam sempre duas a tres bateiras, para alliviar as mangas e levantal-as afim de ellas não mergulharem, apesar da cortiçada, e deixarem passar o peixe por cima, quer a nado, quer saltando, como succede com a tainha — todas as demais redes d'arrasto fazem perfeitamente os seus lances só com um barco.

A mugeira tem tambem um emprego muito limitado, não só por ser rede que fica cara — cerca de réis 150$000 a 220$000 — como ainda

exigir muito pessoal — 15 a 20 homens.

A tarrafa está quasi nas mesmas condições, de maneira que a pesca das varredouras reduz-se, a bem dizer, aos chinchorros e ás chinchas.

As companhas do chinchorro compõem-se em media de 6 homens, um dos quaes é o arraes, e sendo muitas vezes um ou dois dos companheiros, rapazes de menos de 17 annos — afim de ficar o serviço mais barato e a pesca mais rendosa.

As companhas da chincha constam geralmente de dois homens e um rapaz, para as maiores, e um homem e dois rapazes nas mais pequenas.

Dos chinchorros, são uns propriedade do proprio arraes da companha, assim como o é tambem o barco em taes casos, e pertencem outros com barco e demais utensilios a individuos que entram na exploração d'estas pescas como simples capitalistas, avultando em tal mumero os arraes da pesca maritima, especialmente os naturaes da Murtoza.

O pessoal vence, regra geral, as partes ou quinhões, pertencendo um quinhão ao arraes, um a cada companheiro, quinhão e meio a dois, ao dono do barco e apparelhos, e tres quartos, meio ou um quarto a cada rapaz, conforme a edade e o trabalho que presta na companha.

A pescaria faz-se ordinariamente nas occasiões em que a agua corre pouco, perto dos preamares ou baixamares, e de noute, porque é então mais productiva em consequencia do peixe estar mais parado e não poder ver as redes.

Ao raiar do dia, parte da companha salta para qualquer praia onde estende a rede a enxugar, e dois ou tres vão no barco levar a pescaria ás praças de Aveiro ou Pardelhas onde geralmente teem pessoa encarregada de a vender e pagar o imposto ao fisco.

Do producto dos lances tira-se quasi sempre a caldeirada para a companha, sobretudo quando não abunda a sardinha na costa, e os que ficaram a estender a rêde, acabado este serviço, espetam uma das varas da bateira, muito obliqua, no solo, pendem-lhe a caldeira na extremidade, racham tres ou quatro achas de pinho que trouxeram comsigo e cosinham, esperando muitas vezes o regresso dos companheiros. A' tarde fazem novamente o lume, em terra ou a bordo do barco, para o que trazem na prôa um caixote com areia que lhes serve de lareira.

D'ordinario dormem entre o almoço e o jantar e é depois d'esta refeição que começa a verdadeira faina.

As companhas partem usualmente de casa á segunda feira, trazendo comsigo brôa, azeite, alguns temperos e lenha — o que é todo o seu avio para a semana — e regressam quasi sempre no sabbado, mais tarde ou mais cedo, sendo raro as que só retiram no domingo de manhã, porque os pescadores querem ouvir missa n'este dia, e d'ordinario tal cerimonia tem logar muito cedo, especialmente na Murtoza, sendo ainda para notar que raro é o que vae para a egreja sem ter feito a barba e vestido roupa lavada, compondo-se o melhor que póde.

E' ao fim da semana que se faz a divisão do producto da pesca, e se concorda em proseguir a companha unida na exploração, ou separar-se alguem, ou porventura dissolver-se por completo.

E' muito variavel o rendimento dos chinchorros, já pelas epochas do anno em que se faz a pesca, pois d'umas para outras differe bastante a abundancia piscicola, já porque nem em todas as semanas ha boas marés de pesca durante a noute, já porque a fortuna pende ás vezes de tal fórma para os botirões que parece entrar para aquelles saccos mergulhados todo o peixe que acode á ria.

Ainda assim o calculo para o vencimento de cada companheiro do chinchorro, avaliando pelo melhor, não póde dar mais de 1$500 réis por se-

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Aveiro — As salinas junto ao esteiro de S. Gonçalo

mana, como média das epocas mais favoraveis ao exercicio d'estas redes.

O chinchorro apanha, com a sua malha minima de $0^m,003$, na *cuada do sacco*, todo o peixe que conseguir ensaccar e faz portanto grande destroço nas creações além de assolar pelo arrasto todos os fundos por onde passa.

Em todo o caso como elle é principalmente empregado para a colheita de peixe proprio para alimentação, como os lances nunca são dados com o fim unico de apanhar *escasso*, o chinchoro não é o apparelho nocivo e devastador da ria que á primeira vista parece ser.

Se considerarmos ainda que durante uma grande temporada do anno os fundos da ria são constantemente revolvidos e esgaravatados pelos ancinhos dos moliceiros na colheita da alga marinha, não podemos deixar de ver que pelo menos na epoca propria da apanha do moliço, o uzo do chinchorro é relativamente inoffensivo.

As chinchas seguem pouco mais ou menos a norma de exploração e o systema economico de retribuição de trabalho que descrevemos para o chinchorro, differindo apenas em se dedicarem muitas d'ellas, a maior parte por certo, á apanha do *escasso*, desde que lhes falte pescaria propria para consumo alimentar.

São estas as varredouras mais perniciosas á fauna da ria, porque trabalhando durante todo o anno e em todos os sitios, largos ou estreitos, de muito ou de pouco fundo, fazem os lances principalmente para obterem escasso, sendo a verdadeira pesca uma colheita incidental ou casual para taes redes.

Algumas companhas de chincha— talvez 30 a 40 em toda a ria — são formadas por desgraçados que não teem outro meio de ganharem o triste alimento, constituindo mesmo a bateira para muitos d'elles a unica habitação que possuem. Estes, além de alguma enguia para a caldeirada, pescam exclusivamente a creação para adubo das terras, e vão arruinando e devastando miseravelmente a unica fonte d'onde podem tirar a sua subsistencia.

E'precisamente esta colonia de párias — velhos de avançada edade, invalidos, etc. — que parece se impõe ao espirito de todos os que teem pensado, ou querido pensar, na reforma das industrias exploradoras da ria, e que servem portanto de escudo aos apreciadores da rotina actual.

*

* *

A *birbigoeira* como o nome indica é o apparelho da apanha do birbigão, marisco identico á ameijoa mas de muito menos apreço.

Consta de um ancinho de ferro com cabo de madeira sufficientemente comprido para attingir o fundo da ria nos canaes ou calles de maior altura d'agua.

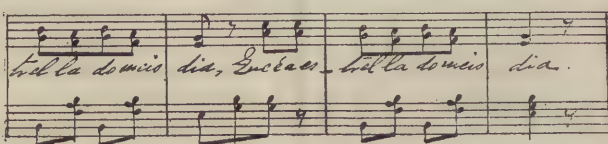
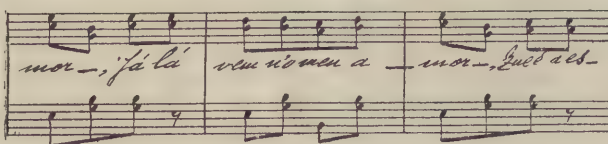
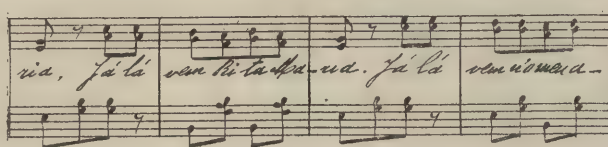
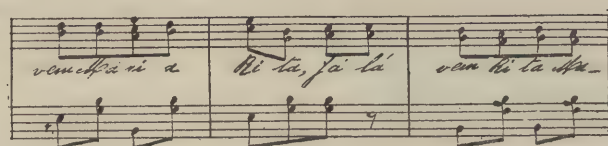
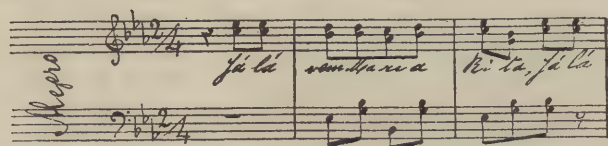
Por cima do travessão dos dentes tem um arco de ferro ao qual se adapta ou cose um pequeno sacco de rede de cerca de 1^m de comprimento, o qual recebe os birbigões á medida que os dentes os vão arrastando e empilhando. Empregam-se n'este mistér os mercanteis estabelecidos á beira da ria em S. Jacintho, porque é ali precisamente o ponto em que abunda o molusco, e além d'estes acodem principalmente á exploração do birbigão meudo pescadores da Murtoza que o vão depois vender na ribeira d'Ovar aos lavradores de todo aquelle concelho para adubo agricola.

Como se vê, a preoccupação pelos estrumes domina todos os ramos da pesca da ria, não havendo um unico que deixe de estar desmoralisado pela influencia usurpadora da industria agricola.

O birbigão é comestivel e constitue uma alimentação regular e barata, o que seria de valioso recurso para as classes menos abastadas em tempos de escassez, se a sua colheita se fi-

CANCIONEIRO MUSICAL

IV

MARIA RITA

Musica recolhida por D. Elvira Monteiro

(DESCANTE)

zesse moderadamente, muito embora se vendêsse para os lavradores o que sobrasse do consumo publico.

A unica especie de molluscos que hoje possue a ria é a do birbigão, tendo desapparecido por completo a ameijoa e acontecendo pouco mais ou menos o mesmo com o mexilhão, devido aos abusos da apanha e ao despreso em que sempre se teve a sua cultura.

E' sabido que este marisco — o mexilhão — constituia demais a mais, pelo seu sabor particularissimo, a primeira especialidade dos productos d'esta região e levava longe o nome da cidade d'Aveiro.

A cultura da ostra foi aqui intentada por mais d'uma vez e com resultados promettedores, mas a breve trecho foram sempre assoladas as ostreiras pela rapacidade dos apanhadores exhaurindo-as totalmente. Hoje é rarissimo encontrar-se uma ostra na ria.

Resta pois o birbigão e esse em quantidade insignificante relativamente à grandeza da area propria para o seu desenvolvimento, que a ria offerece.

Precisando o mollusco de uma salsugem d'agua muito aproximada da do mar, a zona onde elle se pode crear limita-se aos canaes confinantes com a barra, e assim a 5 kilometros acima da entrada do porto, pela calle de S. Jacintho, já é raro encontral-o.

Não é possivel precisar o valor d'esta exploração, porque faltam todos os elementos para isso: a maior parte do birbigão apanhado em S. Jacintho pelos marinhões — gente da Murtosa — não passa pelo posto fiscal d'Ovar, vae directamente para as malhadas ou desembarcadouros dos proprios lavradores que o compram, tendo já feito previamente encommenda da barcada do marisco ao pescador.

Ainda assim o minimo actual do valor da producção calculo-a em 3:600$000 réis por anno, correspondentes a 3:600 barcadas ao preço de 1$000 réis, exploradas por 20 barcos em 180 dias do anno.

A gente de Aveiro e Ilhavo — homens, mulheres e rapazes — costumam tambem fazer a apanha do birbigão á mão, percorrendo a pé as praias e sapaes mais proximas da entrada da barra. Carregam-no depois em barco ou trazem-no em canastras á cabeça para o mercado, sendo sempre para consumo alimentar o mollusco assim colhido.

E' porém pouco frequente esta exploração porque só quando ha grande abundancia nos bancos amontoados nos fundões é que o marisco se evoluciona e espalha pelos espraiados, e tal abundancia só raramente póde ter logar em consequencia da colheita desordenada e intensa feita em bateira.

«Ha annos, diz o sr. Fonseca Regalla na sua obra já citada, uma canastra de birbigão graúdo com a quantidade precisa para alimentar uma familia de pescadores n'um dia custava 20 réis; hoje custa 120 réis.»

E é preciso ainda notar que apesar do preço elevadissimo, difficilmente se póde encontrar hoje no mercado o birbigão graúdo, já não digo de $0^{m},045$ e $0^{m},05$ que era muito vulgar apparecer d'antes, mas mesmo o de $0^{m},03$, porque os marinhões não lhe dão tempo de crescer e é precisamente a concha meúda a que é mais preferida para o estrume por mais facilmente se desfazer na terra fornecendo assim este adubo-iodo, phosphoro e cal.

A fisga é um apparelho de pesca que differe do conhecido tridente apenas em ter um grande numero de dentes — 10 a 20 — acabando todos em ponta de farpa, e que opera por cravação no solo onde colhe as especies que se conservam commummente abrigadas e quedas — solhas, linguados e enguias.

Cada pescador manobra uma fisga em cada mão, e emquanto a bateira

deriva lentamente sem remos nem vella, vão estes apparelhos — ás vezes 10 e 12 em cada barco — destruindo fundos e abrigos, espantando, trucidando, aniquilando embryões e ovos.

E' muito nociva pela constancia e larga escala em que é usada; é hoje um petrecho quasi inherente a todos os barcos quer de pesca, quer moliceiros, quer de fretes. Manobrada habilmente, explora em pouco tempo uma grande area submarina, revolvendo-a a grande profundidade, e colhe dimensões minimas em grande abundancia, sendo a par d'isto apparelho insuficientissimo para de per si só poder remunerar convenientemente o pescador.

A bolsa do caranguejo — é uma variante da pesca á linha em que o anzol se substitue por uma bolsa ou sacco espherico de rede de um palmo de diametro.

Esta bolsa enche-se de *carnada* ou isco — sardinha geralmente — e o crustaceo deitando-lhe as presas agarra se á comedoria vindo assim içado até á flor d'agua, occasião em que o pescador lhe mette por debaixo um pequeno enxalavar para dentro do qual o sacóde então.

A's vezes, bateiras tripoladas por dois rapazes, conseguem em sitios onde o caranguejo se amontôa, e com seis ou sete bolsas n'agua, fazer uma diaria de 800 réis a 1$000 réis, nas epocas de sementeira quando o lavrador mais procura os adubos marinhos.

E' muito usada pelos pescadores d'Aveiro e Ilhavo.

JAYME AFFREIXO.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

MARIA RITA

Já lá vem Maria Rita,
Já lá vem Rita Maria,
Já lá vem o meu amor
Que é a estrella do meio dia.

Serpa.

ELVIRA MONTEIRO.

SOBRE O USO DO BIÔCO

O NORTE de Portugal passa geralmente por sêr eminentemente conservador, mas houve um uso no nosso paiz e que foi provavelmente geral, que só recentemente desappareceu, segundo julgo, no Algarve, de baixo de pressão de severas ordens policiaes.

Refiro-me ao *biôco* ou *rebuço*. Pretende-se que este uso vem directamente dos tempos arabes, mas sem negar abertamente essa affirmação, observo que no seculo XVI é que se generalizou em Portugal o uso de mascara e outros disfarces, posto já nas cortes de Evora de 1481-82 os povos se queixassem de um costume que *se husa ora* dos homens se embuçarem nas viagens, de forma a não se lhes vêr senão os olhos.[1] Noto mais que no norte de Africa nem todas as mulheres muçulmanas trazem o rosto resguardado pelo veu, sendo essas as que pertencem á antiga população africana (barbarescos), justamemte a que teve mais contacto com a população hispanica, entre todos os povos islamitas immigrados. A nossa mais antiga legislação que procurava distinguir por meio de signaes bem visiveis os adeptos das tres religiões poderá, por ventura, consentir que as christans adoptassem um uso tão caracteristicamente arabe como o de velarem as mulheres o rosto? E' natural que as mulheres, nas prolongadas viagens daquellas eras, e com muito maior razão de que os homens, quisessem defender a branca *cutis* dos assaltos desrespeitosos do sol e pouco a pouco o *biôco* fosse sendo aplicado mesmo em pequenos passeios.

Em 1626, numa carta do secretario de estado, Christovão Soares, relativa ao biôco, diz-se «tomando par-

[1] Sobre a porohibição de andar embuçado, veja-se Figueiredo, *Synopse Chronologico* I, 303; II, 131.

ticular informação dos excessos que tem causado esta introdução». O que parece dar a entender que o uso do rebuço fôra recentemente introdusido em Portugal.

Em 1644 foi prohibido o uso em Lisboa. A carta de Christovão Soares e a consulta do Dezembargo do Paço, que defende o uso referido, com apoio nos Santos Padres, vão impressos adiante e por esses documentos verá o leitor como as opiniões das autoridades variam com os tempos.

N' *A Tradição*, III, 120, publica a sr.ª D. Maria Velleda um interessante estudo sobre o biôco no seu agonizar, e no *Branco e Negro*, II, 237, inseriu o sr Alberto Pimentel um trabalho illustrado sobre rebuços, biôco e mantilhas.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

«Parece qne ainda agora se não deve de fazer lei em que se mande que as molheres não andem rebuçadas e de todo cubertas.

A 1.ª razão he porque cuidarem nesta forma de sua natureza he acto de honestidade e modestia nas molheres e por tal o louvão os Sanctos quando ponderão o caso de Rabeca *Genesis* 24, n.º 65, que vindo de Mesopotamia se cobrio, e embuçou antes que chegasse a casa de Isac, e o caso de Sara, a quem o Rey de Gerara, *Genesis* 20, n.º 16, deu dinheiro para comprar manto e se cobrir de maneira que ninguem lhe visse o rostro, como se tira daquellas palavras, *hoc sit tibi in velamen oculorum ad omnes gentium sedet*. E tirar todo este resguardo absolutamente parece que he tirar huma cousa que tem decencia natural e politica.

A 2.ª razão he porque ainda que deste bem usem alguas molheres mal para tomarem ouzadia d'irem a partes a que não ouzarão se forem descubertas he regra comum dos doutores que o abuzo do bem não ha de ser causa de se tirar esse bem porque d'outra maneira fora necessario tirarem se os sacramentos por no uso delle acontecerem desordens como cada dia acontecem nas confissões e nos sacerdotes que dizam missa em peccado mortal e em os homens ordinarios que tomão occasião na frequentação das igrejas e uso dos sacramentos para effeito de suas pretenções.

A 3.ª razão he porque ainda que os Doutores dizem que se podem fazer leis prohibitivas de actos indifferentes, todos aiuntão que estas leis se não devem de fazer se não em caso em que os taes actos indifferentes pella mayor parte se costumem a fazer com desordem e inconvenientes porque as leis não se fazem por pessoas determinadas, senão para toda a comunidade *jux. Leg. Sura 2, tit. de legibus* e o mostram tambem Aristoteles *Lib. 6. Ethicorem*. D. Thomas 22. q. 50. ar. 1.º ad 3.um E daqui concluye Cayetano *ad citum locum* D. Thome. Soto *Lib. 1 de justitia q. 1.º art. 2.º* Antoninus *1 p. tit. 11 cap. 2.º* § *1.º* Castro *lib. 1. de leg. pena li cap. 1.º* que se não hão de pôr leis prohibitivas destes actos indifferentes senão por inconvenientes e desordens que se achem na mayor parte da Republica e até agora em Portugal se não achem que estes desmanchos e desordens seião vulgares porque ainda que aconteção alguas vezes, não são na mayor parte das molheres.

A 4.ª razão he porque os outros Reinos em que esta lei parece mais necessaria não esta ate agora posta, e pôl-a em Portugal he pôr nota e mostrar que estamos câ mais perdidos sem o estarmos.»

«Por carta de Sua Magestade
de 26 de fevereiro de 1626.

Vi as consultas do conselho d'Estado e Desembargo do Paço que me inviastes com nossa carta e tornão com esta, sobre se prohibir que as molheres não andem tapadas. E porque nesta materia concorrem circumstancias de muita consideração me parecer encomendarvos que vos e os Con-

selheiros d'Estado cada hum por si a tornareis a considerar e as conveniencias ou inconvenientes que pode haver quando se houvesse de proceder na prohibição della, tomandose particular informação dos excessos que tem causado esta introducção assi em geral como em particular. E depois de ponderado bem o negocio por cada hum dos ditos Conselheiros se tornará a conferir tudo por elles em conselho de Estado e me consultarão o que parecer.

Este capitulo se manda a V. S. para o ter visto, e como V. S. tever cuidado a materia o mandará avizar para se chamar a conselho. Guarde Nosso S.or a V. S. 12 de março de 626.—Christovão Soares.»

«Em o anno de 1644 se lançou pregão que nenhua molher andasse embuçada em Lisboa com penas graves e se executão, postc que se não estendeo pello mais Reyno.»

(Archivo Nacional. Cod. 116, fls. 712).

As herdades [1]

Em geral os campos do Alemtejo, á parte os arredores das povoações, são divididos em grandes tratos de terreno que se denominam *herdades*. Por via de regra, cada herdade ou grupo de herdades annexas sustenta uma exploração agricolo-pecuaria chamada *lavoira*. O dono da lavoira conhece-se pelo nome de *lavrador*, accrescentando-se-lhe o subtitulo de *rendeiro* se as herdades que disfructa são propriedade de outrem a quem elle as arrendou. O lavrador typico alemtejano é o lavrador rendeiro. Ao proprietario da herdade, que não é lavrador, chama-se-lhe *senhorio*.

[1] São do interessante livro *Travez dos Campos*, de que breve nos occuparemos, os trechos sobre as herdades, que hoje publicâmos na *Tradição*.

O conjuncto das herdades que constituem uma lavoira, designa-se por *cómmodo*. A séde do *cómmodo* é o «monte», que assim se chama a casa de habitação de qualquer herdade. O monte escolhido para séde do grangeio, acommoda em si o *casco* da lavoira, isto é toda a *ucharia*, representada por mantimentos, cereaes, forragens, alfaias agricolas, animaes domesticos, etc., etc.

Das herdades em que se não installam centros de lavoira por estarem distantes da que o lavrador escolheu para esse fim, diz-se que andam de *cavallaria*.

Das que se annunciam para arrendamento, e que ficam por arrendar, usa-se dizer: — «estão á vara».

Todas as herdades teem nome proprio, algumas bastante adulterado. Exemplo: Meimôas por Amimmôas; Alvaro Annes por Alvaranha; Cochixólla por Quexólla.

O nome de muitas deriva dos primitivos possuidores. Exemplo: os Falcatos; a do Brito; a do Chaves; a do Pinto; monte dos Frades; a da Misericordia; etc.

De uma sei que, pelo facto de ha seculos estar arrendada a descendentes do antiquissimo rendeiro, o vulgo só a conhece pelo appellido de familia dos arrendatarios e não pelo proprio que é egualmente o do senhorio. E' a Torre do Siqueira, conhecida por Torre do Picão.

Outras distinguem-se pelo diminuitivo da herdade visinha mais em evidencia. Exemplo: Alcobaça, Alcobacinha, Paço, Passinho, Cangoas, Cagoinhas, etc.

E' frequente haver duas contiguas com egual nome. Exemplo: Pereira de Cima, Pereira de Baixo, Abegoaria de Cima, Abegoaria de Baixo, etc.

Na nomenclatura das herdades, assim como se notam nomes extravagantes e singulares, tambem se registam outros vulgarissimos a ponto de se empregarem em duas ou tres do mesmo concelho. Nos vulgares predominam as «Pereiras», os «Azi-

nhaes», as «Casas Brancas», os «Reguengos», etc. Ha tambem muitas Torres, que se distinguem por subtitulo qualificativo. Exemplo: Torre do Mouro, Torre de Palma, Torre das Arcas, Torre dos Clerigos, etc.

Topographia. — Como em quasi todo o Alemtejo, as herdades da região elvense abrangem vastas planicies e encostas de terrenos cortadas pelo rio Caya e seus affluentes, como Algalé, Torrão, Cayolla e Varche.

Todos deixam de correr no rigor do estio apesar de o primeiro ser caudoloso no inverno. O Guadiana, onde afflue o Caya, ainda banha extensos e fertilissimas varzeas servindo de baliza a Portugal e Hespanha.

As margens do Caya, e as de varios ribeiros são em parte guarnecidas de frondosos aloendros, muito floridos em junho e julho. Com flores aos cachos, occultando a ramagem, transformam-se então em lindas roseiras, de faxas encarnadas, a contrastarem com a vegetação visinha secca ou amortecida pelos calores estivaes.

A's planicies que ficam a Leste, entre Elvas e Badajoz e aquella cidade e Campo Maior, chamam se-lhes *barros* em virtude do solo ser em geral bastante argiloso.

Estes campos, nús e seccos no fim do verão, são singularmente propicios á cultura cerealifera que n'elles se explora com vantagem e em larga escala. E porque elles dão trigo e cevada em abundancia, entende-se com justo criterio que não vale a pena arborisal-os ou utilisal os com outra cultura mais dispendiosa e menos lucrativa.

E' isto o que o bom senso aconselha, embora não agrade aos extranhos que os atravessam no caminho de ferro em agosto, por occasião dos touros em Badajoz. A esses viajantes, ao notarem a apparente esterilidade d'aquella zona, por vezes temos ouvido commentarem assim: «Que vergonha haver ainda em Portugal tanta terra inculta!...» «Que deserto!...» «Nem uma arvore, sequer!...» «Este Alemtejo é peior que a Africa!» E por aqui fóra com dislates semelhantes, sem suspeitarem que o que se lhes afigura «um vergonhoso deserto inculto», é terra excellente, semeada quasi todos os annos. E' nada menos que a terceira região cerealifera do paiz, produzindo annualmente alguns milhares de moios de trigo e outros cereaes e legumes!.. Aqui está um exemplo frisante da consciencia com que se faz a critica em Portugal.

Para o sul e poente apresentam-se terrenos de natureza diversa, vendo-se herdades de montados de azinho e algum sobro; simultaneamente produzem cereaes e pastagens. Ao noroeste e norte observam-se planicies e encostas de terrenos mais *delgados*, de analogas producções, que se prolongam até aos limites de Barbacena, S. Vicente e Ventosa, com a visinha freguezia de Santa Eulalia, vasta zona um pouco accidentada, granitica e arenosa. As herdades aqui são as maiores do termo. Ao norte, nordeste e leste de Santa Eulalia, os *montados* estão velhos e caducos, quasi extinctos, sem arvoredo novo que os substitua. Ao sul e poente escasseiam, e ao sudoeste ostentam-se vigorosos, com tendencia a augmentarem pela creação expontanea de milhares de chaparros.

O terreno é, como já vimos, essencialmente arenoso, produzindo bem em centeio e pastagens de bamburral. As *folhas* das herdades, estas, são cortadas por valles pantanosos, na maior parte incultos; n'outras essas arroteiam-se e esgotam-se para melanciaes e meloaes, semeiando-se-lhes trigo, cevada e aveia no outomno seguinte.

Por este processo bastantes se teem «mettido a pão» nos ultimos tempos, e com vantagem, sobretudo nos annos seccos ou de pouca chuva.

De qualquer maneira as herdades a que nos vimos referindo estão limpas de mattagaes, se exceptuarmos

pequenissimas nodoas de esteva em terrenos inferiores da freguezia de Terrugem e o piornal basto de certas folhas do Reguengo de Barbacena.

Tudo mais encontra-se livre de manchas não havendo terras que se possam considerar incultas ou maninhas. As moitas de piorno e giesta, que muitas havia, em maior ou menor escala, e que outr'ora constituiam couto de caça e feras, estão reduzidas a proporções minimas, quasi nullas. Das que ainda existem, só medram nos arrifes pedregosos, inaccessiveis á lavoira. Isto, entende-se, tudo que respeita as herdades do concelho d'Elvas. Nas dos outros concelhos visinhos, ainda ha extensos matagaes de carrasco, piorno e outros arbustos silvestres, principalmente nos termos de Arronches e Campo Maior.

No de Arronches, na herdade da Chainça, persistem enormes manchas de esteva, (xara) medronheiro, aroeira, joina, mortinheiro, alecrim, etc., que dão uma feição selvagem áquella zona agreste, ainda habitada por javalis e lobos.

Resumindo: as herdades do Alemtejo, analysadas de relance sob um ponto de vista geral, constituem vastissimos horisontes em que, a par dos arvoredos de azinho e sobro nos terrenos «dobrados» e montuosos, se vêem planicies enormes applicadas ás culturas cerealiferas ou a pastagens para gados manadios.

De verão a agua escasseia em quasi toda a parte, encontrando-se apenas de longe em longe nos *pégos* das ribeiras maiores, n'um ou n'outro poço e nas nascentes que regam as hortas.

Por esta circumstancia as terras transtaganas tornam-se aridas e monotonas no rigor do estio, tristes no inverno e floridas na primavera.

Entre abril e maio a natureza perde o tom severo que a caracterisa para se exhibir sorridente e engalanada com o verdejar opulento das searas, que se estendem pelos campos fóra, e com a matisagem das flores que realçam aos montões nas pastagens dos pousios: quadro festivo de pouca duração que se perde aos primeiros calores de Junho.

Em cada herdade de vulto, geralmente, existem as edificações proprias e indispensaveis á exploração da lavoira. Passando-as em revista, encontram-se: o «monte» e suas dependencias, a eira ou eiras para debulha dos cereaes, o bardo das cabras e as malhadas dos porcos em numero de duas ou mais, cada qual em folha differente.

Em algumas existem atalayas antigas, que o povo attribue ao tempo dos mouros. Afigura-se-me crença erronea, pelo menos em parte. De uma d'estas atalayas erguida na herdade de Almeida, freguezia de Santa Eulalia, sabe-se que foi construida á custa da municipio d'Elvas, no tempo da guerra da restauração, e a requerimento dos habitantes da aldeia, com o fim de estabelecerem vigias que os avisassem das invasões dos hespanhoes visinhos, então frequentes, com mira em roubos e devastações. Mas voltemos ao assumpto principal.

Perto do monte, como accessorio util hastante apreciado, cada herdade de vulto tem em geral annexa uma horta ou quinta e, por vezes, olival e vinha. Esta ultima é comtudo rarissima. A's terras que cercam o «monte» chama-se-lhes ferregiaes. Semeiam-se todos os annos, por serem adubados com os estrumes das cavallariças e lixo da limpeza. São os *monturos*, como se diz em certas escripturas de arrendamento. Convem notar que em herdades atravessadas por ribeiros de importancia existem, nas margens respectivas, moinhos, azenhas, hortas e quintas, que pertencem a senhorios extranhos e diversos.

Os habitantes d'estas vivendas manteem as melhores relações com o visinho lavrador, de que precisam. Em geral obteem d'elle terras para semearem pequenas searas, de que pagam *quarto* ou *quinto*, e ainda a concessão gratuita ou onerosa de lhes

consentirem os *vivos* nas terras do seu cómmodo. Pelo termo de «vivos» designam-se genericamente os gados e aves que possuem: — umas bestitas quaesquer, alguns porcos, uma ou duas ovelhas, gallinhas, patos, perús, etc.

(Elvas).

JOSÉ DA SILVA PICÃO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(Recolhidos da Tradição oral)

As macacas

Era d'uma vez um rei que tinha tres filhos e um d'elles era marranita. Todos queriam casar, mas o pae disse que fossem correr mundo, e que, dos tres, casaria aquelle que trouxesse a bacia mais bonita. Partiram e chegaram lá a um ponto onde havia tres estradas e cada um foi para seu lado. O marranita foi andando, andando, e foi ter a um palacio. Vieram abrir-lhe a porta muitas macacas, e uma muito pequenina não o largou mais. Puzeram a mesa para o marranita comer, mas elle poz-se a chorar. Diz-lhe a macaquinha:

— Então porque está a chorar?

— Ora meu pae quer que eu lhe leve a bacia mais bonita que houver.

— Não chore, aqui tem o caco das gallinhas.

E quando elle se foi embora metteram-lhe o caco das gallinhas no alforge. Chegou lá ao sitio e já vinham os outros irmãos com umas bacias muito bonitas, e o marranita muito triste porque só levava o caco dcs gallinhas. Foram os tres para o palacio. Estava lá muita gente, muitos fidalgos. O primeiro que se apresentou foi o mais velho, depois foi o outro e o terceiro foi o marranita. Apresentaram as bacias, sendo a do mais velho de bronze e a do outro de prata, mas o marranita não se atrevia a apresentar o caco das gallinhas. O rei teimou com elle, zangou-se, e o marranita viu-se obrigado a saccar o caco das gallinhas que se transformou n'uma formosa bacia d'oiro. O rei disse para os outros que quem casava era o mrraanita. Elles responderam que não, pois ainda faltava a toalha. Pois que fossem novamente correr mundo e que casaria quem trouxesse a melhor toalha. O marranita correu logo ao tal palacio das macacas, e a macaquinha deu lhe a rodilha da chaminé. Chegou o marranita ao sitio e já lá estavam os irmãos com toalhas muito ricas. Foi tirar a rodilha da chaminé para a mostrar aos irmãos e encontrou uma toalha côr da rosa. Foram para palacio. Todas as toalhas eram bonitas, mas a do marranita era a melhor.

— Não ha remedio, disse o rei, quem casa é o marranita.

E encarregou-o de escolher noiva e de a apresentar em palacio dentro de tres dias. O marranita correu logo a casa das macacas, para ellas lhe escolherem a noiva.

—Vou eu, disse a macaquinha.

Poz-se á porta um carro de cortiça e elle metteu-se dentro com a macaquinha, e as outras macacas e ursos tudo a tocar em instrumentos atraz do carro. Chegaram ao tal sitio e estavam lá os irmãos e fizeram grande mangação d'elle. Elle zangou-se, apeou-se do carro e foi beber agua á fonte; quando se voltou, já não viu os irmãos, mas viu tudo transformado: as macacas e os ursos eram princezas e principes e e macaquinha era a princeza mais bonita. Os dois irmãos iam a caminho do palacio dizendo:

«Ora o marranita, a trazer uma companhia de macacas!»

E riam muito; mas ficaram com grande inveja quando viram chegar o marranita com a sua noiva, no meio de muitos principes e princezas e n'um carro todo d'oiro, e serem recebidos pelo rei com grandes honras. Casou o marranita, e acabou-se o conto das macacas.

(Elvas)

O diabo tambem não é mau...

Era d'uma vez um sapateiro muito pobre e um dia comprou uma cautella e sahiu-lhe a sorte grande. O homem ficou muito contente e mandou construir um palacio com umas escada de 365 degraus. O homem que a fez enganou-se e fez 366 degraus. Depois foi um pintor a pintar as escadas com as imagens de todos os santos, mas chegou ao ultimo degrau e não sabia o que havia de pintar, sobrava lhe um degrau, e foi ao amo a perguntar lhe o que havia de fazer.

— Que pintasse o diabo, respondeu o homem.

O pintor assim fez, pintou o diabo. Depois um criado ia todos os dias acender uma lanterna ao santo d'esse dia; chegou ao ultimo degrau e foi perguntar ao amo se queria que pozesse a lanterna tambem ao diabo.

O amo disse que sim, pois o diabo não fazia mal a ninguem, e o criado pôz a luz ao diabo.

Ainda sobrava muito dinheiro ao homem da sorte grande e quiz fazer uma viagem. Arranjou um companheiro e foi. Esteve por lá muitos annos com o companheiro e d'uma vez, quando ia d'uma terra para outra, disse-lhe o companheiro:

Então não trouxe nada para comermos?

— E' verdade, esqueceu-me.

— Então vamos aqui a uma estalagem.

Perguntaram se havia alguma cousa para se comer, e disseram-lhes que havia só uns ovos.

— Pois venham os ovos.

Estiveram comendo, e não os pagaram por esquecimento. Quando chegaram lá áquella terra lembraram-se de que não tinham pago os ovos.

— Deixal-o, á volta pagaremos. Quando voltaram foram á mesma estalagem e estiveram a comer, e quando acabaram disseram para o estalajadeiro:

— Não nos conhece, não é verdade?

— Não conheço.

— Então não se lembra de uns sujeitos que ha dias aqui estiveram a comer ovos fritos?

— Lembro-me, é verdade.

— Pois esquecemo-nos de pagar então os ovos, e agora queremos pagal-os.

Disse-lhe o estalajadeiro:

— E os senhores trazem dinheiro que chegue?

— A quantia não deve ser tão grande, que não nos chegue o dinheiro.

O homem pediu um despropósito pelos ovos. Elles ficaram assustados e o estalajadeiro disse:

— Então, dos ovos sahem os pintos, e as pintainhas, estas em chegando a gallinhas põem ovos de que nascem outros pintos e pintainhas, e assim *por duvante*, de maneira que cada ovo dá um rendimento por hi além. O da sorte grande não quiz pagar, e veio para a cidade. O estalajadeiro foi-se a queixar. Passados dias um recado ao homem para ir ao tribunal. Elle foi muito encolhido, e estiveram-lhe dizendo que no outro dia ao meio dia devia de lá estar para uma audiencia e que levasse um advogado para o defender. Elle sahiu do tribunal e encontrou um homem muito bem preparado, muito bem arranjado, que era o diabo em pessoa. Esteve-o cumprimentando e disse-lhe: «Que soube que estava mettido n'um processo e que ia procurar um advogado, e elle que se offerecia.» O homem acceitou. No outro dia ao meio dia foi o homem para o tribunal, e o advogado sem apparecer; o juiz já muito zangado, disse:

— Bem, fica a audiencia para amanhã, á hora do meio dia.

N'isto entrou o advogado e o juiz perguntou-lhe porque se tinha demorado. E elle disse: «Que sabia que a audiencia era ao meio dia, mas tivera uma desordem com os criados

e por isso não podera vir mais cedo.» Eu lhe conto o caso: «Eu mandei cozer grãos para o jantar; os grãos não se queriam cozer e os meus criados tambem não os queriam comer, e foi por isso que eu fiz uma briga, até que mandei semear os grãos.» Diz-lhe o juiz:

— Então, grãos depois de cozidos, semeiam-se?

— E ovos depois de fritos deitam pintos?

— E' verdade, está o homem livre, pode-se ir embora.

E o homem agradeceu ao diabo, e este disse que lhe tinha accudido por fazer tanto caso d'elle como fazia dos Santos.

(Elvas)

S. Benedicto

Havia uma viuva rica que tinha uma filha, e desejava casal-a. Para isso ia todos os dias á egreja a rezar por muitas horas diante da imagem de S. Benedicto, advogado dos casamentos d'aquella terra. O sacristão começou a reparar na grande devoção da viuva e pensou logo em ser pedido ao santo para casamento. Um dia foi collocar-se detraz do santo para escutar a supplica da viuva e ouve:

— S. Benedicto, dá um bom marido a minha filha e casa-a depressa.

O sacristão diz de traz do santo, em voz sumida:

— Casa-a com o sacristão.

— Oh santo bemdito! Muito agradecida! Um anno inteiro has-de ter a lampada accesa por minha conta.

No dia immediato mandou chamar o sacristão e offereceu-lhe a filha em casamento, o que elle acceitou ás mãos ambas.

No dia em que a filha fazia um anno de casada, entra a viuva egreja adentro, chega ao altar do santo e diz-lhe em voz alta:

«Santo Benedicto,
Santo Marau,
O que tu precisavas
Era umas azas de pau.
«Santo Benedito,
Santo Pandilha,
Como tens a cara
Assim deste marido
A minha filha».

O sacristão tinha jogado a fortuna da viuva.

(Elvas)

Os tres gallinhos

Era uma vez uma mulher casada com um almocreve, e o almocreve foi fazer uma viagem, e ella convidou para lá um frade, e a mulher tinha tres gallinhos. O frade foi-se embora e quando veio o marido, estavam a cear, e começou o primeiro gallinho:

«Esta noite dormiu cá um frade;
Esta noite dormiu cá um frade».

A mulher, no outro dia, logo que o marido se foi embora matou o gallinho. O marido foi para outra viagem e o frade teve novo convite. Quando o marido regressou, á noite, á ceia, começa o segundo gallinho:

«A meu irmão mataram-n'o
Por dizer as verdades;
A meu irmão mataram-n'o
Por dizer as verdades».

No outro dia, é claro, o gallinho pateou. A' terceira viagem do marido, novo convite ao frade, e ao regressar o almocreve, á hora da ceia, começa o terceiro gallinho:

«Quem aqui houver de morar
Ha de ouvir, ver e calar;
Quem aqui houver de morar,
Ha de ouvir, ver e calar».

(Elvas)

O gigante

Era uma vez um colhereiro e tinha tres filhas e foi buscar madeira a um

carvalho; appareceu-lhe um gigante e deu-lhe muito dinheiro e disse-lhe que a primeira pessoa que encontrasse em casa que lh'a havia de levar. Encontrou a filha mais velha, levou-a ao gigante e este levou-a para um palacio e poz-lhe um cordão ao pescoço e disse-lhe que abrisse todas as portas menos uma. O gigante foi para uma caçada e ella foi logo abrir a porta prohibida e viu dentro da casa muita gente morta; fez-se lhe logo o cordão todo negro. Tornou a fechar a porta e quando o gigante veio, viu-lhe logo o cordão negro, matou-a e metteu-a na tal casa. Quando o homem foi outra vez a buscar madeira appareceu-lhe o gigante e deu-lhe outra bolsa com dinheiro. O homem perguntou-lhe pela filha.

— Está muito triste; devia trazer-lhe a outra filha para a *restrahir*.

O homem levou a segunda filha, e a esta succedeu o mesmo que á mais velha, foi morta pelo gigante. Depois foi a filha mais moça; mas essa quando o gigante se foi embora e lhe disse que abrisse todas as portas menos aquella, tirou o cordão do pescoço. Viu lá muita gente morta e muita gente ferida e esteve curando as irmans que ainda não estavam mortas. O gigante demorou-se muitos dias na caçada e as irmans iam melhorando; estavam já quasi boas quando regressou o gigante. Não lhe viu o cordão negro e ficou contente.

— Bem, temos mulher, disse o gigante,—e foi para outra caçada e ao voltar, tambem não lhe viu o cordão negro. Começou a gostar muito d'ella, a fazer-lhe todas as vontades e um dia ella pediu-lhe para ir levar um pote d'assucar a casa do pae. Ella metteu a irmã mais velha no pote, e lá foi o gigante com o pote ás costas, e ella foi para o mirante e dizia-lhe de lá:

— Eu bem te vejo,—e elle olhava para traz e ria-se para ella. Chegou lá a casa do pae entregou o pote de assucar e veio-se embora. Passado tempo levou segundo pote d'assucar em que ia a segunda irmã. E depois ella, a mais nova, mandou fazer uma boneca, vestiu a com o seu fato e pô-la lá no mirante — e pediu ao gigante que fosse levar um pote de macarrão ao pae; metteu-se dentro do pote e ia dizendo lá dentro:

— Eu bem te vejo.

O gigante olhava para o mirante, via a boneca e julgava que era ella. Entregou o pote de macarrão e veio a correr. Quando cá chegou foi ao mirante e encontrou-se com a boneca. Zangado, foi a casa do homem buscar a filha mais moça para casar com ella, mas o pae e as filhas já tinham abalado para fóra da terra com medo do gigante.

E conto acabado, dinheiro ganhado.

(Elvas)

Os gallegos

Era d'uma vez uns poucos de gallegos e fizeram uma procissão a S. Nicolau, e quando iam no meio da procissão esqueceram-se do nome do santo. Começaram uns a dizer:

— Será pescada? Será atum? Será bacalhau?

— Sim, sim, sim, bacalhau, S. Nicolau. Vá a procissão adiante, que já lembrou o nome do santo.

(Elvas)

O lavrador

Era uma vez um lavrador e uma lavradora. O lavrador era muito medrozo e tinha umas passas de figo que não queria que lh'as tirassem. Andavam lá uns homens que lhe queriam tirar as passas de figo, e embrulharam-se n'um lençol com uma cabaça á cabeça, um chocalho ao pescoço e uma luz dentro da cabaça, e começaram a cantar:

«Quando nós eramos vivos
Comiamos d'estes figos,
Agora que somos finados
Comeremos d'estes passados.»

O homem assim que ouviu isto foi a correr para a mulher, com medo.

A mulher veio e vieram os criados e quando lá chegaram já não viram nada, nem passas nem finados.

(Elvas)

Ide ós sapatinhos

Era uma vez uns homens que estavam vestidos de frades e passou ali um rapaz que ia á terra e levava dinheiro escondido nos sapatos. Os frades falaram-lhe e disseram-lhe que se levasse algum dinheirinho que o levasse bem escondidinho, por causa dos ladrões. E depois elle disse que o levava bem escondido, que o levava nos sapatos. O rapaz despediu-se e foi se embora. Chegou lá adiante e encontrou uns ladrões e os frades fingidos começaram de cá a dizer aos collegas:

«O' ladrõesinhos,
Ide ós sapatinhos.»

Os ladrõesinhos sovaram o rapaz, tiraram-lhe o dinheiro e mandaram-n'o p'ra S. Barzabu.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

PROVERBIOS & DICTOS

(Continuado de pag. 48)

CDXIV

Homem pequenino — ou velhaco ou dançarino.

CDXV

Homem alto—besta de pau.

CDXVI

Homem morto não falla.

CDXVII

Coisa bôa é arroz doce.

CDXVIII

Casa da má hora — quem lá vae não torna.

CDXIX

Cartas são papeis, e lettras são signaes.

CDXX

Tu, cabeça, não o queres, tu barriga o sentirás.

CDXXI

Tudo quanto se faz se paga.

CDXXII

Todo o passaro come trigo, só o pardal fica com a culpa.

CDXXIII

Do prato á bôcca se perde a sôpa.

CDXXIV

De graça quer meu pae tudo.

CDXXV

Deus nos livre... de carne de bibe!

CDXXVI

D'um espinho nasce uma rosa, e d'uma rosa nasce um espinho.

CDXXVII

A agua corre para o mar.

CDXXVIII

A' noute todos os gatos são pardos.

CDXXIX

Ainda não nasceu, nem ha-de nascer, quem em maio o stestrello ha-de vêr.

CDXXX

As paredes têm ouvidos.

(Da tradição oral, em Serpa)

M. DIAS NUNES.

ANNO V

VOLUME V

N.º 5

SERPA (PORTUGAL), MAIO DE 1903

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

DIRECTORES:
LADISLAU PIÇARRA
E M. DIAS NUNES

O proximo numero d'A TRADIÇÃO, collaborado por distinctos escriptores, é inteiramente consagrado á memoria do nobre titular e illustre homem de lettras Conde de Ficalho. Será profusamente illustrado o numero de Junho.

SUMMARIO:

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

RAMALHO ORTIGÃO.

PREÇO DA ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

EM PORTUGAL, SERIE DE 12 NUMEROS .... 1$200 RÉIS
PARA O ESTRANGEIRO, SERIE DE 12 NUMEROS .... 8 FR.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO
(CADA NUMERO 1 FR.)

PARIS — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
LONDRES — F. FISHER UNVIN, PUBLISHER — 1, Paternoster Buildings.
BERLIN — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

VENDA AVULSO NO PAIZ
(100 RÉIS CADA NUMERO)

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio
Porto — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 42
Coimbra — Livraria França Amado
Braga — Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª
Vianna do Castello — Livraria Academica e Religiosa

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor TrindadeCoelho.*

PREÇO DE 12 NUMEROS 1200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.), ****

PREÇO — 1200 RÉIS

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva. A. J. Torres de Carvalho, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.)*

PREÇO — 1200 RÉIS

Anno V — N.º 5 SERPA, Maio de 1903 Volume V

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

IX

A ria

A *solheira* é uma rede rectangular, com cerca de 12^{m} de comprido por 2^{m} de lado, que se fixa em varas nos sitios que em baixa-mar ficam com pequena altura d'agua.

Verdadeiro tresmalho fixo, opera como barreira á passagem do peixe na corrente da vasante. E' um apparelho completamente inoffensivo quer aos fundos quer ás creações, porque o fabricam com fio bastante delgado dando-lhe a malha minima de 0,^{m}04, e as varas que elle exige são pequenas estacas de pinho, ou mais pequenas ainda do que as proprias varas de manejo das bateiras. Constitue alem d'isto um systema de pesca que já revela bastante engenho e pericia, e offerece de logar para logar variantes sensiveis na maneira de o estabelecer.

A' beira de um canal profundo, a solheira estabelece-se, em regra, fazendo-a entrar no leito das aguas em direcção obliqua para montante, para que os peixes que deslisam ao longo da margem na vasante, encontrando aquelle impedimento da rede, se inclinem cada vez mais para a terra e venham finalmente a ficar ensaccados no extremo ou testa do apparelho que está apoiado na margem.

Em canaes de pouco fundo ou em vastos areaes, estabelece-se então na normal á vasante, e como n'estes casos não ha a ajuda da margem para se ensaccar o peixe, supre-se tal falta dando ás estacas uma distancia inferior ao comprimento da rede, de forma que esta, actúada depois pela corrente, vem a descrever uma curva tão pronunciada quanto se deseja, que faz as vezes de sacco.

A solheira arma-se sempre na baixa-mar, enfiando-se nas varas as alças ou azelhas de que se acham munidas as duas testas ou lados verticaes, ficando muitas vezes a rede arriada no fundo, até que a agua acabe de encher. Logo que ella quer repontar á vasante, de bordo da bateira, por meio de um cordel dado a cada canto superior das testas, iça-se o lado de cima da solheira e fica o apparelho a funcionar.

A tralha inferior tem chumbeiros sufficientemente pesados para não ser levantada do solo pela corrente d'agua, e na tralha superior enfiam-se as rodelas precisas para lhe darem a fluctuação.

Embora a solheira seja destinada especial e quasi que unicamente para os peixes chatos — solhas e linguados — usando-a por isso alguns pescado-

mos—arma-se em duas séries de estacas cujos pés cravados na ria descrevem duas espiraes concentricas.

Nas estacas da espiral interior fixa-se a rede verticalmente até dois terços da sua largura contados a partir da orla dos chumbeiros, os quaes devem pousar no fundo. E o terço restante da largura da rede fica fóra d'agua, em pozição horizontal, amarrado pela orla opposta á dos chumbeiros, para as estacas da espiral exterior ou envolvente, formando assim um lençol ou aparadouro.

O apparelho conserva pois no seu todo, depois de armado, a forma de uma parreira ou comprida latada de videiras que se enrolasse em espiral ficando os troncos dos arbustos na face interior.

Na pratica empregam-se dois pannos de rede: um que se estabelece nos esteios interiores, verticalmente, como se fora uma branqueira disposta em espiral, para o que tem esse panno os competentes chumbeiros e fluctuadores; e outro posto horizontalmente, amarrado ás cabeças dos esteios de dentro e de fóra.

A espiral da rede de salto dá volta e meia a duas voltas o maximo e prolonga-se depois em curva muito aberta ou em linha recta, a formar a *rabeira* da armação.

Ao panno de rede vertical dá-se o nome de *cêrco*, e o que se dispõe horizontalmente é que toma o nome proprio de *parreira*.

A tainha encontrando a *rabeira* da armação do *salto* segue a naturalmente em direcção ao *cêrco* e vendose ainda impedido por todos os lados tenta salvar-se, saltando fóra d'agua e galgando para o outro lado rede. E' então que cahe na parreira e ahi fica até que o pescador a vae tomar.

Como a solheira e a branqueira, a rede de salto é exclusivamente empregada pelos pescadores da Murtoza e em pequena escala porque dá trabalho a armar e só pesca ou á enchente ou á vasante na maior parte dos logares da ria.

E' em todo o caso, repito, o apparelho mais engenhoso que se usa na pesca regional d'Aveiro.

Durante o hynverno não o empregam porque com o frio o peixe não salta fóra d'agua.

JAYME AFFREIXO.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

TANTAS LIBRAS

Tantas libras e eu tão livre d'ellas,
Amarellas, são de cavallinho,
São leaes ao meu amor,
São leaes ao meu bemzinho.

São leaes ao meu bemzinho,
São leaes ao meu amor,
Tantas libras e eu tão livre d'ellas,
Amarellas, oh! que linda côr!

Serpa.

ELVIRA MONTEIRO.

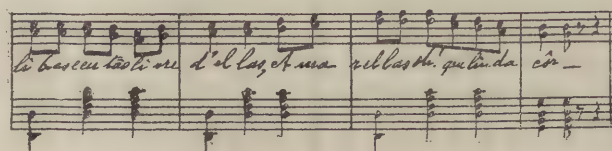
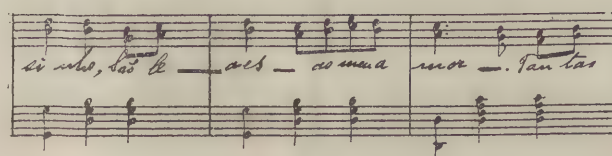
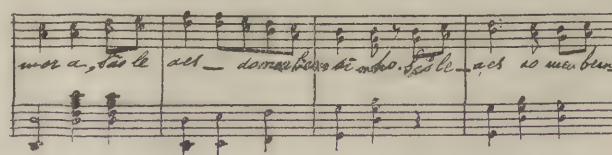
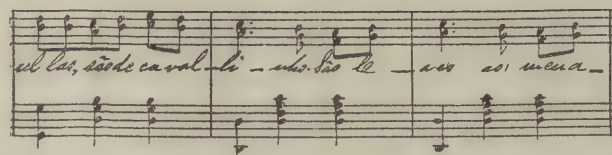
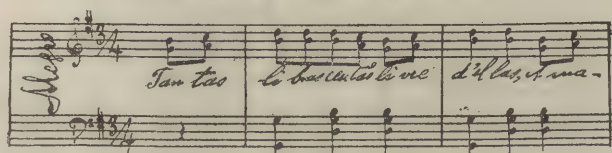
O PADRE COCHILHA DA COSTA

O padre Manuel Cochilha da Costa, sacerdote do habito de S. Pedro, pessoa nobre e de qualidade, de idade de 35 annos, era irmão do Licenciado João Nunes Cochilha, julgador de Sua Magestade, segundo primo do inquisidor o doutor Pantaleão Rodrigues Pacheco e parente muito chegado do bispo do Algarve, *seu natural* de Serpa. Pela graça de Deus era todo christão-velho. [1]

[1] Outro tanto não poderiam dizer ás familias bem conhecidas de Barros e Sá, Bivar, Alte de Espargosa, Mousinho d'Albuquerque, Pessoa d'Amorim, etc.

CANCIONEIRO MUSICAL

V

TANTA LIBRA

Musica recolhida por D. Elvira Monteiro

(CHOREOGRAPHICA)

O crime que o arremeçou da villa de Extremoz para o Aljube do clero do arcebispado de Evora, em 1638, não reza do processo n.º 5382 da Inquisição da mesma cidade.

Como o padre era colerico, facilmente se irritava e nessa occasião soltava as inconveniencias que vieram eccoar aos ouvidos do tribunal, ainda hoje exacrado, ou melhor só hoje pouco estimado.

Os companheiros da má sorte chamavam-se o padre Manuel Mendes, Manuel Ascenso, lavrador, o padre Brás Manuel Ribeiro, Antonio Dias, o *Portugal* d'alcunha, estudante licencíado em artes pela Universidade de Evora, o padre Bento Martins Vogado, Domingos Fernandes, trabalhador, Manuel Marques e Manuel Fernandes, carpinteiro, etc.

Alguns d'estes erão seculares, o que não impedia de terem de haver-se com as justiças ecclesiasticas. Forão uns e outros, na qualidade de testemunhas, chamados a depôr no processo do padre. O aljubeiro João Gonçalves foi o denunciante. Junto ao aljube do clero estava o aljube das mulheres, sendo facil portanto não só ouvir o que se dizia no interior da prisão ecclesiastica, mas tambem vêr; em razão do que tambem depoz a presa Domingas Pires, viuva de Francisco Gonçalves.

Os depoimentos nem sempre são concordes nas affirmações, porquanto a narrativa d'um successo depende do caracter da testemunha, da edução e do grau da intervenção della. Mas no caso sujeito é indifferente a completa precisão dos dizeres das testemunhas.

Certo dia trasendo-se de fóra comer a Antonio Días Portugal, o padre Cochilha tomou um prato das mãos d'este, quebrou-lh'o e deu a comida a um estudante que estava fóra das grades da prisão. Sendo reprehendido pelos outros presos, declarou que estava tão costumado a dar que até havia de dar no mesmo Deus, se lhe fizesse alguma cousa. No mesmo dia disse que era o primeiro do mundo e o primeiro do ceu.

Numa outra occasião, o reu tomou um retabulo em que estava pintada a imagem de S. Antonio com o menino Jesus nos braços e lhe dera com uma vara muitas pancadas, até romper o panno. E quando o reprehenderam, replicou:

Que faz aqui?; por que nos não solta?; não sabe mais que meter terços, rosarios e ave-marias na barriga!

E olhando para o menino-Jesus, disse:

O desavergonhado do menino como está sisudo!

Uma outra vez, vindo pedir esmola os pobres do hospital da Piedade, com a caixinha que tem pintada a mesma senhora e dando-lhe esmola alguns presos, o réu lhes dizia que erão parvos; que vinha ali um velho com uma taboleta com uma mulher pintada e erão tão nescios que lhe davão dinheiro. E dizendo-lhe que era a Senhora da Piedade, elle replicou — se era a Senhora da Piedade, porque não os soltava?

Outra vez, dizendo o reu cousas mal soantes do Papa, aos que o censuravam que não dissesse tal do Papa que era Santo, deu em resposta — que era um homem como os outros e se era santo, porque vendia bullas por dinheiro e não as dava de graça?

Tambem dizia que se soubesse, renegando de Deus o soltariam, que o faria, ainda que o levassem á Inquisição.

Se fosse aprisionado pelos mouros, declarou, o não havião de açoutar por renegar e fazer-se mouro e casaria então com uma moura. Deste desabafo do padre Cochilha conta uma testemunha outra versão. Se soubesse que o Grão-Turco vinha ao Enxarrama [1] que se fazia turco e iria com elle.

Uma testemunha declarou que durante sete meses nunca o vira rezar

[1] Affluente do Sado que corre proximo de Evora. Chama se hoje Xarrama.

pelo breviario, nem dar graças a Deus depois de comer, nem rezar quando tangem as Ave-Marias e algumas vezes, posto que poucas, rezaria pelas contas.

As palavras imprudentes que por vezes dissera, pretendeu elle atenuar na confissão. De entre outras cousas aproveito só o que diz respeito a S. Antonio, por se explicar o motivo por que o Santo tinha entrada no aljube.

«Tendo elle confidente comido e bebido mais do necessario, de que resultou estar algum tanto perturbado do juizo, oulhando *(sic)* para a mesma imagem de S. Antonio dissera em presença do padre Bras Manuel, do padre Bento Martins, do padre Manuel Mendes e de Manuel Ascenso, todos presos no dito aljube, que não metessem mais rosarios ao dito Santo no... porque se elle *livrara seu pai* parecia que não queria livrar mais a ninguem e olhando para o menino-Jesus, que o dito Santo tinha nos braços, disse que fazia? que não obrigava ao Santo que soltasse a todos».

O tribunal não parece ter dado grande importancia ao caso, tanto por elle reu ter confessado tudo, como por as palavras inconvenientes as ter pronunciado em occasiões que estava torvado do vinho.

Só quando terminou a confissão lhe foi recommendado, «que lembrando-lhe mais alguma cousa a venha logo declorar n'esta mesa porque isso é o que lhe convém para descargo de sua alma e ser tratado com a misericordia que a Santa Madre Igreja costuma conceder aos bons e verdadeiros confidentes».

Voltou depois o reu para o aljube e com isso se corre o panno, que nos tapa a sua personalidade.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(Recolhidos da Tradição oral)

O copo d'oiro

Era uma vez um rei e uma rainha e viviam desgostosos porque não tinham filhos, e pediram a Deus que lhes desse um filho e que, quando o filho tivesse 18 annos, iria elle proprio a Roma sósinho pagar uma promessa. Foram ouvidos por Deus e ficaram muito contentes quando nasceu um principe.

Quando elle se ia aproximando dos seus 18 annos começaram os paes a andar tristes porque o filho tinha de ir sósinho a pagar a promessa. O principe reparou na tristeza dos paes e um dia perguntou-lhes porque andavam tristes e elles contaram tudo. O principe disse que não estivessem tristes, que elle de boa vontade iria cumprir a promessa.

Chegado aos 18 annos preparou-se para ir a Roma, e a rainha, quando elle se despediu, deu-lhe um copo d'oiro e deu-lhe tres peras, dizendo-lhe que não as partisse sósinho, que as partisse acompanhado, e que só aceitasse por companheiro da viagem aquelle que lhe desse o bocado maior e nunca acompanhasse com aquelle que lhe desse o bocado mais pequeno. O principe, quando sahiu de casa, no meio do caminho encontrou um homem ao pé d'uma fonte e pediu-lhe que partisse uma das peras, e o homem deu-lhe a parte mais pequena e não acompanhou com esse; encontrou outro junto de outra fonte e que lhe fez o mesmo, e á ultima pera encontrou, junto de outra fonte, outro homem e este deu-lhe o bocado maior e foi com este que elle acompanhou. Fizeram-se amigos e foram ambos para Roma.

Em todas as hospedarias ficaram sempre no mesmo quarto, e quando foi da ultima hospedaria, á hora da ceia, o principe tirou o copo d'oiro para beber agua e a dona da casa não tirava os olhos de cima do copo,

e o companheiro reparou n'isso. E quando elles disseram que queriam dormir juntos, disse a dona da casa que não era costume n'aquella hospedaria dormirem duas pessoas no mesmo quarto, e elles ficaram muito tristes.

Cada um foi para o seu quarto, e pela noite adiante ella foi ao quarto do principe, matou-o e tirou-lhe o copo; depois escondeu o cavallo, e ao principe levou-o para uma estrumeira a enterrar. Pela manhã, quando o companheiro se levantou e perguntou por elle, ella disse-lhe que tinha marchado, e elle ficou muito admirado e não acreditou.

Foi d'ali a casa do juiz, contou-lhe o que se tinha passado e a sua desconfiança de que havia crime por causa do copo d'oiro que era de muito valor.

O juiz disse-lhe que isso que se arranjava bem; que elle conhecia a mulher e lhe mandaria pedir uns copos emprestados, e assim fez. A mulher, á primeira vez mandou uns copos de vidro, e como o juiz pediu mais copos ella mandou-lhe outros de crystal, e como o juiz pedisse ainda mais copos mandou-lhe uns de prata e entre elles um d'oiro, que era o tal.

O homem assim que o viu conheceu-o logo. A dona da casa foi logo prêsa e obrigada a dizer onde estava o principe e o seu cavallo. Confessou tudo e o homem foi a desenterrar o principe, e mesmo assim morto montou-o e segurou-o no cavallo do mesmo principe e foram a pagar a promessa. Quando chegaram á egreja ficou o principe á porta montado no seu cavallo e elle foi a fazer oração como se fosse o seu amigo, e deu-lhe vontade de olhar para traz e viu o principe a fazer oração e chorava, e conheceu ser isto um grande milagre, voltando depois ambos para suas casas.

Quando se despediram o principe deu-se a conhecer e queria levar o companheiro para o palacio, mas elle não aceitou, porque tambem ia para companhia de seus paes, que eram lavradores. O principe disse-lhe que se n'algum tempo precisasse d'elle que o procurasse no reino de tal.

Passados annos os paes do companheiro morreram, e elle ficou muito pobre, e lembrou-se do offerecimento do principe. Dirigiu-se ao palacio, disse que queria falar com o principe, este conheceu-o e valeu-lhe em tudo, assentando-o á sua mesa e tratando-o como irmão e não consentiu que elle sahisse mais do palacio onde ficou vivendo.

(Elvas)

A bicha

Era d'uma vez um homem que era viuvo, e tinha uma filha chamada Mariquinhas, que era muito bonita. O homem trabalhava no campo, e a filha ia todos os dias levar-lhe o jantar.

Um dia ella foi mais cedo a levar-lh'o, e o homem tinha encontrado um cacho d'uvas no campo e não era tempo de uvas, e deu o cacho d'uvas á filha. A filha não o quiz comer e arrecadou-o. O pae pensava que ella que o tinha comido, mas ella tinha-o mettido dentro d'uma gaveta, e a poder de tempo esqueceu-se que tinha alli o cacho. Uma vez lembrou-se e foi abrir a gaveta para ver o cacho e encontrou uma bicha pequenina ainda. Deixou-a crescer, não a quiz matar. Ja estava tão grande que não cabia na gaveta e metteu-a no pote do vinho, e todos os dias lhe ia levar de comer. O pae um dia disse que já era tempo de se fazer o vinho, e que fosse a filha arranjar o pote. Ella foi a chorar para o pé da bicha logo que o pae sahiu, e a bicha disse que não se ralasse, que ella que se ia embora; mas que antes d'isso lhe havia de metter as mãos na bocca, e que em se vendo n'alguma afflicção que chamasse pela bicha. Ella metteu-lhe as mãos na bocca e foi-se lavar, e começou logo a agua a transformar-se em sumo.

Um dia disse ella para o pae que convidasse as primas e a familia toda para irem lá jantar. O pae disse-lhe que sim, e a familia foi lá jantar.

Quando se iam assentar á mesa disse a Mariquinhas que era costume lavarem-se as mãos antes de jantar. Todos as foram lavar, deixando a agua muito preta; foi a Mariquinhas a lavar-se e transformou se logo a agua em ouro. As primas ficaram todas muito contentes. Já todas queriam tambem fazer ouro. Depois do jantar pozeram-se á janella, e ia passando pela rua o criado do rei, que comprava ouro, e a Mariquinhas, que já tinha muito ouro, chamou o homem e vendeu o, mas faltava ainda algum para o peso, e foi buscar uma bacia. lavou-se e fez o ouro que faltava. O criado do rei ficou todo admirado e foi contar o caso ao rei.

O rei quiz conhecer a menina e foi com o criado; este subiu e o rei ficou na rua, pois tinha entregado uma carta ao criado para entregar á menina. Esta leu a carta e mandou a resposta. E o rei quiz casar com a Mariquinhas e foi pedil-a. As primas tinham muita inveja.

Depois de tratado o casamento e depois da noiva estar muito bem vestida, as primas tiraram-lhe os olhos e a mais feia d'ellas é que foi casar com o rei, e levou arrecadados os olhos da Mariquinhas. O rei não gostava d'ella, e começou-lhe a perguntar quando era que fazia ouro. — E' para a lua nova, respondeu ella. Chegou a lua nova e perguntou-lhe quando fazia ouro. — E' para o quarto crescente. Chegou o quarto crescente, e tornou-lhe a perguntar. E ella disse:

— Ainda não é agora, é para o quarto minguante. A Mariquinhas estava sem olhos, mas não se lembrava da bicha, até que um dia lá se lembrou d'ella, chamou pela bicha e ella appareceu-lhe logo, e esteve contando á bicha o que lhe tinha acontecido. A bicha disse-lhe que ainda ella havia de casar com o rei.

— Eu agora faço-me n'um homem, disse a bicha, bato tres vezes com esta varinha de condão n'esta arvore, para apparecer cheia de peras.

E appareceu cheia de peras. Colheu-as e foi vendel-as. Chegou lá ao palacio e perguntaram-lhe porquanto vendia as peras. Elle disse que não as vendia, que as dava em troca de olhos. Foram tirar os olhos ao gato e deram-nos ao homem. Elle foi para casa e disse:

— Mariquinhas, ainda aqui não trago os teus olhos, porque a tua prima foi tirar os olhos ao gato e deu-m'os.

Pediu outra vez á arvore maçans, e foi vender maçans. Tornou lá a chegar ao palacio, e perguntaram-lhe por quanto vendia as maçans. Elle disse o mesmo, que as dava em troca de olhos. Deram-lhe os olhos de Mariquinhas. Elle foi muito contente para casa e põe os olhos á Mariquinhas, e com a varinha de condão fez construir uma casa em frente do palacio do rei, e ainda mais bonito que o palacio, casa para onde foi viver a Mariquinhas, e o homem, isto é, a bicha, o criado d'ella. O rei ficou admirado d'aquella casa tão bonita, e perguntou ao criado da Mariquinhas se podia lá ir uma tarde. O criado disse que sim, e o rei foi.

A menina andou-lhe mostrando as casas todas e depois convidou o rei para jantar. O rei acceitou o convite e foram ambos lavar as mãos, e a Mariquinhas transformou a agua em ouro. Elle ficou admirado e a Mariquinhas esteve-lhe contando tudo que lhe tinham feito. O rei foi para o palacio, matou todos os que lá estavam e veio casar com a Mariquinhas, e no dia do casamento desappareceu o criado da Mariquinhas e ninguem mais o viu.

(Elvas)

O alveneu

Era uma vez um alveneu que andava sempre a cantar:

«Trá-la-ri-ló-lé,
Meu bem!
Quem nasceu para dez réis,
Nunca chegou a vintem».

Uma vez andava o rei á caça e ouviu a cantiga do homem e mandou-o ir ao palacio. O homem foi, e o rei, levando-o a uma casa onde havia muito dinheiro, mandou-o carregar de tudo quanto elle quizesse.

Elle assim fez. Depois desappareceu-lhe o dinheiro de casa sem saber como isso tinha sido. Foi outra vez para o campo a cantar a mesma cantiga. Veio o rei e mandou-o novamente ir ao palacio e de lá trouxe todo o dinheiro que quiz. Tornou-lhe outra vez a desapparecer o dinheiro de casa. A' terceira vez que veio do palacio ia a entrar em casa e morreu. E vae o rei, n'esse mesmo dia, encontrou no seu caminho um escriptinho que dizia:

«Eu a fazel-o pobre,
Tu a fazel-o rico,
Ahi o tens morto,
Agora resuscita-o».

(Elvas)

Os dois compadres

Era d'uma vez dois compadres, um era muito rico e o outro muito pobre, e este, querendo apanhar dinheiro ao rico, disse para a mulher:

— Olha, tu compras uma perdiz, eu vou á caça com o compadre e levo de cá um dos coelhos que ahi temos, e lá na caçada dou-lhe um recado para elle te vir cá trazer, que é para tu cosinhares a perdiz, e depois o compadre ha de querer comprar-me o coelho e eu peço muito dinheiro por elle.

Assim foi; lá na caçada disse para o coelho:

— Olha, tu vae lá a minha mulher e diz-lhe que arranje uma perdiz guizada, e que faça conta com o nosso compadre.

Deu um sopapo no coelho e o coelho bateu a fugir. O compadre já estava ancioso de vir para casa a ver se o coelho tinha dado o recado. Chegaram cá e diz o homem para a mulher:

— Então já tens a perdiz guizada? O nosso coelhinho trouxe cá o recado?

— Pois não havia de trazer! A perdiz está prompta, e fiz conta com o nosso compadre.

Diz o compadre, que era rico:

— Compadre, venda-me o seu coelho.

— Isso é que eu não vendo, que elle faz-me os meus mandadinhos todos.

— Compadre, venda-me o coelho, que eu dou-lhe muito dinheiro por elle.

Veudeu-lhe o coelho; já se sabe, um d'aquelles que tinha na coelheira. A primeira vez que o compadre rico mandou o coelho a um recado, nunca mais lhe appareceu. Quando se ia acabando o dinheiro ao compadre pobre, disse este para a mulher:

— Temos de ver se arranjamos outra marosca para apanharmos *bagos* ao nosso compadre. Olha, tu arranjas a burra velha, eu junto-lhe dinheiro com a ração, e depois dizemos que ella faz muito dinheiro e que já somos muito ricos.

Assim foi. Um dia, na caçada, o compadre rico reparou que a burra fazia dinheiro.

— Compadre, venda-me a burra.

— Isso não vendo eu, que já estou muito rico e quando preciso de dinheiro ella é que m'o dá. Não vendo. E não se lembra do coelho? Vendil-h'o por uma bagatella e deixou-o logo fugir!

— Compadre, venda-me a burra.

Tanto teimou, que elle vendeu-lh'a e por muito dinheiro. Foi o compadre rico para casa, esteve arranjando a cavallariça e deitou uma boa ração á burra. Mas a burra não fazia dinheiro. Passados dias foi ter com o compadre:

— Vossê enganou-me com a burra.

— Eu é que sou um grande tolo em lhe vender as cousas; não sabe

tratar com ellas e depois diz que o engano. E' boa!

Ia-se outra vez acabando o dinheiro ao homem e diz para a mulher:

— Olha, tu arranjas um papo de peru, e mette-lhe dentro as tripas do mesmo peru, e põe o papo á cintura debaixo do avental, e eu dou te uma navalhada, no papo, está bem de ver, e tu cahes logo morta e com as tripas de fóra, toco depois n'uma gaitinha que vou comprar e tu levantaste logo ao som da gaitinha.

Convidou o compadre para ir á caça.

— O' mulher, arranja ahi o alforge, n'um instante.

— Não basta ser todos os dias esta sécca, senão n'um instante.

— Cala-te, cala-te, mulher, não me respingues.

— E ainda me hei-de calar? Pois não quero.

Arma-se uma grande briga e elle deu-lhe a navalhada. As tripas saltaram logo e a mulher cahiu redondamente. O compadre ficou todo afflicto:

— Oh compadre! o que vossê fez! matou sua mulher.

— Não tem duvida, tenho aqui uma gaita que dá vida a mortos. Começou a tocar a gaitinha e a mulher levantou-se logo. Poz-se logo o compadre rico a dizer:

— Compadre, venda-me a gaita.

— Qual vender, nem qual diabo!

E tudo era lembrar-lhe o coelho e mais a burra. Por fim vendeu a gaitinha. Foi o compadre rico para casa, armou uma grande briga com a sua mulher e desata-lhe uma navalhada na barriga. A mulher cahiu logo morta e elle poz-se a tocar a gaitinha, mas a mulher não se mexia. Veio a justiça. Elle pôz-se a contar o succedido com o compadre pobre, e levaram este preso. No caminho os guardas quizeram descançar, amarraram o preso a uma arvore e deitaram-se a dormir a sésta. Veio um pastor com uns carneiros e esteve-lhe a perguntar o que era.

— Ora, querem por força que eu case com a princeza, mas eu não quero, e digo que não quero, e por isso me levam prêso.

Diz-lhe o pastor:

— Anda, casa com a princeza, escusas de ir a morrer.

E diz-lhe o homem:

— Queres tu vir para o meu logar que eu vou para o teu?

— Pois quero.

E mudaram. Depois o pastor amarrado á arvore começou a dizer:

— Eu já quero, eu já quero.

— Já queres o que?

— Já quero casar com a princeza.

— Ora essa! Explica lá o teu dito.

E elle confessou tudo.

— Bem, disse a justiça, solte-se lá o homem e que vá em paz. Elle marchou. O outro ia muito satisfeito com os carneiros. Encontrou o compadre rico, que lhe perguntou:

— Então tu nunca foste preso?

— Eu não, pois se a minha gaita dá vida a mortos, como hei-de eu ser prêso?

— Então esses carneiros, quem t'os deu?

— Ora, arranjei-os eu.

— Mas como?

— Olha, anda comigo que eu te ensino como nascem carneiros.

Levou-o para o pé d'um pego, onde a agua era muito funda, e perguntou-lhe se queria um carneirinho ou um carneirão. Elle disse queria um carneirão. Pegou n'elle e diz:

«Cada mergulhinho
Um carneirinho,
Cada mergulhão
Um carneirão.»

E atirou com elle para dentro do pégo, e safou-se com o rebanho, que foi vender logo na feira de S. Matheus.

(Elvas)

O parvo

Era uma vez uma mulher que tinha um filho parvo e chamava-se Manoel, e morava ao pé de outra

mulher que tinha uma filha chamada Maria.

O Manoel ia todas as manhãs visitar a Maria:

—Adeus, sôra Maria.

—Adeus, sôr Manel.

—Minha rosa branca.

—Meu fino papel.

E ia-se embora o Manoel, sem dizer mais nada. Um dia disse para a mãe que queria casar com a sôra Maria, e foi-lhe perguntar se queria casar com elle. Voltou o Manoel muito triste, porque tinha *levado cabaço*. E a mãe disse-lhe: Olha, diz-lhe palavrinhas doces. No outro dia foi:

—Adeus, sôra Maria.

—Adeus, sôr Manel.

—Minha rosa branca.

—Meu fino papel.

—Olhe: Assucar, marmellada, abobora, tudo palavrinhas doces.

—Fóra, estupido!

E o Manoel veio ainda mais triste para casa. E a mãe disse-lhe: «Não arranjaste nada, já vejo. Olha, diz-lhe palavrinhas assim cá de dentro.» No outro dia foi:

—Adeus, sôra Maria.

—Adeus, sôr Manel.

—Minha rosa branca.

—Meu fino papel.

—Olhe: Bofe, coração, figado, tripas, tudo palavrinhas cá de dentro.

—Fóra, bruto!

E o Manoel voltou muito triste para casa. Diz-lhe a mãe: «Olha, amanhã vae á missa, por onde vires entrár muita gente entra tu tambem, e faz o que vires fazer.» Chegou á egreja e vendo toda a gente a metter as mãos na pia da agua benta metteu as suas tambem e começou a revolver a agua, e disse: «Ah! já comeram as sopas e deixaram o caldo; pois que beba o caldo quem comeu as sopas.» E foi-se ajoelhar atraz d'uma beata. A beata, de vez em quando beijava o chão, e elle beijava-o tambem. Atraz d'elle estavam uns rapazes que o picaram quando ia beijar outra vez o chão, e elle mette a mão ao bolso, tira uma sovela e põe-se a picar a velha, dizendo: «Pica, que já cá picam.» Depois deram uma grande sova ao Manel, que veio muito triste para casa; mas estava lá a Maria, que lhe disse ter-se resolvido a casar com elle, e ficou muito contente. E disse-lhe a mãe:

—Temos de arranjar os bolos para o casamento; olha, pega n'este sacco de trigo e diz ao moleiro que tire de cada alqueire um selamim; não te esqueças.

—Não esqueço, e foi dizendo caminho adiante:

—De cada alqueire um selamim; de cada alqueire um selamim.

Estavam ali uns homens a semear trigo, e elle continuando:

—De cada alqueire um selamim...

Os homens deram-lhe uma grande descompostura.

—Então o que hei de dizer? perguntou Manel.

—Deus queira que saia todo.

E elle foi dizendo pelo caminho:

—Deus queira que saia todo; Deus queira que saia todo.

Encontron um homem com dois ôdres d'azeite e um d'elles estava rôto, e o azeite ia-se entornando. E elle:

—Deus queira que saia todo.

O homem deu-lhe uma grande sova.

—Então o que hei de eu dizer?

—Deus queira que não saia nenhum.

—Sim sr., cá vou dizendo: Deus queira que não saia nenhum; Deus queira que não saia nenhum.

Foi ter a um atasqueiro onde estavam dois homens, que não se podiam d'elle tirar, e elle:

—Deus queira que não saia nenhum...

Um d'elles lá se poude salvar e veio medil-o a pontapés.

—Então o que hei de eu dizer?

—Quem tirou um, que tire o outro.

—Sim sr., cá vou dizendo: Quem tirou um, que tire o outro; quem tirou um, que tire o outro.

Vinha um pobre homem sem um dos olhos, pela estrada. E o Manel:

—Quem tirou um, que tire o outro, quem tirou um, que tire o outro...

Sova no caso.

—Então que hei de eu dizer?

—Não diga nada, vá calado até ao moinho.

Chegou lá, poz o sacco no chão, não disse nada e veio-se embora. Chegou a casa e diz-lhe a mãe: «D'este o recado ao moleiro?»—Eu não dei recado, nem dei nada, levar é que levei muito, fiz de tambor por essa estrada fóra, e arrenego do casorio.

(Elvas)

Dona Vintes

Era uma vez um homem que tinha vinte filhas, e a mais moça chamava-se Dona Vintes. O pae era mercador, e, tendo de ir para uma terra muito longe, comprou um vestido côr de rosa a cada uma das filhas, e disse-lhes que na sua ausencia, visto que não tinham parentes, não abrissem a porta a ninguem, e que os vestidos haviam de dizer-lhe como ellas se portavam. A casa tinha uma varanda que dava para o jardim do rei, e no jardim havia uma craveira muito bonita.

Uma vez estava a Dona Vintes na varanda, e o principe, o filho do rei, que gostava muito d'ella, perguntou-lhe se queria um cravo da sua craveira, e ella respondeu que não precisava dos seus cravos. O principe tratou de ver a maneira como havia de apanhar a Dona Vintes. Disse para um criado que se vestisse de velha e elle metteu-se n'uma arca fechada por dentro, e o criado, levando a arca a cabeça, bateu á porta da casa onde moravam as vinte filhas, dizendo que era a avó d'ellas. Appareceu a mais velha de todas e foi dizer á Dona Vintes, que estava a avó á porta, e ella respondeu:—se não tinha ouvido o que o pae tinha dito, que não tinham parentes nenhuns. A velha, como a não deixavam entrar, pediu que lhe deixassem ao menos ficar a arca, e que viria quando o pae voltasse da viagem. Disseram-lhe que sim e ficou a arca em casa.

A Dona Vintes era sempre a ultima a deitar se, por ser a menos preguiçosa das suas irmans, e antes de se deitar contava-as a todas; mas n'essa noite, contando-se a si, contou vinte uma. Levantou-se muito cedo e foi pôr-se ao pé d'uma janella que dava para o jardim do rei. Quando o principe se levantou, viu a Dona Vintes ao pé da janella:

—Dona Vintes, por aqui?

—Mais de admirar é Vossa Alteza e veja o que vae no seu jardim.

Foi-se o principe a assomar e ella pegou-lhe pelas pernas e atirou-o para o jardim. O principe ficou muito doente. Passados tempos as irmans de D. Vintes appeteceram comer peras do jardim do rei. D. Vintes fez umas escadas de corda, desceu por ellas e colheu 19 peras, e o principe, que estava escondido para ver se a podia apanhar, quando ella ia a subir pegou-lhe pelo tacão de um sapato, e ella, assim que se sentiu presa, largou o sapato e subiu mais que depressa.

D'outra vez as irmans appeteceram laranjas do jardim do rei e D. Vintes foi buscal-as, e, ao subir pela escada de corda, o principe pegou-lhe na saia e ella rasgou esse pedaço da saia e subiu mais que depressa.

D'outra vez as irmans appeteceram maçans do jardim do rei, e o principe pegou-lhe pela trança do cabello, e ella cortou a trança e fugiu com as maçans. As irmans adoeceram todas, e Dona Vintes disse ao principe que tinha de ir buscar gallinhas ao gallinheiro do rei, e elle disse-lhe que sim. Queria o principe que ella entrasse primeiro no gallinheiro, mas ella fel-o entrar a elle. Trouxe as gallinhas e deixou o principe fechado no gallinheiro. Depois cada uma das irmans teve uma creança, e D. Vintes metteu todas as creanças na mesma arca em que tinha ido o principe, que ao tempo estava doente, pôz a arca á cabeça e foi apregoar junto do palacio do rei:

Quem quer comprar estas flores
Para o principe, que 'stá mal d'amores?

Uma das criadas do palacio, assim que ouviu o pregão, foi chamar a rainha, e a rainha mandou chamar a pregoeira, para ver as flôres. Dona Vintes pôz-se á procura da chave da arca, mas não lhe appareceu, e pediu que lhe deixassem ficar alli a arca. Depois chegou o pae de D. Vintes e pediu que lhe mostrassem os vestidos côr de rosa, e Dona Vintes foi buscar o seu vestido e mostrou ao pae vinte vezes o mesmo vestido e o pae ficou muito contente. O principe, assim que soube que tinha chegado o pae da Dona Vintes, foi pedil-a, e o pae disse que era impossivel um principe casar com uma rapariga pobre. O principe teimou e o pae deixou casar a filha, e ella mandou fazer uma boneca de alcorce e á noite deitou-a na cama, no logar d'ella, e metteu se debaixo da cama. O principe, com um cutello na mão para a matar, pôz-se-lhe a dizer se não se lembrava do que lhe tinha feito, e ella puchava por um cordel para a boneca dizer que sim com a cabeça; se não se lembrava quando o mettera no gallinheiro, — e a boneca disse que sim, e assim que ella disse que sim, elle matou-a e saltou-lhe um bocado d'alcorce para a bocca, e elle abraçou-se á boneca, dizendo:

Dona Vintes, Dona Vintes,
Tão doce na morte,
Tão amarga na vida,
Quem tal crime fez
Merece já morrer.

E ia-se tambem matar, quando a Donna Vintes lhe salta debaixo da cama.

Seja Deus louvado, que é meu conto acabado.

(Elvas)

O Zé Estragado

Era de uma vez um rei e uma rainha que não tinham filhos e viviam muito desgostosos por isso, e um dia a rainha pediu aos céus que tivesse um filho ou por Deus ou pelo Diabo. E teve uma filha pelo Diabo. Quando a filha chegou aos 18 annos teve uma doença de morte e antes de morrer pediu ao pae que lhe mandasse sempre guardar a sepultura por uma sentinella, todas as noites. O rei, que era o pae, assim lh'o prometteu, e assim o cumpriu; mas de cada noite ella comia uma sentinella, e iam assim sendo dizimados os soldados do rei.

Um dia pertenceu a ir de sentinella um soldado a quem chamavam o Estragado, mas este resolveu desertar a não ir de guarda á sepultura, que era na egreja principal. Ia a caminho da deserção quando encontrou um pobresinho, que era Nosso Senhor, e que lhe disse que fosse a guardar a sepultura da menina, que ella que o não comia, e que se pozesse elle detraz do altar-mór, que ahi não lhe succedia perigo.

Elle assim fez. A' meia noite sahiu a princesa da sepultura e disse:

«Sentinella, apparece! Sentinella apparece! Ai! que meu pae já não me faz o que me prometteu!»

E assim esteve a bradar até á uma hora em que recolheu á sepultura. O soldado, de manhã cedo, sahiu para o quartel, e foi grande a admiração da soldadesca por não ter sido comido o *Zé Estragado*. De tarde o mesmo soldado foi a passear e encontrou o mesmo pobresinho, que lhe disse que se pozesse na pia da agua benta quando lhe tocasse outra vez a ir de sentinella á menina. Quando lhe tocou a vez, elle assim fez. A' meia noite sahiu a princeza da sepultura a dizer:

«Soldado apparece! Soldado apparece!»

E andava pela egreja em altos brados e quando d'uma vez chegou a princeza perto da pia da agua benta o *Zé Estragado* começa a lançar-lhe para cima agua da pia, e ella a princeza, transforma-se logo no proprio Diabo e lança a correr, a correr

pela egreja, até que se sumiu pelo buraco da fechadura da porta grande. Seja Deus louvado, está o meu conto acabado.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

PROVERBIOS & DICTOS

(Continuado de pag. 64)

CDXXXI

A caridade bem entendida começa por nos mesmos.

CDXXXII

Anno de rosas — anno de pão.

CDXXXIII

As coisas são o que são e não o que deviam ser.

CDXXXIV

Amas de padre—mulas do inferno.

CDXXXV

Acabou-se a festa—desarmou-se a egreja.

CDXXXVI

Mal por mal, antes na cadeia que no hospital.

CDXXXVII

Meias, só nas pernas, e ás vezes arranham.

CDXXXVIII

Quem mais alto quer subir, maior queda dá.

CDXXXIX

Lá e cá mais fadas ha.

CDXL

Longe da vista—longe do coração.

CDXLI

Quem porfia mata caça.

CDXLII

Quem muito escolhe, mais mal acerta.

CDXLIII

Quanto mais bruto, mais peixe.

CDXLIV

Quem pensa não casa, e quem casa não pensa.

CDXLV

Quem tem filhos, tem cadilhos.

CDXLVI

Quem quer *uste (usted)*, que lhe custe.

CDXLVII

Quem tem vagar faz colheres.

CDXLVIII

Quem tem vergonha anda magro.

CDXLIX

Quando vires S. Gens com capello —volta p'ra traz camello!

CDL

Quem não *trabuca*, não *manduca.*

CDLI

Quem falla no barco quer embarcar.

CDLII

Quem não tem vergonha, todo o mundo é seu.

CDLIII

Quando Deus dá, dá p'ra todos.

CDLIV

Quem não vê Lisboa, não vê coisa bôa.

CDLV

Quem não vê Sevilha, não vê maravilha.

CDLVI

Quem não tem fortuna, na cama quebra as pernas.

CDLVII

Quem o feio ama, bonito lhe parece.

CDLVIII

Quem anda cego de amores não vê senão albardas.

CDLIX

Quem mata uma arveola, tem mais arte do que ella.

CDLX

Quem sahe aos seus não degenera.

CDLXI

Quem vae á guerra dá e leva.

CDLXII

Quem tem força é que levanta peso.

CDLXIII

Quanto maior é a trovoada, mais depressa espalha.

CDLXIV

Pela bocca se paga tudo.

CDLXV

P'ra quem é, bacalhau basta.

CDLXVI

P'ra mal fallar, antes callado.

CDLXVII

Palavras loucas — orelhas moucas.

CDLXVIII

Por falta d'um alho não se desmancha uma alhada.

CDLXIX

Porentes, são os meus dentes.

CDLXX

Pela bocca morre o peixe.

CDLXXI

Bens de sacristão — cantando vêm, cantando vão.

CDLXXII

Em casa de ferreiro, espeto de pau.

CDLXXIII

Em casa d'este hom', quem não trabalha não come.

CDLXXIV

E' como os de Baleisão — não vê as coisas senão na mão.

CDLXXV

Vêr e crêr como S. Thomé.

CDLXXVI

Vista faz fé.

CDLXXVII

Flores em janeiro, maravilhas são.

CDLXXVIII

Foje dos azos, fugirás dos casos.

CDLXXIX

O direito do anzol é ser torto.

CDLXXX

O bem vae para o bem, e o mal para quem o tem.

CDLXXXI

O mel não é para a bocca do asno.

(Continua)

(Da tradição oral, em Serpa)

M. DIAS NUNES.

VOLUME V

ANNO V

SERPA (PORTUGAL), JUNHO, JULHO E AGOSTO

N.os 6, 7 E 8

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

DIRECTORES:

LADISLAU PIÇARRA

E M. DIAS NUNES

HOMENAGEM

Á MEMORIA DO CONDE DE FICALHO

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

Preço d'este triplice numero 300 réis

A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que s[illegible] pela discreta diligencia com que procura desempen[illegible] programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico da educação publica exercida pela imprensa.

RAMALHO ORTIGÃO.

PREÇO DA ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

EM PORTUGAL, SERIE DE 12 NUMEROS	1$200 RÉIS
PARA O ESTRANGEIRO, SERIE DE 12 NUMEROS	8 FR.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO
(CADA NUMERO 1 FR.)

PARIS — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
LONDRES — F. FISHER UNVIN, PUBLISHER — 11, Paternoster Buildings.
BERLIN — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

VENDA AVULSO NO PAIZ
(100 RÉIS CADA NUMERO)

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*
Porto — *Livraria Moreir — Praça de D. Pedro, 42 e 42*
Coimbra — *Livraria França Amado*
Braga — *Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª*
Vianna do Castello — *Livraria Academica e Religiosa*

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*

PREÇO DE 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

QUARTO ANNO

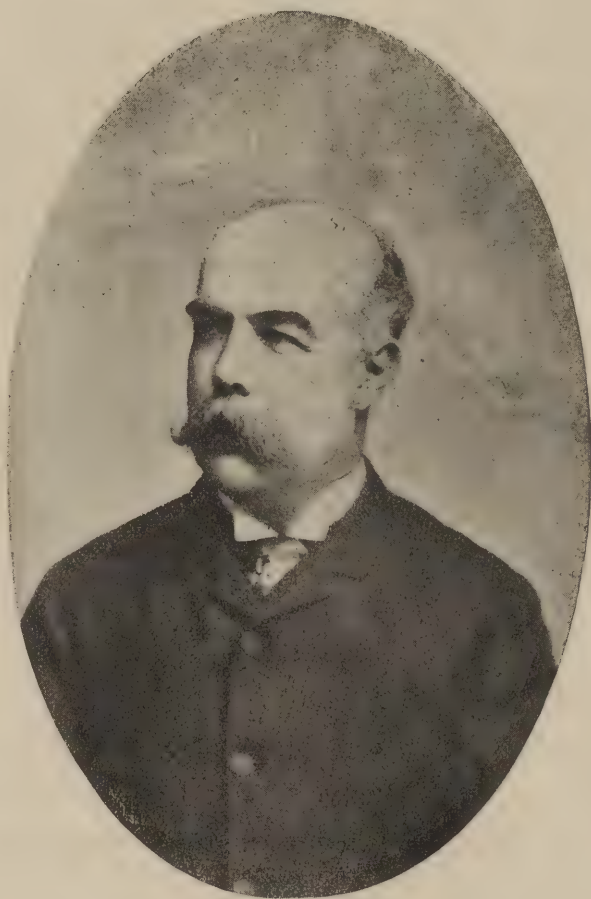
1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva. A. J. Torres de Carvalho, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.)*

PREÇO — 1$200 RÉIS

HOMENAGEM

A' MEMORIA

DO

Conde de Ficalho

(Cliché de A. de Mello Breyner)

CONDE DE FICALHO

FALLECIDO EM 19 D'ABRIL

Anno V—N.os 6, 7 e 8 SERPA, Junho, Julho e Agosto de 1903 Volume V

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores:—LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

O CONDE DE FICALHO

(Retrato intimo)

Aquelle a quem de um obscuro recanto do Alemtejo, nas modestas paginas de uma publicação provincial, se consagra hoje esta humilde flor de saudade, foi o homem mais brilhantemente completo, isto é, o homem mais homem da sociedade portugueza do seu tempo.

Era bello. E esse predicado physico constitue o fundamental indicio da superioridade das especies, das raças, dos individuos. A belleza, como bem pondera Tolstoï, é essencialmente a vida. Na humanidade onde a belleza se decompõe a vida declina, e é sempre a morte que vem, pela degeneração hereditaria, pela doença adquirida ou pela irreparavel e destruidora velhice. Ser bello é ter biologicamente a mais inteira posse, o mais triumphante dominio da existencia.

O conde de Ficalho, recebendo da natureza esse prestigioso dom, soube legitimamente usufruil-o com uma elegancia antiga, um tanto de athleta, um tanto de menestrel, um tanto de paladino; e soube egualmente honrar esse predicado nativo pela mais prodiga liberalidade de coração, pela mais alta cultura do espirito, pela mais fina rectidão do caracter. Pelo atheniense conjuncto d'essas prendas diriamos terem sido escritas para elle aquellas palavras em que Plutarco resume o elogio de um dos seus varões illustres: «Tendo attingido o esplendor da belleza na infancia, na mocidade, na edade viril, elle foi amavel em todo o decurso da vida.»

*

Soube ser cumulativamente homem da côrte, homem do campo, homem d'estudo, naturalista, litterato, artista, poeta, historiador, agronomo, mordomo-mór no paço, estadista no conselho d'estado, legislador na camara dos pares, professor na Escola Polytechnica, embaixador na côrte da Russia, presidente na Academia, lavrador em Serpa, habil conductor de cavallos e de cotillons, cavalleiro, caminheiro, corredor de lebres, caçador de perdizes, conversador egualmente eximio entre princezas reaes, e entre almocreves e carreiros; falando com egual facilidade a lingua aristocraticamente sublimada das primeiras côrtes da Europa e a lingua rispida e crua dos eguariços, dos rabadões e dos malhadeiros das sua herdades.

Ajustava-se-lhe tão airosamente á estatura e ao porte a farda recamada de ouro nas recepções do paço como os ceifões de couro e a jaqueta de pelle de borrego nos montados da sua provincia, atravez dos chaparraes, das

fossas, dos pastios e das cearas alemtejanas.

Acariciava-o tão familiarmente o rumor das sedas, ao compasso dos violinos nas mesuras do mais subtilisado menuete de côrte, como as alegres alvoradas dos melros e das cotovias no austero sussurro dos azinhaes e dos olivedos de Serpa.

Tanto sabia com auctoridade palaciana empunhar o seu bastão de mordomo nas funcções regias, como sabia manejar no gabinete a sua penna de escritor, como sabia governar no campo o ferro de um arado na lavra de um alqueive, ou um pampilho de vaqueiro numa apartação de gado.

E para que em tudo fosse perfeita a plasticidade do seu privilegiado organismo, o seu estomago de rija tempera sertaneja tão gostosamente o alimentava a foie gras e a champagne Clicot nas ceias banaes de sociedade mundana, como, nos madrugados almoços alemtejanos, a tarraçadas de almece escorrido do cincho dos seus queijos, ou a pratasadas de assorda amassada no moreno pão durasio e no louro aseite virgem da sua farta lavoura.

*

Na sua vida affectiva elle foi sempre para a grande maioria dos que o conheceram e o trataram um confuso problema envolto na conjectura de um erro, em que se dizia elle incorrera pelo facto de haver assumido a inteira responsabilidade dos seus devaneios de coração juvenil com uma coragem, uma coherencia moral, um espirito de abnegação e de sacrificio, de que me permitto julgar incapazes aquelles que mais fervorosamente lhe fizeram a sua reputação de egoista.

Interviera na educação da sua meninice uma velha parenta, que frequentemente lhe dava para meditar, nos seus exames de consciencia, este substancioso e vernaculo aphorismo: *Os fidalgos depois de mortos tambem fedem.* Alludindo a essa e a outras influencias da sua creação elle comprazia-se em dizer: «Foi de pequeno que adquiri esta aptidão rara e bastante caracterista—*sei andar só e a pé.* A sua desdenhosa e imperativa divisa *Não me sequem* não era, como poderia parecer, um grunhido de feroz egoismo, mas sim a simples e ingenua affirmação de que elle pertencia ao numero dos raros homens que são na verdade alguem, que pensam pela sua cabeça, que se governam pela sua vontade, sem tribu, sem partido, sem confraria, sem escolta, sabendo, como elle dizia, em palavras differentes mas equivalentes ás do seu moto, caminhar altivamente e independentemente na vida a sós e pelo seu pé.

Esses são os sujeitos aperfeiçoados, consistentes, desemparceirados, soltos, a prumo na existencia. Sabem ao que vieram e sabem ao que vão. Inutil incommodar-se alguem a ensinar lhes o caminho, a offerecer-lhes o braço, a empurral-os para subir, a ter-lhes mão para descer. Acham-se preparados, providos e equipados para tudo: levam o seu roteiro, o seu farnel, o seu bordão, a energia da sua vontade e a força do seu musculo. Francamente não; não os acarinhem, não os confortem, não os guiem, não os acompanhem... Em summa: *não os sequem*! E o que mais seca os homens d'esse feitio superior capacitemo-nos de que não é terem de acudir aos outros, é terem os outros a pretensão de lhes acudir a elles.

Egoistas é evidentemente mal chamado. *Senhores de si* é que se deve dizer.

*

De mediocre chefe de familia o ouvi tambem acusar. Como se jámais elle tivesse sido, ou tivesse tido disposição para pensar em ser chefe do que quer que fosse! Na sua casa dos Caetanos,

que o que escreve estas linhas teve a honra de frequentar durante um longo periodo de mais de trinta annos, o unico chefe incondicionalmente absoluto foi sempre a senhora condessa de Ficalho, mulher de raça na mais alta accepção d'esta palavra, reunindo á mais aliciante e dominadora formusura soberanos dotes de espirito, destinados pelas leis da gravitação moral, tão inquebrantaveis como as da gravitação fisica, a determinar o acto de abdicação de comando, que desde o dia das nupcias depuseram de presente na sua arca de noiva seu marido e seu sogro, os dois titulares de Ficalho.

Entre os seus multiplos talentos, que fizeram d'ella a senhora portugueza de mais prestigio social na sua epoca, a condessa de Ficalho tinha no grau mais perfeito o de presidir a um salão e o de governar um trem de grande casa. Tanto o marquez como o conde de Ficalho comprehenderam com um fino discernimento de delicado sibaritismo que a mais prebendada categoria que elles ambos podiam ter no seu antigo solar era a dos invejados hospedes da senhora condessa. E foi n'essa categoria que um e outro se inscreveram e ajuramentaram por incondicional, e irrevogavel compromisso.

De uma vez, na avenida, em um grupo de que fazia parte o conde de Ficalho, conversava-se de um baile que d'ahi a tres dias se realisaria nos Caetanos. Um dos circumstantes observou:

— Note o conde que eu, pela minha parte, ainda não tive convite...

E elle em fastienta abstracção, olhando alto, tomando nos dedos o charuto que tinha nos beiços:

— Eu tambem não.

De outra vez, nos Caetanos, esperando a chamada para a meza no sofá da sala amarella, o marquez, então no ultimo anno da sua vida, queixando-se resignada e galhofeiramente dos seus achaques, dizia:

— Vae-me principiando a faltar a pachorra para pôr camisa de gomma... e acho que ainda tenho duas... Felizmente que quando não ha gente de fóra para jantar, a senhora condessa me deu já licença para vir de jaquetão.

Sobre os demais privilegios com que o dotou a fortuna o conde de Ficalho teve o de ser na sua casa até o derradeiro periodo da sua vida um simples filho-familia. Nada mais curiosamente original do que o quadro de interior que d'esse facto provinha. Filho unico elle mesmo, e sem filho varão, herdeiro do seu nome, em cuja educação houvesse pessoalmente de intervir para honra das tradições da sua estirpe, tendo os seus apartamentos entre os da senhora condessa no andar nobre e os de seus paes nos mezzaninos do palacio, o conde de Ficalho atravessou a mocidade e a edade madura, e entrou na velhice, completamente despreoccupado de todas as cogitações e de todos cuidados de casa, tendo a sua bibliotheca annexa ao seu escritorio e ao seu quarto de vestir, recluso nos seus interesses de trabalho e de estudo, levando a vida de eterno rapaz e de elegante filosofo, modestamente servido por um unico creado, o seu creado de quarto. Toda a demais gente de casa, na cosinha, na cocheira, na cavallariça, e de escada a cima, era do serviço da senhora condessa.

O marquez, nos seus quartos, tinha uma existencia analoga á do seu filho.

Muito commovente, no mecanismo d'aquella casa, ás horas canonicas do Benedicite, o encontro regular, duas vezes por dia, d'esses dois homens antigos, agigantados, summamente parecidos um com o outro, ambos velhos, robustos, de tez morena, alambreada e pallida, olhos penetrantes e enigmaticos, fortes supercilios negros, e macios bigodes brancos anellados em curva de alfange. Não seria facil modernamente encontrar em qualquer outra parte duas

figuras tão modelarmente esculpidas no vivo pela fidalguia da tradição e da casta, tão genuinamente representativas d'essa velha, quasi extincta, raça portugueza ao mesmo tempo sonhadora e brava, aguerrida e terna, aventurosa e namorada, de cuja seiva sahiu Camões, o maior poeta do heroismo, e Jorge de Montemayor o maior poeta da galanteria; raça a que no apogeu da sua força coube a gloria de ensinar simultaneamente a combater e a amar, dando conjuntamente á Europa o roteiro da conquista da India e o da conquista da mulher, pela resistencia do animo, pela força do braço e por essa *melosidad y derretimiento en amores* que no seculo XVII deixou assignalada a passagem de nossos guapos antepassados por cima das mais preciosas alfombras de todas as Hispanhas.

E eram esses dois fidalgos, unicos talvez dos morgados sobreviventes á abolição dos vinculos que no seu palacio do bairro alto de Lisboa, viviam em nossos dias, sob o fragil, espirituoso e elegante dominio d'uma senhora, attentos ao toque da sineta, submissos como dois noviços á regra do seu convento.

Este deshabito domestico do commando juntar se-ia, ainda que incidentemente, ás demais razões que obstaram sempre a que o conde de Ficalho fosse um chefe partidario, um chefe parlamentar, um chefe politico. Alludindo a esses obstaculos da vida publica para um temperamento e para um caracter como o d'elle, refiro-me ao seu convicto despreso pela popularidade burgueza, á sua aversão das formulas parlamentares consagradas e ôcas, ao seu desdem profundo dos mediocres palavrosos e audazes, e finalmente á sua incompatibilidade molecular com todas as conciliações e com todas as transigencias de pundonor, de educação e de gosto.

*

O retrato intellectual do conde de Ficalho, pelo metamorphosismo da sua personalidade, pela sua prodigiosa facilidade de acommodação a todas as condições e a todos os pontos de vista em que se póde considerar o universo, é quasi impossivel de fazer a não querermos caracterisal-o pelo seu traço essencial — a faculdade absoluta de comprehender e explicar.

De uma cultura encyclopedica foi sem duvida um positivista, rebelde todavia ao dogma da infalibilidade scientifica como era rebelde ao absolutismo de todas as infalibilidades e de todos os dogmas. O seu espirito lucidissimo e completamente são tornara-se refractario a todas as allucinações incluindo a da certeza. Como pensador não tinha partido philosophico. Não era espiritualista, nem materialista, nem deista, nem pantheista, nem atheu. *Cogito ergo sum* poderia elle tornar a dizer como Descartes ao concluir a liquidação de todas as doutrinas da sua epoca. Como não tinha seita nem escola tambem não teve correligionarios nem discipulos fóra da sua especialidade concreta de naturalista.

Profundamente convicto da decadencia das instituições, das ideias e dos individuos na sociedade portugueza do seu tempo, creio que por uma especie de pudor de libertino convidado por equivoco para reuniões de hypocritas, elle nunca teve em publico senão vagas opiniões atenuadas pela fatalidade da adaptação á hostilidade do meio. E ninguem de certo entre os seus raros amigos repetiu mais vezes e mais entristecidamente a desconsoladora pergunta moderna: *Para quê? para quê?...* Por essa rasão elle se definiu numa palavra rigorosamente exacta no dia em que a si mesmo se chamou *um vencido*. Que foi elle effectivamente, pela sua limpida elevação moral, no moderno mundo portuguez, senão a antithese mais flagrante da immoral chateza dos triumphadores?

Especulativamente, fóra de toda a acção pratica, elle foi o mais alto

(Cliché de A. de Mello Breyner)

Serpa — O palacio do Castello, pertencente á casa de Ficalho
(VISTA DO NASCENTE)

espectador, o primeiro dilettante do seu tempo. Dilettante é seguramente a qualificação que melhor cabe á sua culminante figura, se dermos a essa palavra não o sentido vulgar e corriqueiro em que ella geralmente se emprega, mas sim o significado philosophico que tem na critica esse italianismo indispensavel na classificação das categorias intellectuaes.

O dilettantismo — se me atrevo a definil-o — presume a mais vasta educação e a mais variada cultura que pode attingir um espirito pelo estudo das doutrinas e das civilisações comparadas, nos livros, nas viagens, no largo trato dos homens. E' uma fórma activa, para assim dizer militante, do scepticismo e do epicurismo classico, em intelligencias especialmente superiores, para as quaes a duvida philosofica, resultante não de escassez de investigações mas de superabundancia de provas se converte numa especie de sensualidade esthetica, poderoso foco de pacificação, de indulgencia e de sympathia.

Il faut dans ce bas monde aimer beau coup de choses—disse aos philosofos o poeta Musset. E os dilettantes são esses talvez que por muito amarem se nos figuram indifferentes por funcção de uma lei semelhante á que determina as calmarias pelo encontro de vendavaes oppostos.

Bourget, em uma das paginas mais penetrantes dos seus *Ensaios de psychologia contemporanea*, invocando o dilettantismo para definir o perturbante espirito de Renan, diz que uma das propriedades d'essa disposição mental é a de corrigir toda a affirmação por meio de habeis matizes que preparem a passagem para uma affirmação differente. Esta phrase, de tão subtil e exacta observação, parece feita para nos dar uma precisa imagem da modalidade mental do conde de Ficalho, da bem equilibrada ponderação das suas faculdades, da positividade da sua razão, da honestidade das suas ideias, da imparcialidade dos seus juizos, da polidez levemente ironica da sua exposição e, finalmente, da sua quasi completa impossibilidade psychologica de incorrer em erro.

*

D'essas peculiariedades da sua cerebração não é difficil deduzir o desenvolvimento do seu caracter e a feição pessoal do seu trato.

Era o mais seguro arbitro e o mais auctorisado mestre a que podiam recorrer os seus amigos em toda a especie de negocios,—negocios technicos, negocios economicos, negocios de tacto social, negocios de dignidade, negocios de brio, negocios de honra.

Nunca se arrebatou nem de despeito, nem de cholera, nem de alegria, nem de enthusiasmo. A posse do mais raciocinado e mais inteiro comedimento parecia envolvel-o e cingil-o como de um arnez olympico, frio, polido e impenetravel.

De uma affabilidade simples, quasi sem maneiras á força de as ter desartificiosas e expontaneas, elle poderia faltar, e de certo faltou muitas vezes por desapego, por fastio de banalidade, ás cortezias decretadas nos manuaes da civilidade pueril, mas nunca, nem de leve, elle roçou no insidioso escolho, a que os francezes chamam a *gaffe*, e em que inevitavelmente esbarram já uma vez por mez, já uma vez por semana, já uma vez por dia, nos salões aristrocraticos, os mais correctos e mesureiros engulidores de chá.

Elle não teria talvez sido opportuno sempre, mas não foi importuno nunca. E se alguem esperou debalde em certo dia uma visita sua, ninguem tambem para affastar o calix de uma pontualidade excessivamente fervorosa, teve jámais, pensando n'elle, de dizer ao seu porteiro: — Se vier ahi um sujeito alto, bem vestido, de bigode grisalho, charuto nos beiços,

bengala atraz das costas, diga-lhe que sahi.

*

Ha quem se ache convencido de que os individuos verdadeiramente superiores na especie humana não são propriamente aquelles cujo perfeito equilibrio cerebral se decompoz por uma d'essas protuberancias anomalas a que chamamos o talento artistico, o valor guerreiro, a habilidade diplomatica, o poder inventivo, a contensão experimental ou a especulação philosophica, mas sim os que, sem se deformarem nem exhaurirem no esforço de uma aptidão especial, abrangeram a mais larga e a mais nitida visão do universo, aprofundaram até o extremo limite do alcance intellectual o complexo mysterio da existencia, o indecifravel enigma da vida, e morreram calados e desconhecidos.

A critica não sabe ponderar nem definir senão as mais delimitadas e circumscritas especialisações da capacidade intellectual do homem. O conde de Ficalho foi sem duvida o menos especialisado de todos os intellectuaes da sua geração, foi tambem — em meu conceito — o mais superior de todos elles. Mas o vulgo de certo o não entenderá assim, porque a critica não tem, nem terá nunca, pedestal apropriedado em que o exponha, por cima do seu respectivo rotulo, aos olhos distrahidos de quem passa. Donde era elle, afinal de contas, para o pômos de louros na cabeça e de palmas aos pés no sitio de que elle é? E' da arte? das letras? da politica? da industria? da diplomacia? da guerra?... De quê? Embaraçosa pergunta.

Se em nosso tempo se houvesse constituido essa pequena e selecta oligarchia intellectual, que, segundo alguns philosophos, tem um dia de governar definitivamente o mundo, o conde de Ficalho teria sido dos cinco ou seis d'esse governo ideal e supremo.

Estamos porém longe de vêr realisada essa aspiração.

As cinzas d'este morto não correm portanto eminente risco de que as revolva a reclame nem de que ferozmente as levem, em abominavel *procissão civica*, para esse apregoado trapiche de ossos velhos e illustres, de que Deus por sua infinita misericordia affaste para sempre os restos de todos aquelles que eu venero e que eu amo.

*

A geração dos Mellos, alcaides mores de Serpa, dos quaes o conde de Ficalho foi o derradeiro representante, provem de um ramo da descendencia de Mem Soares de Mello (Menendus Suerü de Merloo) companheiro d'armas d'Affonso III na conquista do Algarve; e data historicamente de Vasco Martins de Mello, almoxarife e alcaide no tempo do rei D. Fernando.

A casa rural dos Mellos de Serpa, aos quaes coube a honra de lhes ser consagrado por Fernão Lopes o capitulo CLXXVI da sua chronica de El-Rei D. João I, casa successivamente ampliada e engrandecida atravez de cinco seculos, constitue a propriedade actual, de que era senhor o conde de Ficalho, e que, desde os primeiros annos da sua mocidade, elle administrava com assidua e desvellada pericia.

Em 1834, finda a campanha liberal e estabelecido o novo regimen sob o reinado da senhora D. Maria II, os marquezes de Ficalho, cujos bens de fortuna se tinham consideravelmente abalado pelas vicissitudes da guerra e da politica, abandonaram honesta e corajosamente a côrte e fixaram o seu domicilio em Serpa. Em 1837 um fausto acontecimento de familia obrigou os dois jovens conjuges a vir a Lisboa, jornadeando por quatro dias, como a esse tempo jor-

nadeava ainda no Alemtejo uma familia de fidalgos, — o marquez a cavallo seguido de dois creados egualmente montados, a marqueza, com a sua aia, na carreta toldada, interiormente almofadada, tapetada com um panno de raz, engatada a um tiro de possantes mulas, e escoltada por oito ou dez couteiros, devidamente equipados e armados.

Ao cabo de dois mezes os marquezes regressavam d'esta breve e carinhosa viagem, destinada a rodear dos mais promptos socorros o nascimento do seu primeiro filho; e o conde de Ficalho, ao repique dos sinos de Santa Maria, entre festões de flores e de sorrisos, entrava pela primeira vez na casa de Serpa ao collo da sua mãe, palida, orgulhosa e enternecida.

N'essa casa, onde o conde de Ficalho permaneceu ininterrompidamente até os 14 annos de edade, e onde sua mãe o ensinou a ler e a escrever em portuguez e em francez, dando-lhe regulamentares lições de geographia, de historia e de arithmetica, emquanto o erudito padre Pinto, seu capelão, lhe ensinava o latim, a logica e a rhetorica, os marquezes levavam a vida frugal e recolhida de modestos lavradores, e a essa tradição de simplicidade foi sempre religiosamente fiel o seu unico filho e herdeiro.

A marqueza, senhora elegantissima, cujas toilettes de côrte lhe eram enviadas de Paris por sua tia Narbonne, nunca se vestiu em Serpa, para sahir de casa, para ir á egreja ou para fazer visitas, senão de capote e lenço. E não o fazia por chic d'exotismo, como hoje se diria, mas sim, como ella mesma explicava, para não desafiar a uma ridicula imitação das modas de Lisbôa as modestas e honradas senhoras alemtejanas. Por sua parte o marquez, assim como o conde de Ficalho, sempre e invariavelmente se vestiu em Serpa como os abegões e os maioraes das suas terras: de jaleca e cinta e chapeu serrano.

A propriedade, muito vasta, compõe-se de treze herdades, — entre as quaes o Pexoto, Grafanes, Pedro de Mello, as Melrinas, Pantufo, Torres de Lobio, Val de Zorra, Barrocaes — e mede uma superficie total não inferior talvez a 6 ou 7 mil hectares.

O palacio, chamado do Castello por ter substituido o primitivo castello, residencia dos alcaides móres, é uma grande e singella edificação do seculo XVII, inclusa na antiga muralha da villa, e coroando uma elevada collina a cavalleiro de toda a vasta planicie de vinte kilometros, que d'ahi se espraia até Beja. Um alteroso aqueducto, em arcada italiana, conduz a agua da serra, e alegra com o recorte da sua fuga no azul do espaço o denegrido e vetusto edicio, a cujo nobre e amplo terreiro, ensombrado d'acacias, se entra pelo arco ogival de uma das portas da muralha.

A grandeosa escadaria interior leva em dois largos e duplos lanços a enormes salões ladrilhados, de dois andares de altura, de lambris azulejados e profundas abobadas de berço branqueadas a cal, á velha moda alemtejana. Nas grandes chaminés ardem durante metade do anno os mais volumosos troncos d'azinho. Ao longo dos muros correm successivas estantes baixas, onde se enfileiram nas suas antigas encadernações de beserro e de pergaminho, com muitos tratados de agricultura e de sciencias historico-naturaes, os nossos classicos seiscentistas, os nossos velhos chronistas, os poetas e os dramaturgos hispanhoes e francezes dos seculos XVII e XVIII, ao lado das obras monumentaes de de Bluteau, de Barbosa Machado, de Antonio Caetano de Sousa, da Crusca, dos Bolandistas, da Academia da Historia, denotando a passagem por aquelles solemnes e recolhidos apartamentos de successivas gerações de eruditos, de estudiosos, de letrados. Bancos, arcazes, bufetes de carvalho e de pau santo, retratos brazonados de antepassados, damas e cavalleiros, em que predominam os

trajes de côrte de Filippe II e de D. João IV, bufetes e poltronas de couro de Cordova, constituem toda a decoração d'estas velhas salas em que é consoladoramente doce descançar, na honesta serenidade de uma longa posse hereditaria, do descabeçado *bric-à-brac* com que tão impudicamente nos affrontam os salões novos inaveriguados receptadores de pompas velhas.

Do alto eirado da casa a vista abrange circularmente um vastissimo trecho da paizagem e da vida rural que o conde de Ficalho tão commovidamente nos descreve nas saborosas paginas dos seus contos.

Entre a esfumada casaria de Beja, que alveja tenuamente ao longe, á parte do poente, e os nebulosos montes de Ficalho, que fecham o horisonte pelo nascente, por entre olivedos e montados verdescuros, lourejam os trigaes, serpenteiam caminhos e carreiros areentos e arruivados, por onde aos sabbados descem ao povoado os grupos de ganhões e de moços do monte, por onde em cada madrugada d'este mez de junho partem da villa para o campo os ranchos das ceifeiras, cantando em coros surprehendentes, de penetrantes e saudosas melodias conjugadas nos mais complicados e inesperados effeitos d'harmonia e de contraponto. Das ravinas, em que afloram invisiveis veios d'agua, brotam de longe a longe, virentes frescuras de choupos e de canaviaes perfumados e floridos de aloendros e de madresilvas, de cuja espessura cantam os melros, as cotovias e os rouxinoes. De manhã cedo, ou de tarde ao pôr do sol, esta paizagem de caracter intactamente primitivo, envolve-se de uma serenidade de encanto biblico, em cujo extatico silencio assumem a mais extranha intensidade de expressão os mais leves accidentes da vida local: um rebanho que perpassa lentamente ao longe como um formigueirinho, um remoto latir de galgos, um chocalhar de guizeiras, um carro d'almocreve que vem rodando ao trote obliquo das suas duas mulas pela carreteira de Beja. E na casa do Castello tudo parece acharse no mais intimo acordo com a infinita serenidade da paizagem que a rodeia. O pessoal dos seus trinta creados, manageiros, couteiros, malhadeiros, roupeiros, rabadões, vaqueiros, eguariços, tudo parece doutrinado e disciplinado pela tradição secular e pela aptidão hereditaria de consecutivas gerações. Os mesmos gados e os animaes domesticos, os porcos, as ovelhas, as cabras, os borregos, as vaccas, as eguas, as mulas, os coelhos, as gallinhas, constituem castas de mais ou menos antiga tradição local. De sorte que tem o ar de ser por evolução expontanea que a propriedade fornece aos seus proprietarios tudo aquillo de que elles precisam sem a desagradavel intervenção do dinheiro. A terra produz e ressuma abundantemente o azeite, o vinho, o queijo, o leite, o pão, que se forneia dia a dia, as favas, as batatas, os garvanços, todos os legumes frescos, as hortaliças, as fructas, os animaes comestiveis, o linho dos lençoes, a lã dos briches, dos sorrubecos, das estamenhas e das mantas.

Além de que, para que a casa de Serpa seja inteiramente o perfeito sacrario das tradições de uma familia e de uma casta, a egreja do convento de S. Francisco e a de Santa Maria são verdadeiros pantheons dos Mellos. Será difficil dar trez passos sobre o pavimento de qualquer d'essas duas egrejas sem calcar algum dos brasões com os seis besantes entre dobre cruz, armas dos que ahi dormem o derradeiro somno.

A piedosa ternura filial da actual senhora de Ficalho procurará manter intacta, por alguns annos mais, a antiga e saudosa casa dos seus antepassados, mas para aquelles que, como o que escreve estas linhas, conheceram o conde de Ficalho em Serpa, e tornam depois da sua morte a ver a casa de Serpa, onde no canil

e a um canto das cavalhariças debalde o esperam os seus galgos de caça e o seu cavallo de sela, uma pungente melancolia de occaso envolve tudo, e aqui mais que em nenhuma outra parte se sente que com o morto a quem consagramos estas paginas, alguma coisa insubstituivel e incomparavel desappareceu para todo sempre da religião do passado, da tradição, da historia, da poesia da nossa terra.

RAMALHO ORTIGÃO.

No nosso meio português sobresaía, de maneira indiscutivel, o Conde de Ficalho, pela nobreza dos seus sentimentos, pela vastidão multiplice do seu saber, pela rapidez da concepção e elegancia da palavra, pela figura tão correctamente caracteristica e sympathica.

No exercicio do alto cargo de Conselheiro de Estado, no exercicio do primeiro cargo da Côrte portuguêsa, nas sessões da Academia, na direcção da nossa Escola de Bellas Artes, na regencia da sua cadeira de Botanica, a que tanto amor votava, ou nos seus trabalhos, tão variados, de historia natural, de historia patria ou de imaginação, em toda esta vasta esphera de actividade, tanto como no trato quotidiano, se destacava sempre, pelo brilhantismo dos seus dotes exteriores, pela firmeza do seu caracter, pela pujança do seu saber.

N'aquella sua monumental edição da obra de Garcia da Orta sobre os simples e drogas da India, o volume que serve como que de prefacio — *Garcia da Orta e o seu tempo* — mostra bem o seu fino criterio e o seu escrupuloso cuidado na indagação da verdade. Identifica-se primeiro com o velho medico da India, acompanha-o nas differentes phases da vida, estuda o seu tempo e os seus meios d'acção, e só depois se abalança ao estudo da sua obra. Cria d'este modo um trabalho erudito de investigação historica, tão attrahente pela idéa e pela fórma, mas que, para o auctor, é apenas a moldura rendilhada que ha de fazer realçar o seu quadro.

Fortalecido com esta preparação, começa com as suas annotações, onde o naturalista, o linguista e o historiador teem largo campo, e donde, pela feliz união d'aquellas diversas ordens de conhecimentos que se completam e se amenizam mutuamente, resulta, sem contestação, um dos mais primorosos monumentos da moderna litteratura scientifica portuguêsa.

O fallecido dr. Lisboa, botanico muito conhecido, natural da India portuguêsa, e que na nossa India e na India inglêsa viveu quasi sempre, de passagem em Portugal disse-me uma vêz, em conversa, que o surprehendera muito a exactidão com que vira identificadas e descriptas as especies indianas n'essas notas dos *Coloquios*, accrescentando que, ao lêr essas notas, lhe parecia quasi impossivel que tivessem sido escriptas por quem nunca fôra á India. Creio que n'esta espontanea confissão do illustre filho do oriente está uma das mais elevadas consagrações do merito da obra.

As plantas africanas mereceram-lhe tambem muito particular attenção, e nos riquissimos herbarios de Welwitsch, propriedade da Academia e depositados hoje na Escola Polytechnica, consumiu muito tempo em estudos e annotações: estudos que na maior parte realisou elle só, e que na outra parte effectuou na companhia do sabio botanico inglês Hiern, vindo expressamente a Portugal para esse fim.

Este estudo das plantas africanas levou-o a publicar vários artigos no *Boletim da Sociedade de Geographia*

de Lisboa, sob o titulo de — *Nomes vulgares de algumas plantas africanas, principalmente angolenses*, — artigos que, revistos depois e ampliados, foram novamente dados á publicidade, em volume separado, com o titulo de — *Plantas uteis da Africa portugêsa*.

Como nas notas dos *Coloquios* de Garcia da Orta, que chronologicamente havia de publicar alguns annos mais tarde, a identificação botanica é tambem acompanhada, nas plantas africanas, da synonymia vulgar e da nota historica, alliança que dá tanto realce e tão grande attractivo a estes trabalhos do Conde de Ficalho.

Do valor d'essas identificações de uma vegetação estranha, feitas sobre exemplares nem sempre completos, e n'uma epocha em que os conhecimentos da flora africana estavam ainda atrazadissimos, dá boa medida o seguinte facto. Depois de muitos annos de trabalho enorme e perseverante, Hiern acabou de publicar ha pouco tempo a revisão e descripção total das plantas africanas do herbario de Welwitsch, feita sobre os duplicados existentes em Londres: pois bem, n'esse trabalho de investigação de primeira ordem, lá vem citadas numerosas vezes e acceites as indicações dadas pelo Conde de Ficalho.

Das plantas portuguêsas, do continente, publicou a revisão de várias familias. Esses trabalhos, sahidos no *Jornal da Academia* e que tiveram tambem uma pequena tiragem á parte, foram feitos em condições muito desvantajosas: foram feitos de 1877 a 1879, quando a exploração botanica do nosso país estava ainda muito atrazada, relativamente á actualidade. Publicando as listas de plantas então conhecidas, chega a admirar como, com tão escassos elementos, poude alcançar resultados tão certos ou tão approximados. E reconhecendo, com o seu superior criterio, que a base solida para a revisão da nossa flora estava no desenvolvimento das herborisações, impulsionou-as de um modo extraordinario, e accumulou assim materiaes de riqueza incalculavel nos herbarios da Polytechnica.

Sobre esse grande numero de exemplares, projectou uma revisão dos seus primeiros trabalhos, a que seguiriam, muito naturalmente, outros novos; mas apenas chegou a revêr e publicar no *Boletim da Sociedade Broteriana* uma das familias, estudo esse em que com elle eu tive a honra de collaborar.

O seu livro *Viagens de Pedro da Covilhan* é de natureza diversa em relação aos anteriores: é um estudo historico. Estes estudos da historia patria mereceram-lhe sempre, mais ou menos, particular agrado. Nas anteriores publicações, em que a botanica era o verdadeiro objectivo, vimos como os factos botanicos eram esclarecidos e amenizados, debaixo da sua penna elegante, pelos factos historicos parallelos. Nas *Viagens de Pedro da Covilhan* é esta ultima feição do seu espirito que corre desacompanhada; notando, ainda assim, tão intimamente ligadas estão as diversas aptidões de um homem, que mesmo n'esse livro se reconhece o temperamento do naturalista, no arranjo methodico com que vae accentuando e analysando os caracteres dos personagens, ou desenrolando a acção, bem como nas breves e dispersas indicações que dá n'um e outro ponto respectivamente ao meio em que ella se realisa. E d'esta phase nova resultou, a enriquecer a litteratura patria, um trabalho, no genero d'aquelles de Oliveira Martins, em que a verdade historica, esclarecida superiormente, humanizada e dramatizada, tanto seduz como instrue.

As suas memorias, sobre a *Malagueta*, sobre a *Flora dos Lusiadas* e outras, são afferidas sempre pelo mesmo justo criterio e patenteiam a mesma vasta erudição. Como a sua *Introducção* ao livro apresentado na ultima Exposição Universal de Paris — *Le Portugal au point de vue agri-*

(Cliché de A. de Mello Breyner)

O palacio do Castello
(VISTA DO POENTE)

cole — traça o quadro mais encantador da economia rural portuguêsa; como os seus contos e escriptos de imaginação deleitam pela elegancia e naturalidade do estylo.

Na regencia da sua cadeira de Botanica da Polytechnica, prendia e encantava os seus alumnos, com o prestigio da palavra facil e levantada; encarando as cousas superiormente e procurando synthetizá-las, incutia nos espiritos a noção precisa, com a maxima clareza, dando a primeira importancia não tanto aos factos em si, mas ás suas razões de ser.

Esta sua cadeira de Botanica da Polytechnica merecia-lhe grande estima. Tendo abandonado ha annos a regencia, por falta de tempo e ultimamente por falta de saude, queria ao menos assistir sempre aos exames. E assistia sempre, e interrogava sempre, e só deixou de alli ir quando a doença de todo o prostrou, porque, já bem doente, sem já poder ir de casa a pé, alli foi.

Para se avaliar melhor a rapidez da sua concepção, a grandeza dos seus conhecimentos tão solidamente adquiridos e a facilidade da sua memoria, vou citar dois factos, de natureza mais intima, que ambos me impressionaram e mostram bem os seus dotes excepcionaes.

O primeiro presenciei-o no Instituto Agricola, mas sem n'essa occasião o comprehender: explicou-m'o depois o então secretario Stephen de Willd. Era um dia de sessão solemne de abertura das aulas; comparecia o ministro das Obras Publicas e numeroso publico; o director, que era n'essa epocha o Conde de Ficalho, tinha de lêr um discurso commemorativo e lêr o relatorio dos trabalhos escolares. A' hora marcada, ao sahirem da secretaria para a sala das sessões, o secretario entregou ao seu director o relatorio dos trabalhos escolares e perguntou-lhe pelo manuscripto do discurso; mas, na despreoccupação do seu espirito, o Conde de Ficalho nem se lembrara d'esse discurso, nem tinha escripto nada. Rapidamente pede um papel manuscripto, fosse elle qual fosse; leva-o, e sereno dentro da sala, parecendo lêr, improvisa um discurso que a todos encanta, e que deixa o secretario estupefacto, porque é o unico que está no segredo, e o unico que sabe o que está escripto no papel.

O outro facto, e não menos significativo, presenciei-o eu tambem nos exames da Polytechnica. Afastado da regencia uns treze ou quatorze annos, interrogava sobre os variados assumptos do ponto, sem a menor preparação (porque embora o ponto fosse tirado com antecedencia, nunca o mandava ir para casa), sem uma hesitação, e descendo a minucias de anatomia ou de morphologia, de caracteres differenciaes de familias ou de especies, como se n'aquelle mesmo anno lectivo os tivesse dito na aula. Na sua conversação fluente e espirituosa captivava os que o ouviam, e a sua indole leal levava-o a procurar sempre auxiliar aquelles, em quem reconhecia desejos de trabalharem n'um qualquer dos campos onde a sua actividade tambem se exercia.

E' justissima, a todos os respeitos, a sentida homenagem que os redactores d'*A Tradição* prestam ao Conde de Ficalho. Ao preito devido ás elevadas qualidades do homem, tão brilhantemente afirmadas em meios tão differentes, accresce a gratidão pelo collaborador insigne, que tanto honrou as paginas d'esta publicação com os seus estudos historicos, e que tanto se interessava pela prosperidade d'ella.

Eu ouvi, mais de uma vêz, as amaveis referencias que elle fazia aos seus redactores, notando como, n'uma villa de provincia do nosso país, n'este tempo tão dado a egoismos e ao amor exagerado das cousas da vida real, se encontravam ainda homens novos que trabalhavam, pondo a sua mira em mais altos ideaes, e se abalançavam a estudos e publicações d'esta natureza.

Agradecendo, reconhecido, aos redactores da *Tradição*, o terem querido associar o meu nome a uma manifestação tão sympathica, termino estas breves linhas, para deixar o logar a quem possa dizer do illustre extincto melhor do que eu, embora decerto não com maior saudade.

Lisboa, 28 de abril de 1903.

A. X. PEREIRA COUTINHO.

O CONDE DE FICALHO

VAI cada dia rareando mais a pleiade de egregios escriptores, que a restauração das boas letras portuguesas, operada nos três primeiros quarteis do século XIX, legára ás gerações actuaes.

Foi, com effeito, êsse luminoso periodo de revivescencia da literatura nacional, que produziu os mestres, que se chamaram Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, Luís Augusto Rebêlo da Silva, Mendes Leal, e os seus fiéis e notaveis discipulos e continuadores, como Antonio Augusto de Aguiar, Antonio de Serpa, Andrade Corvo, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Thomás Ribeiro, João de Deus, para só falar dos mortos; e tantos outros, entre os quaes avulta por muitos titulos aquelle, sôbre cujo cadaver caiu há pouco a pesada campa da sepultura, que oxalá não seja tambem a de immerecido esquecimento, como o tem sido para tantos outros nomes illustres nesta terra de ingratos e desmemoriados.

Poucos homens, em Portugal, tiveram tantas condições de se tornarem uteis á sua patria pelo exercicio das letras, como o Conde de Ficalho.

Creado desde os primeiros annos na mais nobre sociedade portuguesa, nobre elle tambem pelo nascimento, com relevantes prendas naturaes, avivadas e fortalecidas por severos estudos e pela convivencia constante com os primeiros vultos da sua epoca, já literatos, já eruditos ou philosophos, já artistas; todos estes bons mentores lhe estimularam o engenho, acenderam a fantasia, e lhe vaticinaram lugar primacial entre os escriptores do seu tempo.

Não desmentiu o Conde de Ficalho o vaticinio lisonjeiro. A sua actividade nas letras manifestou-se em varios campos, e em todos elles deixou assignalada a sua effigie sympathica e perspicua, legando memória tam evidente, que difficultosamente se encontrará, na literatura portuguesa do periodo em que floreceu, figura que o offusque, ou mesmo que se lhe irmane.

Como homem de sciencia, além da regencia notabilissima da cadeira de botanica na Escola Polytechnica de Lisboa, tem a revelar-lhe o merito transcendente a valiosissima publicação *Plantas uteis da Africa portuguesa*, a formosa monographia, *Flora dos Lusiadas*, e a reedição e commentario dos *Dialogos dos Simples e das Drogas da India*, de Garcia da Orta, prefaciados pela doutissima obra *Garcia da Orta e o seu tempo*, estudo consciencioso, perspicaz, e ao mesmo passo patriotico, da epoca do grande médico e naturalista português.

Deu-nos depois, como historiographo, um soberbo trabalho, intitulado *Viagens de Pedro da Covilhã*, e os estudos sôbre os arabes no sul de Portugal, publicados nesta Revista, que elle estimulou e patrocinou com tamanho carinho e desvelo. Como ethnographo de subido valor, vemos na mesma Revista os seus importantes artigos acêrca da vida pastoril da sua provincia dilecta.

Orador fluentissimo e elegante, igualmente no dominio da literatura amena grangeou o illustre escriptor o titulo de contista primoroso e observador sagaz da vida moderna alem-

tejana, no pequeno volume de *Contos* que deu á luz em 1888, pequeno emquanto ao formato, grandissimo na valia literaria e na psychologia da obra.

A quem escreve estas linhas, preito de saudade e de admiração, disse elle ter entre os seus papéis esboços de contos analogos, e aqui deixo consignada a notícia, para que não fiquem no olvido, se na realidade, como creio, êsses contos estão, ainda que incompletos, nas circumstáncias de ser publicados.

O Conde de Ficalho, cujo nascimento e posição o predispunham para a vida cortesã ociosa e facil, foi, não obstante esta situação privilegiada, cidadão util á sua patria, a cujos interêsses, bom nome, e estudo consagrou devotamente o seu rutilo talento e as suas investigações perseverantes.

Sirva este HOMEM de exemplo e estímulo aos seus concidadãos. Não seja unicamente a sua figura aristocratica, o seu aspecto fidalgo, entre alegre e ironico, sobredourado de bondade infinita e de inexcedivel urbanidade, que nos fique estampado na memória; não esqueça um momento o que delle nos resta e não perece: os seus trabalhos como professor, naturalista, historiographo, erudito, literato, como benemerito emfim das letras portuguesas, e como homem de bem, *non vantator di probità, mà probo.*

Lisboa, 1 de Maio de 1903.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

CONDE DE FICALHO

ENTRE os espiritos cultos do meu tempo, um dos mais privilegiadamente dotados pela natureza, foi sem duvida o do conde de Ficalho.

A classificação dos homens de valor pode fazer-se separando-os em *monotypicos e polytypicos.*

Os primeiros são os que seguindo de preferencia uma idéia, possuindo-se de um sentimento, abraçando uma crença, dedicando-se a um movimento social, olham só a direito para deante de si, não distinguem os cambiantes da alma humana, teem a intransigencia no crêr, e o impulso violento na acção. São os heroes, e os precursores, são os especialistas na sciencia, e os evangelisadores da fé, são os sectarios, os santos, os martyres.

Os outros abraçam no seu conjuncto o mundo do pensamento. Na sua retina facetada reflectem-se todas as imagens circumjacentes; a sua sensibilidade é um instrumento delicado em que vibram todas as correntes da harmonia universal; avaliam com independente criterio os motivos da religiosidade nas raças humanas; olham com serena e intelligente curiosidade todos os esforços dos partidos sociaes que aspiram ao intangivel bem estar. São os encyclopedistas, os artistas, os sabios generalisadores, os homens de estado, os diplomatas.

A este segundo grupo pertencia a personnalidade tão completa do conde de Ficalho, que além d'isso era entre os *polytypicos* um pluriforme.

E de facto em sciencia era egualmente notavel na clara exposição das licções na sua cadeira da eschola polytechnica, nos escriptos a um tempo instructivos e encantadoramente agradaveis da «*Flora dos Luziadas*», das «*Plantas Uteis*», do «*Garcia da Horta*», do «*Portugal Agricola*», etc., na resolução dos problemas economicos que foram assumpto dos seus discursos, na superior comprehensão da critica historica de que resultou o seu «*Pero da Covilhan*», no conhecimento profundo das ideias geographicas e scientificas dos seculos XV e XVI, finalmente nas investigações histori-

cas, ethnographicas, e philologicas com que enriqueceu este seu tão querido jornal *A Tradição*, que hoje lhe honra a memoria. Em bellas lettras ler-se-hão sempre com prazer, emquanto se ler portuguez, não só os seus contos, modelos no genero, como tambem muitos dos artigos espalhados em jornaes e Revistas, e que decerto mais tarde serão reunidos em volume.

Versos, posto que os não publicasse, ouvi-lhe alguns e de excellente fabrico. Seduzido pela musa elegantemente sentimental de Musset, e atrahido pela extranha poesia de Baudelaire, os seus versos, com o sabor portuguez, tinham o perfume acidulado das «*Flores do mal*» e a dolente cadencia das «*Noites*».

O sentimento da natureza traduzia-o elle em paysagens que Silva Porto applaudia, e em desenhos que as leitoras da «Revista Contemporanea» admiravam, assignadas pelo seu nome de Francisco de Mello.

E, nas palestras da intimidade dos amigos, entre os esfusiantes paradoxos de Eça de Queiroz, e a profunda e encantadora licção de Oliveira Martins, a maneira do seu talento — verdadeiro poder moderador — dera-lhe pelo expontaneo consenso do grupo, e sem preceder eleição, a presidencia dos *Vencidos da Vida*.

*
* *

Não me cumpre tracejar aqui em tamanho natural o retrato do homem notavel que acaba de desapparecer de entre nós, nem o podia fazer pelos motivos melindrosos que já expuz a quem tão amavelmente me convidou para o retratar nas paginas da sua bella Revista *Brazil e Portugal*.

Estas linhas são apenas um tributo e uma homenagem.

Seria porém incompleta se não commemorasse uma particularidade do caracter do conde de Ficalho.

Quem o via passar na rua um quasi nada altivo na sua superioridade, ou reparasse no modo como n'uma sala respondia indifferente a lisonjas balofas ou adulações banaes, quem notasse o seu apparente desinteresse, e o desdem com que apreciava manifestações de expansiva cordealidade meridional, julgaria por certo que elle era um frio, um egoista, e que o seu poderoso cerebro concentrara toda a actividade n'uma vida intellectual, roubando o calor ao coração.

Pura illusão!

Se lhe repugnava prodigalisar demonstrações de affectuosidade artificial, reservava comtudo a amizade de bom quilate para aquelles a quem n'uma rigorosa selecção escolhera.

E se Portugal lamenta hoje a perda d'um dos seus homens de talento mais notaveis, os amigos soffrem com a falta do grande coração que d'entre elles desapparece.

CONDE DE SABUGOSA.

O Conde de Ficalho e a Botanica

A BOTANICA em Portugal tem sido uma sciencia fidalga, quero dizer, cultivada por pessoas de elevada categoria social.

O abbade Corrêa da Serra, commensal predilecto do duque de Lafões, transitou pelas altas regiões da diplomacia, foi conselheiro da legação portugueza em Londres e ministro plenipotenciario de Portugal nos Estados Unidos.

O grande Brotero, que bem se póde chamar o Linneu portuguez, depois de ter professado botanica em Coimbra, assumiu a direcção do real jardim botanico da Ajuda, cargo

(Cliché de Leopoldo Parreira)

Vista geral da antiga Villa Verde de Ficalho

que certamente o aproximou da convivencia da familia real e da côrte.

Uma illustre senhora, a marqueza de Alorna, compoz um poema — *Recreações botanicas* — em que transparece, logo desde o titulo,

A paixão da Botanica suave.

O conde de Ficalho, agora fallecido, regeu esta sciencia, com superior distincção, na Escola Polytechnica de Lisboa; e em duas das suas obras affirmou, publicamente, a larga competencia de que os seus discipulos davam testemunho concorde.

Confirmando mais uma vez a tradição fidalga da botanica em Portugal, dá-se a circumstancia de que o substituto na cadeira da Escola Polytechnica era o sr. D. Antonio Pereira Coutinho, da nobre casa de Soydos, hoje lente proprietario.

Lisboa, 10 — 5 — 903.

ALBERTO PIMENTEL.

O Conde de Ficalho e a obra do Garcia d'Orta

O que é para a poesia os *Lusiadas*, para a Sciencia os *Colloquios* do Garcia d'Orta são um monumento incomparavel do genio portuguez no seculo XVI. Essas duas altas individualidades quinhentistas conheceram-se no Oriente, e Camões consagrou Garcia d'Orta em uma das suas Odes. Era uma divida nacional fazer uma edição critica e perfeita dos *Colloquios dos Simples e Drogas*, e ninguem como o Conde de Ficalho, professor de Botanica, estava mais habilitado para commentar plenamente esse livro.

A Academia das Sciencias encarregou-o d'esta laboriosa commissão *gratuita*. O eximio professor realisou esse trabalho na monumental edição feita na Imprensa Nacional, por fórma que honra perante a sciencia europêa o tributo prestado por Portugal a Garcia d'Orta. Assistiamos á sessão da assembleia geral da Academia, em que o Conde de Ficalho deu parte de que cumprira o mandato de que fôra encarregado. Depois de algum de silencio, uma voz propoz que se lhe desse um voto de louvor, com um frio laconismo! E antes que a assembleia se pronunciasse, pedi a palavra, para que se pedisse ao governo em nome da Academia das Sciencias, que em homenagem a tão esplendido trabalho, fosse conferido ao Conde de Ficalho a Gran-Cruz da Ordem de Santhiago. Foi votada por acclamação a proposta; mas nunca pude saber por que motivo o Conde de Ficalho pediu que no officio dirigido ao governo fosse indicado o auctor da proposta. Suppuz que era uma fórma para recusar a Gran-Cruz, por causa da minha antinomia com o constituido.

THEOPHILO BRAGA.

O Conde de Ficalho

O conde de Ficalho era, por excellencia, um homem de lettras, um primoroso escriptor. Dotado de profundos e variadissimos conhecimentos, a sua erudição não era enfadonha, porque a submettia a um finissimo criterio, fundindo-a o sentimento do bello na fórma mais elegante.

Diz-se que Buffon, antes de sentar-se á mesa para escrever as admiraveis paginas da *Historia Natural* compunha cuidadosamente ao espelho o seu mais rico trajo palaciano, buscando depois inspirar-se na ga-

lanteria dos seus punhos de rendas. O conde de Ficalho não tinha d'estas preoccupações feminis, mas a gentileza de fidalgo transparecia instinctivamente sob a epiderme do sabio, e o homem de sociedade occultava-se sempre por detraz do professor benemerito.

O conde de Ficalho não era um d'estes anachoretas da sciencia, que respiram de continuo a atmosphera dos laboratorios e dos gabinetes, um d'estes rebuscadores benedictinos, que descem com a lampada da investigação ás galerias dos archivos para arrancarem de lá o segredo do passado, mas, quando estudava um assumpto, punha-se ao corrente de todas as doutrinas e de todos os factos, e, comparando e depurando os textos, synthetisava depois a resultante da sua analyse com um methodo e uma clareza inexcediveis.

A attenção do illustre escriptor sentiu-se attrahida poderosamente pelas maravilhosas emprezas maritimas dos portuguezes, como se a sua fidalguia lhe impozesse atavicamente a obrigação de fazer reviver, a uma nova luz, os feitos heroicos dos seus antepassados. Umas vezes, elle considerava-os sob o ponto de vista da geographia e da historia, no aventuroso peregrinar das viagens, como succede com Pero da Covilhã. Outras vezes, a Natureza, com os seus variados productos de applicação therapeutica, é quem marcava o rumo das suas observações scientificas, e n'este caso a figura de Garcia da Horta avulta a nossos olhos como um dos mais prestimosos obreiros da civilisação, como um dos mais bellos ornamentos da medicina e da botanica no seculo XVI.

O conde de Ficalho envelheceu prematuramente, sendo o cerebro quem primeiro experimentou os ataques funestos da senilidade precoce.

O seu espirito mirrou-se como uma d'aquellas flores, cuja delicada estructura elle explicava outr'ora, com tanta poesia como saber, aos seus alumnos na aula de botanica. O seu cerebro não era sequer um herbario, porque n'este as plantas, postoque seccas, revelam ao naturalista o seu organismo, ao passo que n'aquelle a memoria já não era senão uma confusão ou um esquecimento.

Como Carlos V, o conde assistiu aos funeraes da sua personalidade intellectual, sem ter comtudo a consciencia do acto a que presidia. Antes assim, porque, se elle n'um momento lucido, podesse ter a convicção da sua nullidade moral, por certo que, na escala das agonias, não haveria nota que traduzisse tão inqualificavel martyrio.

No seu epitaphio não se poderá inscrever a phrase biblica: *Talis vita, finis ita.* Que triste passividade ao cabo de tão laboriosa e brilhante existencia! Mas quem nos assegura todavia que seja mais consolador exhalar o derradeiro suspiro na plena posse das faculdades mentaes, na activa e pujante elaboração das idéas, quando o espirito necessita ainda de alguns momentos para poder materialisar o seu mais bello sonho creador?

Fala, estatua de Pygmalião! não nos deixes ficar na incerteza de saber se o silencio da sepultura é como o silencio da tua bôca!

Lisboa, 15—V—1903.

SOUSA VITERBO.

Sr. Director e meu prezado confrade

O ENSINO official, a redacção effectiva de dois jornaes, a revisão diaria de 16 páginas de um livro no prelo, e a preparação inadiável de outro, explicam sobejamente a impossibilidade de annuir ao seu lisonjeiro pedido, consagrando ao conde de Ficalho qualquer estudo ou qualquer simples artigo.

E, contudo, bem quizera eu traduzir em meia dúzia de palavras a saudade que o seu passamento me deixou, e o alto apreço que me inspiram os seus trabalhos scientificos e literários.. Afóra o desmedido serviço que elle prestou ao seu país com a edição dos *Coloquios*, não posso esquecer-me de que nos seus *Contos*, tão repassados de feição local, e nas suas *Plantas uteis da Africa*, eu fiz larga e proficua colheita para o meu *Diccionario;* e terei sempre presente a boa vontade e a clara intelligencia com que elle me estimava, qnando em assuntos da sua especialidade eu solitava o seu voto e o seu conselho.

Comprehende pois V. Ex.ª com quanto affecto e com quanta gratidão eu sagraria ao escritor, ao sábio e ao amigo não simplesmente um artigo, mas uma Memória ou um livro. Consola-me porém a certeza de que outros o farão, e muito melhor do que eu o faria; e anima-me a probabilidade de que a minha escusa será absolvida por quem tão pouco me pedia, e a qnem tanto devo.

Pedroiços, 18-5-03.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Foi sempre raro em todas as aristocracias—e na aristrocracia peninsula mais talvez do que em qualquer outra — o amor pelas coisas do espirito sob a sua fórma desinteressada e integral. Já o nosso admiravel Camões o sentia e expressou com aquella nobre independencia e altivez que tantas vezes transpira dos *Lusiadas*.

A aristrocacia de sangue, se uma vez ou outra, em Vimioso, Ericeira ou Lafões se interessou directamente pelas lettras ou pelas sciencia, cultivando-as, na maior parte dos casos consideram que a tradição de casta não obrigava a mais do que a um patrocinio generoso, de bom tom, deprimente para as manifestações da vida intellectual que assim se subalternisavam no seu caracter de um accessorio elegante, de uma ociosidade requintada.

As condições sociaes modificaram-se profundamente e o predominio da intelligencia — mesmo nas suas formas activas e praticas — é um dos caracteristicos do nosso tempo. Agora que não vamos conquistar a India, ou Malaca, ou Ormuz, e que as espadas dos avós se damasquinaram pela ferrugem diffusa dos seculos — como ao bom marquez de la Seiglière da comedia de Sandeau, as preoccupações obsidiantes da linhagem só pódem justificar-se quando sobredouradas por titulos que se conquistam pelo esforço proprio, nos dominios variados em que elle póde affirmar-se victoriosamente.

Pertenceu a esta classe de fidalgos o eminente espirito que tantas vezes honrou com a sua primorosa collaboração as columnas d'esta revista. Espirito luminoso e aberto, foi em toda accepção da palavra, o que em nomenclatura *modern style* se chama um *intellectual*, isto é, um homem dotado d'essa fórma de *dilettantismo* superior que já o classico romano concretisava na formula celebre: Sou homem e tudo o que é humano me interessa.

O sr. conde de Ficalho que era, profissionalmente, um naturalista, socialmente o typo da elegancia suprema, a gentileza perfeita, foi levado, pelas inclinações do seu espirito complexo, a gosar todas as voluptuosidades do humanista, do letrado, do artista, n'essa curiosidade insaciavel e universal que é o timbre das organisações de privilegio.

Interessava-o um quadro, um movel antigo, um quartetto de Beethoven, um poema, como um problema scientifico, philologico, geographico ou historico. A sua obra, que não é vasta, mas perfeita, é uma clara demonstração do que dissemos. O com-

mentador meticuloso e erudito de Garcia d'Orta, e investigador primoroso da Renascença portugueza, fez tambem o commentario botanico dos «Lusiadas», o estudo da grande figura de Pero da Covilhan, como foi um contista delicado, e acabou por mostrar na «Tradição», que era digno de enfileirar ao lado dos nossos mais notaveis *folk-loristas*.

Lisboa, 17-5-903.

M. RAMOS.

A TENDENCIA do seu luminoso espirito para os trabalhos historicos toma grande vulto nas «Notas historicas ácerca de Serpa», escriptos com particular carinho e publicadas na interessantissima revista de ethnographia portugueza «A Tradição», que mensalmente vê a luz em Serpa, revista a qne o Conde de Ficalho consagrava especial interesse por ser da sua terra. Estou certo mesmo que muitas d'essas preciosissimas notas foram alli mesmo feitas, e, do alto do terraço da sua velha casa, elle poude escrever que se por acaso Affonso Henriques entrou pacificamente em Serpa no anno de 1145 e subiu aos seus muros, poude vêr em volta «uma vastissima extensão de terreno. Pelo norte, para além do Guadiana, corriam as terras altas da serra de Portel até á actual villa de Frades. Depois a occidente, recortada mesmo na linha do horisonte, via-se a famosa Paca, como lhe chamavam os que ainda se lembravam do velho nome de Pax Julia, a famosa Beja como lhe chamavam os moiros. Depois, pelo sul, appareciam as serras de Alcaria e outeiros mais e mais distantes a ligar com as montanhas do Al Faghae, o nosso Algarve. Depois ainda, a oriente, por detraz da serra de Ficalho, os montes azulados, esfumados, apenas distinctos, na direcção da remota e grande Sevilha. Tudo em volta terra de moiros.»

E tão fiel é o panorama, que cuido estar a vê-l'o, tendo ainda ao meu lado, n'esse mesmo terraço, o amigo querido, contente por me ter ali em casa, vestido com a sua jaleca alemtejana, como tinha por costume nas suas estadas em Serpa, mas sempre com a mesma distincção e altivez fidalga, de que nunca lograva desapossar-se, tão natural lhe era!

(Excerpto do Elogio do Conde de Ficalho lido na sessão especial da Sociedade de Geographia de Lisboa em 19 de maio de 1903)

C. D'ARNOSO.

O CONDE DE FICALHO

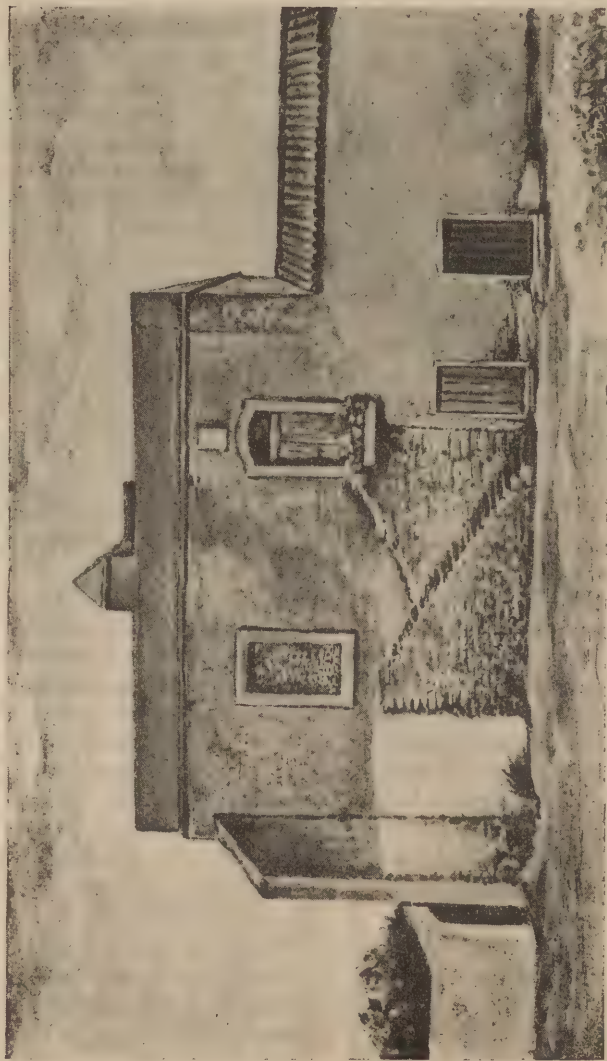
Ao conde de Ficalho falára o seu parente Antonio de Mello Breyner, do auctor d'estas linhas, que, ahi por 1875, era da Escola Familiar Serpense.

Jornadeando um dia, de Lisboa a Serpa, encontrei-me com o conde, correctamente vestido á lavradora; e fomos de conversa. O espirito do fidalgo culto manifestou-se logo, com a benignidade de uma alta nobresa, e o altivismo de indagador illustre e illustrado.

Sem preconceitos de hierarchia social, ouviu com interesse tudo que respeitava ao ensino em Serpa; pormenorisou e criticou, com prudencia de sabio, theorias de pedagogistas e trabalhos praticos das escolas.

*

Chegaramos á estação de Serpa.

O chefe, ou porque fosse rude, ou estivesse mal humorado, dirigiu-se ao conde descortez e abrutamente, a proposito do desembarque de um cavallo.

(Cliché de Leopoldo Parreira)

O «Eirado», ou casa da extincta camara de Ficalho

Acabada a faina, como ao chefe tivessem dito, com quem assim tratára, dirigiu-se elle ao conde, humilde, de bonnet na mão, a pedir suas desculpas.

Pois foi esta humilhação que ao pobre homem rendeu desgosto. O conde estava molestado, porque se suppozera que elle apreciaria bajulações differentes da descortesia, usada com qualquer lavrador.

Seria atavismo de um seu antepassado, alto funccionario no Porto, que vendo um dia, que do açougue lhe mandavam carne sem osso, fez castigar o cortador, *por não dar a todos o osso* competente á carne comprada?

Se era atavismo, era-o da sêde de justiça.

*

Poucos annos decorridos, tentando eu publicar a monographia do concelho de Serpa, tornei a encontrar-me, por intermedio de Antonio de Mello Breyner, com o conde de Ficalho. Este me apresentou a D. Luiz I.

Tinham excellente memoria, o Rei e o seu camarista predilecto. Ambos se lembraram de ter visto o antigo labutador de pedagogias.

A' memoria de ambos, aqui deixo a recordação saudosa, devida *á intelligencia e á bondade.*

*

Voltarei ao assumpto principal.

O conde interessou-se pela publicação da monographia de Serpa, que lhe suscitou o cuidado de investigar as origens da villa, e as circumstancias de sua tomada aos mouros, estudos que depois publicou, em artigos, no periodico—*A Tradição.*

E no decorrer das palestras, a respeito de Serpa, mostrando-me um dia alguns documentos, da contenda entre Beresford e um dos Mellos, o heroico commandante do 15.º regimento de infanteria no combate de Arapilles—contenda que tinha origem em ambos amarem a mesma mulher — disse tranquillamente o conde: *Que delicadas qualidades deve ter tido aquella mulher, para assim preoccupar dois homens de tanto valor!*

Era assim o conde: altruista até no amor.

Não excluia os grandes luctadores das paixões absorventes, mas não comprehendia que a mulher fosse amada sem o merecer.

*

Está de pouco cerrado o tumulo, que encerra os restos do ultimo conde de Ficalho, e sou chamado a prestar minha homenagem na consagração de sua memoria.

Não poderia agora fazer outra coisa, senão resumir as minhas recordações mais saudosas e mais sugestivas.

Illustre por nascimento, illustrado pelo estudo, gosou fama de habil administrador; foi camarista predilecto de D. Luiz I, amou as tradições cavalleirosas da sua familia, conservou com brilho e distincção, a fidalga cortezia da sua casa. Foi lavrador tão despretencioso e egualitario, como era elegante a sua estatura, varonil o seu porte.

*

Disseram-me um dia, que o conde era dos *Vencidos da Vida.*

Talvez o fosse, não sei.

Conheci-o um homem de saber, e um homem de bem; sempre egual ás necessidades da occasião, sem deixar de ser nobre entre os lavradores, ou lavrador entre os nobres, homem de corte na escola e lente no paço.

Decorreu a sua vida num periodo de paz; mas era uma promessa de brios, para uma epocha de luctas.

Seria o conde um *vencido da vida*?

Teria elle desillusões?

Se as teve, até nisso foi fidalgo, sabendo esconder essa magoa nos segredos de seu nobre coração.

Honra seja ao conde de Ficalho.

Lisboa, maio 1903.

GRAÇA AFFREIXO.

Lisboa, 15 de maio de 1903.

Meu caro Piçarra

Muito obrigado por se ter lembrado de mim para collaborar no numero que «A Tradição» dedica especialmente ao Conde de Ficalho e creia que é bem merecida tal homenagem á memoria de quem tinha um carinho especialissimo pela interessante revista da sua querida Serpa. Ainda não ha dois annos que eu o vi em Cintra rodeado d'alfarrabios e tirando divertidissimo muitas notas para os artigos que destinava á «Tradição». Foi o ultimo trabalho que fez.

Primo, afilhado, discipulo e sobretudo amigo do Conde de Ficalho, tive a infelicidade de ser seu medico no fim da sua vida e de assistir á sua morte. Habituado a procurar sempre o seu optimo conselho em todas as occasiões difficeis, foi-me deveras doloroso vêr desapparecer uma intelligencia que sempre conhecera tão equilibrada e tão lucida.

Já V. vê que n'este momento me não sinto bem disposto para fornecer-lhe collaboração, mas não lhe fará ella falta, pois sei que a terá abundante e de melhor qualidade para o muito que ha a escrever.

Saiba porém que Alguem, ao receber a noticia da morte do Conde de Ficalho, disse: «O Francisco faz-me muita falta. Era um portuguez que eu tinha orgulho em mostrar lá fóra».

Estas duas phrases são de Sua Magestade El-Rei e creio que será difficil dizer mais e melhor em tão poucas palavras.

Seu velho e grato amigo

THOMAZ DE MELLO BREYNER.

OS ESPECTROS

A ultima vez que falei ao Conde de Ficalho, antes que um arauto da Morte, mais do que ella barbaro, nos houvesse annunciado o nosso luto, representava Lacconi o drama de Ibsen, *Os Espectros*, no theatro D. Amelia.

Era já doente. Manifestára-se a enfermidade atacando-lhe certas faculdades, mas tão ao de leve que ainda muitos não davam por isso; amaciara-lhe o genio, quebrára-lhe a energia; a intelligencia, porém, ainda que apagado o brilhantismo, conservava-se intacta.

O Conde não gostara da peça. Vira demais o caso pathologico, para o que, aliás, muito concorrêra o desempenho, embora primoroso e magnifico, do grande actor italiano.

Já eu sabia n'essa occasião o que baixinho diziam medicos e de que tragedia cruel havia de ser protagonista aquelle homem ainda gentil, apesar de sexagenario, distincto, amavel — não com todos, mais penhorando aquelles com quem o foi sempre — de superior intelligencia, nos mais variados assumptos revelada.

Falou-me dos *Espectros*, cuja representação lhe causára arripios desagradaveis. Não applaudira a obra do norueguez nem o desempenho do Lacconi. Mostrava-se contrario áquella arte, que só via sob um aspecto offensivo. Não lhe achava razão de ser e queixava-se do espectaculo.

Um anno antes, seria esta mesma a opinião do Conde de Ficalho? Um presentimento que não revelou, porque a ninguem se queixava, não viria opprimil-o n'aquella noite? Não sei; mas, quando sahi do theatro, ia, mais que pela ficção, apoquentado pela realidade.

O Conde era um muito bello espirito litterario, sem duvida. Demonstrou-o em muitas de suas obras, sobretudo n'aquelles *Contos Alemtejanos*, reveladores d'um coração que tanto, ás vezes, buscava esconder-se. Ahi o poz, porque annos passou, dos melhores da vida, no Alemtejo, que amava entranhadamente. O primeiro conto que li do Conde de Ficalho foi *A pesca do savel* e vivamente me recorda o prazer d'arte que me deu sua leitura.

Seria de seu feitio litterario que lhe nasceu a revolta n'aquella noite? E' possivel e ser-me-hia gostoso acreditaI-o. Aquelle a quem sabiam cantar as abelhas voando em raios d'oiro sobre os estevaes, que de pequeno conhecia as vozes das charnecas extensas e as lendas dos pastores, que, em horas de saudades, repetiu versos, de tanto maior enlevo quanto mais velhos, e a que se moldavam musicas arrastadas, elles e ellas falando do amor como em Portugal o sentimos, quem nasceu portuguez e ama a poesia da nossa terra, póde, quando já os cabellos alvejam, não entender outra lingua, não ter sensibilidade para outras commoções.

E assim fosse, Deus o queira.

JOÃO DA CAMARA.

BREYNER

Entre os ascendentes illustres do finado Conde de Ficalho nota-se a Condessa de Breyner. Vejamos quem era esta senhora.

Quando as communicações erão mais reduzidas do que hoje; quando a simples cheia de um regato bastava para demorar semanas a passagem do viandante; e quando os matagaes occultavam no seio bandos de malfeitores, as viagens eram sempre repletas de perigos especiaes e diversos dos que a viação moderna offerece. Tão difficil era percorrer uma região ao só caminhante, como ás largas comitivas; e as juvenis princezas que abandonavam a patria, para em paiz, bem estranho por vezes, fazer continuar a dysnastia nacional, deveriam sentir assaz as incommodidades da peregrinação. Muitas saiam do seu paiz e raras vezes a elle regressariam, em virtude da falta de communicações faceis.

Era então necessario minorar-lhes a nostalgia ou debella-la, formando-se-lhes como uma patria em miniatura, composta de donzellas da nobreza, de medicos e confessores e de serviçaes de todas as qualidades, taes como cozinheiros, padeiros, rendeiros, sapateiros, engommadeiras, etc. Muitos d'estes não viriam talvez no sequito, mas posteriormente seriam chamados em razão do laço commum da patria.

Duas princezas allemãs occuparam successivamente o throno portuguez, na qualidade de esposas de D. Pedro II e de D. João V, seu filho.

O estado que as acompanhava obrigou a administração da *Casa das Senhoras Rainhas* a abrir uma secção, que até o principio do seculo XIX teve o nome da *familia allemã*, por nella só caberem pessoas d'esta nacionalidade. As duas anteriores rainhas tinham preferido para serviçaes os francezes, principalmente D. Maria Francisca, a mulher de dois reis.

Entre os nomes de allemães, nobres e plebeus, do tempo das princezas, a bavara e a austriaca, contam-se os seguintes, alguns dos quaes ainda persistem em Portugal: Kaupers, Krantzer, Lindemann, Belastre, Poppe, Roger, Sigert, Strobel, Noos, Witte, etc.

Entre as damas allemãs titulares encontram-se as condessas de Breiner, Daun, Raspach, e Scheffersberg. O nome Breiner ou Breyner apparece, porém, no testamento em latim da Rainha D. Maria Anna, escrito do punho do padre José Ritter, da Companhia de Jesus, e aberto pelo futuro Marquez de Pombal, com a fórma Breuner.

O testamento tem a data de 22 de outubro de 1753 [1] e delle se transcreve a verba que diz respeito á condessa de Breyner, e que é a seguinte:

«Personis item Camerae meae actualibus ob fidelia obsequia, et diligentem assistentiam specialiter lego et quidem primae Damae Cameristae Comiti de Breuner mecum in has terras vernienti decem millia cruciatorum dico 4 contos».

Quando a mesma princeza fez o codicillio em 24 de julho de 1754 era já fallecida a condessa:

«Primi ut decer florenum millia, sive 4 contos, que legavi D. Barbarae Comiti de Breuner, quam Deus ad Coelum levavit, in memoriam *illius servitiorum, dentur illius primogenito* Filio Dom Josepho de Menezes e Tavora, et in absentia suo haeredi, etc».

As duas formas que revestem o nome devem explicar-se pela pronuncia do allemão nos paizes austriacos.

Esclarecida era pois a linhagem do talentoso Conde de Ficalho e illustrada com a sua existencia ainda mais se conserva.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

[1] *Archivo Nacional*, gav. 16, maç. 2, n.º 39.

UMA FIGURA FEMININA

Mentalmente, percorro a meia-duzia de paginas de um commovido conto do titular que os amigos recordam no numero de agora — e evoco aquella esguia moça alemtejana, filha do hortelão de M...

A doce creatura perpassa-me na retina, a enfusa pesada nos braços, o lenço da cabeça descahido para os hombros, a farta côma tenebrosa luzindo a um sol pallido de occaso, os grandes olhos tristes, o oval fino côr de marfim...

Acorda-me no espirito uma certa tarde calmosa em que a rapariga, ao regar os seus cravos, colheu dois ordinarios do alegrete de ladrilho e os deu, timida sem uma palavra, ao saudoso João de S.

Relembro a sua vermelhidão quando o hospede lhe quiz pôr um cravo rubro nos cabellos e vejo-a tremer, castamente...

Ah! bem fidalgo e bem arguto foi o artista que soube fixar no seu con*to uma lyrica eva tão virginal* e tão aromante, tão bella e tão preciosa, que, uma vez lido esse mólho de claros periodos, jámais a esquecemos!

Bem delicado e bem inspirado foi o emmudecido Conde que soube photographar uma tão fresca e tão amoravel mulher!

JULIO DE LEMOS.

O FIM

Ainda o estou vendo, e, durante largo tempo, muito largo mesmo, reservei a impressão clara, conservarei perfeita, não sei se agradavel, se triste, mas sem duvida saudosa, da pequena sala, *a salinha branca*, e d'essas horas que, quoti-

(Cliché de Leopoldo Parreira)

O palacio do Castello, encravado nas muralhas de Serpa

dianamente, e portantos meses, ali passei.

Fez ha ponco dois annos, — quinta feira da procissão de Nossa Senhora da Saude — que uma pequena tontura foi a primeira manifestação da doença, que tão depressa devia caminhar e que de todo apagou aquelle espirito lucidissimo. A noticia correra rapidamente, e, conhecendo o facto, fui visitar o Conde de Ficalho.

— Não era nada, me disse. Estivera de pé muito tempo e apanhára calor.

Mais tarde, no dia da chegada de SS. Magestades, de regresso dos Açores, sentiu-se incommodado no Arsenal e recolheu a casa. Tambem o fui vêr.

Depois ... depois acompanhei-o sempre; assisti á marcha da doença, em todas as suas diversas phases. E completa-se hoje um mez que eu lamento a perda d'um bello coração.

O Conde de Ficalho, nobre em nome e em sentimentos, teria sido sempre, em toda a parte e em todas as epochas, uma figura distinctissima; entre nós e agora... era inconfundivel.

Pela intelligencia, pelo espirito, pela educação, pela honestidade, pela correcção constante, pelo nascimento, pelos cargos e até pelo porte, o Conde de Ficalho salientava-se sempre e impunha-se ao respeito e á admiração de todos. Brusco e secco só lhe chamavam as nullidades balofas, que elle distrahidamente não via quando, a bengala atraz das costas, atravessava o Chiado.

Que os outros que com elle viveram nos paços e nos salões, e que, por dotes especiaes o poderam apreciar no convivio da sociedade, d'elle falem sob aquelles multiplos aspectos, e relembrem os seus ditos; por mim, ignorado e ignorante, e que só fui seu companheiro assiduo, quando todos os outros desappareceram, eu só poderei relembrar os dias e as noites de doença e de tanto pesar, principalmente para quem o via.

Sentado na larga cadeira — não já a *cadeira da paciencia* — a grande cadeira estofada, onde tanto tempo se sentou, mas a antiga cadeira de pau santo, encostado a uma almofada de veludo vermelho, com o chapeu de feltro muito leve, que trouxera da ultima vez que esteve em Londres, conservou sempre o tronco aprumado, a cabeça erecta, o ar de grandeza e de distincção, que lhe era peculiar.

Uns dias por outros não conversava, declarava que não estava para isso. Ouvia e acompanhava a conversação. Interessava-se por ella e sorria.

D'outras vezes contava episodios graciosos da vida da côrte e pormenorisava a vida do Alemtejo. E elle sabia contar d'uma fórma tão attrahente!... Havia, agora, ás vezes, lacunas nas narrações; havia-as, é verdade; mas sempre, até á vespera da ultima congestão que o levou, a sua maneira de expôr conservou o tom pessoal caracteristico, e houve sempre uma phrase dita com espirito.

Tambem até ao fim manteve o apuro do vestuario, que tanto estimava, e elle lá tinha sempre o seu ramo de violetas ou de rosas, que a filha, carinhosa e boa, que lhe foi companheira na doença, se não esquecia de lhe trazer e que elle agradecia com palavras amaveis e graciosas.

Muito tempo se entreteve na leitura dos *Thirteen years among the wild beasts of India*, de Sanderson, o *livro verde*, por ser essa a côr da encadernação. Depois foi *The posthumons papers of the Pickwick Club*, de Dickens, que elle tanto apreciava. Ultimamente distrahia-se no exame de illustrações, e mais d'uma vez tive occasião de notar que o seu espirito nem sempre acompanhava o que via, mas forcejava por mostrar que a leitura o entretinha. Via-se que o seu organismo, forte até ao fim, e que fôra tão bom, queria ainda reagir, queria ainda mostrar-se tal qual fôra.

E o *Jak*, o cão terrier, o amigo de ha muito, acompanhando-o sempre, deitava-se debaixo da cadeira e rosnava quando alguem se aproximava do dono.

Haverá tres annos, n'um dos nossos cavacos dos domingos, que tanto me deleitavam, disse elle contar viver ainda quinze annos. Deus, porém, não o quiz assim.

Homem de côrte nos paços dos reis, fidalgo nos salões aristocraticos, alemtejano na sua querida Serpa, amigo leal e dedicado em toda a parte, a morte do Conde de Ficalho deixa na côrte, na aristocracia, no coração de todos que o estimavam, um vacuo que difficilmente se preencherá. A data da sua morte constitue para mim uma data tristissima.

Terminando uma conferencia brilhantemente feita na real associação de agricultura, que, se bem me recordo, intitulou *sciencia* e *rotina*, o Conde de Ficalho, depois de ter discorrido com a competencia de technico e de pratico, disse que, embora a terra nem sempre nol'os retribua, *nós lhe devemos dar todos os* cuidados e a devemos amar, *como ás vezes amâmos uma ingrata*.

Não esquecia nunca, e essa era tambem uma caracteristica do seu espirito, os galanteios devidos ás damas; e, rememorando os ultimos mezes da sua vida e approveitando para estas linhas, sem outro merecimento que não seja a commoção com que as escrevo, o final da sua conferencia, eu confio que a terra que elle tanto amou lhe demonstrará que tal epitheto não é para ella, e que a memoria do illustre titular ahi se ha-de perpetuar, como em mim se perpetuará a admiração pelas suas qualidades, a recordação da sua estima e da sua confiança e o soffrimento que os seus ultimos tres dias me deixaram; como se perpetuará a saudade d'esse bom amigo.

19-maio-903.

COSTA CALDAS.

A PRIMEIRA VEZ QUE VI O CONDE DE FICALHO

ERA quinta-feira d'Ascenção. Dia primaveril, um d'esses dias tepidos e amenos proprios do mez de maio.

Realisava-se n'esse dia a tradicional romaria de S. Braz, cuja ermida fica n'um local muito pittoresco e aprazivel.

Para lá se dirigiam inumeros carros, alguns artisticamente ornamentados de verdura, conduzindo a mocidade folgazã, que, fugindo ao viver monotono da villa, procurava rejubilar-se em folia ao ar livre. Rapazes e raparigas, com seus trajos garridos e entoando maviosas cantigas, davam ao festival um tom vivo e alegre.

N'esse mesmo dia á tarde, imitando os meus conterraneos e sentindo como elles a necessidade de me recrear no campo, fui tambem a S. Braz, para me deliciar nos mil encantos que ali costumam patentear-se todos os annos. E, quando eu quasi extactico contemplava esse quadro, simples mas bello, pelo seu conjuncto de admiravel esthetica, eis que surge um cavalheiro que vinha tambem deleitar-se na observação do que eu intimamente gosava.

De todos os lados se ouvia dizer: «ahi vem o Conde de Ficalho!...»—«Ahi vem o senhor Conde de Ficalho!...»

Eu jamais o tinha visto, e ao divisal-o senti uma impressão tão profunda que a não sei descrever.

Eu havia recentemente chegado da capital de Inglaterra, portanto, já tinha visto tudo quanto ha de mais elevado na moderna civilisação. A muito custo pude habituar-me á modesta vida de lavrador alemtejano á qual fui impellido por circumstancias especiaes da minha vida. Todavia, já me havia conformado com esta profissão quando pela primeira vez tive a extraordinaria satisfação de ver o

nobilissimo fidalgo D. Francisco de Mello (Conde de Ficalho).

O quadro mudou então, e o que até alli não passava d'uma lindissima paysagem, a que davam vida grupos de prasenteiros camponezes, pareceu-me de subito transformar-se n'um quadro imponente, porque a simplicidade que apresentou até áquelle momento, foi substituida pelo aspecto de solemne grandeza que lhe deu a presença respeitavel e magestosa do distincto botanico e illustre sabio.

Na edade das grandes aspirações, quando imaginamos que podemos conseguir tudo, que ufania nós não sentimos ao conversar com alguem que esteja collocado n'uma esphera superior á nossa! Foi o que me succedeu n'essa celebre tarde, em que eu, attrahido pela distinctissima figura do sr. Conde de Ficalho, como se fosse um poderoso iman, me approximei d'elle para poder dirigir-lhe a palavra.

O Conde de Ficalho deu-me effectivamente a subida honra de conversar commigo ácerca da festividade a que estavamos assistindo. E n'esse pequeno cavaco, tive occasião de apreciar o seu extraordinario talento e saber, a que alliava os dotes d'aquelles *smart gentlemen* que eu admirava em Londres, e que tão deslocado se me affigurava n'esta terra, que elle tanto estremecia. Foi esse fidalgo incomparavel que Portugal perdeu e que enlutou Serpa, envolvendo de crepe os corações dos seus numerosos e profundos admiradores.

Que as cinzas do illustre morto relevem a ousadia d'esta minha humilde mas sincera homenagem.

JOSÉ ORTA CANO.

QUANDO, ha dois annos, o Conde de Ficalho esteve em Serpa, como costumava, demorou-se extraordinariamente mais do que n'outras occasiões; e partiu sem vontade d'isso, promettendo voltar em breve, para mais ainda se demorar. «Que tencionava fazer obras na sua casa; que tinha melhorado o tratamento das suas propriedades, e desejava continuar a beneficial-as». E fallava minuciosamente da sua administração.

Teria elle o presentimento do seu proximo fim?

*

Queria muito á sua casa de Serpa, e estimava devéras esta villa, que elle dizia ser a sua terra, a terra da sua naturalidade. Não viu a luz em Serpa, o Conde de Ficalho; mas seus paes aqui viveram até poucos mezes antes d'elle nascer e, pouco depois, para aqui voltaram e aqui permaneceram até seu filho completar 14 annos. Aqui deu o Conde os primeiros passos, balbuciou as primeiras palavras e concebeu as primeiras idéas. Aqui aprendeu o latim com um padre que o sabia na perfeição; o portuguez e o francez ensinou-lh'os sua virtuosa mãe, a muito illustre Marqueza de Ficalho.

Tambem entre nós recebeu as primeiras lições de equitação, que lhe foram dadas por um picador reformado de cavallaria 5.

*

Em 1860 a 61, lembrou-se o Conde de Ficalho que podia ser util a este circulo, representando-o e defendendo os seus interesses no parlamento. Mas para isso tinha que entrar na politica local, e logo aos primeiros passos dados n'esse caminho, mal assistiu á primeira reunião entre os politicos, desistiu immediatamente do intento — enojado do que viu e do que adivinhou a respeito de eleições. O seu feitio leal e franco não podia transigir com os processos da politica eleitoral.

De uma honradez inquebrantavel e de uma grande austeridade de principios cavalheirosos e fidalgos, assim

viveu sempre entre os deveres dos seus cargos e a administracão da sua casa de Serpa, fazendo todo o bem possivel a quantos d'elle se approximavam a pedir o seu auxilio.

A todos causou pena o seu fallecimento, e a muitos fazem, os seus beneficios, a maior falta. A mim deixoume uma saudade immensa, a perda irremediavel da sua extremosa amisade.

Serpa.

A. DE MELLO BREYNER.

O CONDE DE FICALHO E A «TRADIÇÃO»

Pouco depois de sahir a lume a «Tradição», recebia o meu presado collega de redacção, Dias Nunes, uma carta amabilissima do conde de Ficalho, applaudindo enthusiasticamente a nossa ideia e incitando-nos a proseguir no caminho encetado. Esta expontanea e sincera adhesão ao nosso modesto emprehendimento, surgindo inesperadamente d'uma personalidade tão altamente collocada, como era o illustre titular a que me refiro, tocou-nos profundamente, e tanto mais que nenhum de nós tinha com elle as minimas relações pessoaes.

Rendidos por tamanha quanto immerecida prova d'apreço, gostosamente deliberámos apresentar os nossos respeitosos cumprimentos ao conde de Ficalho, logo que elle viesse a Serpa, o que, felizmente, não tardou a succeder. Effectivamente, passado pouco tempo, vindo este nobre titular, como era costume, visitar as suas ricas e vastas propriedades alemtejanas, aproveitámos o ensejo para lhe apresentar a homenagem dos nossos respeitos.

Tanto o meu amigo Dias Nunes como eu, era a primeira vez que transpunhamos os umbraes do nobre solar d'aquelle distinctissimo fidalgo.

E, com franqueza, não foi sem um certo acanhamento que subimos a ampla escadaria do seu magnifico palacio, em cujos muros se mostra bem impresso o venerando cunho da antiguidade.

Como nos iria receber o Conde? Que juizo formaria elle no seu intimo ácêrca dos humildes directores da «Tradição» ? E' verdade que nos havia dirigido uma carta muito lisongeira, mas conservaria elle ainda, a nosso respeito, a mesma boa impressão?

Tal era a impertinente duvida que preoccupava o nosso espirito, emquanto vagarosamente subiamos a escada.

Chegados ao cimo d'esta, que termina em espaçosa e alegre galeria, batemos a uma porta, e logo nos appareceu uma creada, por quem nos fizemos annunciar. D'ahi a um instante, voltava a mesma creada para nos conduzir a uma vasta sala rectangular, severamente mobilada, onde estava o conde de Ficalho, que muito amavelmente veiu ao nosso encontro. Esta bella sala, de paredes muito altas e coberta por uma grande abobada, tem ao fundo, para o lado do poente, duas janellas rasgadas dizendo para o jardim do palacio, pelas quaes a luz entra a jorros.

Tudo ali respirava a nobre e pura tradição: desde os antigos e valiosos moveis—alguns caprichosamente restaurados—até á esplendida collecção de retratos a oleo, pendendo d'uma das paredes, como saudosas recordações de queridos extinctos.

No lado fronteiro ao dos retratos, approximadamente ao meio, ha um enorme fogão d'alvenaria cuja bocca larga é guarnecida de excellente marmore, e, ao pé desse fogão, sobre uma extensa mesa redonda, revestida por um lindo panno adamascado, viam-se alguns livros de velha data mas deveras interessantes. Além destes, muitos outros livros tambem an-

tigos, se encontravam methodicamente dispostos em preciosas estantes de madeira escura.

Em cima da supracitada mesa, ainda se observavam dois formosissimos *bouquets* de viçosas e variadas flores, os quaes graciosamente quebravam a severidade d'aquelle respeitavel recinto, e, em volta, magnificas poltronas de pau preto, onde costumavam sentar-se os visitantes.

Tal é, muito levemente esboçado, o amplo e magestoso gabinete do conde de Ficalho, em Serpa, onde, com a maxima delicadeza e affabilidade, tivemos a honra e o prazer de ser recebidos.

A palestra versou, como era natural, unica e exclusivamente sobre coisas tradicionaes. E por tal fórma o sabio lente da Escola Polytechnica s'exprimiu, que logo ficámos reconhecendo que estavamos em presença d'um espirito muito elevado e superiormente culto.

Com effeito, n'aquelle interessantissimo e inolvidavel cavaco, o conde de Ficalho, usando d'uma linguagem despretenciosa mas muito elegante e correctissima,—como lhe era habitual —revelou-se-nos um distinctissimo *folk-lorista* a par d'um notavel erudita, e tão gentil se mostrou para comnosco, que espontaneamente prometteu distinguir-nos com a sua preciosa collaboração.

O leitor não póde calcular a satisfação e o orgulho que sentimos, ao ver que o nosso insignificante trabalho era applaudido por uma auctoridade tão eminente. Esta satisfação e este orgulho refinavam, quando justamente nos lembrávamos das enormes difficuldades e duvidas que nos cercaram, ao traçarmos o plano das nossas modestas investigações ethnographicas.

*

Estabelecidas pela fórma indicada as nossas relações com tão preclaro cidadão, como era o conde de Ficalho, não mais deixámos de visitá-lo todas as vezes que elle vinha ao seu querido Alemtejo, a que tanto se orgulhava de pertencer. E, na verdade, quanto mais intima se tornava a nossa convivencia, mais admiravamos as suas bellas qualidades intellectuaes e moraes.

O conde de Ficalho possuia um extraordinario poder de reflexão; tinha a rara faculdade de meditar e pensar sobre o fundo das coisas. Todas as circumstancias da vida eram minuciosamente analysadas pelo seu espirito sagaz.

Um dos caracteristicos que davam maior relevo á sua elevada personalidade, e justamente notado por todos que o conheciam, era o aspecto correcto e elegante que revestiam todas as suas manifestações. Na palavra, no gesto, na acção, elle era sempre irreprehensivel. Este assombroso fenomeno só podia produzir-se n'um organismo são e forte, dotado d'uma perfeita constituição mental, e tendo recebido uma larga e solida educação scientifica e litteraria. E toda esta maravilhosa synthese, achava-se plenamente realisada na excelsa pessoa do conde de Ficalho.

A' saudosa memoria do insigne academico, devemos o tributo da mais sincera gratidão, pois que, ao lado dos brilhantes artigos com os quaes elle se dignou illustrar as paginas da «Tradição», manifestou incessantemente por esta revista um fervoroso interesse. Quando nos via, perguntava logo:

—«Como vai a nossa Tradição?»

*

Permitta-me o benevolo leitor, que eu narre dois factos, que provam á evidencia a fina delicadeza e a extrema bondade que enalteciam o seu nobre caracter.

Fui um dia á sua nobre casa cumprimentá-lo, e fui só, porque o meu camarada Dias Nunes estava tão doente, que não poude acompanhar-me.

N'essa occasião, saindo um pouco da orbita tradicionista, disse eu que ouvira elogiar muito a sua obra «Garcia da Orta e o Seu Tempo», mas que não tivera ainda o gosto de a ler, porque infelizmente a não possuia. Tanto bastou para que elle d'ahi a pouco, me enviasse um exemplar da referida obra, com uma dedicatoria muito amavel.

Tenho lido e relido este soberbo trabalho, e, para não me tornar banal no elogio, direi apenas que, em meu fraco entender, bastava o citado livro para immortalisar o nome do seu auctor.

Eis o outro facto: N'uma bella tarde, á chegada do correio, recebi uma carta de Lisboa, na qual um velho amigo me pedia, com a maior instancia, que recommendasse ao conde de Ficalho, um alumno de botanica que estava para fazer exame. Este alumno já frequentava a Escola Medica, e, portanto, uma reprovação n'esta altura causava-lhe grave transtorno. Ainda hesitei em satisfazer o pedido, porem, confiado na grande benevolencia do egregio professor, tomei a ousadia d'escrever-lhe. Pois, passados poucos dias, transmittiam-me de Lisboa os mas vivos agradecimentos, pela maneira carinhosa e protectora como o conde de Ficalho tratára o meu recommendado.

Com tão preciosos dotes de coração, não admira que, passando pela sua aula numerosas gerações, nenhum discipulo deixasse de lhe tributar a mais respeitosa sympathia.

Ainda como prova do seu bondoso coração, não deixeirei de mencionar a acção caritativa que elle exercia entre a classe popular d'esta villa. De resto, o habito de bem fazer aos pobres, anda nas tradições da familia Ficalho. Pois é geralmente sabido, que os marquezes de Ficalho, illustres paes do chorado conde de Ficalho, se distinguiam, entre outras virtudes, pelo seu genio excessivamente filantropico.

*

Quando o conde de Ficalho começou a escrever os seus memoraveis artigos ácêrca da historia de Serpa, convidou ambos os directores da «Tradição» para o acompanharem n'uma pequena excursão em volta d'alguns pontos das muralhas d'esta villa. Isto com o fim de nos indicar umas lapides antigas, cujos *décalques* elle desejava para o illucidar nos seus trabalhos d'investigação historica.

O dia marcado para esse passeio, apresentou-se humido e brusco, não obstante, seguimos impavidos a nossa derrota, em procura d'elementos para a historia da nossa terra, que o sapientissimo mestre tão gloriosamente estava elaborando.

Não descreverei pormenorizadamente a excursão alludida, porque não pretendo alongar em demasia este singélo artigo. Entretanto, não resisto á tentação de referir, pelo menos, os sitios que visitámos, e que são realmente dignos d'observação.

O primeiro logar onde estivemos, foi no «Adro de Santa Maria», junto da pittoresca e antiquissima torre do relogio, por cima de cuja portinha ha uma das taes lapides. Em seguida, dirigimo-nos ao «Castello Velho»: largo bastante espaçoso, circumscrito pela velha muralha, tendo n'uma das faces, a do sul, um predio de primeiro andar, solidamente construido, que era, segundo consta, a residencia do governador do «Castello». O arco que dá ingresso para esse largo, o qual fica egualmente ao sul, tambem apresenta uma bem trabalhada lapide, perfeitamente conservada.

D'ahi fomos á «Porta Nova», e, emquanto a passos lentos caminhavamos, parando de vez em quando, o nosso illustradissimo cicerone ia proficientemenre dissertando sobre o valor historico e artistico de tudo quanto se deparava a nossos olhos.

Aqui nos mostrava uma pedra, que devia ser do tempo dos arabes; além, uma outra, evidentemente d'origem

Meu caro Snr. Nunes

Como sei que tem desejo, e tambem o nosso amigo Piçarra de conhecerem o Ramalho, previno-os que está aqui, e aqui os espero d'aqui a bocado.

[illegible]

Ficalho

Fac-simile d'uma carta do Conde de Ficalho escripta aos 9 de Março de 1901

romana. Um resto de muralha que ainda se encontra no «Castello Velho», devia ser forçosamente anterior ao geral das muralhas de Serpa. E, contemplando, absorto, aquelles velhos monumentos, recordava saudosamente os nomes de notaveis homens de lettras, que ali tinham vindo, trazidos por elle. Porque, deve notar-se, o conde de Ficalho sentia immenso prazer em mostrar aos seus amigos intellectuaes a sua querida villa de Serpa.

Do «Castello Velho», como disse, fomos á «Porta Nova», onde existe outra lapide. E, n'este trajecto, ao passarmos pelo seu vetusto palacio, declarou-nos que lhe «estava a dar serios cuidados a restauração da sua casa». Dissemos-lhe então que, a respeito do seu palacio, corria, entre o povo, uma curiosa lenda, a qual consistia em terem vindo ordens do Rei, para que parassem as obras d'aquelle palacio, que já ia sendo melhor que o palacio real. O Conde sorriu-se e observou espirituosamente que as ordens que tinham impedido a continuação das referidas obras, haviam emanado da bolsa do seu fundador —um bispo—cujos recursos pecuniarios estavam exgottados.

Depois d'examinarmos a «Porta Nova», da qual se desfructa um soberbo panorama para as bandas do poente e noroeste, fomos estacar em frente da «Porta de Beja», para lhe admirar a belleza artistica.

Finalmente, o Conde levou-nos a um sitio, fóra da villa, perto da ermida de S. Pedro, para observarmos uma das suas melhores vistas. E, d'esse ponto, olhando enthusiasmado para a povoação, dizia-nos elle:

—«Reparem bem para esta vista: aquelle acqueducto, aquellas torres, aquella muralha, dão á nossa villa um ar monumental!»

O magnifico episodio que ahi deixâmos consignado, e que jámais se apagará da nossa memoria, constitue —segundo creio—a mais eloquente demonstração do entranhado amor que o conde de Ficalho nutria por Serpa. Este amor, certamente, não ficará esquecido pelos serpenses, que saberão render á memoria do varão illustre, o justo preito da sua admiração e reconhecimento.

LADISLAU PIÇARRA.

MEMORANDO

Do homem illustre, a cuja memoria inolvidavel a *Tradição* vem render a mais sincera homenagem de infinita saudade; do homem illustre, quero dizer — do sabio botanico, do contista elegante e primoroso, do orador fluente e correcto, do historiador consciencioso e profundo, do estylista delicado e subtil; n'uma palavra: do intellectual, distincto entre os distinctos, que usou o nome glorioso de Conde de Ficalho, fallam eloquentemente os notaveis publicistas que hoje abrilhantam com seus magnificos escriptos as obscuras paginas d'este humilde mensario.

A nós que fomos o mais desvalioso dos seus admiradores e amigos, resta apenas memorar, em singelas notas despretenciosas, o seu amabilissimo convivio e as inequivocas provas de amoravel dedicação pela ignorada revista alemtejana que teve a subida honra de estampar em suas columnas os ultimos e substanciosos trabalhos do mallogrado pensador.

*
* *

Foi mercê d'este periodico que entabolámos relações com o Conde de Ficalho, a quem aliás desde muito conheciamos e apreciavamos pelos

finissimos primores do seu radioso espirito.

Em 3 de abril de 1899, precisamente no dia em que, n'esta povoação, se realisava a festa popular de Nossa Senhora da Guadaluppe, recebiamos nós, do nobre titular, a sua primeira e lisonjeira carta, na qual applaudia com muitas felicitações a publicação da revista ethnographica, tendo palavras de immerecido elogio para um pequeno artigo nosso — «Na Quaresma» —, ao mesmo tempo que manifestava o desejo de conversar com os directores da *Tradição*, a primeira vez que viesse a Serpa.

Pouco depois—em meado de Maio, se bem me recordo—chegava a esta villa o Conde de Ficalho, e nós cumpriamos o grato dever de, pessoalmente, apresentar os nossos respeitos ao homem superior que, da culminancia do seu talento e posição social enviára á nossa obscuridade captivantes palavras de benefico incitamento.

Superfluo seria accrescentar, que sahimos do palacio do Castello verdadeiramente encantados, pela maneira franca e gentil, despida de etiquetas vãs, com que o esclarecido fidalgo nos recebeu e tratou em animada palestra sobre coisas tradicionaes da nossa terra.

Prometteu-nos, então, o Conde de Ficalho a sua collaboração effectiva, que logo iniciou em o numero de Junho com uma serie de artigos, de valor altissimo, sobre «o elemento arabe na linguagem dos pastores alemtejanos». A estes artigos, em numero de quatro, seguiram-se mais onze, no decurso dos annos 1900 1901, subordinados á epigraphe geral de «Notas historicas ácerca de Serpa». «Historia de Portugal ao redor de Serpa» era o titulo generico que, primeiramente, o auctor pensou dar-lhes — titulo, que muito bem cabe a esses veridicos e formosissimos quadros de historia patria, traçados por mão de mestre, que se chamam: «Se D. Affonso Henriques veio a Serpa no anno de 1145?», «A primeira conquista de Serpa», «Situação de Serpa nas circumscripções da Hespanha mussulmana», «População de Serpa em tempo dos moiros», «Serpa no kalifado de Cordova e no reino de Sevilha», «Serpa sob os Almoravides e os Almohades», «Serpa no reinado de D. Sancho I», «Serpa no reinado de D. Affonso II», «A segunda conquista de Serpa», «A alcaideça Saluquia», e «O infante D. Fernando de Serpa».

Infelizmente para Serpa, infelizmente para a patria portugueza, ficou por concluir o famoso monumento historico em que o Conde de Ficalho tão amorosamente laborava.

Preparava o incançavel investigador um largo estudo sobre as vetustas e derrocadas muralhas de Serpa — sequencia dos artigos vindos a lume, — bem como o prefacio para um velho manuscripto anonymo — «Acto sacramental do Presepio» — cuja copia nós lhe forneceramos, quando a terrivel enfermidade, que havia de prostal-o, veio bruscamente pôr termo ás suas predilectas lucubrações intellectuaes.

*
* *

Depois d'aquella primeira visita a que alludimos, e que logo estabeleceu entre nós os mais estreitos laços de cordial sympathia, era certo encontrarmo'-nos com o Conde de Ficalho, sempre que elle vinha a Serpa de visita ás suas ricas e numerosas propriedades. E, ou no amplo gabinete de trabalho do seu palacio do Castello, ou na modesta casa da redacção d'esta revista, que o eminente professor distinguia e honrava com a sua presença, cavaqueavamos amigavelmente, aos serões, sobre coisas de litteratura e em especial sobre assumptos tradicionaes.

O Conde de Ficalho tomava um interesse muito particular pelos ve-

lhos usos e costumes populares d'esta localidade onde lhe decorrera a infancia; achava-os pittorescos, olhava-os com amor; e, já que não era possivel mantel-os, por anachronicos, desejava ao menos que elles não perecessem na tradição escripta: e por isso nos estimulava a registral-os nas paginas da nossa publicação — de preferencia aos mais curiosos originaes de procedencia extranha. Recommendava-nos isto duzias de vezes, verbalmente e por escripto. Em uma carta datada de 5 de Setembro de 99, escrevia-nos o saudoso extincto: «Os senhores não precisam dos meus conselhos; mas sempre lhes digo, que, sem porem de parte os collaboradores de fóra, não deixem de insistir nas coisas locaes. E' o que mais interessa — coisas locaes, e muito definidas, mais factos que generalidades. Ha mil vezes mais interesse no *S. João em Serpa*, ou nos *Jogos populares*, que nos *Povos da Iberia*. Tendo lá um photographo, um dos senhores podia facilmente fazer um artigo ou mais sobre os oleiros, com representações de *potes, azados, quartas, infusas, ferrados*, etc.»

E opinava que recolhessemos tudo, absolutamenle tudo da vida local e tradicional — até as mais simples lendas ou crenças supersticiosas do povo. E' assim que, em carta escripta d'aqui mesmo, nos dizia: «Sabe que hontem de madrugada, hontem ou ante-hontem, a *cobra encantada da quinta do Fidalgo* appareceu á rapariga retratada na *Tradição*, que logo desmaiou. Appareceu com uma cabeça grande, olhos brilhantes e *cabello á rainha*. A *cobra da quinta* é bem conhecida ha muitos annos; e hoje verifiquei na ceifa da cevada, que todas as mulheres do rancho conheciam a sua existencia.

Valia a pena fazer um inquerito e contar o caso.»

*
* *

Foi em Junho — Julho de 1901, a ultima vez que o conde de Ficalho esteve em Serpa.

Recorda-nos bem, como se houvera sido hontem, a sua derradeira visita, effectuada por esse tempo, aos escriptorios d'*A Tradição*.

Era já noite cerrada quando o prestigioso homem de lettras nos surgiu, inesperadamente, de surpreza. Por signal que nem queria consentir que, por sua causa, illuminassemos a casa — ainda ás escuras quando elle chegou, para evitar o aggravamento do calor n'aquella noite asphyxiante de verão.

Mais expansivo e alegre do que nunca, conversou animadamente, uma bôa hora, com o pequeno grupo dos seus amigos e admiradores aqui reunidos — D. Antonio de Mello Breyner, Dr. Eduardo d'Oliveira, Dr. Ladislau Piçarra e quem subscreve estas linhas.

Depois, como quer que a palestra tivesse recahido sobre um livro de Gil Vicente, o eximio professor — assentado á mesa d'esta redacção, como se estivera na sua cathedra — fez-nos, a proposito, a mais instructiva e encantadora prelecção ácerca das obras primas dos escriptores quinhentistas, que elle conhecia a fundo como ninguem.

E lembrar que perdémos para todo o sempre as rútilas fulgurações do seu vasto saber, o seu conselho salutar e amigo, a sua boa e leal dedicação!...

M. DIAS NUNES.

Anno V

N.º 9

Volume V

SERPA (PORTUGAL), Setembro de 1903

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

Directores:
LADISLAU PIÇARRA
e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico da educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

SUMMARIO

PREÇO DA ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal, serie de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o Estrangeiro, serie de 12 numeros .... 8 fr.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO
(CADA NUMERO 1 FR.)

PARIS — Librairie E. Rolland — 2, Rue des Chantiers.
LONDRES — F. Fisher Unvin, publisher — 11, Paternoster Buildings.
BERLIN — A. Asher & C.º — 25, Wienerstrasse

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

VENDA AVULSO NO PAIZ
(100 RÉIS CADA NUMERO)

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio
Porto — Livraria Moreir — Praça de D. Pedro, 42 e 42
Coimbra — Livraria França Amado
Braga — Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª
Vianna do Castello — Livraria Academica e Religiosa

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*

PREÇO DE 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, * * *

PREÇO — 1$200 RÉIS

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva. A. J. Torres de Carvalho, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.)*

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno V — N.º 9 SERPA, Setembro de 1903 Volume V

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

FABULISTAS PORTUGUEZES

Das modernas litteraturas europeias nenhuma, no genero das fabulas, leva a palma á litteratura franceza. La Fontaine, uma das mais brilhantes estrellas da constellação litteraria do seculo de Luiz XIV, foi quem principalmente alcançou essa gloria para a sua patria.

Elle por certo não era um poeta de genio, um espirito creador, mas compensou a falta de originalidade pela maneira ingenua e graciosa como fundiu no seu cadinho o pensamento estranho. A' similhança de Molière, elle apropriou-se, onde quer que a encontrava, da materia prima que servia de fundo ás suas composições, tão amaveis quanto moralisadoras. A antiguidade grega e romana, o Oriente, a edade media, as sabedorias de todas as épocas, forneceram-lhe a urdidura da sua riquissima teia.

Dos nossos poetas nenhum póde competir com La Fontaine, nem ainda com Florian, mas alguns ha, que cultivaram o genero com certo esmero e que não ficam de todo na sombra, quando comparados com outros especialistas estrangeiros. Garrett, no *Bosquejo da Litteratura Portugueza*, considera digna de maior estima a collecção de cem fabulas, que João Vicente Pimentel Maldonado, publicou em 1820, sob o titulo de *Apologos*. Nos nossos dias o Visconde de Santa Monica deu á luz um copioso Fabulario, em que revela qualidades apreciaveis. Bocage produziu fabulas cheias de mimo.

Em alguns dos nossos poetas dos seculos XVI e XVII encontram-se intercaladas nas suas obras algumas fabulas, que nada desmerecem das de La Fontaine. Em Gil Vicente apparece uma variante da *Laitière et le pot au lait*, em que a bilha de leite é substituida pela bilha de azeite. Esta fabula, como se sabe, é de procedencia oriental, e o sr. Vasconcellos Abreu escreveu uma dissertação sobre as suas origens, comparando o texto do nosso dramaturgo com os textos primitivos e com os que d'elles modernamente se derivaram.

O sr. William E. A. Axon publicou ainda este anno em Londres um estudo no mesmo sentido, intitulado: *Gil Vicente and La Fontaine: a Portuguese parallel of «La laitière el le pot au lait»*.

Sá de Miranda não é menos apreciavel que Gil Vicente, quando nas suas conceituosas quintilhas nos descreve com pittoresco relevo as infaustas aventuras do *rato da aldeia*, induzido pelo *rato da cidade*. D. Francisco Manuel de Mello segue-lhe as pisadas, dando ás fabulas que in-

troduz casualmente nas suas composições, a mesma fórma de redondilha e num sabôr de estylo que faz lembrar o d'aquelle mestre.

Seria para estimar que se explorassem os nossos escriptores, catando-lhes as fabulas mais ou menos desenvolvidas que encerram, averiguando ao mesmo tempo as fontes que lhes serviram de inspiração. Este trabalho, deve dizer-se, que já está iniciado e bem merecia que se lhe desse todo o desenvolvimento possivel. Eu possuo um opusculo de 48 paginas em 8.º, dado á estampa em Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, em 1823, o qual realisa em grande parte o plano que deixei apontado.

Intitula-se:

Collecção de algumas fabulas em verso e prosa, extrahidas das obras de nossos bons auctores. Não tem nome do collector, mas creio que não errarei muito, attribuindo-a ao benemerito litterato Joaquim Ignacio de Freitas que tanto presava os nossos classicos e os bons modelos de linguagem. E' dedicada ao Principal Mendoça, reformador reitor da Universidade. Contém as seguintes producções:

Em verso:

Sá de Miranda. — *O rato da cidade e o rato da aldeia*; *Gyges e Aglào*; *A raposa e o leão enfermo*; *O bacarote, as ovelhas, o lobo e os porcos d'aldeia*; *O cervo e o cavallo.*

Diogo Bernardes: *Agláo, ou a Bemaventurança*; *A formiga e a cigarra*; *O cão sofrego*; *A rã e o boi.*

D. Francisco Manuel de Mello: *A cega futua*; *Ulysses e Polyfemo*; *O odio e o amor*; *A fortuna e o moço*; *As lebres e as rãs*; *O lobo e a raposa*; *O filosofo e o fanfarrão*; *Jupiter e o sabio.*

Em prosa:

Fr. João de Ceita: *O conselho dos ratos*; *A tartaruga e a aguia*; *O homem, o idolo e o thesouro.*

D. Francisco Manuel de Mello: *As lebres e as rãs.*

P. Antonio Vieira: *O amor e o odio*; *As differentes deidades*; *As duas mães*; *As arvores querendo fazer-se um rei*; *Os dous tanques de mel e fel*; *A raposa e o leão*; *Democrito e Hyppocrates.* Ha mais tres fabulas extrahidas da *Arte de furtar*; *Dona politica*; *O que faz mal a si mesmo, por fazel-o a outrem*; *Dona justiça e dona Cobra.*

P. Diogo Curado: *Os dous idolos.*

A. A. da Fonseca Pinto começou a publicar no volume 36 do *Instituto* de Coimbra, continuando nos dois volumes seguintes, uma serie de *Fabulistas Portuguezes*, que comprehende 26 nomes, alguns dos quaes de escriptores contemporaneos, traductores ou paraphrasistas de La Fontaine.

Eu estou persuadido que os mouros e os judeus seriam excellentes transmissores das fabulas e apologos orientaes. Na edade media as fabulas de Esopo, cuja authenticidade é muito duvidosa, exerceram uma grande influencia em toda a Europa, influencia a que não escapou a peninsula. Em Hespanha imprimia-se em 1489, na cidade de Saragoça, uma edição das fabulas de Esopo, vertidas do latim, á qual se adiccionaram outras de varios auctores.

Em Portugal só muito mais tarde é que o celebrado fabulista se generalisou pela imprensa.

Manuel Mendes, da Vidigueira, foi o seu vulgarisador. Ignoram-se as circumstancias de sua vida e apenas, pelo appellido patronymico, se conhece a terra da sua naturalidade. A primeira edição accusada por Innocencio da Silva é de 1603, feita em Evora por Manuel da Leyra, mas é provavel que já houvesse outros anteriores. O livro, que é escripto em boa linguagem, foi reproduzido muitas vezes, e, além das edições registadas no *Diccionario Bibliographico*, conheço mais quatro, a saber: uma de Jorge Rodrigues, Lisboa 1608; uma de 1684, de Francisco Villela; 1689, descripta sob o n.º 28 do catalogo da livraria do Marquez de Cas-

COSTUMES & PERSPECTIVAS

LAVRADORES MAIATOS

tello Melhor; outra, finalmente, Rollendiana, de 1791.

O meu amigo e collega dr. Leite de Vasconcellos encontrou n'uma bibliotheca estrangeira um manuscripto com uma antiga versão portugueza, a qual tenciona editar, devidamente commentada, não deixando por certo de referir-se, em estudo comparativo ás versões hespanholas, á portugueza do começo do seculo XVII, ou talvez ainda do ultimo quartel do seculo XVI. No côro da egreja do extincto convento de Santa Cruz de Coimbra ha esculpidos episodios das fabulas de Esopo. Assim se lê no artigo descriptivo d'aquelle templo monumental, publicado no fasciculo 28 da *Arte e a natureza em Portugal.* Quem dera que estas quadrinhas podessem ornamentar graphicamente a edição do sr. Vasconcellos!

Se a memoria não me atraiçoa, o claustro de S. Vicente de Fóra é revestido com paineis de azulejo, em que estão representadas as fabulas de La Fontaine.

Eu encontrei na *Chronica de D. João I*, de Fernão Lopes, uma variante muito curiosa de fabula *A raposa e o corvo.* Effectuado, em Lisboa, o movimento revolucionario, que confiou ao Mestre de Aviz a regencia e defensão do reino, faltava assenhoriar-se do Castello, que ainda tinha voz por D. Leonor. Trataram então de o investir, ameaçando o alcaide de expôr aos tiros dos defensores as suas mulheres e filhos, se elle o não quizesse entregar. Deante d'esta ameaça e dos preparativos do ataque, Martim Affonso Valente, que tinha a alcaidaria do castello por o conde João Affonso, resolveu-se a pactuar, declarando que sahiria da fortaleza, se dentro de quarenta horas não fosse soccorrido. A rainha estava em Alemquer, onde foi mandado um mensageiro com este recado. O conde João Affonso, que estava junto d'ella, ouvindo a proposta tratou de irrisorias as treguas e a preitesia, e accrescentou ironicamente:

«Pareçe que fostes taaes como esse medo que vos poseram por vos espantar, como a raposa que estava ao pé da arvore e ameaçava com o rabo o corvo que estava em cima com o queijo no bico por lh'o haver deleixar, e vós outros taes fostes...» (¹)

Episodios similhantes ao do castello de Lisboa foram frequentes na porfiosa guerra que se travou entre os partidarios do Mestre d'Aviz e os do rei Castelhano Fernão Gonçalves que tinha o castello de Portel, tambem se viu obrigado a entregal-o a D. Nuno Alvares, e quando sahiu d'elle, chasqueando da sua propria desgraça, que attribuia a sua mulher bailando e cantando como um endemoninhado, proferia phrases soltas e deshonestas, entre as quaes uma com fórma e sabôr de annexim: *Maria bailou, tome lá o que ganhou!* (²)

Não faz isto lembrar a resposta da formiga á cigarra?

SOUSA VITERBO.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

ATIRA, CAÇADOR

Atira, caçador, atira
A' pomba que vae no ar!
O' ladrão, que me roubaste
Estando eu para casar.

Estando eu para casar,
A' egreja a dar a mão...
O' ladrão que me roubaste
De meu peito o coração!

Serpa.

ELVIRA MONTEIRO.

(¹) Fernão Lopes, *Chronica de D. João, I*, Cap. XLII.
(²) Idem, idem, Cap. CLVIII.

CANCIONEIRO MUSICAL

VI

ATIRA, CAÇADOR

Musica recolhida por D. Elvira Monteiro

(CHOREOGRAPHICA)

A PESCA D'AVEIRO E AS BRUXAS

Entre as diversas crendices ou superstições que povoam o espirito das nossas colonias de pescadores, salienta-se sobremaneira, pela larga zona onde impéra e pela intensidade do culto que lhe prestam, aquella que as companhas da sardinha, estabelecidas no litoral maritimo comprehendido entre os rios Douro e Mondego, professam pela efficaz intervenção das bruxas na fortuna da pesca.

E' ponto de fé para estes pescadores que as resas e as benzeduras de certas *mulheres de virtude* não só favorecem a colheita da pescaria, como é ainda condicção indispensavel para que se possa pescar alguma cousa.

A implantação de tal crença é antiquissima e parece existir desde o inicio das *artes de allar para a terra*, sendo de presumir que logo os primeiros pescadores, que pozeram em pratica este systema de exploração maritima, movidos pela ganancia, com inveja uns dos outros, lançaram mão de todos os recursos ao seu alcance, incluindo os maravilhosos ou sobrenaturaes, para melhor enriquecerem e para se suplantarem uns aos outros.

E' preciso porém não confundirmos a fortuna na pesca com o que se entende por fortuna no mar.

Na região de que me occúpo o auxilio das bruxas é impetrado unica e exclusivamente para que as redes sáiam na praia pejadas de pescaria, estando affecto a sentimentos puramente religiosos o patrocinio das vidas no meio dos perigos das ondas.

A protecção divina é invocada não só por cada um em separado, consoante a crença que adquiriu ou que lhe incutiram — o que, diga-se de passagem, não péca por defeito, na sua media geral — como ainda por todos em commum, dando ás companhas os nomes de santos de sua maior devocção.

Assim os nomes vulgares que ellas tomam, são — SS. Trindade, S. Salvador, Senhora da Boa Nova, etc.; sendo tambem de uso pintarem nos dois lados da prôa do barco as respectivas imagens dos padroeiros, circumdando-as com o letreiro da invocação e ainda com humildes preces.

Este uso, que é rigorosamente seguido nas praias do Norte, especialmente em Espinho, perde-se quasi de todo nas de S. Jacintho e Costa Nova em par de Aveiro, pelo que respeita aos barcos.

Aqui não usam nas prôas mais do que os numeros legaes da matricula maritima, ou quando muito vê-se ali algum verso da lavra do constructor, attinente a proclamar a excellencia da embarcação e a dar publicidade ao estaleiro, como por ex.:

> nasi na bila de obare
> pasei á bara de abeiro
> pra lubare a recaxias
> na costa so peremeiro

ou:

> pasa ô deixa pasar
> sou o coreio da costa
> não me poso demorar

Viva o mestre Farancisco Tomé da ribeira d'obar que me fês. (*)

Pondo porém de lado esta pequena divergencia de costumes, o que não offerece duvida é que em toda a costa o sentimento religioso é bem manifesto e completamente independente da crendice nas resas e artimanhas das bruxas.

Nem todos os pescadores, está bem de ver, teem egual fé n'estas

(*) Copias fieis. O segundo verso facilmente se entende; o primeiro quer dizer:

> Nasci na villa d'Ovar,
> Passei á barra d'Aveiro,
> P'ra levar (ganhar) as recaxias (regatas)
> Na costa sou o primeiro.

mulheres de virtude, mas em toda a companha ha sempre uma grande maioria entre os seus 70 a 80 homens, que não só acredita piamente n'essa benefica ajuda, como não prescinde d'ella, trabalhando mal e de má vontade, chegando mesmo a desertar do arraial e do serviço, se a fortuna fôr adversa e não vier bruxa que quebre o enguiço.

Concorre poderosamente para esta sympathia pelo mysterioso, o sentimento de inveja que anima os pescadores uns contra os outros, em toda a parte, e sobretudo quando usam o mesmo systema de redes.

O pescador não se revolta nem se agasta grandemente quando é infeliz na colheita; soffre pacientemente essa adversidade isolada, ou acompanhada d'outras eguaes.

Mas o que mais o irrita e o pode levar aos maiores excessos é não pescar elle nada, e ao seu lado, ás vezes a ambos os lados, outros trazerem do mar ao mesmo tempo as suas redes a rebentar com pescaria.

Na pesca d'Aveiro dá-se muito esta disparidade de sorte e ás vezes prolongadamente durante dias, contra uma mesma companha, não sendo possivel explicar-se em taes casos o pronunciado asar que acompanha uma rede no meio de duas ou mais que nunca deixam de trazer bons lances.

Francamente, ha occasiões em que parece existir um proposito superior de má vontade ou de castigo contra um certo nucleo de pescadores.

Quando assim acontece, as relações entre as companhas tão diversamente favorecidas tornam-se bastante tensas, e tanto na manobra do mar ao lançarem as redes, como depois na orientação das cordas ao tirarem-nas, ha sempre da parte d'uns e d'outros um tal ou qual accinte em baralharem os apparelhos, provocando-se avarias e impedindo-se a pesca; e a meudo, ouve-se então apregoar pela praia em tom provocante, que — *quanto mais bruto mais peixe* — tirado do proverbio

> Se fores ao mar pescar
> E que a sorte te não deixe,
> Deita a rede, deixa andar,
> — Quanto mais bruto, mais peixe.

Se taes excessos não attingem nunca os limites d'uma conflagração, o que teria sem duvida lamentaveis consequencias, attendendo ao numeroso pessoal que ha sempre nas differentes praias, não deixa de ser isto devido em parte á crença que elles teem nos sortilegios, attribuindo ás bruxas o ir a pescaria toda para uns, ficando outros sem nada.

De maneira que a superstição de que esta gente está possuida tem ao menos de bom, servir de valvula de segurança ou de derivativo ao mau humôr que os acommette, evitando-lhes em certos momentos actos de que mais tarde teriam de se arrepender.

Como as variantes de fortuna na exploração piscicola são bem frequentes, as companhas mudam tambem de bruxa com a mesma rapidez e egual facilidade, o que de resto anima a industria d'estas mulheres, porque os pescadores, na ancia sempre crescente de acertar e tocar a méta da primasia na costa, nunca se desligam á cautella da bruxa de que começam a duvidar quando vão procurar outra nova; e assim chegam a ser freguezes de umas poucas ao mesmo tempo.

Ellas pelo seu lado procedem por egual theor, ministrando *as virtudes* que possúem a todos que lh'as pedem, começando apenas a fazerem-se esquivas para mais aguçarem a procura, desde que o acaso lhes fornece incidente de firmarem os seus creditos.

O que não admitte duvidas é que a arte da bruxaria constitue um modo de vida commodo e rendoso em todo o districto, havendo até representantes do sexo forte que já acha-

ram ser tolice deixar tão bella industria inteiramente monopolisada pelo outro sexo, e se dedicaram tambem á sua exploração.

Apesar d'este assumpto das bruxas ser do conhecimento de toda a gente que frequenta as praias de pesca da costa d'Aveiro, não é facil aos profanos nem mesmo ao pessoal menor das companhas, entrar no amago dos mysterios e praticas que teem logar para se obter a graça de bem pescar.

Tanto ellas como os pescadores teem o maior empenho em guardar segredo, porque o segredo é sempre a alma do negocio, e porque elles temem bastante as troças de que são alvo mal dão a entender que pertencem á seita dos *crentes*.

Ser-me-hia impossivel chegar a saber os processos d'esta *sciencia occulta*, apesar dos esforços e tentativas que empregui por longo tempo, se um mero accaso me não deparasse o ensejo desejado.

Encontrando-me com o proprietario de certa companha em logar muito distante da praia onde tinha o arraial, admirei-me bástante d'elle ter abandonado em plena safra o trabalho da rede, ausentando-se para tão longe, e após varias evasivas, confiou-me elle que vinha *governar a vida* — phrase consagrada pela praxe e quer dizer — ir consultar bruxa.

— Então vócê tambem acredita?

— Olhe, eu nem acredito nem deixo d'acreditar, responde-me elle. Lá aquelles diabos quebraram-me a cabeça com as bruxas, no anno passado, porque a gente não trasia nada na rede, e eu vim até cá *governar a vida*, para lhes fazer a vontade. O caso é que, ou fosse o raio da bruxa ou fosse o que fosse, o que é certo é que aquillo mudou logo e eu fiquei menos mal no fim da safra. Agora começou a cousa a andar outra vez mal e eu cá volto; *assim com'ássim* se não faz bem, tambem mal não faz nenhum.

— Então acredita, hein?

— Eu sei lá d'isso, se acredito ou não! nem sei nem quero saber. O que eu quero é peixe, e *q'ant'é* ao mais, que vão todos para os raios dos infernos, elles e ellas, e ellas e elles.

— Mas você tambem entra lá na resa, está claro.

— Reso e faço tudo quanto elles quizerem — o que a mim me importa é isso! — com tanto que venha peixe, eu estou por tudo.

— Sim, que a fallar a verdade nós não podemos afiançar que aquellas praticas não tenham o seu quê...

— Tá, tá, tá, não me venha para cá com essas a fingir-se...

— Eu lhe digo...

— Não diga senão vou-me embora.

— Olhe lá F..., eu francamente desejava saber como se faz...

— Ah! isso agora é outra coisa. Mas diga-me, não se ri de mim?

— Palavra não rio. Eu quero até saber isto para adornar um artiguito cá sobre a pesca...

— Oh diabo! Não me bote lá nos papeis!

— Não, não fallo lá no seu nome, nem por sombras o inculco. Demais quem havia de julgar que você...

— E' verdade, é. Quem havia de julgar que eu...? Mas são coisas. Eu no anno passo dei-me bem, era asneira completa despresar agora o que me póde tornar a servir. Então que quer?

— Mas...

— Mas então eu lhe conto. Em todo o caso sempre lhe digo que talvez eu não faça bem em divulgar estas cousas e me esteja a prejudicar a mim proprio... Mas já que prometti, lá vae:

Primeiro que tudo é preciso notar que cada bruxa tem lá os seus ingredientes ou talismaus, e bem assim as suas rezas, embora tudo isto não faça grande differença da umas para

outras. A coisa toda está na virtude intima, percebe?

— Percebo. Está no *espírito*.

— Ora nem mais. Esta que eu venho convidar para lá ir á companha, manda-me botar n'uma lata tantas pedras d'incenso quantas as pandas que tiver a rede — sabe o que é?

— Sim, a cortiçada.

— Exacto. E juntamente com o incenso nove pontas d'oliveira, nove d'alecrim e nove pedras de sal virgem — que é sal ainda não servido — fechando-se bem a lata e botando-a na agua do mar durante tres dias.

N'este terceiro dia vae então a bruxa e depois d'ella ver o mar, entra no palheiro e accende trinta e cinco brazas n'uma telha, ás 5 horas da tarde, botando-lhe por cima o incenso primeiro, depois a oliveira, a seguir o alecrim e por ultimo o sal... Mas se se ri, então não conto mais.

— Não, não me riu. Ora ande lá.

— As redes que se querem benzer, devem estar já safas e estendidas na arrecadação, e a bruxa com a telha do defumadouro e os homens da companha a ajudal-a vão-nas defumando durante tres horas.

— Homem, isso é demorado...

— Aquillo não quer pressas. Quem tem pressa vae por terra.

— Mas as brasas por certo não duram tanto tempo, a menos que as não renovem.

— Não. Em ficando tudo em cinza, brasas e oliveira e o resto não se defuma mais; mas as redes é que ficam estendidas até ás 8 da noute, bem como póde continuar a resa.

— Então a resa...

— A resa é... Eu nem sei se ganharei *cobranto* em lh'a dizer...

— Não pense n'isso. Que tem agora...

— Emfim lá vae. Emquanto se defuma, todos dizem:

«Assim como Nossa Senhora defumou o seu *entre-amado* filho para cheirar, eu (o nome de quem está a resar) com fé em Deus e na Virgem, defumo esta rede para bem pescar e todo o interesse ao dono dar».

Cada um ha-de resar esta oração pelo menos tres vezes durante o defumadouro.

A's vezes vae a bruxa resar para dentro do barco da companha, em quanto o pessoal mais crente procede ao defumadouro, e tambem se póde dispensar este quando tenha sido feito ha pouco tempo.

— Mas então lá a sua gente acredita n'isso com toda a fé, hein?

— Aquillo é preciso entendel-os bem. Cá para mim estou que elles acreditam tanto como eu: querem peixe e *botam o barro á parede* com a bruxa. Se péga, péga; e se não péga... saude.

— Vamos lá... Se elles afinarem todos pela crença que me tem manifestado n'esta conversa, creio que não vão de todo mal.

— Olhe, haverá mais e menos. E a proposito eu lhe conto um caso succedido ha tempos:

F... dono da companha de *** — conhece?

— Tenho uma idéa. Mas, adeante.

— Pois F... andava sem sorte nenhuma na safra, n'um d'estes annos atraz; não pescava uma sardinha. A gente da companha não o largava, pedindo-lhe todos os dias que fosse lá a bruxa a benser os apparelhos; mas elle como não acreditava nada n'isto, fazia ouvidos de mercador ou respondia-lhes que não fossem tôlos.

A certa altura começou porém a vêr que o povo lhe ia abandonando o arraial, descontente e desanimado por falta de *ajuda superîor* na laboração da pesca e lembrou-se então de dizer aos homens que não era preciso vir bruxa de fóra, pois elle proprio era o bruxo da companha havia já muito anno.

Isto sortiu bom resultado e creio bem que teria exito completo se F... depois se não deitasse a perder por suas mãos.

Passados dias, o pessoal fallou a F... dando-lhe claramente a entender que era preciso benserem-se as redes.

O homem ficou atrapalhado. Não esperava tal pedido. Mas logo, cobrou animo, disse que sim — e uma bella tarde, lá foram para o armazem tratar d'aquella magica.

Elle não sabia nada do que era costume fazer-se em tal acto; mas, com bastante manha, foi-os deixando fallar e preparar os ingredientes que achavam indispensaveis, foi colhendo aqui e acolá o que tinha a fazer, a oração arranjou-a lá da cabeça d'elle, e ia tudo no melhor dos mundos possiveis quando F... sem se poder conter mais, cahe para cima d'um monte de redes, com as mãos nas ilhargas, a rir descaradamente como um perdido.

Os homens sentindo-se ludribiados, largam pela porta fóra — eram uns cinco — vociferando contra o descredito da companha, contra a pouca vergonha do patrão; e este depois de se ter consolado de rir quanto elle quiz, levantou-se, pegou na lanterna, e foi a fechar o armazem para ir cear e deitar-se.

Mas, ao chegar á porta — dá de cara com dois dos comparsas, ali postados como sentinellas, muito quedos, barretes nos hombros, mãos crusadas na barriga, esperando humildemente.

F... fica pasmado a olhar para elles durante um bocado e por fim pergunta-lhes o que é que querem.

O mais audaz, depois de muito coçar a cabeça e voltear o barrete entre as mãos, explicou-se então n'estas velhacas reticencias:

— O patrão... não sei se sabe... talvez não saiba... — Ora isto... parece que foi a brincar... a benzedura. — Mas... a brincar ou a serio... *assím com'ássim*, a gente cá n'estas *occasiões*. . costuma ter... meio litro a cada um...

JAYME AFFREIXO.

ORAÇÃO CONTRA O MAL DA INVEJA

O MYSTERIO, o incomprehensivel attrahe com muito maior intensidade os individuos, do que a explicação facil do phenomeno, a ponto de se preferir sempre a solução menos racional. E' uma tendencia innata de idealismo, que só a educação pode corrigir, nem sempre com bom resultado.

Que utilidade pode tirar um individuo em seguir attentamente a leitura numa lingua que lhe é desconhecida, ainda que venha acompanhada de sons agradaveis e de variação de scena?

O crente, porem, acredita que as palavras inintelligiveis occultam na significação um poder magico, a que os seres divinos se submettem.

Em todas as religiões bem organisadas e com larga historia succede o caso de se formar uma lingua religiosa. Os livros sagrados que foram escritos numa certa epoca continuam a ser lidos e explicado nas gerações seguintes apenas dentro d'um grupo reduzido, emquanto a grande maioria do povo se affasta constantemente da linguagem primitiva. Os romanos, (cantos dos *Arvales*), os indios, os persas, os hebreus dão o exemplo. Os allemães, divididos em grande numero de falares, formaram o seu dialecto litterario por influencia da traducção luterana da Biblia e ainda assim algumas palavras não são inteiramente correntes. Nesta raça todos os individuos conhecem alem do seu dialecto a lingua litteraria, porque assim a religião lh'o exige, o que não póde ser imitado pelos povos catholicos, porquanto o latim é de difficil aprendizagem para qualquer das nações modernas.

Não causa, porem, grande desgosto á classe sacerdotal a ingnorancia do latim, entre o povo, pois o conhecimento mais ou menos professado por ella da lingua do *Latium*, de uma lingua ignota, ainda mais

serve para lhe realçar a importancia em face das classes populares.

Na piugada do clero avançou tambem a classe dos curandeiros, outróra chamados benzedores ou achacorvos, que por vezes trabalham em empregar o latim nas suas orações e formulas.

Uma oração *latina* que um *santo* que reside em Villa Chã do Monte, freguezia de Torre Deita, concelho de Viseu, pela modica quantia de seis vintens distribue aos donos de animaes e pessoas atacadas do mal de *inbeija* (inveja), debaixo do nome de *libro* (livro), depois de effectuadas algumas ceremonias, estou na situação de offerecer ao leitor.

Em meia folha de papel de cartas dobrado em numerosas voltas, dentro dum saquinho de panno, se encontrava a oração adiante transcrita. A letra não era apparentemente de difficil leitura, só de quando em quando apparecia um caracter que deixava margem a duvidas. Entre o montão de vocabulos estropiados despontam alguns de facil identificação como *bobes* (vobis), *aviatis* (habeatis), *vonus* (bonus), etc.

A oração começava com J N R J ao alto, tendo por baixo escritas no sentido do maior comprimento o seguinte: Vitilio da trindade a PSML i ZUCi va Reviristo a Vizinha desta oriatura. (1)

Ladeando o introito estavam as seguintes palavras: Em era CU ML Fogite Par, de um lado; e do outro: an Domine Ualbu D tes adeverças.

O corpo da oração seguia assim:

Cristo vi ✠ vite Cristo vegiates e hotos avoni Milho nos deFenda i tianelidita e desuMoniCate donuMines N Verto disto nuza Santarune dei noMen Miçias Emvionana blitater sabalha aycas es quime, olharatos Sio hova ademito Fetra ga Mator nos Constrarjemos te Sinhora criatura esta avono So Co adoco Si ve Tuarorinte coni va ase Fica des ite pro Copim us bobes aqui Ligamos aos ti por aviates Patestalina quidem quata june Mala Ficio araure Canequi Emani Maneque Eu Corporio este este este Mal Miete nos taguum ygnis Si lio ate Caza bobes a dia asegoa tes Emparates bobes Deos Pa ✠ tres emparates bobes deos Fi ✠ Lio Emparatates bobes deos esprito ✠ Santo emparates bobes deos Santisima Trindade vonos ✠ Deos amene.

Oremos

Accipio quezimus deos nostre peste desedita desta Criatura esta... que esta Ampoçiblitada do Mala Fio avia te sai i deixa Au Loubor da Santiçima Trindade po Maria Santisima ✠ e por Jazus Cristo noço Sinhor Amene.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

AS CÓVAS DA ADIÇA[1]

Numa das encostas cultivadas da serra de Moura, tambem chamada da Adiça, proximo da pittoresca Villa Verde de Ficalho, á sombra de viçosas e luxuriantes oliveiras, destacam-se, pelo escuro de suas enormes boccas, duas cafurnas, que têem a sua historia um tanto curiosa.

Segundo a opinião da maior parte dos visitantes, que são innumeros, este grande phenomeno da prodiga natura, conhecido pelo nome de «Cóvas da Adiça», é devido á grande massa d'agua que, deslisando do cume da serra para s'infiltrar no coração da terra, se accumula em determinados pontos, formando as ci-

---

(1) Evidentemente o mal vinha todo da vizinha.

1 Significando *adiça*, mina metalica (Dicc. de Moraes), é muito provavel que as cóvas acima descriptas, representem o vistigio de minas antigamente exploradas, e que das proprias minas resultasse o nome da referida serra.

L. P.

tadas fossas, onde se encontra uma infinidade d'estalactites.

Porém, a tradição assevera o contrario: diz que as «Cóvas da Adiça» foram causadas pelo esforço do homem. E corre a este respeito a seguinte lenda:

Houve tres reis mouros que governavam em pequenos estados da Peninsula, depois, vendo-se desthronados por seus vassallos, fugiram para estas paragens e construiram um palacio subterraneo, para nelle se abrigarem

Ainda hoje os cicerones indicam as divisões das sallas e mostram as camas, que são longas pedras, por onde a agua parece não ter podido penetrar. Levam-nos tambem a uma fonte, que effectivamente lá está, e que me disseram ser de agua excel lente.

Ha tambem quem diga, e esta é a versão mais seguida, que ali existiu em tempos remotos, um pequeno numero d'anachoretas, os quaes escolheram aquelle ermo, para, retirados do mundo, se entregarem á meditação.

Tambem se diz que, quando o famoso general Prim fugiu d'Hespanha para Portugal, veiu esconder-se nas citadas cavernas, tendo o cuidado de tapar com matto as boccas das mesmas, para que o terreno se tornasse desconhecido. Accrescentam ainda que, neste proprio retiro, elle estava acompanhado por diversos politicos seus partidarios, e eram todos sustentados por um tal *Caballero*, de quem se conhecem actuaes descendentes.

Mas, na verdade, parece-me que o mais provavel, é aquelle encandeamento de covis tem servido, não poucas vezes, para se recolherem varios criminosos fugidos á acção da justiça.

Tendo um dia ido observar o que ha de notavel nas referidas cafurnas, não pude conseguil-o, porque a temperatura, a principio suave, vae-se tornando mais e mais fresca, á medida que vamos penetrando n'aquelle sombrio e lugubre interior, onde se elevam isolados rochedos semelhantes a espectros. São estes rochedos que formam as paredes do palacio subterraneo, que ali existiu, segundo reza a tradição popular.

E' uma coisa phantastica, aquelle segredo da serra de Moura! Depois de nos introduzirmos nas furnas, o que se consegue muito difficilmente, pois muitas vezes temos de rastejar pelo lodo que ali existe em grande profusão, e depois de sentirmos o rosto fustigado pelas azas das coru jas que, descuidosas, habitam os ôcos d'aquelles rochedos, experimentámos uma impressão bem extranha.

O guia, de lanterna na mão, a chalrear, vae-nos explicando o que a phantasia popular tem creado em volta d'este esconderijo, e ao mesmo tempo, a sua figura debuxa-se gigantesca, ao pallido reflexo da soturna luz, nos abruptos penhascos.

Neste momento, julgâmo-nos transportados a um mundo desconhecido. Tudo ali é surprehendente. E aos que tiverem a paciencia de nos ler, aconselhamos uma visita ao referido local, pois estamos certos que não se arrependerão.

F. D'ASSIS ORTA.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

O ladrão

Era d'uma vez um homem que tinha tres filhas, foi fazer uma viagem e disse ás filhas que não abrissem a porta a ninguem. Foi lá um ladrão vestido de velha. As duas mais velhas queriam abrir a porta, mas a mais moça não queria, lembrando-se da recommendação do pae. A velha tanto teimou que as raparigas mais velhas sempre abriram a porta. Entrou a velha e sentou-se á chaminé. Deram-lhe de cear e depois de ter ceado disse a velhi-

nha: «Em paga de tão boa ceia ha de cada uma das meninas comer um figuinho». Eram tres figos de somno. As duas mais velhas comeram-n'os e a mais moça fingiu que o comia. As irmans, como já estavam com muito somno, foram-se deitar. Ella como viu que as irmans já se tinham ido deitar, foi tambem deitar-se, mas deitou-se mesmo vestida e fingiu que dormia. Depois sentiu passos, e o ladrão já estava a emmalar tudo e accendeu uma mão de finado e foi com ella á cama das duas irmans a deitar-lhes pingos na cara. Quando o ladrão vinha a descer as escadas para apitar aos outros ladrões, a mais moça levantou-se, foi a correr atraz d'elle e fechou-lhe a porta da rua. E elle disse-lhe de lá: «Abre-me a porta». E ella: «Não abro». E elle: «Então dá me a mão de finado». E ella: «Diz-me primeiro com que a hei de apagar, e mette a mão por baixo da porta». E o ladrão disse: «Apaga-a com vinagre». Ella assim fez. E o ladrão metteu a mão por baixo da porta e ella cortou-lhe a mão com um machado. E as irmans não deram por cousa nenhuma. Passados tempos veio o pae e perguntou se tinham aberto a porta a alguem. Disseram-lhe que não. Depois um dia o ladrão pôz uma mão de ferro, calçou umas luvas brancas e foi a casa do homem pedir uma das filhas para casar com elle. A mais moça disse logo que não queria, porque conheceu o ladrão. A mais velha quiz. Casaram, e quando iam para casa o ladrão descalçou a luva e mostrou-lhe a mão de ferro e disse-lhe que não era a ella que elle queria apanhar, era sim á sua irman mais moça, que o tinha feito manêta. Levou-a para um palacio, entregou-lhe as chaves e disse-lhe: «Abre todas as portas, excepto aquella». Mas antes d'isto poz-lhe um cordão ao pescoço e metteu-lhe nos dedos muitos anneis. Ella assim que elle sahiu, a primeira porta que abriu foi aquella, e mudou-se logo o cordão em sangue. O ladrão veio e assim que viu o cordão disse: «Abriste a porta!» e matou-a logo. Depois foi ter com o pae e pediu a segunda filha, visto a primeira ter morrido. Com a segunda filha succedeu o mesmo. Foi pedir a terceira filha. Ella a principio não queria, mas depois cedeu. Casaram e já no palacio o ladrão disse o mesmo á sua nova mulher: Que abrisse todas as portas menos a tal; e lançou-lhe o cordão ao pescoço e poz-lhe os anneis nos dedos. Ella, assim que elle sahiu, tirou o cordão e foi abrir a porta. Viu lá muitos doentes e entre elles um principe; esteve tratando de todos e depois, ás horas de vir o seu homem, pôz o cordão, e o homem que não viu o cordão ensanguentado, julgou que ella não tinha aberto a porta e ficou muito contente. Estava lá entre os doentes o tal principe, e ella com o andar dos tempos pôl-o bom de todo e agradou-se muito d'elle, e elle d'ella, até que um dia ajustaram fugir d'aquelle palacio os dois. Mas o principe disse á rapariga que recolhesse em dois saccos algumas pedras e alguma areia. Ella assim fez, e n'uma manhã fugiram em dois cavallos que foram buscar á cavallariça do palacio. Já iam a grande distancia quando viram vir um gigante, que era o ladrão, montado n'um cavallo branco a correr a toda a brida; e vae o principe diz para a rapariga, que despejasse o sacco da areia, e fez-se logo uma grande montanha d'areia entre elles e o gigante. Mas ao fim d'algumas horas de caminho lá apparece outra vez o gigigante no cavallo branco a descer a montanha a galope, e diz o principe para a rapariga: «Despeja o sacco das pedras!» e fez-se logo uma grande montanha de penhas entre elles e o gigante, e nunca mais o viram. Chegados ao palacio do principe casaram e tiveram muitos filhos, e ainda faz quarta feira tres semanas que eu lá fui tomar chá.

(Elvas).

O piolho

Era uma vez um rei que tinha uma filha, e o pae disse para a filha: «Cata-me aqui um bocadinho.» E ella disse: «Os reis não teem piolhos». Mas sempre o catou e lá encontrou um, e disse: «Piolho de rei não se mata». Metteu o piolho n uma gaiolla, e elle foi crescendo, crescendo, e já estava d'um grande tamanho, e o rei disse que se tinha de matar o piolho, e a filha disse que dos ossos se havia de fazer uma cadeirinha para ella subir para a cama e uma escada para o pae subir para o throno, e quem adivinhasse de que era feita a cadeira e mais a escada, que havia de casar com ella. O pae disse que sim e mandou deitar um pregão para toda a gente que adivinhasse ir lá ao palacio. Uma vez estava a princeza com uma das aias á janella e estava dizendo para a aia:

—Ora quem será capaz de adivinhar que dos ossos d'um piolho se fez uma cadeira e uma escada?

Ia passando por debaixo da janella um velho. Ouviu e correu logo para palacio. Perguntaram-lhe de que era feita a cadeira e a escada, e elle respondeu a tudo. Depois o pae não queria que a princeza casasse com o velho, mas ella quiz, para cumprir a sua palavra. Casou e depois foi a correr mundo com o velho. Já ia farta do velho e chegou lá a um poço e disse-lhe:

—Olha, vê lá que bonito é este poço.

Elle foi a olhar e ella deitou-o para dentro do poço, e poz se a dizer de cima:

—Já estou livre do espirito de pobre. E o ecco respondeu, e ella imaginava que era o velho que lhe falava lá de baixo. Depois disse:

—Ainda não estou livre; vou-me a fingir muda.

Foi lá para umas montanhas. De uma vez veio o rei á caça. Esteve-lhe falando, perguntando quem era o pae, quem era a mãe e ella não lhe respondia. E o rei disse:

—Já sei que és muda; agora levo-te para palacio, no fim de sete annos se falares caso comtigo, se não falares não caso.

Passaram os 7 annos e ella ainda não tinha falado. O rei casou com outra, e era permittido a toda a gente fazer um doce para o casamento do rei. A muda fez tambem o doce e disse:

—Já estou livre do espirito de pobre.

Como viu que não lhe respondeu ninguem (já não ouvia o ecco) disse:

—Já estou livre, já estou.

Vestiu-se ainda mais bonita que a noiva e pôz-se á porta do palacio a esperar os noivos. Assim que a rainha chegou disse para a que se fazia muda:

Menina das montanhas!
Que fato, que danhas?

Respondendo a que se fazia muda:

Que senhora tão assanhada,
Assim que chega logo fala;
Ha sete annos estou eu aqui
E só hoje minha bocca abri.

Depois o rei, mandou a rainha embora para a sua terra e casou com a princeza que se fazia muda. Está o meu conto dito, seja Deus bemdito.

(Elvas)

A preguiçosa

Era d'uma vez uma mulher e tinha uma filha que era muito preguiçosa, não queria fazer nada, ou antes, só queria fazer papas e comêl-as. A mãe zangava-se muito com ella, e batia-lhe, mas era o mesmo que nada, não queria trabalhar. Defronte havia uma estalagem e a dona era muito amiga da mãe da rapariga, e ás vezes dizia a esta que não fosse preguiçosa, mas a rapariga não fazia caso. Costumava ir para a estalagem um negociante que começou a reparar que a visinha batia muito na ra-

pariga e perguntou á dona da estalagem porque era aquillo. E ella disse-lhe:

— Porque trabalha muito, porque não quer senão estar a fiar, e a mãe não quer que ella trabalhe tanto, porque é muito fraca.

O homem ficou muito indignado e disse que se a rapariga quizesse casar com elle, que a livrava d'aquelle martyrio; que ia fazer uma viagem e que a incumbia de lhe falar a semelhante respeito e lhe daria a resposta quando elle voltasse. Assim que elle marchou foi dizer á rapariga que o hospede queria casar com ella e a rapariga disse que sim, que casava. Quando veio o hospede perguntou se já tinha fallado á rapariga e o que tinha dito.

— Que não se lhe dava de casar, mas que não queria sahir da terra.

E elle disse que estava bem, pois ia fixar a súa residencia ali; que ia fazer outra viagem e quando voltasse se fazia o casamento. Quando voltou, arranjou uma casa, mobilou-a e um dos quartos guarneceu-o todo de estrígas de linho, fechou-o e guardou á chave. No dia do casamento foi mostrar a casa e quando abriu a porta d'aquelle quarto disse para a mulher:—que ali tinha para se entreter, mas que não queria que o fiasse todo. D'ahi a dias teve que ir fazer uma viagem e quando se despediu da mulher disse: que não queria que fiasse muito. E ella quando viu que eram vesperas de o marido voltar foi buscar uma estriga de linho para ver se podia fiar, mas era coisa que não sabia. Poz o linho na roca e foi fazer uma tachada de papas, trouxe-a para o meio da casa, sentou-se no chão, mergulhou a roca nas papas e começou a lambel-as e a dizer:

«Isto assim poderá ser que se fie bem». E foi a querer rodar o fuso mas não sabia. Defronte, na dita estalagem, estava um hospede, homem muito rico, e casualmente viu aquelle ensaio. Chamou a estalajadeira, que lhe explicasse o que era aquillo?

A estalajadeira explicou lhe e o homem disse que queria lá ir, e foi com a estajaladeira. Esteve fallando com a mulher, que lhe explicou a sua afflicção, porque tinha uma casa cheia de linho e não sabia como havia de fiar algum antes que o marido viesse.

O homem disse á estalajadeira que mandasse vêr quem fiava linho na terra, para se fiar todo. Foi ella logo e mandou uma porção para cada lado, de maneira que, quando o negociante veio estava o linho todo fiado e posto nos seus logares, mas depois a visinha e a mãe lembraram-se de que elle compraria outra porção egual áquella e ficaria ella nas mesmas difficuldades; por isso no dia em que o marido veio mandaram-n'a metter na cama, cingiram-n'a toda de nozes, e disseram-lhe que quando elle viesse e a fosse abraçar lhe dissesse:

—Ai! não me toques, não me toques! que tenho os ossos todos desconjuntados! E elle ficou todo afflicto e disse:

—Queres apostar que fiaste muito? E ella muito lastimosa respondeu:

—Vae lá vêr, vae lá vêr! Elle foi, viu tudo fiado, ficou muito zangado e ralhou com ella, pois não queria que fiasse uma brutalidade d'aquellas! e disse á visinha que fosse chamar um medico para a tratar, e que explicasse ao medico o que tinha sido para elle saber. Veio o medico e disse que a doente precisava de muito socego, e de não trabalhar mais, se o marido queria ter mulher. E seja Deus louvado, está o meu conto acabado.

(Elvas)

O principe porquinho

Era d'uma vez um rei e uma rainha, e a rainha teve um filho, mas do feitio d'um porquinho, e ficaram os paes muito desgostosos. Mandaram-n'o crear fóra do palacio, ás escondidas, e a fim de tempos o prin-

cipe porquinho casou com a filha d'um alfaiate, e esta, uma noite, quando o principe porquinho dormia, tirou-lhe a pelle e lançou-a n'uma fugueira. E diz lhe o principe porquinho:

Agora, se me quizeres vêr,
Sapatos de ferro has de romper.

E desappareceu. E ella mandou fazer uns sapatinhos de ferro e foi a correr mundo em procura do principe. Um dia ella chegou a casa da Lua e perguntou-lhe pelo principe porquinho. A Lua disse que quem sabia d'elle era o Vento, e que fosse da parte d'ella ter com o Vento e para signal deu-lhe uma noz que tinha dentro uma roca d'oiro. Ella foi a casa do Vento e o Vento disse-lhe que quem sabia do principe porquinho era o Sol, que fosse da parte d'elle ter com o Sol, e para signal deu-lhe uma castanha que tinha dentro uma gallinha com pintos d'oiro. Ella foi a casa do Sol e o Sol disse-lhe onde estava o principe porquinho e ensinou-lhe o caminho do palacio onde elle estava, e deu-lhe uma boleta que tinha dentro uma dobadoira d'oiro. Ella chegou defronte do palacio e pôz-se a trabalhar com a dobadoira. As criadas do palacio foram dizer á rainha que estava ali uma menina a dobar oiro fino n'uma dobadoira d'oiro. A rainha mandou-lhe a dizer se queria vender a dobadoira e ella disse:

—Dou-a de graça se me deixarem ir ao quarto do principe.

E tirou os pintainhos d'oiro da cesta e pôz-se-lhes a dar de comer. As criadas foram dizer á rainha. A rainha quiz comprar os pintainhos, e ella:

—Dou-os de graça com a dobadoira se me deixarem ir ao quarto do principe.

E tirou a noz e pôz-se a fiar na rouca d'oiro. A rainha quiz comprar tudo, dubadoira, roca, gallinhas e pintos, e ella dissse:

—Dou tudo, tudo, de graça, se me deixarem ir ao quarto do principe.

A rainha, a poder de tanto, disse que sim, e ella foi.

Entrou no quarto, e a poder de muitas lagrimas e de muitos pedidos fez as pazes com o principe, que já não era um principe porquinho, mas um principe de verdade, e viveram muito felizes.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

PROVERBIOS & DICTOS

(Continuado da pag. 80)

CDLXXXII

O que faz o ladrão é a occasião.

CDLXXXIII

O mundo é uma bola: tanto anda como desanda.

CDLXXXIV

Sardinha que o gato leva, gualdida vae ella.

CDLXXXV

Nós é coisa atada.

CDLXXXVI

Não anda, que está coxo d'uma banda.

CDLXXXVII

Ninguem faça mal á espera que lhe venha bem.

CDLXXXVIII

Não vás a boda nem a baptisado para onde não fores convidado.

CDLXXXIX

Não ha divida que se não pague, se o devedor não morre.

(Continúa)

(Da tradição oral, em Serpa)

M. DIAS NUNES.

ANNO V

N.º 10

VOLUME V

SERPA (PORTUGAL), Outubro de 1903

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

DIRECTORES:
LADISLAU PIÇARRA
E M. DIAS NUNES

SUMMARIO

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico da educação publica exercida pela imprensa.»

RAMALHO ORTIGÃO.

PREÇO DA ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal, serie de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o Estrangeiro, serie de 12 numeros .... 8 fr.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO
(CADA NUMERO 1 FR.)

PARIS — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
LONDRES — F. FISHER UNVIN, PUBLISHER — 11, Paternoster Buildings.
BERLIN — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

VENDA AVULSO NO PAIZ
(100 RÉIS CADA NUMERO)

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio
Porto — Livraria Moreir — Praça de D. Pedro, 42 e 42
Coimbra — Livraria França Amado
Braga — Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª
Vianna do Castello — Livraria Academica e Religiosa

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*

PREÇO DE 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, * * *

PREÇO — 1$200 RÉIS

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva, A. J. Torres de Carvalho, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.)*

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno V — N.º 10 SERPA, Outubro de 1903 Volume V

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

Sobre coisas de Serpa

Do porco

PARA o desempenho d'uns serviços, de que me encarreguei, fui forçado a visitar Serpa e a iniciar-me um pouco no systema da exploração agricola e pecuaria d'essa importante região alemtejana; — para entreter e distrahir o espirito, que motivos particulares me trazem preoccupado, sou forçado a escrever as impressões que elle vae recolhendo por uma e outra parte, impressões que, aliás, são, mau grado meu, pesadas e tristes; — e, para corresponder á excessiva amabilidade da illustrada direcção d'esta revista, sou tambem forçado a dar a taes impressões uma publicidade que ellas não merecem.

D'esta forma me justifico, e que ao menos a franqueza sirva para me captar a benevolencia dos leitores.

*
* *

A industria pecuaria está representada no nosso Alemtejo pelas especies cavallar, muar, asinina, bovina, lanar, caprina e suina. Será só d'esta que me occuparei; e porque os meus conhecimentos são, por emquanto, e naturalmente assim continuarão, muito limitados, restringirei tudo quanto represente sciencia, que será alheia, e reservarei as minhas considerações, aliás muito despretenciosas, para as descripções locaes, de fórma a tornal-as, ao menos superficialmente, conhecidas de quem viva afastado d'esse centro e a poderem ser conservadas na *Tradição*, precioso repositorio de tanta coisa boa.

*
* *

Começando pelo principio, direi que o agrupamento de porcos mantem ali a designação de *varas*, quando para engorda, e que deve regular por 50 a 60 cabeças adultas.

O agrupamento de bacoros, dos alfeires ou dos outros chama-se *rebanho*, e o seu numero é regulado, conforme as conveniencias, não tendo limite. Chega a haver de 400.

Ponta de vara é um agrupamento mais pequeno e *piara* representa um grupo da mesma edade.

E' só dos vinte meses em diante que os porcos são considerados de *vara*, ou, talvez melhor, quando entram para a engorda, qualquer que seja a sua edade.

Cada *vara* ou *rebanho* tem o seu *porqueiro*, o *camarada* ou *ajuda* e o *zagal*, um futuro porqueiro, que faz a sua aprendizagem. N'uma explora-

ção completa ha os seguintes agrupamentos: rebanhos de bacoros montanheiros, de bacoros herviços, dos alfeires e das porcas de criação; e varas de engorda.

No primeiro anno os porcos são bacoros; no segundo farropos e só depois passam a ser verdadeiramente porcos.

Aquelles chamam-se tambem leitões, marrãos, ou marranitos e porcalhos; e varrascos aos reproductores.

Cevões são os criados em pocilga; foram chacins em tempos remotos e cochinos são todos elles. As femeas são marrãs, quando pequenas; depois são porcas. Tinham tambem sido leitôas e freamas. Quando velhas são tarimbas e girondas.

A proposito de tanto nome, uma engraçada quintilha hespanhola:

> Hubo seis cosas
> En la boda de Anton,
> Cerdo y cochino,
> Puerco y marrano,
> Guarro y lechon.

As porcas fazem duas parições por anno: uma de 15 a 20 de fevereiro, — é a dos *herviços*; outra de 15 a 20 de agosto, — é a dos *montanheiros*.

Herviços — épocha das hervas — que começam com a primavera.

Montanheiros — épocha dos montados — épocha da lande, que começa a cahir no mez de outubro e que dura três a quatro meses.

Na exploração suina é manifesto que são os porcos, ou antes, suas esposas e filhos, que occupam o logar principal. Mas, por deferencia pela especie humana, tractaremos primeiro do porqueiro. Descrevel-o, não é facil para mim.

E, se a monotonia da descripção havia de ir prejudicar esse typo curioso, é melhor deixar para outrem a referencia aos çafões de coiro; á jaqueta de briche, ou ao *samarro*, uma especie de casula, feita de duas pelles de ovelha; ao chapeu redondo; ao muleto, uma especie de bengala alta, dobrada superiormente em angulo recto; e á larga correia, que serve de azorrague.

E deixal-o-hei socegado no meio dos extensos montados, onde a vida se lhe vae passando n'uma tranquilidade, que tanta inveja me faz.

Podem perguntar-me porque, invejando o, não largo eu as minhas occupações da capital e não vou fazer a vida d'elle. Porque? A razão é simples. Não quer o destino que eu faça nada do que desejo; tambem agora já é tarde para começar. E, embora envergasse os trajes proprios e caracteristicos, iria estragar o typo e expor-me á irrisão dos proprios bacoros.

E' melhor deixal-o por lá, com o seu bornal do pão, que, se é mais duro e mais escuro, é tambem mais nutriente que o nosso; deixal-o com a sua caldeira de arame para a assorda e para as migas e para o gaspacho ou vinagrada; com os seus *sarrões*, saccos de pelle de borrego, um que guarda os mais variados utensilios, desde a agulha e as linhas, a que, á falta de mãos femininas, elle é obrigado a recorrer, até ao martello e á navalha; outro que serve de estojo á colher de pau e ao garfo de ferro, que, pela forma, se poderia chamar um tridente, se não tivesse quatro dentes; e que elle continue a beber a agua fresca do seu *barquino*, que cortiu e fez.

O *barquino* é a pelle d'um cabrito, esfolado inteiro; cortida por dentro, conservando o pello por fóra, com a particularidade de dar á agua uma frescura que, em nossas casas, mal conseguimos á força de muito trabalho, ou recorrendo a meios artificiaes, como é proprio dos centros mais civilisados, em que sempre predomina o artificio e a falsidade.

O porqueiro maioral ganha em dinheiro, por mez, 1$385 réis; o camarada ganha 1$135 réis; verbas um pouco bicudas e que só se explicam... porque assim são ha muitos annos.

Não se pode dizer que seja muito,

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Vista geral de Paredes de Coura

mas não fica por aqui e quem quizer conhecer bem tudo quanto ganham tem de fazer estudos complicadissimos.

Recebem tambem os avios ou seja por semana e para cada um d'elles, um alqueire de farinha de trigo e quartilho e meio de azeite.

Além d'isso podem semeiar em terras da casa dois alqueires de fava e dois alqueires de grão. Elles fornecem a semente. O patrão faz-lhes a lavoura e a debulha; elles fazem todos os mais trabalhos e da producção pagam o *quarto*.

Teem ainda a sua seara de trigo pouco mais ou menos nas condições das anteriores. N'uns serviços que conheço mais de perto e creio que em alguns outros, está essa seara substituida permanentemente por 4 sementes com relação ás que costumavam semear; e d'essa, tendo o maioral 8 alqueires recebe annualmente 32 alqueires de trigo ou o dinheiro correspondente, e tendo o ajuda 6, recebe 24.

E por ultimo, se é que ainda não falta alguma cousa, um e outro, como todos os creados que lidam com gados, teem os seus *pegulhaes* — isto é, um certo numero de cabeças que elles compram e que a casa lhes engorda. Assim, o maioral das porcas tem treze bacoros e duas porcas de curralada; e o camarada ou ajuda tem sete bacoros e uma porca de curralada e de cada afilhação tem um bacoro ganhado. O maioral dos alfeires tem treze bacoros e o camarada sete.

*

* *

E' conhecida a duvida que nos apparece nas escolas, se foi a gallinha ou o ovo que viera primeiro. Identica hesitação se me apresenta agora e traduz-se em saber se devo começar pelas mães, se pelos filhos. Simples questão de ordem, que no fundo pouco influe.

Começarei pelos bacoros.

Antes, porém, direi qualquer coisa sobre a generalidade.

D'um recente trabalho publicado sob a direcção dos professores Cincinato da Costa e D. Luiz de Castro, que me é grato citar, pelo valor real que elle accusa, tirarei algumas indicações que venham salvar o presente artigo. E, além d'isso, tambem muito grato é para mim citar esse trabalho, porque me dá pretexto para fazer menção do seu primoroso prologo e do nome do seu auctor, a quem a presente revista acaba de prestar a homenagem do seu apreço.

A' memoria do professor, Conde de Ficalho, eu não deixarei nunca de dar a saudade que me acompanha e que, apesar de tantas vezes dada, em mim continua.

Le Portugal au point de vue agricole foi escripto e publicado por ordem da grande commissão organisadora da representação portugueza na exposição universal de Paris em 1900 e a sua collaboração das mais distinctas.

Reli agora o prologo — é tão erudito e tão bonito e o seu auctor gostava tanto d'elle! — e reli tambem o capitulo dos *Animaes agricolas*, devido ao professor Paula Nogueira, mais um outro nome com que me acoberto e que me honro de citar, attenta a sua alta competencia, tão conhecida e tão apreciada.

Transcreverei um periodo do prologo, e faço-o com pesar, porque depois de ser lido, é muito de temer que se não leia a minha prosa ou que seja encontrada ainda peior do que ella é.

Diz o Conde de Ficalho que poucos paizes da extensão do nosso apresentam, como elle, uma differença tão sensivel nas floras locaes, uma variedade tão grande no regimen e nas praticas agricolas; e que um viajante que se supposesse transportado subitamente do centro do Minho ao centro do Alemtejo, julgaria vêr-se distanciado milhares de leguas da primeira região.

Depois descreve a região minhota — um encanto a região... e a descripção.

CANCIONEIRO MUSICAL

VII

EU JÁ VI UMA ANDORINHA

Musica recolhida por D. Elvira Monteiro

(CHOREOGRAPHICA)

Em seguida vem a região alemtejana.

E' melhor transcrever:

«Transportado ao Alemtejo, o nosso viajante imaginario teria a impressão de se encontrar n'uma região afastada.

«A paisagem muda, mais arida e mais vasta. O tom é menos intenso, porque as três arvores dominantes, a oliveira, o sobreiro e a azinheira, de folhas persistentes, têem, todas as três, um verde um pouco amortecido, azulado na oliveira, pardacento no sobreiro e principalmente na azinheira.

«A charneca inculta, com as suas grandes estevas glaucas, com as suas alfazemas prateadas, é tambem um pouco cinzenta.»

«Para o fim do estio, os restolhos dos enormes campos de trigo amarellecem a perder de vista; e os grandes prados naturaes amarellecem sob o azul vivo do ceu.«

«E' talvez triste, mas é grandioso.»

«As cabeças de gado, isoladas ou em pequenos grupos, não existem aqui; ou são grandes manadas de bois ou de vaccas, com o pello acerejado (*rouge pâle*), da côr do trigo, como diz a gente d'aquella região, ou interminaveis rebanhos de carneiros pretos, sob a guarda de pastores meio nomadas. O homem é relativamente raro; não se vê o camponez a cada passo, mas apenas muito distanciados, alguns pastores ou alguns vaqueiros pittorescos. Sómente de vez em quando, se descobrem ao longe ranchos de centenas de trabalhadores, tratando a terra por conta dos grandes proprietarios. E' a grande cultura, muito grande, talvez demasiadamente grande, mas, todavia progressiva e rica pelos seus productos variados, o trigo, o azeite, a cortiça, a lã, as grandes criações de porcos.»

Que bem descripto que tudo isto está! Que grandeza, que poesia, a que até não falta o tom que tanto se coaduna com o meu espirito, o da tristeza!

Mas, basta de transcripções, que, pensando bem, melhor fôra limitar o artigo a isso.

Sigamos, porém.

Paula Nogueira adoptou nas mesmas linhas geraes a divisão feita por um outro professor, cujo nome será sempre pronunciado com respeito — Silvestre Bernardo Lima — e classifica os suinos em quatro grupos — a raça bisaro, a transtagana, a chineza e a ribatejana, representando esta ultima o cruzamento das duas primeiras.

Lima divide as raças em quatro typos: typo chino ou asiatico, typo romanico, typo bisaro ou celtico e raças inglezas aperfeiçoadas.

Aproveitando a descripção de Lima (nem tenho auctoridade nem conhecimentos para a fazer melhor), direi que os chinos ou asiaticos, são originarios da Asia, do mar do Sul e archipelago indiano e ahi exclusivos. Veem se espalhados por alguns pontos da Europa, Africa e America.

Teem o corpo pequeno, espesso, roliço, costado amplo, largas ancas, grossas coxas, pernicurtos a ponto que rojam quasi o ventre pelo chão quando gordos, cabeça presa ao corpo por um pescoço curtissimo, tromba curta, delgada e arrebitada, farta façoula. São brancos, negros, arruivados ou malhados. São muito prolificos, engordando com facilidade e atoicinhando consideravelmente, mas o toucinho é molle e mal qualificado.

Os do typo bisaro ou celtico são mais corpulentos; teem o corpo um pouco achatado; são pernaltos; cabeça grossa; fronte curta e chata, orelhas frouxas, ás vezes pendentes e compridas.

Esta raça está espalhada pelo centro e norte da Europa e entre nós nas provincias do norte, Beira, Minho e Traz os-Montes. Não são precoces; peccam por ossudos, dão boa carne, mas atoicinham pouco e engordam com difficuldade.

O typo romanico é o intermediario entre o chino e o bisaro. Segundo

Sanson, informação prestada por Lima, ha todas as probabilidades para crêr que fôra este o typo suino da antiguidade grego-romana, tão decantado nos fastos da poesia mythologica e heroica d'esses tempos, e d'esse typo são actualmente os mais genuinos representantes o porco napolitano e o nosso alemtejano, sendo este ainda o melhor.

No norte do paiz tem-se feito cruzamento com a raça ingleza Berkshire, Yorkshire e outras, o que ali tem dado algum resultado. No Alemtejo, porém, essas tentativas, não foram tão favoraveis e é preferivel manter a raça tal qual está.

Segundo o recenseamento de 1870, cujas considerações geraes e analyticas são de Silvestre Lima, havia n'esse anno 776:868 cabeças suinas, n'um valor de 4.000:000$000 réis.

Occupava o primeiro logar o districto de Beja, que concorria para aquelle numero com 78:000, seguindo-se-lhe o de Evora, com 72:000.

Aquellas 700:000 cabeças estavam repartidas por 300:000 possuidores.

De 700 a 1:000 só havia 9, muito poucos. Em compensação, de 1 a 5 havia 286:000.

Ora, calculando que de então para cá estes algarismos tenham tido, pelo menos, o augmento de um terço, deve haver mais de 1.000:000 de cabeças suinas, n'um valor de 5.300:000$000 réis.

São de extraordinaria utilidade os trabalhos estatisticos; mas, além da importancia que teem no estudo das coisas sérias, são ainda interessantes quando applicados a assumptos, que se podem considerar sob um aspecto ligeiro, como, por exemplo, o facto dos maridos matarem as mulheres. E posto que eu careça de tempo para me dedicar a esses calculos, deduzirei que o crescido numero de possuidores de um porco deve ser consequencia do conhecido dictado de que, *pelo Santo André, quem não tem porco, mata a mulher*, e d'essa forma, ellas vão tendo o cuidado de criar o porquinho para o darem em seu logar.

Não será muito de suppôr que esta minha prosa seja lida por alguma senhora que, conforme o uso jornalistico, não poderei deixar de chamar gentil, quando mesmo não fosse como manifestação de agradecimento; e essa gentil senhora certamente trocará as voltas ao proverbio, sustentando que *em dia de Santo André a quem não tem porco, mata-o a mulher*. Pois seja assim, e talvez seja mais exacto.

*
* *

Considero o porco um animal pouco feliz e d'ahi, talvez, a minha sympathia por elle.

Buffon não lhe é muito amavel.

Além d'outras coisas, diz: que parece ser o mais bruto dos animaes; que talvez as imperfeições da forma lhe influam sobre o natural; que todos os seus habitos são grosseiros e todos os gostos immundos; as sensações reduzidas a duas e d'essas a melhor é uma gula de tal natureza, que lhe faz devorar tudo que apparece, incluindo a progenie quando acaba de nascer.

E fico-me por aqui, ou seja pela deferencia com a collectividade viva, esses extensos rebanhos e varas que tanto apreciamos, ou seja em attenção ao saboroso chispe, á gostosa orelha, ao agradavel enchido, ao succolento lombo, ou até á bella mariquinhas, com que me deliciaram n'um jantar de feira, e que não é outra coisa que uma costelleta, na giria d'ali.

Eu tenho dó d'esse pobre devorista, na phrase de José Maria Grande, quando outros motivos não houvesse, pela morte atroz que o espera.

Que, depois de morto, é optimo, não ha duvida e n'isso se assemelha a muitos individuos da especie humana que, quando se vão d'esta para a outra vida, passam a ser todos excellentes.

D'essa forma lhes manifestamos o nosso regosijo por nos deixarem em paz e quasi os convidamos... a iremse embora.

Aos maus assimelham-se n'isso e a esses e aos bons assimelham-se tambem phisiologicamente, porque o rifão popular diz que — *se queres vêr o teu corpo abre o do porco.* Cuvier, porém, contesta essa asserção e, fazendo referencia ao facto dos cirurgiões da antiguidade estudarem no porco a anatomia humana, por não lhes serem permittidas outras autopsias, accentua as differenças principaes do estomago, do figado e até do canal intestinal que, no homem, é igual a oito vezes o seu comprimento, emquanto que, no porco, chega a vinte.

Não irei refutar a opinião do mestre; em todo o caso direi que os fundamentos em que elle se baseia não me parece que desfaçam o dito do povo. Póde não haver, e por certo não ha, perfeita egualdade em cada orgão, mas não repugna que a sua disposição e o seu conjuncto se assimelhem ao dos racionaes.

Ernest Haeckel, que cito pela traducção de Letourneau, na sua «*Anthropogenie ou histoire de l'evolution humaine*, obra que representa um estudo profundissimo, dá o desenho dos embriões de quatro mamiferos — porco, boi, coelho e homem, nos três stadios evolutivos, figurados na sua estampa IV, e o certo é que, entre o futuro porco e o futuro homem, se não houvesse n'aquelle o rabito, as differenças eram insignificantissimas.

No porco encontram-se ainda diversas curiosidades. Aristoteles, o notavel naturalista, dividio os quadrupedes em solipedes, bifidos e fissipedes; mas chegando ao porco, vê-se forçado a confessar que elle é d'um genero ambiguo; e, como se isto não fosse bastante, accrescenta — parece constituir o extremo das especies viviparas e approximar-se das oviparas. Considera-o tambem muito equivoco — pobre animal! — e diz parecer-lhe que a natureza só realisou n'elle metade do que projectava.

Immundo se lhe chama continuamente e o démo é tambem chamado porco sujo, ou porco immundo. Se cito o facto, é simplesmente para tomar a defesa do pachorrento animal.

S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas contam o caso, succedido no paiz dos gerasenos, de Christo haver expulsado do corpo de um ou de dois possessos uma legião de demonios. Ora estes demonios, não sei porque, não queriam deixar o seu paiz. Havia ainda n'elles um sentimento bom, o que confirma que o démo não é tão feio como o pintam; e como, em alguma distancia, ao redor do monte, andava pastando uma grande manada de porcos, cerca de dois mil, os espiritos supplicaram a Jesus que os mandasse para esses porcos, para n'elles se metterem. E Jesus assim o mandou e assim se fez.

(Continua)

COSTA CALDAS.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Eu já vi uma andorinha

Eu já vi uma andorinha
Fazer parada — ai! sim, ai! não —
O cantar é da cabeça,
O bailar é de pé no chão.

O bailar é de pé no chão,
O' delicadinha, ó delicadinha!
Fazer parada no ar
Eu já vi uma andorinha.

Serpa.

ELVIRA MONTEIRO.

PAREDES DE COURA

I. Terra encravada entre montanhas,[1] sem os largos horisontes claros e as amplas perspectivas que tanto seduzem os olhos de meridionaes. Margens do Coura — n'outras épochas, o rio Froilano[2] — que ora se elevam em cerros de penedia brava, ora se achanam em campos vastissimos e ensopados em agua[3], a que dão o nome de «panascos».

Nem todos os montes são rapados. O de Rezende, por exemplo, povoam-n'o milhares e milhares de carvalhos. Nos baldios de Formariz abunda o matto e, lá de onde em onde, véem-se massiços de pinheiros e devezas de carvalhos, sendo esta cupulifera a arvore que mais se encontra nos montados.

A vegetação é de um verde-escuro que nos põe no espirito uma tristeza indefinivel...

A area mede 12:000 hectares.

II Geologia. — Na constituição geologica do concelho predominam os granitos e schistos um tanto quartzozos e deparam-se, em alguns pontos, manchas de calcareo.

III Hydrographia. — As 21 freguezias do concelho ficam na parte alta da bacia hydrographica do rio Coura, pertencendo tambem á do Minho.

Na altura de Mantellães[4] e em frente do palacete e quinta do senhor conselheiro Miguel Dantas Gonçalves Pereira, uma queda de agua de 3 metros movimenta o motor hydraulico cuja força move o machinismo da importante fabrica de lacticinios[5] de que é proprietario aquelle prestigioso procere.

---

[1] ... «uns altos montes, a que de todas as partes se sobe, e, a meu ver, os melhores não só da Europa, mas do mundo todo»...

Padre Ant. Carvalho da Costa: *Chorographia.*

[2] «O rio Froilano é o nosso rio Coura.»

O Domingo Illustrado, 3.º vol., pag. 618 Citado tambem na *carta de lei* de D. Fernando, o Magno, existente no archivo da Sé de Braga: «e o rio Froilano entra no rio Minho.»

[3] ... «este pequeno concelho serrano, onde o ar é puro e as aguas abundantes, a fertilidade espantosa»...

José Augusto Vieira: *O Minho Pittoresco.*

[4] Este local é um dos mais bonitos do concelho. O dr. Vieira consagra-lhe estes periodos: «Ao chegar á ponte de Mantellães, sobre o Coura, fazemos parar o carro. E' tão deliciosa a paysagem que nos rodeia, que a gente tem vontade de a pedir de emprestimo á natureza para... nunca mais lh'a restituir. Admitte-se o roubo com uma joia d'esta ordem.»

[5] O conceituadissimo centro de actividade fabril representa o ganha-pão de immensas familias — e para bem avaliar de quão poderosamente contribue para o viver economico do concelho, basta que accrescente que se recebem alli, todos os dias, 2:000 litros de leite, importando esta dose do precioso liquido em cerca de 2:000$000 rs. mensaes.

De um opusculo (*O concelho de Paredes Coura e a industria de lacticinios*, Valença, 1893) publicado pelo notavel professor e jornalista, já fallecido, sr. Guilherme da Silva, recorto a rapida descripção do edificio da fabrica:

«*Ala esquerda.* Mede 40 metros de frente, e é dividida em 6 compartimentos: 1.º — Deposito de lenhas para alimentação da caldeira d'aquecimento d'agua e estufa. 2.º — Installação das machinas para fabrico e soldadura das latas para manteiga. 3.º — Officina de carpinteria e installação da serra mechanica para desdobramento e córte de madeiras para caixões. 4.º — Deposito de manteiga e officina de encaixotamento. 5.º — Installação das caldeiras adequadas ao fabrico do queijo. 6.º — Installação da machina para aquecimento da agua e estufa, e da bomba para elevação da agua do rio para a fabrica e abegoaria.

Corpo central. Mede 30 metros de frente. A parte superior é occupada pelo pessoal interno da fabrica; escriptorio, sala de recepção, pesagem e deposito do leite, que d'alli passa ás machinas de desnatação por meio de uma tubagem propria.

A parte inferior é dividida em 3 compartimentos: 1.º — Installação das machinas destinadas á desnatação do leite. 2.º — Installação das machinas para a manipulação, lavagem e salga da manteiga. 3.º — Estufa para seccar os queijos, tendo na parte posterior um tunnel de 40 metros quadrados para a fermentação d'elles.

Ala direita. Completamente independente e isolada do resto do edificio; é a abegoaria para engorda do gado suino. Tem 50 me-

IV Clima. — E' difficil dizer qual a physionomia climaterica d'este recanto do Minho, por escassearem absolutamente os dados de observação scientifica. Mas como todas as regiões entre serras, Coura, no inverno é horrorosamente frio, baixando a temperatura minima a 3°,5 negativos e no verão horrorosamente escaldante, marcando o thermometro 38° centesimaes, — motivo porque os courenses teem um como apothegma que divide o anno em nove mezes de inverno e tres de inferno.

Os ventos que dominam são: na quadra hybernal, os do norte e noroeste; no estio, os de sueste e leste.

As chuvas são copiosas; e cahem de vez em vez e abundantemente, — por Janeiro e Fevereiro —, alvissimos flocos de neve. E' um espectaculo admiravel este das geadas!

V Viação. — E' um concelho riquissimo em estradas, dos mais ricos que eu conheço, satisfazendo, pois e por completo, as suas necessidades agricolo-commerciaes e fica-lhe proxima a estação do caminho de ferro de S. Pedro da Torre.

O commodo accesso para todo o districto e a facilidade de communicações da villa com as freguezias ruraes deve-as Coura á vontade bronzea do seu illustre filho dilectissimo e benemerito protector do Alto-Minho, o senhor conselheiro Miguel Dantas, sempre prompto em promover o bem dos seus conterraneos.

VI Culturas. — Cultiva-se principalmente o milho e a batata, sendo aquelle cereal a maior fonte de receita do lavrador, que o colhe em farta medida, exportando immediatamente a porção que presume sobejar-lhe, tirados os alqueires para o gasto domestico.

A's vezes, o calculo resulta menos seguro — e, então, causa verdadeira pena a sua lucta desesperada com os mais serios embaraços para vencer as exigencias da bocca.

O milho attinge preços exorbitantes e o lavrador, que, em geral, é pobre, vê-se afflictissimo.

O caso deu-se em 1891 e repetiu-se em o derradeiro Agosto. Assisti, por esse tempo, a scenas angustiosas de miseria e soube de privações inconfessaveis. Mas Deus não dorme e, em dado minuto, illuminou o coração extremamente grande do senhor conselheiro Miguel Dantas, que acudiu a soccorrer o seu povo, pondo ao dispor dos mais necessitados nada menos de 4 wagons do valioso farinaceo insubstituivel. Se não fôra sua ex.ª, ter-se-hiam presenceado os ultimos horrores da fome descaroavel.

Tambem cuidam do centeio, da cebola e do linho, mas em pequena escala.

A vinha, essa cultura tão colonisadora e tão remunerativa, principiaram de tratal-a ha poucos annos ainda — e só apoz o exemplo e colheitas do senhor conselheiro Dantas.[6]

Nas hortas, tambem semeiam a ervilha, o feijão, o tomate e a fava.

As extensões de pastagens são em numero incalculavel — e o gado (vaccas, especialmente) é ás manadas.

VII A caça e a pesca. — Nos montados apparece differente caça, maximé o coelho, a lebre e a perdiz.

O rio Coura offerece cardumes de trutas, bogas e escalhos, sendo muito boas as trutas colhidas em Rubiães.

---

tros de frente e é dividida em 25 compartimentos, a cada um dos quaes corresponde uma porta e terraço. Cada um comporta, muito á vontade, 5 animaes, ou 125 ao todo. Todos os compartimentos são arejados e de muita limpeza, cuidada e mui facil pela grande quantidade d'agua que a todos leva uma canalisação apropriada, bem como o leite desnatado, que constitue a base da alimentação d'elles, e lhes é servido em cada compartimento canalisado de um deposito geral, onde é levado por uma bomba installada ao lado do corpo central do edificio.»

[6] ... «a cultura da videira, regulando a sua producção média apenas por 22.00 hectolitros, que corresponde a 18 litros por hectare e a 17 por habitante.»

José Taveira de Carv. Pinto de Menezes: *Portugal*, fasciculo I.

VIII População. — Pelo censo de Dezembro de 1900, a população de residencia habitual era:

Agua-Longa, 481. Bico, 859. Castanheira, 688. Christello, 437. Cossourado, 455. Coura, 591. Cunha 630. Ferreira 1.009. Formariz, 917. Infesta, 819. Insalde, 634. Linhares, 306. Mozellos, 458. Padornello. 694. Parada, 482. Paredes de Coura, 1.160. Porreiras, 182. Rezende, 388. Romarigães, 495. Rubiães, 1.011. Vasões, 324.

Total: 13.020 pessoas,[7] n'uma superficie de 120,09 kilometros quadrados.

IX O courense. — Na generalidade, o courense é pouco vivo, pouco affavel, nada expressivo, algo ocioso, seu quanto gabarola em dados ensejos e não deixa de singularisal-o o carão sombrio. Parece que o preoccupa, constantemente e sempre, qualquer ideia lugubre...

Duas boas qualidades que se lhe attribuem: é cordato e hospitaleiro.

Com rarissimas excepções, a mulher é feia, bastante masculinisada, participando da rudeza do companheiro.

X Instrucção. — Em 12.394 habitantes que Paredes de Coura contava no 1.º de Dezembro de 1890, sómente 2.216 sabiam ler. Isto denuncia um estado de miserando atrazo na diffusão do ensino elementar. Descurou-se que farte o importante ramo da administração publica. No emtanto, de então para cá, o nivel intellectual do concelho modificou-se muitissimo, graças á poderosa iniciativa do senhor conselheiro Dantas, que não so creou mais 14 escolas,[8] mas seleccionou o professorado official.

XI Alimentação. — Por via de regra, o courense é sobrio.

Madruga, sahe para o campo com um naco de brôa e ás 10 horas recolhe para o jantar, que é, de ordinario, caldo de couves e feijão e, como «presigo», batatas cosidas ou umas papas de farinha milha e leite. A's 2 da tarde, é a merenda. Come brôa e, «em anno de vinho», repete a sua infusa de verdasco. Ao sol-pôr, ceia. Novamente lhe dão caldo e batatas cosidas.

As refeições servem lh'as na cosinha. A mulher tira do pote o caldo, o companheiro e os filhos, se os teem, approximam-se com as malgas e, cheias estas, cada qual vae sentar se na sua «banca», pequenino mocho de trez pernas. Não usam mêsa, como vêem.

XII A habitação rustica. — As casas constam de uma sala comprida, onde dormem todos os membros de uma familia, de um estreito quarto, da cosinha, quasi sempre espaçosa e da «varanda», que é um recinto independente da casa, mas adjunto, onde ficam os creados e a gente de fóra. A' beira, o «palheiro», em que recolhem o gado e as forragens.

Não branqueiam a casa. Apenas emmolduram de cal as janellas.

XIII O vestuario. — Nada garrido, antes o mais grave possivel. Não berram as gravatas encarnadas como papoilas, nem se vêem os lenços vistosos, tanto da predilecção das cachopas do resto do Minho. As roupas, a da mulher e a do homem, assim na villa como nas aldeias, ostentam côres severas: — o preto, o azul — marinho, o verde — couve... De modo que a primeira impressão do forasteiro, ao attentar na gente, é a de que todos andem de luto, ou pesado ou alliviado, — impressão que mais se lhe robustece no animo quando chega a saber que a maioria das familias, sobretudo na séde do concelho, são parentas umas das outras.

[7] Trabalhos agricolas, 10558. Trabalhos domesticos, 58. Industrias, 805. Transportes 51. Commercio, 232. Força publica, 16. Administração publica, 49. Profissões liberaes, 184. Pessoas vivendo dos seus rendimentos, 12. Improductivos, 182.

[8] Antes de o senhor conselheiro ser chamado a gerir os negocios municipaes, existiam .. 4 escolas!

E, pois que venha a proposito, deixem-me dizer-lhes como o luto feminino é significado: As senhoras usam uma mantilha de merino e um chaile do mesmo tecido, em ponta. As mulheres de condição inferior trajam um chaile escuro pela cabeça, e quando não possuem chaile, servem-se de uma saia preta, — e é d'esta fórma que assistem á missa, etc.

XIV Vida religiosa. — O povo tem um profundo respeito pelas coisas divinas, presta fé a todos os dogmas, é assaz religioso, não faltando á estação conventual, ao «confêsso» amiudado, ás festas, bazares de santos e santas e frequentes romarias.[9]

Para avaliarem bem da crença d'esta gente, respigo do testamento de uma tal Antonia Mendes, de Christello, as seguintes passagens:

Quer um officio de 20 padres no dia do seu enterro; deixa 2$000 réis à Senhora-das-Dôres, para ser sepultada na sua capella; quer 150 missas por sua alma; 2 missas ao Anjo da-Guarda; 2 ao santo do seu nome; 5 por alma da mãe; 5 pelo pae; 5 por sua irmã Thereza; 5 por seu irmão José; 5 por seu irmão Antonio; etc., etc.

Disposições d'esta natureza são vulgarissimas por aqui.

As romarias attrahem muito povo, não decorrendo, porém, com a franca animação, a ruidosa alegria do arraial minhoto.

Os foguetes conduzem-nos ao sitio de onde hão-de ser lançados ao ar, dois homens tocando bombo. Chamam-lhes, aos dois... musicos, — «caixeiros».

O luxo da procissão constituem-n'o os altos «guiões» e os andores como torres, confeccionados com os farrapos mais gritantes e estrepitosos.

(9) Olhem os leitores só as romarias do mez de Julho: S.ª das Angustias, a 6; S. Bento e S.ª de Arejó, a 12; S.ª das Dôres em Parada e S.ª das Dôres em Romarigães, a 20; S. Sebastião, a 25; e S.ª do Livramento a 27.

O andor do orago, quando sahe e entra na egreja, as «mordômas» atiram-lhe confeitos.

XV A villa. — E' já uma povoação com apparencia moderna, lavada, arejada, vias amplas, largos arborisados, a expandir-se dia-a-dia e toda ella branca de cal, suggerindo, na sua graciosa alvura, um logarejo alemtejano.

Eis os lugares: Residencia, Codessal, Cabanella, Santa, Lamamá, Tugeira, Nogueira, Boa-Vista, Felgueiras e Sequeirô.

Em Sequeirô fiica o Penedo-das-Vistas. Figure-se-lhes um enorme penhasco a cavalleiro da villa, como que ameaçando despenhar-se sobre uns campos declivosos e, de queda em queda, chegar a percutir horrosamente os baixos da casaria da rua do Conselheiro Miguel Dantas, a principal da povoação.

O panorama que do Penedo se desenrola aos nossos olhos é surprehendente.

XVI Mercados. —Effectuam-se dois mercados quinzenaes, aos sabbados e tendo logar, alternadamente, ora na villa, ora em Padornello, no lugar do *Ecce-Homo*.

XVII Na Quaresma. — Todos os annos e em quasi todas as freguezias do concelho, durante os quarenta dias de jejum e abstinencia — umas vezes do principio ao meio d'esse periodo, outras do meio ao fim — apparece uma ou mais creaturas que, por devoção, se empoleiram n'uma arvore ou na crista do penedo mais alto de um monte para d'ahi berrarem, n'um tom de arripiar:

Alerta, álerta,
que a morte é certa!

Pausa.

Juizo rigoroso,
inferno p'ra sempre,
ai do preguiçoso!

Em seguida, pedem um *Padre-Nosso* e uma *Ave-Maria*, voltando a

repetir aquellas exhortações vezes sem conta e entremeando-as com a rogativa das orações já mencionadas.

Outra usança:

Desde o meio-dia de Quinta-feira-santa até o Sabbado-da-Alleluia, o courense não vae ás hortas, ainda que d'isso haja a maior precisão.

XVIII Na Paschoa. — A visita do parocho aos «freguezes» enlutados verifica-se de noite — e é então, em signal de sentimento, que estes beijam a Cruz que o «mordomo» lhes apresenta e se esportulam com o «folar» do snr. abbade e o «pataquinho» do sacristão...

XIX Os cantos. — A energia affectiva dos naturaes converge para esta arte phonetica: a musica.

Em regra, todo o courense é um cantador, mas cantador — como porei? — de exequias... Consintam a expressão.

E porque? Porque o ouvido apenas lhe recolhe e fixa as toadas outomnaes.

Não se surprehendem por aqui os vivos descantes populares de outras paragens do Minho, mas sempre uma melopeia de enternecer.

Influencia da payzagem melancholica?

A aza do jesuitismo pairando sobre as almas?

XX Os casamentos na aldeia. — Se se realisa um casamento, quando os noivos, sahidos da egreja, tomam para casa, na sua frente caminha uma ou mais camponezas com um largo cesto de pão de trigo, — «pão branco» ou «molete» —, distribuindo-o a todas as pessoas que se lhes deparem.

Denomina-se a costumeira «As fatias» e ha nubentes que gastam libras n'essas offertas.

XXI Em dia-de-«mortorio». — Nas aldeias, no dia em que expira alguma pessoa de qualquer familia remediada ou abastada, esta offerece um jantar a todos os individuos que vão «entreter» os anojados.

E, antes e depois d'aquella refeição, servem-lhes café innumeras vezes.

O café! Os senhores não são capazes de imaginar a delicia que é, aqui, esse liquido irresistivel!

O café! O courense não concebe que haja no mundo melhor bebida que o fructo do coffea arabica! E' doido pelo café.

De facto, em nenhuma parte se toma um café tão aromatico e tão saboroso.

Effeito das aguas purissimas?

Decerto.

Mas é tal o uso e abuso do café, que, nas salas, o cumprimento de *Bons-dias, Boas-tardes* ou *Boas-Noites, Como está? Como passou?* etc., substituem-n'o por esta interrogação:

— *Toma café?*

E' inevitavel. E, quanto a mim, provem d'esse veneno a depressão intellectiva que se observa n'um grande numero de pessoas aqui domiciliadas.

XXII O Carnaval. — Aqui não ha carnaval. Os tres dias consagrados a Mômo, passa-os o povo da villa e muito das aldeias visinhas no vasto templo do Espirito-Santo, onde se celebra, durante esse breve lapso, a festividade das Quarenta-Horas.

Aquella confraria é a mais rica do concelho e conta para cima de 50:000 irmãos, dispersos por vária banda, alguns até no Brazil. Pagam annualmente 50 rs. e isto constitue o principal rendimento da irmandade, que Paulo III, por breve de 29 de Março de 1607, uniu á do Espirito-Santo de Roma, fazendo-a assim participe das respectivas indulgencias.

XXIII «Cabrita». — Nas *malhadas*, filas de camponios, o pé descalço e a manga regaçada, no ar as vozes das moçoilas, batem as espigas do centeio e do trigo com valentia. Aquella fila que mais esforçadamente se houve no uso dos mangoaes, préga aos lapuzes da banda opposta da eira uma... «cabrita», isto é, deixa-os furiosos a mais não.

O remate d'esta festas é, por vezes, ou quasi sempre, um grande motim indiscriptivel.

XXIV «Forneiro».— Designam por esta palavra as enormes fogueiras que accendem pelos campos, queimando torrões, herva dos vallados, etc., para adubarem a terra com a cinza que se produz.

XXV As fructas.— Nas freguezias limitrophes da «Ribeira», — isto é, n'aquellas que pegam com Valença e Arcos de Val-de-Vez —, para evitar as ratonices, colhem as fructas prematuramente e depois amadurecem-n'as collocando as, manhãs a fio, sobre o enxergão quente de dormir.

As castanhas, para ficarem gostosas e claras, cozem-n'as em urina.

XXVI Phonologia. — Ouve-se, a miude: *caurdo*, *poum*, etc. e trocam o *v* por *b* e vice-versa.

Verificam-se outros phenomenos phoneticos, a maioria dos quaes facilmente explicavel pelo contacto em que o courense está com a gente de Ponte-do-Lima, onde a linguagem popular apresenta os mesmos factos, como se vê das valiosissimas contribuições para o estudo da dialectologia portuguêsa por Miguel de Lemos, meu saudoso Avô. [10]

XXV Vocabulario. — *Abéssér*, significa appetecer: Abéssen uma laranja. *Amoncalhar*, amarfanhar: Não amoncalhes essa toalha. *Atimar* corresponde ao verbo «aqellar» notado em Ponte-do-Lima por Miguel de Lemos. Emprega-se todas as vezes que falta o termo proprio: Vem já; está alli a atimar (escrever) uma noticia. Atima (faz) bem isso. O João atimou (acertou) com o caminho. *A tinça de*, apesar de: A tinça de já ser tarde, o patrão não ralhou. *Avelado*, meio-humido: Põe ao sol aquella camisa avelada. *Bocanho*, n'um instante, em pouco tempo: Foi á veiga n'um bocanho. *Bruar*, acontecer: O que tiver de ser, ha-de bruar. *Burpilheiro*, pouca roupa: E' um burpilheiro. *Canastro*, espigueiro. *Carócas*, trapalhices: Ninguem te acredita; andas sempre com carócas. *Embaraçada* (mulher), mulher gravida. *Esbardar*, espalhar: As nuvens esbardaram. *Enxertado*, vaccinado. *Força!* exclamação correspondente a' vá! para deante! para a frente! E como collectivo: força de rapazes, uma multidão de rapazes. *Fraguear*, defecar: Estava entre o milho, a fraguear. *Jerra*, almotolia. *Gramada*, espadelada. *Larecer*, falar sempre: Lareia. lareia, como as creanças. *Mangeira*, transtorno, decepção; Oh! que mangeira! *Marralhar*, regatear o preço das coisas. *Marralhona*, a pessoa que apreça. *Nenha*, creatura sem prestimo ou que se embaraça com qualquer coisa. *Pequear*, trabalhar com pouco desembaraço: Deixa, deixa; estás para ahi a pequear. *Picho*, chocolateira. *Tonho*, apalermado: Está tonho, não admira que faça d'essas. *Treixa*, batega de agua: Apanhei uma treixa, que me pôz á divina. *Venerar*, sustentar: Eu alli a veneral-a, como se fosse minha familia e o pago é este! *Vessada*, lavrada. *Semetidinho*, homem acanhado.

XXVI Cividades e crastos. — Diz-se que em Bico existira uma *cidade* e duas *torres* muito altas. Realmente, alli teem apparecido, ao pé da Serra do Corno-de-Bico, alicerces de casas, cippos, urnas, pedras lavradas, tijolos, etc.

Querem que em Cossourado, no lugar a que chamam *Cidade*, tivesse sido a velha Cauca, berço do imperador Theodosio, o Grande, que os arabes demoliram no anno de 717. Com effeito, notam-se, n'esse pinaculo de monte, indicios de uma fortaleza, fossos, trincheiras, etc.

Querem mais que restem vestigios

---

[10] Estudos recolhidos na plaquetta, do eminente scientista sr. dr. J. Leite de Vasconcellos, *Dialectos Interamnenses*, Porto, 1885 e em diversos periodicos, entre os quaes a *Vida Nova*, de Vianna do Castello (n.º 1316, anno X).
Miguel Roque dos Reys Lemos deixou ineditos alguns trabalhos philologicos que, mal que eu possa, estamparei em volume.

de *cividades* em Ferreira, perto da egreja; em Formariz, na parte mais elevada do seu solo; em Insalde, no logar do Forninho de Oiro; e em Romarigães.

Os *crastos* são evidentes em Ferreira e Linhares.

Em Cunha, no lugar da Torre e em Christello, no lugar do Outeiro, houve *torres*.

Em Vascões foram descobertos oito d'esses monumentos megalithicos chamados *dolmens*.

Em Rubiães conservam-se ainda alguns *marcos milliarios* do tempo de Augusto, de Caracalla, de Maximo, de Magnencio e de Valentiniano I.[11]

XXVII Um varão insigne. — Na despretenciosa noticia que ahi fica, viu o leitor da *Tradição* insistentes allusões ao senhor conselheiro Miguel Dantas e sabe já que o concelho de Coura deve ao illustre Par do Reino as estradas que o ligam com as villas do districto, os caminhos ruraes, as escolas que o hão-de libertar da ignorancia e que foi com o honrado politico gloriosissimo que se encontrou em momentos bem amaros.

Vou agora enumerar-lhe mais beneficios que este lindo rincão triste mereceu ao egregio patriota: o edificio dos Paços do Concelho; o edificio da Santa Casa da Misericordia; o edificio da Cadeia; o edificio do Matadoiro Municipal; o Mercado dos cereaes; a feira do gado: o Jardim publico; a legislação local; os alpendres do largo Hintze Ribeiro; o calcetamento de ruas e praças; o levantamento de fontes e chafarizes; etc; etc.

Outros melhoramentos que sua ex.ª promoveu, constam do seu opusculo *A minha gerencia dos negocios municipaes desde 1882 a 1895* (Valença, 1895.)

Pelo exposto, confesse-se que a administração do sr. conselheiro foi um nobre exemplo de alto senso, de proficiencia perfeita, de previdencia admiravel. O autor d'estas linhas tem uma alegria d'alma affirmando-o.

JULIO DE LEMOS.

[11] As inscripções d'estas columnas graniticas acham-se copiadas e integradas sabiamente pelo meu antigo e presadissimo mestre de philosophia escolastica, o douto epigraphista rev. Martins Capella, no livro *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, Porto, 1895.

TOURADAS EM SERPA

Ignoro se o alvará que dou agora á estampa, é já conhecido por algum serpense amador de velharias, que o haja encontrado no cartorio do municipio, o que, não é natural, succeda, em virtude das devastações a que tem sido submettidos todos os archivos do pais. No alvará citado recommenda-se o respectivo registo «no Livro da Camara da dita Villa», disposição muitas vezes illusoria, mas que cumprida em todos os documentos tornaria os archivos municipaes mina fertil, em que os investigadores fariam larga colheita não só nos assumptos puramente historicos, mas ainda nos estudos da vida intima do povo.

Houve em tempos uma lei que pretendia impôr a todos os municipios o encargo de fazerem a historia da povoação que representavam, e que por isso mesmo que era lei — tirando a difficuldade da execução — ficou por cumprir. Mais pratico teria sido a imposição do dever aos municipios de acautellarem os cartorios que lhes pertenciam, afim de quem mais tarde se sentisse inspirado e tivesse natural curiosidade, não censurasse a incuria dos eleitos vereadores.

Pelo alvará em seguida transcrito se observa que nas festas do Corpo de Deus e S. João Baptista se corriam touros, e que achando os officiaes

da camara serem poucos os animaes tinham requerido e benignamente alcançado augmentar o numero até prefazer dez.

E' natural que nas *Posturas da Notavel Villa de Serpa*, datadas de 1686, de que dá conta um dos benemeritos directores d'*A Tradição* [1], haja mais que uma referencia a touradas. Da ostentação do cortejo religioso dão prova os artigos 97 a 99 (já impressos) do referido codigo [2].

PEDRO A. D'AZEVEDO.

Eu o Principe, etc. Faço saber aos que (este alvará virem, que) havendo respeito ao que por sua petição me reprezentarão os officiaes da camara da villa de Serpa a cerca dos senhores Reis, meus predeçores, lhes haverem concedidos que nos dias da festa de Corpo de Deos e Sam João Bauptista poderem correr sete touros impostos nas rendas do conselho, e não serem bastantes para dous dias, me pedia lhe fezesse mercê conceder mais tres touros para ao todo serem dés, e se correm sinco em cada hum dos ditos dous dias arrematando-se a carnesaria com o encargo de dous e a renda das sizas com hum; e visto o que alegarão e informação que se ouve pelo Provedor da Correição de Beja e não resultar prejuizo a minha fazenda nem gravame ao povo: Hey por bem de lhe dar Lisença para correrem mais tres touros que ao todo serão dés, e se correrão sinco cada dia da festa referida e se arrematarão as carnesarias com encargo de dous touros, a renda das sizas com hum como Pedem. Com declaração que quando os correrem serão com as pontas serradas na forma das ordens que sobre este particular mandey paçar, e faltandose algũa ves a execução dellas cessarão esta commessão. Pelo que mando ás Justiças a que o conhecimento desto pertencer, cumprão e guardem este alvará como se nelle conthem, e se registará no Livro da Camara da dita Villa, e nas mais partes onde for necessario para constar o asim ouve por bem, valera posto que seu efeito dure mais de hum anno, sem embargo da ordenação do Livro 20 titulo 40 em contrario, e pagarão de seus direitos 540 reis que se carregarão ao Thezoureiro delles a folhas 415 do Livro de sua receta. Thomaz da Silva o fez em em Lixboa 24 de julho de 1681. Francisco Pereira de Castello Branco o fez escrever=Princepe.[1]

(1) I, 21.
(2) Id. 69.

(1) Archivo Nacional, *Chancellaria de D. Affonso VI*, Livro 48, pag. 11.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

O mouco

Era d'uma vez um homem que era mouco, estava n'uma herdade, e, vendo vir outro homem, disse: Alem vem um homem que me hade perguntar d'onde eu sou, e eu digo-lhe: De Barcellos. Hade-me perguntar por onde é o caminho, e eu digo-lhe: Alem por aquelles outeiros abaixo. Hade-me perguntar que fundura tem este poço e eu digo lhe: Este pau até ao nó. Chegou o homem e disse:

— Guarde-o Deus, camarada.

— De Barcellos, disse o mouco.

— Não lhe digo isso, digo-lhe que o guarde Deus.

— Além por aquelles oiteiros abaixo.

— Olhe que lhe metto este pau pela bocca.

— Este pau até ao nó.

O homem, zangado com as respostas, deitou a bater no mouco e deixou-o como um S. Lazaro.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

ANNO V

N.° 11

VOLUME V

SERPA (PORTUGAL), Novembro de 1903

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

DIRECTORES:

LADISLAU PIÇARRA

E M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico da educação publica exercida pela imprensa.»

RAMALHO ORTIGÃO.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

EM PORTUGAL, SERIE DE 12 NUMEROS	1$200 RÉIS
PARA O ESTRANGEIRO, SERIE DE 12 NUMEROS	8 FR.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO

(CADA NUMERO 1 FR.)

PARIS — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
LONDRES — F. FISHER UNVIN, PUBLISHER — 11, Paternoster Buildings.
BERLIN — A. ASHER & C.° — 25, Wienerstrasse

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

VENDA AVULSO NO PAIZ

(100 RÉIS CADA NUMERO)

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*
Porto — *Livraria Moreir — Praça de D. Pedro, 42 e 42*
Coimbra — *Livraria França Amado*
Braga — *Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª*
Vianna do Castello — *Livraria Academica e Religiosa*

SUMMARIO

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*

PREÇO DE 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.),* ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva. A. J. Torres de Carvalho, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.)*

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno V — N.º 11 SERPA, Novembro de 1903 Volume V

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

Sobre coisas de Serpa

Do porco

(Continuado de pag. 152)

Não sei se os espiritos quizeram ir para os porcos por estes serem bons ou serem maus. Como os demonios só tentam os bons, e eu conheço isso por experiencia propria, não por ser demonio, mas por me considerar bom, e, além d'isso, a pedirem uma graça, teriam cuidado de escolher alguma que lhes conviesse, quer-me parecer que a tal manada só passou a ser má depois que os espiritos n'ella se abrigaram. E como os pobres porcos — coitados d'elles! — se julgassem depois d'isso indignos de gosar a vida, resolveram matar-se, e, como quem leva o diabo no corpo, correram impetuosamente por um despenhadeiro a precipitar-se no mar, morrendo todos nas aguas.

Portanto, se aquelles morreram todos, os que ficaram continuaram a ser bons e nós podemos tranquillamente e sem que a nossa alma se offusque com qualquer sombra de peccado, coçar-lhes o lombo com a ponta do pau a que nos arrimamos e vêl-os gosar com isso, ou dar-lhes uma palmada, que elles bem conhecem ser mostra de affeição.

A proposito, notarei a opinião de Voltaire, de que, para se chegar a ser qualquer coisa, se carece de ter o diabo no corpo. Isto explica muita coisa que nós para ahi vemos.

Ainda n'outra occasião os porcos soffreram as consequencia de falta que não commetteram.

Pela morte de Achilles e com respeito ás suas armas, houve contenda entre Ulyses e Ajax Telamonio, que foi decidida pelos chefes da armada a favor do primeiro. Ajax ficou exasperado com a decisão e isso comprehende-se. Não se comprehende, porém, que elle descarregasse as suas iras sobre uns inoffensivos porcos que por ali pastavam, e que começou a matar, imaginando serem elles — os porcos! — os chefes que o tinham condemnado.

Realmente é ter pouca sorte!

E já que ando pela alta antiguidade, direi que o porco foi a primeira victima dos sacrificios cruentos. Até então não havia necessidade d'esses sacrificios para conciliar o favor celeste. Um punhado de farinha um grão de sal puro era bastante. Mas, tendo uma porca feito estrago nas mésses de Céres, esta deusa exigiu o sacrificio do animalsinho, e folgou com isso. Havia deusas com mau coração.

Assim o conta Ovidio:

Mal começava a inchar o grão latente
quando a immunda cerdosa fossadora

com a voraz tromba a sementeira investe;
mas com a vida o pagou.

E diz isto assim com ares de contente! Não são só as deusas que teem mau coração, cá em baixo tambem ha d'isso.

Além do sacrificio a Céres tambem o porco era immolado em outros sacrificios. Todos estes acabaram e supponho que nós somos um pouco victimas d'isso e da ira do deus Silvano. Este deus interessava-se pela cultura das arvores nas selvas e nos jardins, pelos pastos, pelos gados e pelos pastores e afugentava os lobos. Além de receber o sacrificio de um leitão, que me parece ser chamado o porco sagrado, e que as mulheres lhe offereciam em certas circumstancias, ligados com o seu bom successo, o que não posso verificar porque escrevo de memoria, recebia tambem o seu cochino quando qualquer doido voltava a ter juizo.

Será muito absurdo attribuir tanta falta de juizo que nós vemos por ahi... e por aqui, á falta d'esse sacrificio? *Dicant paduani.*

*

Não um sacrificio, mas uma condemnação curiosa, se deu em fins do seculo XIV.

Por sentença d'um juiz de Falaise, uma porca que matara um menino, foi condemnada á forca, como uma alma christã. Parece-me que lhe deram uma distincção. A morte que a esperava era peior. O castigo julgo ter sido para o carrasco, que, além das difficuldades da execução, se devia ter julgado melindrado com ella.

Adoptando a orientação geral de que os porcos são brutos, parece-me que o tal juiz tinha muito de porco, com a differença que, depois de morto, nada se lhe aproveitaria.

Ainda uma remeniscencia dos tempos idos:

No seculo VIII uma porção de ursos e javalis assolou a villa de Murça e os seus campos. Depois de muito trabalho, os habitantes d'aquella povoação conseguiram dar cabo d'elles ou afugental-os. Só uma porca enorme, monstruosa, teimou em se conservar por ali, espalhando o terror. Ora, um senhor de Murça, valente cavalleiro, depois de fadigosas aventuras, matou o animal.

Esta façanha ficou consignada n'um monumento de pedra, chamado — a porca de Murça.

Mas deixemos essas historias antigas e longinquas e tractemos um pouco da vida do porco alemtejano.

Eu disse que começava pelos bacoros.

*

Era uma vez um rebanho de tresentos bacoros — bacoros e bacoras. Tinham setenta ou setenta e cinco dias e n'esse septuagesimo quinquagesimo dia emanciparam-se, ou melhor, emanciparam-nos do poder maternal.

Sentem-se ainda os grunhidos de saudade e elles lá vão andando, sacudidos pelos gritos dos porqueiros; e como um rancho de collegiaes, apanhando-se á solta, correm, param, tornam a correr, mettem-se uns por entre os outros e, no seu conjuncto, ora estendidos formam um triangulo, cujo vertice é occupado por algum mais esperto ou mais agil, ora juntos, constituem uma mancha circular, ou descrevem figuras caprichosas e assim vão seguindo todos para a sua malhada, com o rabito encaracolado, todos grunhindo, sentindo-se de vez em quando a chiadeira ou o grito mais forte de algum, que apanhou a sua trombada ou que se vê mais comprido.

Começam a ter economia propria — sustentam-se de herva os herviços, e os montanheiros de bolota, que elles se acostumaram a comer pelo retraço que as mães lhes iam deixando. Quando a alimentação falta ou diminue ou é menos substancial, dá se-lhes cevada. E assim vão crescendo.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Vendedor de carvão (Serpa)

N'um alto, em sitio enxuto e soalheiro, um pouco abrigado, depara-senos uma especie de sébe, de um metro de altura, feita de troncos pequenos de asinho e de carrasco, fechando um recinto circular.

Entra-se ahi por uma porta, fechada com uma cancella. Ao fundo, em frente d'esta, vê-se uma larga choupana ou cabana conica, coberta de piorno, uma praga que infesta os campos d'ahi, e de que não é facil vermonos livres.

O todo é uma malhada; pocilga a parte descoberta, curralada, a outra.

*

Completaram o primeiro anno, e se a navalha, fatal instrumento n'uns e a lanceta propria n'outras, lhes não fez, dos quatro aos oito mezes, abortar desejos e aspirações que se haviam de manifestar em grunhidos de amor, julga-se compromettedora para o socego commum a promiscuidade dos sexos e cada um dos grupos — bacoros e marrãs — vae para a sua malhada.

Os donos conhecem talvez uma trova que diz:

> Quem tem cuidados não dorme,
> Quem tem amores emmagrece,
> Quem tem sêde vae á fonte
> Quem bem ama não esquece.

Conhecem-a ou, pelo menos, teem intuição d'ella e para que elles — bacoros ou marrãs — não tenham outra preoccupação que elles proprios — o altruismo é um mal — e tratem de engordar, o que mais lhes importa, procuram eliminar n'uns e n'outras, as doces effusões das almas suinas, e querem que quando, vendo-os como absorvidos em altas preoccupações, estender os seus olhitos pelos extensos montados, se lhes pergunte em que pensam, a resposta seja — na bolota.

O conhecido dictado — se muito pesas muito vales — que tem applicação real ao genero humano, deve ter nascido n'um creador do Alemtejo. Que, em absoluto, não deve attender-se só ao peso, quando se trata d'uma parte graciosa dos racionaes sob pena de sacrificar tudo que não tenha menos de umas tantas arrobas.

Ora, n'esse sacrificio, ia muita coisa aproveitavel, ainda que o osso só é bom caldo: coisa boa é toicinho, — sendo inutil accrescentar que este aphorismo é. . . alemtejano. Mas, prosigamos, porque a occasião em que ha despedidas para todo o sempre não é propria para tratar de assumptos agradaveis.

Realisa-se a separação dos bacoros e das marrãs, e realisa-se porque, talvez, que entre alguns já tenha havido a offerta de alguma bolota mais doce, de alguma hervita mais tenra, e a extremidade da tromba de um tenha ido, talvez por acaso, ajustar-se precisamente na pequena cova onde fossára a tromba de outra e não é conveniente que esse idylio vá muito mais além.

O porco, no diser de toda a gente um dos animaes mais brutos, gosta de amar e com isso gosa muito.

Verdade é que Debay observa que em coisas amorosas, os idiotas valem mais que os que o não são, e por mim reputo a observação exacta.

Disse Virgilio nas suas admiraveis Georgicas e tradusiu-o primorosamente Castilho:

> Tal a força do amor em tudo quanto existe!

E demonstrando que essa força é sentida pela especie humana e pelas especies mais ferinas, cita o tigre na selva e o javali no raso.

Depois não esquece o porco e accrescenta:

> O javali bravio
> citei; porém que admira em féras a feresa
> se o bacoro sabello, abjecta naturesa
> o domestico porco, em no abrasando a brama
> rue, os dentes aguça, em coleras se inflama,
> escoicinha o terreno, a um tronco o lombo esfrega
> já d'um lado, já d'outro, e porque na refrega
> melhor possa livrar de tromba que o persiga
> nas espaduas, com lodo enverga alta loriga.

CANCIONEIRO MUSICAL

VIII

VOCÊ DIZ QUE ME NÃO QUER

Musica recolhida por D. Elvira Monteiro

(CHOREOGRAPHICA)

Se elle se acautella não é tão estupido como disem; e abjecto... porque será?

A ninguem admire que um bacoro ame uma marrã, porque eu mesmo, embora d'outra especie, tambem gosto d'uma bacorinha, que considero engraçada.

*

Corpo curto e roliço, ventre um pouco descahido, orelhas pequenas, pontudas e dirigidas horisontalmente para diante, cabeça curta, de tromba acuminada, larga façoula e bem pronunciada papada, focinho levantado, perna curta de coxa basta e delgado pernil, cerdas curtas, muita gordura e pouca carne magra, taes são os caracteristicos da raça alemtejana, uma das melhores raças conhecidas, de typo romanico, posto que Paulo do Moraes, no seu *Manual de Agricultura pratica*, a inclua no typo celtico.

Como disse, gosto d'esses animaes e considero-os infelises e mal apreciados.

Quem o feio ama bonito lhe parece; — e é ainda motivo de sympathia o serviço que elles prestam á cultura, por serem grandes destruidores de bichos damninhos. O seu instincto e o seu olfato facilitam-lhes admiravelmente a procura d'essa bicharia, que devoram com toda a tranquillidade. Não só a bicharia inoffensiva, mas a sua vibora e até o perigoso lacrau lhes são manjar apetitoso. A's vezes este, se para isso lhe dão tempo, ferra-lhes a sua unhada, mas o incommodo é passageiro.

E esse olfato, que teem muito apurado, faz com que os aproveitem, em França e na Italia, para a busca das tubaras. Bocage no poema, a *Agrieultnra*, se refere a isso:

Se o chão traido de exquisito aroma
mostra que esconde a tubara no seio,
do porco o ardor t'a indica; élle precede,
guia, abre, segue a estrada e mostra o fructo.

*

A este termo de — porco — anda annexa uma ideia de sujidade, contra a qual é preciso reagir. O porco não é porco e serão sempre poucos todos os cuidados que haja com a sua limpeza. Os porcos soffrem com o calor e não só teem necessidade, mas gostam de sentir a pelle fresca.

Estranha-se que elles chafurdem em logares sujos; mas fasem-no porque não teem outros e ahi sentem frescura que os consola. Proporcione-se-lhes agua limpa e vêr-se-ha ser essa a que elles escolhem.

Mas se toda a gente sabe que o porco gosta muito de se banhar, talvez não seja muito sabido que dentro da sua curralada elle não pratica acto algum que a suje ou lhe produza mau cheiro.

Nas escolas antigamente e creio que ainda agora, os rapases, de tempos a tempos e, por ventura, mais veses do que seria preciso, queriam descançar do estudo e pediam licença para ir lá dentro. Creio até que o systema era levantar o braço direito. Os porcos não levantam uma das patas, não pedirão licença, nem irão lá dentro, mas veem cá fóra. E' a mesma coisa.

E se os rapases precisam descançar, tambem elles precisam e todos os dias dormem a fólga ou sésta, como verdadeiros porcos. São duas horas de somneca, qse lhes é agradavel, com os focinhos sobre os lombos uns dos outros, o que não será mau travesseiro... para elles.

Creio que nunca dormi, pelo menos desde que tenho idade de me lembrar, recostado, não em qualquer porco ou sua virtuosa metade, mas em qualquer pessoa.

Faço ideia que deve ser bom. Ainda um dia hei-de experimentar, se encontrar alguem que a isso se preste, o que me não parece facil. Conhecem bem o estado da minha cabeça de que, aliás, dá boa prova... o presente artigo.

*

Mas assim se lhes vae o tempo passando. Levarão uma vida de porcos, que não é de todo má.

Os improlificos constituem o rebanho dos alfeires.

Em setembro e outubro tem-se visto o que os montados dão, ou, melhor, faz-se o encabeçamento das herdades, isto é, calcula-se o numero de cabeças que se podem engordar.

E tratando-se do respectivo calculo, ouve-se a formula um pouco confusa de 4 por 1 ou de 2 por 1, o que corresponde á relação entre os grandes e os pequenos, isto é: 1 porco de vara igual a 2 farropos montanheiros, igual a 4 bacoros herviços.

E' preciso um moio, cêrca de 40 arrobas de bolota, para dar a cada porco o peso de 5 a 6 arrobas. Cada kilogramma de carne, peso vivo, corresponde a 7 kilogrammas de bolota.

O excesso de cabeças vende-se.

Quando tem dois annos regula o preço por 13$500 réis.

Gado feito tem 7 a 8 arrobas e regula o preço de cada uma d'estas por 2$800 a 3$500 réis.

Quando vendidos assim são pesa dos vivos, mas o preço recahe sobre o peso liquido e para isso uns porcos dão o quinto outros o quarto, isto é, quando pezam menos de 6 arrobas fas-se o desconto da quarta parte e, quando pesam mais, o desconto é da quinta parte.

Ha porcos de cabeça, e de meia cabeça, o que corresponde a meia engorda, e tambem os ha sem cabeça, mas, em tal caso, mortos, declaração que se diz ter sido exigida n'uma alfandega do reino, para não serem despachados.... como vivos.

*

Deixemos os alfeires no seu isolamento e pensemos nos outros. Já teem anno e meio. Cumpriram o primeiro preceito — cresceram; faltalhes o segundo, multiplicarem-se e as femeas são para isso aptas desde os 10 meses aos 6 annos, posto que os melhores productos sejam dos 2 aos 4 annos.

E' preciso respeitar a immutalidade das leis e já que, das feitas pelos homens, tantas se não cumprem, attendamos ás outras, que teem uma origem mais pura.

Estamos em meiados de fevereiro ou em meiados de agosto e o rebanho das porcas de criação approxima-se da sua malhada, propria d'esses periodos.

O rebanho de criação é escolhido entre os herviços, que são mais robustos e vingam melhor.

A gestação, que durou 4 meses, está quasi finda. Se ainda estivessemos nas epochas dos sacrificios cruentos, d'entre ellas teria de ser escolhida uma para ser offerecida a Cybele, que personificava a terra, assim como a porca prenhe symbolisa a fecundidade do solo.

De 15 a 20 de fevereiro e de 15 a 20 de agosto, tomaram ellas posse dos novos aposentos, que, no seu conjuncto, são dos mais curiosos da exploração, que venho referindo.

Dando particularmente conta das impressões recebidas quando pela primeira vez vi essa malhada, confesso que tive a de um bivaque d'um corpo de exercito, ou melhor, d'um acampamento e lembra-me de ter accrescentado que me estava reservada a originalidade de considerar o porco um animal guerreiro.

Guerreiro não será. Em todo o caso a sua figura foi o primeiro symbolo dos romanos e, quando o seu exercito, guiado por Vitellio, passou pela Judéa a conquistar a Arabia, era a figura d'esse animal que os seus estandartes ostentavam.

Além d'essa honra, teve tambem a de vir assegurar a Eneas que a ira dos deuses havia cessado, porque esse heroe, apesar de ter escapado á destruição de Troia e a uma immensidade de perigos, quando chegou ao Lacio, á testa d'uma esqua-

dra, não estava muito tranquillo, porque os inimigos eram fortes. Mas o velho Tiberino, o deus do sitio, appareceu no meio d'uns choupos e disse-lhe que não desanimasse; e para dar uma prova de que falava verdade, annunciou que elle encontraria á sombra d'uma asinheira uma porca amamentando trinta bacorinhos. N'aquelle tempo era tudo á grande.

E, de facto, assim succedeu; o que foi um mal para a porca e para os bacorinhos, porque Eneas sacrificou-os, mãe e filhos, á deusa Juno.

Como a porca e os pequenos eram todos brancos — alvos —, Ascanio, filho d'aquelle heroe, quando ali fundou uma cidade, deu-lhe o nome de Alba-longa.

E' Virgilio que conta tudo isto no canto VIII da sua Eneida.

*

D'uma outra honra já o porco gosou: — figurar sobre a porta d'uma cidade, nada menos que Jerusalem.

Ahi pelo primeiro quartel do segundo seculo, ou seja cerca de 120 e isto, para aquelles que tenham duvida sobre a contagem d'esses periodos (ha tanta gente que emprega o seu tempo em coisas futeis, por exemplo, eu, n'este artigo), Adriano, que foi um imperador pacato e bom e que teve pelos christãos sentimentos de estima, castigou os judeus, que estavam inquietos, e com isso soffreu Jerusalem. Reedificada em seguida, tornaram estes a revoltar-se e então o imperador prohibiu-lhes de todo a entrada na cidade e sobre a porta que dava para Bethlem, poz uma lápide com um porco. Aos judeus era defeso, não só comer a carne, mas olhar para esse animal.

(Conclue)

COSTA CALDAS.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

VOCÊ DIZ QUE ME NÃO QUER

Você diz que me não quer,
Por eu ser feia; (bis)
Você é que tem n'a dita
Namora a Ritta. Lá da cadeia.

Serpa.

ELVIRA MONTEIRO.

DENUNCIA CONTRA UMA FEITICEIRA

Ill.^mos^ e R.^mos^ Senhores = A V. S.^as^ representa com o maior respeito Genoveva Roza, mulher de Francisco Pereira, assistente no sitio de Alcolena, Bairro de Belem, na Rua da Silva N.º 15: que ella Suplicante já por tres vezes tem exposto a V. S.^as^ o lamentavel estado, a que a tem reduzido hũa molestia contrafeita que ha tres annos tem padecido; e referindo em suas justas Representações a origem, progressos, e terriveis effeitos de tão perniciozo mal, como são, além da saude, socego e tranquillidade de sua familia, a triste penúria da sua caza pelos gastos excessivos em medicamentos inuteis; tem a suplicante declarado a V. S.^as^ que Maria Salomé, assistente no mesmo sitio, na Rua Nova das Terras, N.º 51, hé a auctora e principal cooperadora da sobredita molestia da suplicante a quem por meios diabolicos tem sempre perseguido em todo e qualquer lugar que seja adquado aos seus malvados intentos, não exceptuando os mesmos templos, e outros santos lugares de devoção e respeito. Porem, apezar de tão necessarias e justas Representações, que até mesmo para utilidade publica a suplicante tem dirigido a V. S.^as^, apezar da fiel e verdadeira exposição dos males, que a suplicante padece, fomentados por aquella abominavel mulher e suas companheiras, havendo bastantes exemplos em outras pessoas, que forão

victimas de suas feiticeirias; apezar finalmente da escrupuloza obrigação, em que a Santa Egreja constitue a todo o catholico de delatar ao tribunal competente individuos tão preversos, como annualmente se costuma publicar: comtudo as Representações e os rogos da suplicante não tem sido attendidos com incrivel prejuizo da saude da suplicante, com grave damno da recta justiça e pasmosa ostentação da suplicada.

Portanto a suplicante renova pela ultima ves os seos justos rogos, implorando a V. S.as a graça de mandar apprehender a suplicada e suas sequazes, examinada primeiro a verdade da suplicante; pois não só he improprio de seu genio e caracter malquistar indevidamente pessoas innocentes; mas atê por conselhos auctorisados de seus Directores espirituaes e Exorcistas tem sido a suplicante obrigada a proceder deste unico e saudavel modo. E se nem ainda for deferida a supplica que fas, como pede a justiça da sua causa; protesta dirigir os seus rogos sinceros ao rectissimo Tribunal da divina justiça, pelo total abandono e desprezo, que soffre tão importante objecto, por hũa Auctoridade tão respeitavel. — E R Mce.

Inquisição de Lisboa, n.º 14.620. E' uma denuncia que não está datada, parece, todavia, ser do principio do sec. XIX.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

TRADIÇÕES DA MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

Quadros navaes (1)

FOLHETIM MARITIMO

TYPO PORTUGUEZ

Num dia de inverno do anno de 1799 cruzava a fragata Fenix a oeste dos Açores, á espera de varios navios do Brazil, para os comboiar até á barra de Lisboa, e depois ir reunir-se ás fragatas Carlota e Minerva, em cuja conserva tinha andado sobre a costa de Portugal, e se achavam então no estreito.

A lua começara má e com a força do quarto, o vento crescêra, assoprando do ultimo quadrante terrivelmente seguido de pesados aguaceiros; o horisonte era curto, e via-se coberto de massas de nuvens acastelladas, prenhes de fuzis, que estalavam a cada instante; a vaga muito alta, como se encontra pelas ilhas quando o noroeste bufa, de modo que, quando a fragata cahia com a prôa assentava o gurupés na agua, e a onda alagava-lhe o castello; posto ser navio tão grande, que tinha quatro peças de 36 na coberta. Fragata das maiores que se tem visto, bello barco, de bom pé, muito aguentadora, mas de excessivo jogar, puxando bastante pelo arvoredo e artilheria; sendo necessario trazel-a sempre subjugada com muito panno, mór-

(1) Os *Quadros Navaes*, da penna de Joaquim Pedro Celestino Soares, que morreu vice-almirante, constituem uma obra unica no seu genero em Portugal.

Alguns auctores teem escripto sobre o mesmo assumpto, em prosa e em verso; mas, pondo de lado qualquer sombra de apreciação ou de critica, nenhum conserva a fidelidade das scenas, como o auctor dos *Quadros Navaes*. Sem contestação esta obra tem o altissimo merecimento de, escripta em fórma litteraria rendilhada e bonita, transcrever a vida maritima da epocha com toda a verdade e minucia, sem cahir jámais em prolixidades exageradas e enfadonhas, fornecendo ao mesmo tempo preciosas informações para a historia da marinha nacional.

mente nas occasiões de mar grosso, para lhe diminuir o balanço. Numa palavra, era navio valente de mais, e o tempo era tambem de arripiar o pello.

Desde o amanhecer que andavamos em tres gavias nos terceiros, véla d'estáe de prôa, mezena e papa figos, carregando-se o punho grande na força das refregas. Outro navio não aguentava assim, mas a fragata portava-se bem, seguindo só demasiado, sendo mister virar de duas em duas horas para não fugir da posição; e por isso mais conveniente se tornava pôr de hapa, caso ella a soffresse, até para a experimentar em todas as situações possiveis. Deram seis ampulhetas, chegou o sargento de mar e guerra com a amostra do jantar, foi o voluntario Margiochi pedir licença ao commandante, e o tenente Manoel Pereira de Macedo, que espreitava o horisonte, não o mandou distribuir; antes pelo contrario, calculando pelo arco do aguaceiro, a immensa força que trazia, mandou pegar nas carregadeiras da mezena, nas obras da véla grande e adrissas das gavias. O intelligente commandante não ouvindo apitar a rancheiros, logo suppoz que alguma occorrencia imperiosa lhe obstava, subiu a ver o que era, olhou para a carranca de barlavento e diz:

— Traz força bastante, e ha-de cahir duro; não espere mais, carregue.

Macedo dá a voz:

— Carrega, lasca adrissas, arria a gata; mais gente ás carregadeiras de sotavento da mezena, carrega de longo, pouca bulha; cabo de quarto, applica esses camaradas aos cabos; cheio mais, ó do leme, cuidado; tésa os braços.

O mestre que estava na tolda apitou, correu a gente ás manobras, carregou-se o panno, e quando desabou a maior pancada, que vinha medonha, já achou a fragata prompta para a receber, só com as tres gavias. Tornou o commandante:

— Metta a gata dentro e ferre a véla grande: ponha no outro bordo, e fique de kapa com a gavia e traquete, véla d'estáe, rebeca e mezena na antegalha, a ver que tal se comporta.

Repare no abatimento que tem, e veja se dá grandes arribadas, bote abaixo as vergas dos joanetes, porque como a fragata dá grandes balanços póde atirar com algum mastaréo pela borda fóra, tendo aquelle pendor lá por cima; recommende que as vigias espreitem o horisonte, pois do modo que elle está, descobre-se mais depressa cá de baixo que das gavias; não venha algum desalmado espetar-se na prôa e fazer-nos alguma avaria.

Desceu, e o tenente foi para o degráo.

— Cabo do quarto!

— Prompto.

— Retem para cima, sr. mestre, apite a virar.

O mestre apitou, veiu a tropa, subiram da coberta alguns marinheiros, e o voluntario Margiochi foi para a prôa por ser o segundo d'aquelle quarto.

— Carrega ahi a gata, carrega o briol, sobe acima, terra; chega para os braços a estibordo, ála grande gavia, ala traquete e velacho; entra a escota do traquete a estibordo; põe o leme a estibordo de vagar; larga brandaes; ó da gavia, bota brandaes a ré a estibordo, tesa a bombordo, olha esse amantilho, olha as troças; sr. Margiochi, olhe esse traquete que fique bem amurado; entra a escota, caça bem, volta. Mette o velacho dentro, pega nas obras estingue de barlavento primeiro, ajuda com o briol e sergideira; larga a escota, carrega, vira carasa sotavento, ligeiro, carrega de longo, encapele no lais, carrega; sobe acima, volta, ferra; sr. Margiorchi, olhe essa talha da verga, quando vier o balanço; tése bem; cabo de marinheiros, tesa esse braço do velacho de encontro ao outro, não vês que está gente na verga? Gata, desce,

vamos á véla grande; apite, sr. mestre.

Apitou a descer, tanto da gata como do velacho, e o tenente continuou:

—Vamos á véla grande, tesa os amantilhos, tesa as troças, sobe acima, ferra.

O mestre apitou a subir, correram pela enxarcia, espalharam-se pela verga, e o tenente cauteloso diz para o gageiro:

—Cuidado não captivem algum cabo da gavia, aperta bem as bichas, olha a escota da gavia, que fique clara; gageiro toma conta, recorre a verga, se ficar algum cabo captivo, mando-te esfregar as costas com doze chibatadas.

—Está tudo claro.

—Olha a verga do joanete que vem ao convés; gavia da gata, o sota que vá amichellando, e tu trata de metter a mezena na antegalha; sr. Margiorchi, olhe a verga do joanete de prôa que venha abaixo quando as outras.

—Sim, senhor.

Tudo assim se fez com promptidão, porque a gente estava bem disciplinada e Macedo era fino manobrista.

Depois de tudo nos seus logares, caçada a mezena e os cabos colhidos, mandou botar a barca, e mesmo assim a fragata seguia 3 ½ milhas.

—Como governa?

—Com meia volta de ló.

Quando der a cabeçada allivia-lhe o leme, toma sentido no mar, em elle estando perto do navio põe o leme a meio; onde chega a orçada?

—Ao nordeste quarta de norte.

—E na arribada?

—Chega a és-nordeste, e este.

—Sr. piloto, torne a deitar a barca, mas espere que venha para o vento: allivia o leme!

Hum mar immenso vem, pilha a fragata atravessada, galga por cima da trincheira, e inunda o convés horrivelmente.

O commandante, que sentiu aquelle arruido subiu apressado e pergunta:

—Que diabo de homem de governo é este? Ou a fragata fica atravessada?

Deste modo não presta a kapa, é preciso ver se vem mais para o vento.

Responde Macedo:

—Até agora tinha ido menos mal, porem deu lhe a vaga na bochecha que a fez arribar; e tambem, talvez queira a mezena toda larga!

—Pois sim, mande desfazer o tomadoiro, e se d'este modo não receber o mar pela amura, largue o velacho e carregue o traquete.

Executou-se a ordem do commandante, caçou-se bem a mezena, a fragata recebia como se esperava o mar pela amura, e os balanços, posto que grandes, eram regulares, apesar do immenso vagalhão que arrebentava em flor, deixando o mar e a tolda cobertos de espuma.

—Dê o jantar!

Distribuiu-se, mas ainda não se tinham reunido em torno das bandejas, numa clavina que fez o horisonte, gritam da prôa:

—Navio a barlavento, perto.

—Lá vai o jantar com todos os diabos, dizem alguns marinheiros que começavam a tirar as colheres dos sacos dos rancheiros; agora é que o demo havia de apparecer.

Com effeito o balanço atirava a gente á amurada, quanto mais com as bandejas; ali era perder-lhe as esperanças.

Deu-se parte ao commandante, elle subiu, olhou para o horisonte e descobriu debaixo da cerração um grande navio; lançou-lhe o oculo.

—E' fragata, e vai á poppa em duas gavias e traquete; deixa-la ir, que nos não incommoda.

(Conclue)

CELESTINO SOARES.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

Os sete veados

Era d'uma vez um homem e uma mulher que tinham sete filhos e ao fim de tempos deu-lhes Nosso Senhor uma filha, e os sete rapazes ficaram indignados pelo nascimento da irmã, e a ponto de abalarem de casa e irem a correr mundo. A filha foi crescendo, crescendo, e um dia a mãe, zangando-se com ella, disse-lhe:

—Por tua causa andam sete moços como sete perolas por esse mundo passando trabalhos.

—A filha pediu á mãe que lhe dissesse o que queriam dizer aquellas palavras e ella contou-lhe o que se tinha passado; e disse a filha:

—Pois vou eu em procura dos meus irmãos.

Os paes não a queriam deixar ir; mas ella disse que queria ir tambem passar os trabalhos que os seus sete irmãos estavam passando por sua causa, e, pedindo a benção aos paes, pôz-se a caminho.

Foi andando, andando; era quasi noite e encontrou uns casarões velhos onde se recolheu, e como era cuidadosa, pôz-se a arranjar as casas, a fazer as camas e a pôr tudo na ordem. N'isto sentiu rumor e vendo entrar sete homens muito mal trajados, teve um grande susto e escondeu-se. Os homens ao repararem no arranjo da casa admiraram-se e procurando quem tinha sido a arranjadeira encontraram a rapariga toda a tremer, anichada a um canto.

Metteram-n'a em confissão e ella contou tudo, e então conheceram os homens que estavam em frente da sua irmã, e começaram a tratal-a mal, excepto o irmão mais novo, que ao ouvir-lhe dizer que queria passar trabalhos juntamente com elles, teve muito dó e pediu aos irmãos que a consentissem na sua companhia. Os irmãos cederam, mas de má vontade, e com a condição de lhes servir de criada e de todas as noites, ao voltarem das rusgas, lavar os pés a todos, e recommendaram muito á irmã que nunca fosse buscar agua a uma fonte que estava ao lado dos casarões, e que tomasse n'isto muito sentido. A irmã assim o prometteu. Ora a razão porque os homens não queriam utilisar-se da agua d'essa fonte, era porque, quando elles sahiram de casa dos paes, arvoraram-se n'uma companhia de ladrões, e entre muitos roubos e assassinatos que fizeram, roubaram e mataram um gigante que vivia n'aquelles casarões, e no sitio em que o gigante foi morto, e em que se espalhou o sangue, appareceu a fonte, a tal de que não queriam servir-se. Todas as noites a rapariga lavava os pés aos irmãos quando elles recolhiam, e lavava-lh'os com agua quente; mas d'uma vez quiz pôr a agua ao lume e conheceu que não a havia no pote e ficou afflicta, mas disse comsigo:

—Ora vou buscal-a ali á fonte, elles não sabem se lhes lavo os pés com essa agua ou com outra.

Foi buscal-a e pôz a agua ao lume. Vieram os irmãos, e, antes de cearem, a irmã foi lavar-lhes os pés, começando pelo mais velho. E assim que ella começou a lavar-lh'os, transforma-se o homem n'um veado e abalou. Os outros perguntaram logo onde fora ella buscar a agua, e ella confessou. Zangaram-se muito, ella ficou toda aterrada, e os irmãos, que quizeram todos correr a sorte do mais velho, obrigaram-n'a a lavar-lhes os pés na mesma agua. Ella obedeceu a chorar, lavando os pés aos cinco irmãos mais velhos, que se transformaram logo em veados e desappareceram, e ao irmão mais novo não queria de modo nenhum lavar-lh'os, mas elle tanto teimou, tanto, que não teve mais remedio senão lavar-lh'os tambem, e transformando-se logo em veado, desappareceu como os outros. E aqui ficou a pobre rapariga sósinha com a sua grande desgraça, e pensou em ma-

tar-se. Levou a noite inteira a chorar e a lamentar-se; mas de manhãzinha appareceu-lhe o irmão mais novo, transformado em veado, e esteve-a acariciando, mostrando ter muito dó d'ella; e todos os dias vinha o veadinho trazer-lhe de comer. Passaram tempos, e um dia appareceu por ali um principe á caça, e vendo a menina agradou-se muito d'ella, porque era muito bonita, e ella agradou-se do principe, e todas as tardes o principe ia ter com a menina, até que por fim se dispôz a casar com ella e levou-a para o palacio.

Ella tinha contado tudo ao irmão mais novo, que levou a bem o casamento e lhe disse que á boquinha de todas as noites iria ao jardim do palacio para a vêr e para fallar com ella. Fez-se o casamento com grande pompa; mas as pessoas da côrte não gostaram que o principe fosse casar com uma aventureira e puzeram-se a tramar contra a princeza, e logo que souberam que ella todos os dias, ao lusco-fusco, ia sósinha a certo ponto do jardim e ahi se demorava a conversar com alguem, avisaram o principe de que lhe era falsa. O principe espreitou tres vezes e conheceu que era certa a desconfiança dos fidalgos. De combinação com o rei seu pae, resolveu o principe que morresse enforcada. Foi logo mettida n'uma torre e no dia seguinte mandou o rei deitar pregão de que a princeza ia a enforcar. Reuniu-se muito povo de roda da forca esperando a princeza, e quando esta chegou sentiu-se ao longe um grande estrugido, e o rei disse:

—Esperem, esperem, que todos teem direito a gosar do espectaculo, e vem além gente a todo o escape.

Esperaram e viram vir sete veados; saltou o primeiro sobre a forca e transformou-se logo n'um homem; saltaram mais cinco sobre a forca e em homens se mudaram; e o ultimo veado, que era o mais peqneno, esse teve de saltar tres vezes para se desencantar.

A princeza gritou para os sete irmãos, que a rodearam, e tudo o irmão mais novo aclarou na presença de toda a côrte, e o motivo porque a irmã ia todos os dias ao jardim á hora do lusco-fusco. Está o meu conto acabado, seja Deus louvado.

Elvas.

D. Buenos

Era uma vez uma menina muito bonita e essa menina pediu ao pae para ir ao jardim. O pae disse-lhe que não fosse porque era já tarde, mas ella teimou e foi. Ao depois perdeu-se no caminho e levou um dia e uma noite perdida. Viu uma luzinha lá muito ao longe e foi direita a ella. Chegou a uns pardieiros onde viviam duas velhas:

— Querem cá uma criadinha?

— Queremos.

E ficou. No dia seguinte perguntou:

— O que vou eu agora a fazer?

— Olha, vaes agora ao campo a encher esta canastra de pennas de passarinhos vivos.

Ella foi com a canastra, sentou-se n'uma rocha e pôz-se a chorar. Appareceu-lhe um principe e disse-lhe:

— Então o que é isso menina?

— São duas mulheres que querem que eu encha esta canastra de pennas de passarinhos vivos.

— Isso arranja-se; toucou uma buzina, vieram os criados do principe e passadas algumas horas encheu-se a canastra de pennas de passarinhos vivos. E o principe disse á menina:

— Olha, se as duas feiticeiras te disserem que foi o D. Buenos, diz-lhe assim:

Diabo levem a vocês,
E os anjos levem a mim,
Se eu já hoje vi D. Buenos,
Ou D. Buenos viu a mim.

No outro dia as duas velhas disseram á rapariga que fosse ao campo

com uma azada e que havia de trazel-a esfregada que parecesse oiro. Accudiu-lhe outra vez o principe, e os criados esfregaram a azada que ficou como se fosse d'oiro; e o principe disse á menina:

— Olha que esta noite as tuas feiticeiras hão de querer incendiar-te a cama, e tu não durmas; leva toda a noite aos ais.

Pela noite adiante, as camas que appareceram incendiadas foram as das duas feiticeiras e ellas morreram no brazido. Pela manhãsinha appareceu o principe á menina e disse:

— Olha, eu vou pedir ao meu pae para me deixar casar comtigo, tu ficas aqui esperando assentada na rocha em que te vi da primeira vez, que eu venho buscar-te para ires para o palacio.

A menina desatou a chorar e a dizer:

— Não me deixes aqui, porque te vaes esquecer de mim.

— Que estás a dizer?

— Vaes; logo que te deixes dormir em palacio, esquéces-te de mim. O principe prometteu que não fecharia os olhos em quanto a não viesse buscar.

Mas ao chegar a palacio deu-lhe um grande somno e dormiu. Esqueceu-se logo da pobre menina, que se chamava Guiomar. Passados tempos havia tres dias de torneio no palacio do rei, e a Guiomar conseguiu entrar no jardim.

No torneio havia uma vaquinha que não queria andar e o principe tudo era tocar-lhe para que se mexesse, até que uma menina do lado diz:

Anda, anda, torneirinha,
Não queiras mais ateimar,
Não sejas como D. Buenos,
Que se esqueceu de Guiomar.

O principe pôz as mãos na cabeça, lembrou-se da sua princeza, viu a menina e levou-a á presença do rei e da côrte, dizendo que ali estava a prenda do seu coração — e casou com ella. Conto acabado, dinheiro ganhado.

(Elvas)

Abre-te flor de liz!

Era d'uma vez dois compadres, um pobre e outro rico. O compadre pobre, um dia, foi ao campo e junto de umas pedras viu uns ladrões carregados de muitas riquezas, e escondeu-se. E ouviu dizer a um d'elles: *Abre-te, flor de liz*. E viu uma das pedras abrir-se e entrarem todos os ladrões pelo buraco e fechar-se depois a pedra. Passado algum tempo abriu-se outra vez a pedra e sahiram todos os ladrões, deixando lá as riquezas, e fechou-se a pedra á voz de um d'elles: *Fecha-te, flor de liz*. Deixou-os afastar e quando já os não via chegou elle á pedra e disse: *Abre-te flor de liz*. A pedra abriu-se, elle entrou pelo buraco e disse: *Fecha-te flor de liz*. A pedra fechou-se e elle foi lá baixo e encontrou grandes riquezas. Encheu-se de todo o dinheiro que poude carregar, e dando ordem á pedra para se abrir e depois para se fechar, veio para sua casa jé feito um grande senhor. Passados dias contou tudo ao compadre rico, e este pediu-lhe por tudo quanto havia que lhe dissesse onde era o sitio da pedra. O compadre disse-lhe e elle foi lá sósinho: *Abre-te flor de liz!* e a pedra abriu-se; elle desceu e disse: *Fecha-te flor de liz!* e a pedra fechou-se. Foi lá baixo e encheu-se de riquezas, mas quando quiz sahir não se lembrou do nome da pedra, e tudo era: *Abre-te couve! Abre-te, coentro! Abre-ta alface!...* E a pedra *moita*. La ficou, e depois vieram os ladrões, deram com elle e mataram-n'o.

(Elvas)

O pirolito

Era d'uma vez uma mulher que tinha um filho e uma filha, elle era o *pirolito* e ella a *pirolita*; mandou os dois, um para a escola e o outro para

a mestra, e o que chegasse primeiro a casa ganhava um bocadinho de pão e queijo. Chegou primeiro o pirolito e disse-lhe ella:

— Olha, põe alem uma mesa, um alguidar debaixo e uma faca, e põe-te em cima da mesa a dormir a sésta.

Elle assim fez. Depois a mãe quando o sentiu a dormir, matou o, e fez d'elle um guizado. Veio a pirolita.

— Mãe, já veio o pirolito?

— Ainda não; toma lá um bocadinho de pão e queijo e vae levar o jantar a teu pae, mas não espreites, nem proves.

Ella chegou lá muito adiante e quiz ver o que era o jantar; viu o pirolito e começou a chorar. Chegou ali Nossa Senhora e perguntou-lhe porque chorava. Ella contou-lhe, e Nossa Senhora disse:

— Não chores; em teu pae estando a jantar há de te chamar para comeres tambem, mas tu dize-lhe que não tens vontade, e depois d'elle jantar reune os ossinhos e deita-os para o rio.

Ella fez o que Nossa Senhora lhe disse; deitou os ossinhos para o rio, e sahiu de lá o pirolito todo cheio de laranjas, e foram os dois irmãos para casa. Diz lhe agora a mãe:

— Pirolito, dás-me uma laranja?

— Não, que me mataste.

Diz-lhe agora o pae:

— Pirolito, dás-me uma laranja?

— Não, que me comeste.

Diz-lhe agora a pirolita:

— Pirolito, dás-me uma laranja?

— Toma-as lá todas, que me salvaste. A tua bocca cheia de anjinhos e a minha de confeitinhos.

(Elvas)

Gri, alerta, ladra,
Aun que seya el mismo Dios.

Era de uma vez um homem que estava n'uma quinta e a dona da quinta era hespanhola e tinha um rapaz, tambem hespanhol, para levar todos os dias o jantar ao homem, e o rapaz tinha um cão chamado Gri. O rapaz quando ia levar o jantar, no caminho assentava-se n'uma pedra e punha-se para o cão:

Gri, alerta, ladra,
Aun que seya el mismo Dios.

E dava volta á panella em que ia o jantar, e dizia:

— Quien viene alla? Gravanços? Pase adelante, que és gente redonda.

Outra volta á panella:

— Quien viene alla? Morcilla? Pase adelante, que és gente morena.

Outra volta á panella:

— Quien viene alla? Tocino? No temas, que no te bulo.

Outra volta:

— Quien viene alla? *Lloriço?* (Chorizo) Preso, como tres e dos seren cinco.

Tantas vezes comeu o *lloriço*, que o homem foi falar com a ama e esteve-lhe contando que tudo lhe mandava no jantar menos chouriço. A hespanhola disse-lhe que espreitasse o rapaz.

— Pois vou fazer isso, disse o homem.

Um dia deu com o rapaz sentado na tal pedra e a revolver a panella. Escondeu-se detraz d'umas arvores e esteve espreitando. Quando o rapaz chegou ao *lloriço*, e o prendeu *como tres e dos seren cinco*, salta o homem detraz da arvore e diz:

— Larga o preso, larga o preso! e começou a tocar a fogo na freguezia do espinhaço do rapaz.

(Elvas)

O principe encantado

Era d'uma vez um homem e uma mulher que tinham tres filhas, e a mais moça foi a correr mundo. Chegou lá a um palacio que estava todo de preto. Entrou e não viu ninguem. Ficou lá. Só quando estava a comer é que vinha sempre um passarinho a poisar-lhe no hombro, e não via mais ninguem. O passarinho era um principe encantado, mas ella não o sabia. Um dia ouviu uma voz perguntando-

lhe se ella queria ver o pae, a mãe e as irmans. Ella disse que sim, e a voz disse-lhe que fosse a um espelho, e n'elle viu a mãe, o pae e as irmans. Depois a voz perguntou-lhe se ella queria ir ver a familia. Disse que sim. Appareceu-lhe um cavallo e a voz disse-lhe:

— Ahi tens esse cavallo para ires ver a tua familia, mas olha que te has de lá demorar sómente uma semana; ao fim da semana, ao primeiro grito que o cavallo der, has-de estar a despedir-te da tua familia, ao segundo grito has de vir a descer as escadas, e ao terceiro has de estar a montar-te.

Ella assim o prometteu. Chegou a casa do pae, e esteve contando á mãe tudo que lhe succedia no palacio onde fôra ter, e a mãe perguntou-lhe se todas as noites não sentia na cama do palacio uma coisa fria. Ella disse que sim. Perguntou-lhe se não tinha phosphoros. Ella disse que não. Deu-lhe uma caixa de phosphoros e disse-lhe que quando sentisse aquella frialdade, accendesse um phosphoro.

No fim da semana o cavallo deu os tres gritos, e ella despediu-se da familia e marchou, amontada no cavallo. Chegou ao palacio, e como era já noite, foi-se deitar. Pela noite adiante sentiu uma coisa fria no seio. Accendeu um phosphoro e viu o passarinho a dormir na cama, e sem querer, deixou cahir um pingo do phosphoro na cabeça do passarinho. O passarinho soltou um grito e transformou-se n'um principe, que disse:

— Mesmo agora me quebraste o encanto, e em paga, vou casar comtigo.

Seja Deus louvado, que é o conto acabado.

(Elvas)

Eu vi-te,
Tu não me viste

Era d'uma vez um rei e uma rainha que não tinham filhos e viviam muito desgostosos por isso, mas um dia, a poder de muitas promessas, teve a rainha uma filha muito bonita, mas ao fim de tres annos, uma velha roubou a filha á rainha, entregou-a a uma ama e metteu ambas n'uma torre, e todos os dias ia levar-lhes de comer, e a comida que levava, ou de carne ou de peixe, era sempre sem ossos e sem espinhas. Passaram muitos annos e um dia a menina encontrou um ossinho no jantar. Escondeu o ossinho, e logo que poude poz-se, ás escondidas, a furar com elle o sobrado por debaixo da cama. Tanto escarafunchou, tanto escarafunhou, que fez um buraco, e viu lá em baixo um quarto todo illuminado e um principe deitado na cama. Dos lençóes da sua cama fez a menina uma escada e foi lá baixo. O principe tinha lá penna e papel, e ella depois de fazer o seu nome, escreveu:

Eu vi-te,
Tu não me viste.

E foi se para o seu quarto pela escada dos lençóes. O principe quando no outro dia viu o papel escripto, ficou todo admirado. Na segunda noite a menina fez o mesmo. Na terceira noite o principe fazia-se dormido e quando ella estava a escrever, apanhou-a e disse-lhe:

Eu apanhei-te,
E não me fugiste.

E apanhada ficou para toda a vida porque o principe, passados tres dias, pediu licença ao pae e casou com ella.

(Elvas).

(Continua)

A. THOMAZ PIRES.

VOLUME V

ANNO V

N.º 12

SERPA (PORTUGAL), Dezembro de 1903

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

DIRECTORES:

LADISLAU PIÇARRA

E M. DIAS NUNES

SUMMARIO

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico da educação publica exercida pela imprensa.»

RAMALHO ORTIGÃO.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal, serie de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o Estrangeiro, serie de 12 numeros .... 8 fr.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO

(CADA NUMERO 1 FR.)

PARIS — Librairie E. Rolland — 2, Rue des Chantiers.

LONDRES — F. Fisher Unvin, publisher — 11, Paternoster Buildings.

BERLIN — A. Asher & C.º — 25, Wienerstrasse

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

VENDA AVULSO NO PAIZ

(100 RÉIS CADA NUMERO)

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreir — Praça de D. Pedro, 42 e 42*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Braga — *Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª*

Vianna do Castello — *Livraria Academica e Religiosa*

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*

PREÇO DE 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, * * *

PREÇO — 1$200 RÉIS

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva. A. J. Torres de Carvalho, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.)*

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno V — N.º 12 SERPA, Dezembro de 1903 Volume V

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

Sobre coisas de Serpa

Do porco

(Concluido de pag. 168)

No Deutoronomio, cap. XIV, diz Moysés ao povo do Senhor que póde comer de todo o animal que tenha a unha fendida em duas partes e que remôa; mas prohibe-lhe que coma dos que remôam e não tenham a unha fendida, porque são immundos, e entre elles figura a lebre. O porco, que tem recommendação especial, tambem é considerado immundo, porque, embora tenha unha fendida, não remoe, e assim é defeso, não só comer a sua carne, mas ainda tocar no seu cadaver. Essa e outras prohibições se consignam no cap. XI do Levitico. A morte horrorosa dos sete irmãos Machabeos e de sua mãe, ordenada por Antiocho Epiphanes, por elles se recusarem a comer carne de porco, demonstra o respeito pelas palavras de Moysés.

Mahomet, o celebre legislador, entre os preceitos da sua religião, incluiu a abstinencia da carne de porco, ou elle não fosse um notabilissimo arabe, mas permittiu a polygamia. Para a primeira prohibição não tinha motivo; com respeito á segunda, abstenho-me de emittir opinião.

Qualquer egypcio que, por acaso, ou antes, por fatalidade, tivessse tocado n'um porco, era forçado a purificar-se, mettendo-se immediatamente no Nilo, mesmo vestido. Era lhes, porém, consentido comer a carne d'esse animal por occasião da lua cheia.

Ora, apesar da continua animadversão contra o porco, ideias mais modernas o elevaram até á cathegoria de porta-felicidade e ainda ha poucos annos não havia elegante distincta e que se presasse, que não trouxesse uma cochina entre os penduricalhos da sua pulseira. Que de phantasias apparecem de vez em quando! E anda uma parte da humanidade a pensar n'essas coisas! Eu já disse que gosto d'uma cochina, não para berloque da cadeia nem para botões de punhos, mas... para creação. E não estava mal.

O porco e o coelho são os animaes mais prolificos da terra. Vauban, o constructor das fortificações de Paris, celebre como general e como mathematico, na sua «Cochonnerie», calcula a descendencia de uma unica porca em dez annos — filhos, netos, bisnetos e tetaranetos — no respeitavel numero de 6.434.838, attribuindo-lhes duas parições por anno, e vingando de cada uma d'ellas tres machos e tres femeas.

Ao porco se refere tambem Bocage n'um dos seus apologos.

O leão engraça com um porco e, tal qual um ministro de agora, tra-

tou de empregal-o bem, dando-lhe dignidades e rendas. Mas o pobre brutinho que, segundo o poeta, só é bom para assar, nada mais fez do que comer e dormir.

E chamem-lhe tolo...

O espirito do apologo é sentencioso, como bonito é na fórma, e termina n'um conselho aos paes, que não é de mais repetir:

Dos filhos para o genio olhae com maduresa
Não ha poder algum que mude a naturesa
Um porco ha de ser porco, inda que o rei dos bichos
O faça cortesão pelos seus vãos caprichos.

*

O porco terá o comprimento de $1^{m},30$; todavia, em documentos antigos, encontra-se, segundo Viterbo, a designação de porcos de dez covados. Poderia suppor-se ser n'um d'estes, pela sua grandeza, que Hercules montava, porque Ménard conta que no museu de Florença ha uma pedra gravada em que se vê esse heroe divinisado montado n'um porco, tendo n'uma das mãos a maça tradicional e, na outra, a cantara, symbolo do seu culto. E' preciso tambem mencionar ser o porco o animal que habitualmente se offerecia a esse deus. Mas o certo é que aquella designação de dez covados não quer dizer que elle tivesse tal extensão, mas o valor correspondente, isto é, que valia dez covados de bragal ou seis alqueires de trigo. Havia tambem o porco de tres cesteiros, — com c ou com s — que valia tanto como o anterior, visto cada cesteiro valer dois alqueires ou duas teigas. E havia tambem o porco de um lenço, que valia um brocal ou sejam sete varas.

Muitos racionaes devem ao porco um accrescimo de importancia, que, sem elle, se não poderiam attribuir. Por minha parte reconheço-o e agradeço-o.

As minhas ideias e as minhas phrases são sem valor no fundo e sem lustre na forma; mas, apesar d'isso, por mais d'uma vez, eu tenho considerado essas ideias — tristes ideias! e essas phrases — pobres phrases! — como joias preciosas quando applicadas a umas certas figuras da nossa especie. Que taes serão essas figuras!... e por despreso chamo-lhes porcos, sem me lembrar que se não os considerasse como taes, não poderia eu tambem imaginar que tivesse produsido... perolas. Deitar perolas a porcos é tão vulgar na vida, e eu lamento-me tanto d'isso...

*

Do porco só não são approveitados os ossos, os cascos e as cerdas.

Do sangue, temos os chouriços d'esse nome e os moiros.

Da carne, temos os chouriços, paios, linguiça, salchichas, não falando nos assados de lombo, perna e costelletas.

Das mãos e pernas, o presunto vulgar, gosando de fama o de Lamego, e o fiambre.

Do pernil, o celebre prato á la Saint Ménéhould e o nosso chispe com feijão. Este *nosso* refere-se á nacionalidade; não é má esta observação para evitar equivocos.

Da cabeça, os miolos com ovos; a orelheira e tromba; a lingua secca é manjar saborosissimo,

Do interior, os rins para a grelha, acompanhados das passarinhas; a fressura (coração, figado e pulmões) que, com o sangue, dá o sarrabulho do norte, ou, com a cachola, a surraburra do Alemtejo; as tripas para o enchido; as banhas para derreter e a bexiga para a conservar.

O toicinho, que serve desde a ingestão a cru, usada pelos trabalhadores do Alemtejo, das Beiras e Estremadura, até ao tempero da sopa do seu nome, ou *sobre-infusas* e que, com os seus pedacitos de linguiça faz a sopa de *S.ta Theresa*, e que, desde as delgadas fatias para enrolar a codorniz assada no espeto, manjar delicioso e proprio de gente que se sabe tratar, vae até ás *migas de assobio,* assim denominadas, porque quando está uma na bocca chama por outra, informação de uma habil cozinheira de Serpa, a Constança, que,

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Lavradeiras (dos arredores de Braga)

como Vatel, tambem vive n'um castello e, se não preparou manjares para Luiz XIV, os tem preparado para pessoas da mais alta distincção e tambem... para mim.

Até mesmo a parte annal, a que chamam assadura, é approveitada pelo algoz (eu não tinha animo para matar o animalsinho), que derretendo-a, a converte em manteiga.

O fel, o proprio fel, que tanto amarga e que tanto nos faz exasperar se se lhe junta vinagre, mesmo esse, em liquido serve para tirar nodoas das roupas e, depois de secco, nos livra dos espinhos que se nos hajam cravado no corpo. Mas creio que não fará sahir todos.

A pelle é a melhor cabertura para sellins.

Mais uma virtude do toicinho que, por lapso, deixava de citar: é excellente para applicar sobre a mordedura feita pelo lacrau e outros bichos.

O Conde de Ficalho, em duas das suas interessantes notas aos *Coloquios* refere-se á *pedra bezar*, da qual Garcia da Orta tracta no coloquio quadragesimo quinto; e com a sua elevada erudição discorre sobre a *pedra Malaca*, besoar, que gosava de muitas virtudes. Posto que essa pedra— um calculo intestinal — só houvesse sido encontrada no porco espinho e no javali, a ella me refiro tambem, quando mais não seja, pelo nome, visto ser tambem chamada *pedra de porco*.

*

D'um livro hespanhol, que trata de cosinha, não tendo tido nem tempo nem paciencia para consultar o original d'onde ella foi extraida, resumo uma passagem do *Satyricon*, de Petronio, o celebre Petronio que o *Quo vadis* tornou tão conhecido.

Era uma ceia de Trimalcião. Imagine-se o que não seria! Ao principio passaram, como que em revista, tres porcos; um de dois annos, outro de tres e o ultimo já velho.

— Qual querem para a ceia? interrogou o amphytrião.

Foi escolhido o maior, chamado o cosinheiro e mandado preparar immediatamente. Pouco tempo depois é apresentado o porco sobre uma travessa, uma enorme travessa, comprehende se; mas, com extraordinario espanto de Trimalcião vinha completamente inteiro. E' chamado o cosinheiro, que se apresenta triste, como quem prevê o que de mau lhe póde succeder. Trimalcião estava fulo. O porco cosido com tripas e tudo mais!... Debalde os convidados intercediam pelo cosinheiro. E este obedecendo ás ordens do amo, foi abrir o porco, pouco mais ou menos o que lhe fariam a elle, — mas, pelos golpes que lhe dava, habilmente alargados, começam a sahir... murcellas e chouriços.

Não tinha havido esquecimento. O porco estava preparado, como devia ser.

Sem os porcos, li algures, não se sabe bem o que poderia tornar-se a humanidade; e notava-se ahi, principalmente quanto aos cevões, consumirem elles as substancias que sem essa applicação, seriam perdidas e, portanto, sem valor.

*

Conta Ovidio que, na festa da nimpha Grave, que por signal, era muito esperta, mas muito menos que Jano, que lhe descobriu o esconderijo, e isto dos deuses descobrirem os esconderijos das nimphas era agradavel para elles ambos — conta Ovidio que n'essa festa era prato obrigado toicinho com favas e farinha, e explica que a nimpha desdenhava o luxo de custosos festins. Já n'aquelle tempo o toicinho era das comidas baratas, e accrescenta o mesmo poeta que chacins ou porcos eram regalo e

> um dia de festa, com matança de porca, ia soberbo.

N'esse ponto, de então para cá, não houve mudança.

O dia de matança continua a ser de alegria nas familias. E eu ainda me lembro com saudade d'esses tem-

CANCIONEIRO MUSICAL

IX

ALIPUM

Musica recolhida por D. Elvira Monteiro

(DESCANTE)

pos. Agora contento-me em os vêr ás portas dos estabelecimentos, ou sejam inteiros ou aos pedaços. E, caso curioso, uma cabeça de porco pendurada á porta d'uma salchicharia, não despertará ideias aereas ou sonhadoras e, a não serem umas circumstancias excepcionalissimas, ninguem, homem ou mulher, terá assómos de poesia perante ella.

Mas o facto é que a cabêça tem um tom severo, pensador, impõe-se ao respeito e alguem que tenha qualquer peccadilho a pesar-lhe na consciencia, deve sentir-se impressionado perante a gravidade d'aquella tromba.

Eu, como não tenho nenhum peccadilho, não me impressiono; e assim como Camillo attribue o alargamento da madraçaria indigena ao abuso do chispe e da orelheira com feijão branco, eu attribuo muitos d'esses factos censuraveis, que por ahi vamos vendo, ao numero limitado de cabeças pendentes dos ganchos das salchicharias. Sempre eram um *memento*... e poderiam evocar as recordações do celebre grito *a la lanterne.*

*

Tratemos agora da malhada. E' tempo de findar.

N'uma larga clareira do montado, começa por se destacar uma choça ou choupana conica, de quatro metros de altura, feita de troncos de piorno, com a sua porta talvez um pouco baixa, cerca de um metro.

N'um acampamento a valer seria a tenda do general; ali é a cabana do porqueiro.

Um pouco distante, uma choupana similhante, mas mais pequena, deveria abrigar um outro personagem; ali abriga o burro.

Além, uma palissada, com umas choupanas ao fundo. Parece um entrincheiramento e não é mais que a curralada. D'ali não sahem granadas, sahem porquinhos.

E' de lá que, se esses animaes *de vista baixa*, quisessem por momentos desvial-a do chão, veriam a luz do dia coar-se atravez dos ramos das asinheiras.

Ao lado de tudo isso, voltada ao nascente, para que tenham bom sol e ahi abrigada do vento dominante, ha uma construcção d'uns quarenta metros de fundo por dez de frente, com quatro filas paralellas de pequenas choupanas, todas de piorno e ponteagudas. E' o verdadeiro acampamento, com o grosso do exercito, grosso e miudo.

Se, porém, repugnar esta comparação guerreira, podem figurar uma agglomeração de cubatas, e apertando o sol, n'um d'esses dias quentes do nosso Alemtejo, julgarmo-nos transportados ao interior de uma das nossas possessões africanas.

E isso não será tambem muito extraordinario, attentando na forma primitiva porque o porqueiro procura evitar os raios do sol, conservando-se ao ar livre, ou seja para melhor vigiar os seus pupillos ou seja para ter deante dos olhos, se não está dormindo estendido sobre a manta, as oliveiras e as asinheidas, que lhe terão sido impassiveis testemunhas ou mudas confidentes de devaneios amatorios.

Na parte inferior da copa d'uma asinheira, na bifurcação dos troncos principaes, vê-se um encruzamento horisontal de cannas ou de troncos delgados, como o de uma parreira, coberto de piorno, e que constitue um sombrajo, para o livrar do sol que atravessaria a folhagem miuda.

Dos extremos d'um dos lados d'esse sombrajo pendem duas cordas, que sustentam uma vara, como se fosse um trapesio de gymnastica, e sobre ella descança a albarda, a manta, a jaqueta e os alforjes com os avios e as perrumas para os cães, ou seja o pão ou merendeiros feitos de farellos e de farinha de cevada. De qualquer esgalho da arvore, ou de algum prego n'ella fixado, pende o tacho de arame.

*

Algumas porcas teem oito a dez

leitões, mas não se lhes deixa crear mais de cinco ou seis. E como algumas teem menos d'aquelle numero, tiram-se áquellas e dão-se a estas. A' medida que se vae fasendo tão equitativa distribuição, leva-se a mãe e os respectivos filhos, legimos ou adoptivos, para uma das pequenas choças, cortelhos ou quartelhas.

E não haja receio que o troquem nem a mãe, nem os pequenos, depois que estejam afilhados, isto é, que os pequenos reconheçam as mães e a mãe reconheça os filhos.

Não ha troca, nem dos cortelhos, nem das mães, nem até... das tetas.

Cada leitãosinho adquire a propriedade, ou antes, o usufructo temporario d'uma d'ellas e respeita os direitos dos outros, com muita maior seriedade que os sujeitos que conhecem o codigo civil.

O leitão que morre deixa vaga a sua teta, que abandonada, secca.

Cá nas coisas publicas as tetas do orçamento nunca seccam, porque sempre ha alguem que promptamente as abocca e as chupa logo que desapparece o outro sugador.

Parece que as melhores tetas são as da frente; as de traz são para os *aguadeiros*, os ultimos nascidos, e que, ordinariamente, ficam mais fracos.

Cada um dos cortelhos tem uma abertura em baixo, por onde póde entrar um homem, resguardada por um saltilho ou seja uma lage d'um palmo de alto, assente sobre o chão, para evitar que os pequenos venham logo cirandar cá para fóra.

Como porta, serve um mólho de piorno, apoiado nos bordos d'essa abertura e ahi sustido por um tronco d'asinho.

As mães sahem pela manhã para o montado e, em sendo meio-dia, vem dar-lhes de mamar. Depois voltam para o montado e á noite dormem cam os caros bébés.

N'um livro que trata de agricultura, diz-se que os leitões, passados quinze dias ou tres semanas depois de nascidos, começam logo a comer beberagem de sôro de leite, farellos etc. Sobre *comerem a beberagem*, divirjo ligeiramente, o que não significa que eu não esteja de accordo com outras indicações do auctor, quando, por exemplo, com respeito ao gado bovino, diz que o destinado para reproducção não é castrado. Com respeito ao gado suino succede o mesmo.

*

Teem já de setenta a setenta e cinco dias e, como disse no começo, separam-se. E, se quem vê passar o novo rebanho reconhece no tom dolente dos seus grunhidos a saudade que elles levam das mães, quem está junto d'estas não póde deixar de perceber que ellas soffrem. Depois... tudo passa.

Assim eu o podesse diser tambem.

*

N'um artigo em que se trata de porcos, seria peccado imperdoavel, se esquecesse Santo Antão, que tem por companheiro um d'elles.

Antes, porém, recorrerei ao P.e Manoel Bernardes para extrahir d'elle umas indicações curiosissimas referentes aos advogados. Parecerá a principio não haver motivo para incluir essa nobre classe, em que me honro de ter amigos dedicados, n'um artigo que tracta do porco. Ha motivo, ha, e muito motivo.

Diz Bernardes que os advogados em materia de santidade tambem padecem alguma calumnia, em razão de que alguns patrocinam qualquer causa, que lhes venha á mão, achando o direito para todas. E pode ser fundamento d'este reparo o successo d'onde se motivou a conversão do veneravel padre Fr. João Parente, da ordem seraphica e que depois foi geral d'ella.

Fora advogado e sahindo a divertir-se ao campo viu que um pegureiro, que guardava uma vara de animaes immundos, os querla encerrar na pocilga, e por mais que porfiou com um pau e com a funda, já discorrendo a uma, já outra parte, nunca poude, até que enfadado levantou

a voz e disse: Porcos entrae na pocilga, como os advogados entram no inferno. Immediatamente todos os animaes se juntaram e abalançaram á porta com tal pressa que para entrarem se atropellaram uns aos outros. Ora o Fr. João, que isto via considerou no caso, que não parecia ser acaso, senão aviso da Providencia e acolheu-se ao sagrado. Comtudo para levantar a classe, se necessario, direi que entraram no ceu os advogados a que a egreja presta culto sob o nome de S. Cypriano, S. Filogonio, S. João Chrisostomo, S. Germão, S. Theophilo, S. Sulpicio Severo, e Santo Ivo.

S. Patricio, apostolo de Hibernia, Santo Armogestes, e Santo Ebrardo primeiro, condes; e S. Pedro Damião, na sua primeira edade foram guardadores de porcos. Tranquilisem-se, portanto, os porqueiros alemtejanos.

*

Voltando, porém, a Santo Antão direi que foi um grande santo, e a fama das suas virtudes e dos seus milagres correu mundo.

Vivia elle tranquillamente na sua abbadia, no Egypto, quando um rei da Catalunha teve a desgraça de vêr sua mulher possessa d'um demonio. E o artigo d'onde extrahi estas indicações, accrescenta entre parenthesis — *malheur dont les maris se sont plaints dans tous les temps.*

Ora, conhecendo as virtudes do Santo, expedio um emissario, pedindo-lhe, não que o livrasse de sua mulher — é tambem observação do auctor, mas que livrasse esta do diabo, que se lhe mettera no corpo.

O Santo accedeu; deixa a sua gruta e marcha para a côrte de Barcelona. Exorcismado o demo, a nobre dama viu-se livre d'elle e voltou a ser boa, como fôra outr'ora.

Mas, na mesma occasião em que isto succedia, uma marrã, que acabára de ter o seu bom successo, entra no salão real (n'esses tempos succediam taes coisas e agora... tambem) lança aos pés do rei um dos filhos, que tinha nascido sem olhos e sem patas, e, soltando altos gritos, pucha o habito do Santo, como que o pedir-lhe a cura do pequeno.

O Santo, tocado de compaixão, realisa mais um milagre. O leitão ficou vendo bem e andando optimamente, e, para mostrar o seu reconhecimento ao Santo Abbade, tornou-se-lhe companheiro durante o resto da vida.

E eis aqui está a historia do porquinho do Santo. O seu valimento approveitou tambem aos seus congeneres da abbadia. E eis como:

O rei Filippe de França, filho de Luiz, o gordo, passava por uma rua estreita de Reims, e um porco, provavelmente assustado, metteu-se-lhe entre as pernas do cavallo. Cavallo e rei foram para o chão e, no dia seguinte, o rei morreu. Tanto bastou para que fosse prohibido deixar andar porcos pelas ruas.

Era preciso, porém, não desgostar o Santo Antão e, por consequencia, ficaram exceptuados de tal medida os porcos da abbadia do Santo, com a condição de que trariam um signal pendurado ao pescoço.

Se fosse agora sujeitavam-os a registo n'uma repartição publica.

E, já que falei de Santo Antão, falarei das suas porquinhas. São assim chamados uns bichinhos inoffensivos, que se criam nos logares humidos e que, ao mais ligeiro toque, se enroscam, juntando a cabeça com a cauda, formando uma bolinha; os verdadeiros bichos de conta.

*

E vou terminar, não já sem tempo, pedindo a Santo Antão que, por deferencia com o seu companheiro, livre os porquinhos de Serpa dos diversos males que ás veses os affligem e lhes antecipam a morte, com o que elles nada lucram, visto não me parecer que soffram de neurasthenia, e que, pelas suas outras virtudes, livre tambem os leitores da *Tradição* — de artigos semelhantes a este.

COSTA CALDAS.

TRADIÇÕES DA MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

Quadros navaes

FOLHETIM MARITIMO

TYPO PORTUGUEZ

(Conclusão)

Porém, passados dois ou tres minútos:

— Vem para nós, larga as bandejas; tambor, toca a postos de longo, bota o comer na caldeira; gavia grande, tira as bichas á véla grande; gavia de prôa, larga o velacho; chame a gente, vamos já, apite; ála ali o braço do velacho por sota-vento, volta; caça o velacho.

— Està a beijar..

— Iça, volta; carrega o traquete; larga a gata, caça aqui a gata; ála secco e gata a barlavento. Sargento! Acender as tranças, tire os oculos; o sr. tenente que desatraque a artilheria e fique sobre meias voltas. Carrega a mezena, carrega a rebeca, volta a tudo; a gente da tarifa que pegue nos braços grande e gavia; artilheria prompta.

O navio de barlavento quando nos descobriu orçou, veio para nós, içou a gata carregando o traquete, chegou á nossa alheta e pôz no mesmo borbo, chegando-se quasi a tiro de pistola. Era uma grande fragata que mostrou a sua bateria aberta, e a gente a postos.

— Sr. Macedo, a artilheria prompta á primeira vez.

Deram uma arribada ficando quasi com o seu páo da giba na nossa alheta, o commandante mandou andar em cheio, elle orçou um pouco e seguiu a ficar pelo través, porém a pouca distancia, donde fallaram pela bosina.

— O' do navio, que embarcação é essa?

— A fragata portugueza Fenix; e que fragata é essa?

— Fragata ingleza; venha a bordo um escaler com official que quero reconhecer.

— Não vai escaler nem official; diga o nome da fragata.

— Venha já o escaler, se não faço-te fogo. O commandante diz:

— Iça a bandeira e flamula, fogo á primeira brigada; o resto da bateria espere segunda voz.

Içou-se a bandeira, disparavam as cinco peças de ré, passou o fumo, e o commandante diz para a fragata.

— Venha a bordo um escaler com official, se não continuo o fogo.

A fragata içou logo a bandeira e flamula inglezas, arribou toda, e passou pela nossa poppa, ficando na alheta de sotavento.

— Cheio mais, assim. Venha já o escaler. Responderam:

— Ahi vae o escaler, ahi vae.

E atravessou a gavia e a *gata*. Orça, ála grande e gavia a bombordo, ála secco e gata a estibordo: mestre safe o escaler dos turcos de estibordo, ligeiro; a guarnição passe para estibordo. O mar era immenso, entrava pela bateria, que alagava tudo; a chuva era a mesma, os aguaceiros cahiam com immensa força, dando cuidado a artilheria por causa dos balanços; e a fragata ingleza a distanciar-se, como fugindo ou arribando, de maneira *que não se adivinhava aquella* navegação, tendo largado o escaler, que corria o maior risco de afundarse. O commandante arribou tambem para o tomar, pois na verdade, era impossivel que elle rompesse para barlavento; e a sua miseravel guarnição pôde emfim atracar com muita difficuldade, meia morta de susto e frio. Subiu o official, que vinha alagado, e disse:

— Aqui estou! Onde está o commandante?

— Eis-me...

—Que pretendeis, senhor? Para que nos forçaste a vir ao mar com este tempo? Para que perder vidas entre alliados, sem motivo justo? Para que aquelle fogo?!

Mandae um official vosso a bordo, trazer-vos-ha a noticia de que nos mataste sete homens, partiste a róda do leme, de modo que lá vae a fragata sem governo ou mal governada

com talhas na coberta e a borda toda arrombada; vêde, lançae-lhe o oculo e descobrireis o mal que fizeste, sem razão, a um navio amigo: o meu commandante vae fazer contra vós as mais energicas reclamações d'este acto de barbaridade incrivel, vae...

— Bem, bem, mas porque veiu o vosso commandante tomar-me barlavento com a sua bateria aberta, gente a postos e tranças acesas? Para que me fallou sem bandeira e me ordenou que lhe mandasse um escaler a bordo!

— Julgou que ereis francezes!

— E eu julguei que tambem o fosseis, porque d'outro modo não esperava da vossa parte egual procedimento; as vossas disposições indicavam principio de combate, e por isso vos quiz prevenir. Dizei-me, se a vossa fragata fosse inimigo e me desse uma banda que me desmastreasse ou fizesse outra avaria, como ficaria eu?

Com que direito me ordenou o vosso commandante que lhe mandasse um escaler?

— A guerra com a França auctorisa...

— Nada, nunca d'aquelle modo; vieste com muito risco, lamento a vossa sorte, não concorri para ella; e não era barbaridade exigir que fosse ao mar o meu escaler? Para mim não estava máu tempo?

Dizei ao vosso commandante que tenho pezar das avarias que lhe causei, que estou prompto a dar-lhe satisfação cabal, posto ser elle quem me constrangeu a proceder assim; quanto ás justas reclamações, póde fazel-as, porque eu egualmente darei parte dos motivos que me compelliram a responder-vos d'esta maneira. Não mando escaler, pois é desnecessario, e podeis afiançar-lhe que em todas as occasiões nos havemos conduzir como soldados. Quereis retirar-vos?

— Sim!

— Cheio mais, ála grande e gavia, secco e gata.

A fragata cada vez ficava mais longe, por isso mareámos quasi a tocar-lhe com o páo da giba na alheta, do mesmo modo que elles nos fizeram, orçamos e á sombra dos dois navios pôde o escaler navegar com menos perigo, o qual era realmente infinito para a sua guarnição, que tinha a morte diante dos olhos.

— Atravessa a gata, ála grande e gavia.

Atravessamos até que a fragata recebeu o escaler; depois mareámos passando perto della, em tal distancia que o commandante lhe fallou sem bosina.

— Quereis alguma cousa d'esta fragata? — Não.

— Boa viagem.

— Boa viagem.

— Amura o traquete, amura a véla grande vivo; caça, caça a tudo; governa bem, cuidado no leme, deixa andar.

A fragata Fenix era como já disse um navio valentissimo, grande e bonito, mas aquella força de panno excedia qualquer arrojo de temeridade, só uma especie de frenisi o podia lembrar; quando orçou e caçou os papafigos, metteu a bateria debaixo d'agua, pouco faltava para fazer da quilha portaló, mas andava como um peixe. Aquelle raro atrevimento, era para mostrar aos aggressores, o animo heroico de quem a tripulava; d'ali a ir ao fundo, pouca differença havia; só aquelle destemido e peritissimo commandante, seria capaz de uma egual audacia, e de reprimir a insolencia de quem o quiz abater, mostrando-lhe que passado o perigo do comprommettimento de homens a homens, se affrontava outro maior perigo, o de temporal desfeito com aquelle panno largo!

Dentro em dez minutos lá se perdeu de vista pela poppa fóra a fragata ingleza, que conservou a sua bandeira içada todo o tempo que se descobriu da Fenix.

— Arria a bandeira e flamula. Sargento, o sr. tenente que atraque a artilheria e metta os oculos.

Sr. Macedo, ás cinco horas ponha

no outro bordo e fique de kapa com o mesmo panno que tinhamos ao meio dia: querem tratar tudo de resto! Chega para as obras da véla grande; mestre, olhe que ferra.

— Sim, senhor.

— Está na mão?

— Sim, senhor.

— Apite.

Carregou-se, subiram, ferraram, e fez-se o mesmo á gata.

— Salto ás adrissas de gavia: srs. officiaes, façam menção disto tudo nos seus diarios, não esqueça nenhuma circumstancia, porque naturalmente o caso ha-de-ir a juizo. Caça a mezena, caça a rebeca, andar assim até ao anoitecer; mande distribuir uma praça de vinho á guarnição.

Tudo a bordo era agua, quer do mar, quer da chuva; emquanto se esteve a postos, ninguem pensou no tempo, nos aguaceiros, nem nas refregas, um motivo urgente, a honra nacional absorvia todos os cuidados; mas agora, cada qual queria enxugar o fato, e beber alguma cousa espirituosa. Mas todos egualmente, como agradecidos ao intrepido e habil commandante, que debaixo de um grande perigo tinha conservado bastante animo e sangue frio para responder energicamente a uma provocação acintosa, cujos resultados ninguem podia calcular se ella não fosse, como foi, opportuna e magistralmente rebatida. Os inglezes pareciam vir dispostos a insultar ou bater-se; a desfeita era certa, e depois, talvez, nem se desculpassem com a a supposta desconfiança de navio francez. Candido prevenio-os, fez-lhes, com razão, o que elles tencionavam fazer-nos sem ella; a nossa bandeira estava içada, era a nossa salva-guarda, o nosso passaporte; elles não içaram a sua, senão depois da severa advertencia de uns poucos de tiros, de varios rombos, de partida a roda do leme e sete homens mortos!!

Ha no mar conflictos nunca imaginados, por quem desconhece os riscos e a importancia da profissão. Póde um commandante de má indole ou ignorante, dispondo de grandes forças, insultar uma nação menos poderosa, encontrando no mar navio de guerra de lote inferior, que lhe pertença, querendo regísta-lo, forçando-o a mandar-lhe escaleres e officiaes, cortando-lhe a prôa, fazendo-o mudar de amura, e outros insultos que ninguem deve ou póde tolerar. N'esse caso, proceder como Candido José de Sequeira: fogo! Seja grande, seja pequeno; náo contra fragata, corveta contra brigue, navio de guerra não consente registo: toque a póstos, a força decidida, bata-se até á ultima extremidade. Estas circumstancias não as comprehende bem senão o homem do mar, exercitado e instruido; o seu modo de vida é o mais arrriscado, o mais difficil de satisfazer, e o mais nobre de todos!

— Com effeito, o que não é um commandante ao catavento, respondendo pela vida de setecentos individuos, e pelo valor de 500 ou 600:000$000 reis, representados por setenta e quatro boccas de fogo, e o complexo da magestosa maquina de uma náo de linha!!

Que não depende d'elle, quando chega á falla de outro navio de egual grandeza, ou na presença de uma tempestade de um perigo imminente, de montar um cabo, ou entrar uma barra? Quando tudo está silencioso, á espera da voz que, como por milagre, salva da morte e do naufragio tantas creaturas ou as compromette para sempre, sem esperança de salvação!! Uma palavra, um só aceno ao homem do leme, duas, quatro malaguetas, uma pequena arribada ou orçada, e eis a morte ou a vida, a gloria ou a vergonha do seu paiz! Quem conhece isto, quem alguma vez se achou no caso de o avaliar, não póde deixar de dizer que, um valente e habil commandante de qualquer navio de guerra, é o homem mais util, mais importante da sociedade.

CELESTINO SOARES.

INDICE

ILLUSTRAÇÕES

Costumes & Perspectivas

Cancioneiro Musical

Volume VI

Anno VI

N.º 1

SERPA (PORTUGAL), Janeiro de 1904

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

E M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

SUMMARIO

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Em Portugal, serie de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o Estrangeiro, serie de 12 numeros .... 8 fr.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO

Cada numero 1 fr.

Paris — Librairie E. Rolland — 2, Rue des Chantiers.
Londres — F. Fisher Unvin, Publisher — 11, Paternoster Buildings.
Berlin — A. Asher & C.º — 25, Wienerstrasse.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO Serpa

Venda avulso no paiz

100 RÉIS CADA NUMERO

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*
Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*
Coimbra — *Livraria França Amado*
Braga — *Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª*
Vianna do Castello — *Livraria Academica e Religiosa*

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Sousa Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.). Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, explendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.), ****

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva, A. J. Torres de Carvalho, M. Dias Nunes, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Sousa Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.).*

QUINTO ANNO

1903

12 numeros, de formato in-4.º maximo, illustrados de numerosas photogravuras e zincographias, e contendo artigos de: *Arronches Junqueiro, A. Thomaz Pires, D. Antonio X. Pereira Coutinho, A. R. Gonçalves Vianna, Alberto Pimentel, D. Antonio de Mello Breyner, Dr. Candido de Figueiredo, Conde de Sabugosa, Conde de Arnoso, Costa Caldas, Celestino Soares, M. Dias Nunes, D. Elvira Monteiro, F. d'Assis Orta, Dr. Graça Affreixo, José da Silva Picão, D. João da Camara, Julio de Lemos, José Orta Cano, Dr. Ladislau Piçarra, Manuel Ramos, Pedro A. d'Azevedo, Ramalho Ortigão, Dr. Sousa Viterbo, Dr. Thomaz de Mello Breyner, Dr. Theophilo Braga.*

Anno VI — N.º 1 SERPA, Janeiro de 1904 **Volume VI**

Editor-administrador, ***José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros***, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Imprensa Africana — Rua de S. Julião, 58 e 60 — LISBOA

A Tradição

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — **LADISLAU PIÇARRA** e **M. DIAS NUNES**

A "Tradição,,

A revista *A Tradição* vae entrar no sexto anno da sua existencia; o que pareceria uma curiosidade improficua, torna-se pelas investigações accumuladas um vasto rapositisio de factos sinceramente observados, com o intuito scientifico de contribuirem para a Ethnographia portugueza. *Vires acquirit eundo.* Já não pode passar desapercebido este esforço; assim o seu exemplo suggerisse em todas as provincias de Portugal o interesse em pequenos grupos de ferverosos investigadores, que fossem colligindo todas as manifestações da vida collectiva, em que se reflectem as *persistencias*, as *sobrevivencias* e as *recorrencias* das epocas passadas e das formas sociaes extinctas. Não é preciso differenças de raça, para notar as variedades dos costumes; basta o atrazo relativo de qualquer região, para que os usos, os cantos, ou mesmo a linguagem se differenciem dentro da mesma unidade nacional. No Minho tem-se tentado revistas especiaes para esta ordem de estudo; porém o Alemtejo foi mais feliz, concentrando o esforço das suas investigações na *Tradição*, que chegou através de todas as difficuldades ao seu quinto volume. Pelas investigações provinciaes poder se-hia chegar a reconstruir a primitiva tradição lusitana; pelo Minho, completando pelas tradições populares da Galliza e das Asturias essa unidade ethnica quebrada sob a conquista e administração romana; pelo Douro e Beira, em relação com a Extremadura hespanhola, e pelo Alemtejo e Algarve, separados da Andalusia, recompondo esse mundo ethnico da Lusitania *a dos antigos*, como chamava Strabão ao grande trato geographico que constituiu a Hespanha occidental, contraposta á iberica ou oriental.

Em Hespanha, sob o valente impulso do desditoso Machado y Alvarez formaram-se as numerosas Sociedades Folk-loricas nas differentes regiões ou provincias, chegando algumas d'ellas a publicarem magnificas revistas e uma série de volumes especiaes. Todo esse movimento enthusiastico ficou interrompido pelo falecimento de quem o vivificava; mas o que veiu á luz já se não perde, diante da necessidade dos processos comparativos, em que começa a elaboração scientifica.

Todas estas apparentes curiosidades, constituem os dados de uma sciencia nova, em que como revelação das collectividades humanas, e penetrando esse espirito da multidão anonyma ou do **Povo**, *(Volkgeist)*, os seus conhecimentos transmitidos pelo empirismo inconsciente *(Folk-Lore)*, são estudados os Costumes, os

Cantos, as Dansas, as Narrativas tradicionaes, Lendas, Superstições, Industrias locaes, Usos domesticos, Crenças religiosas, Cultos, Linguagem, Mythologia, Arte, Paremiologia, Escripta, Cerimonias sociaes e cultuaes, Profissões, Jogos e Psychologia infantil. Todo este vasto campo de phenomenos, alguns dos quaes se acham systematisados em sciencias sociaes, como a glottologia e a Psychologia, carece de ser subordinado a um ponto de vista nitido, que a designação de *Folk Lore* não nos dá a noção.

O homem em collectividade tem um outro relêvo psychologico; e essa collectividade, na sua fórma social, nacional e historica, apresenta caracteres extraordinarios de uma singular potencia creadora. Mesmo as sociedades existem por meio de creações anonymas, como se vê na formação das linguas, e no consenso da Moral e da Nacionalidade. Tomando a palavra *Demos*, que exprime essa collectividade, já empregada como radical para designar a independencia popular no regimen politico da *Democracia*, e mesmo designar os caracteres *demoticos*, da escripta popular contrapostos aos geroglіphicos, presta-se este radical a denominar de uma forma expressiva essa nova Sciencia, que tanto carece de systematisação. Chamar-lhe-iamos a **Demotica**, sciencia que integra ás seguintes sciencias especiaes:

A *Ethnologia*: comprehendendo os *Costumes*, ou as persistencias; as *Tradições* ou as sobrevivencias, e a *Moda*, ou as imitações e recorrencias. Além d'estes grupos de phenomenos, existem outros, de natureza involuntaria e inconsciente, como a *Natalidade*, a *Mortalidade*, a *Criminalidade*, que se aggrupam sob o nome de *Demographia*.

A *Demo-psychologia:* comprehendendo todas as manifestações emocionaes e mentaes, que representam o mundo exterior e estados de consciencia: taes são os *Mythos*, a *Hierologia* fetichista, polytheica ou monotheica; a *Paremiologia*, a *Linguagem* figurada, os *Symbolos*, os *Emblemas*, os *Actos allegoricos*, a *Novellistica*, *Adivinhas*, *Jogos*.

A *Ethologia:* ou determinação dos caracteres nacionaes: os *Cantos* populares nas trez formas lyrica, narrativa e bailada como rudimentos das fórmas do Lyrismo, da Epopêa e do Drama das Litteraturas nacionaes. E' este o processo generativo para comprehender a origem das fórmas de *Arte* e o seu espirito nacional.

Para a constituição da *Demotica* trabalharam grandes espiritos como Grimm, Koellers, Benfey, Tylor, Edwards, Spencer, Quctelet, Lazarus, Steinthal, Welcher, Max-Muller, Swartz, Ralston, Lelbrecht, Lubbock, e tantos outros que vão rasgando novos horisontes que nos aproximam da posse do mundo moral pelo conhecimento da consciencia humana. Raros são os espiritos que podem alar-se á altura d'esses homens de sciencia; mas todas as intelligencias sinceras, que sabem observar em volta do seu meio, podem contribuir para a construcção d'esta historia latente da Humanidade, implicita nas fórmas complexissimas da sua Tradição.

THEOPHILO BRAGA.

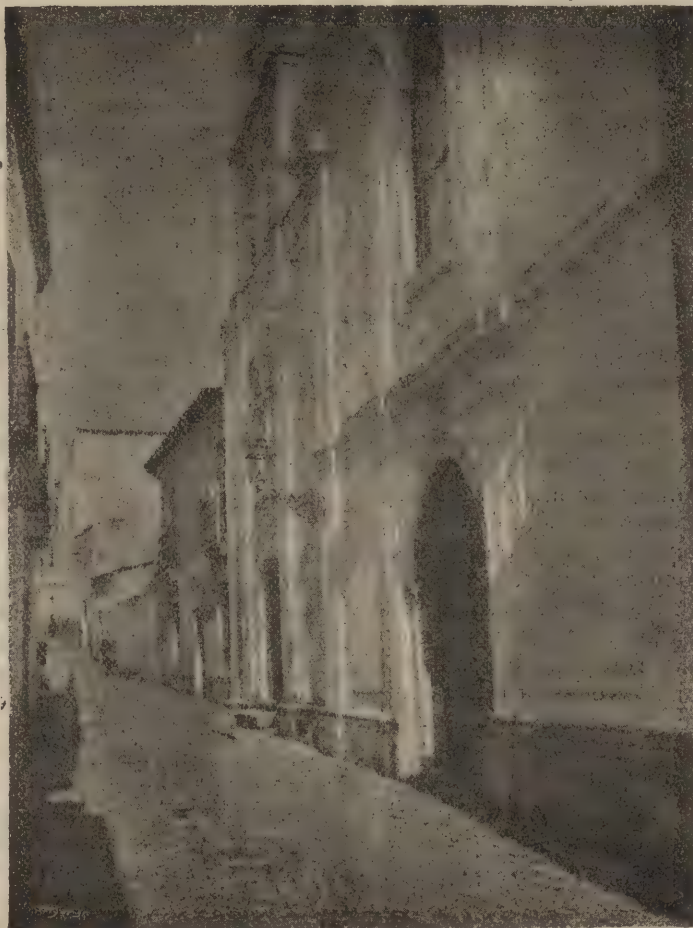
MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Já lá vem a Mariannita

Já lá vem a Mariannita
Com seu namorado ao lado,
Traz calças de tiro-liro, }
Casaco de panno, } bis
Chapéo desabado. }

Atirei um tiro á pomba,
A pomba no ar voou.
Enliei-me n'aquella roseira, }
E a maldita pomba } bis
Sempre lá ficou. }

Se vier o homem da pomba,
E a pomba vier buscar,
Dize-lhe que voltei atraz }
A buscar a pomba } bis
Que cahiu no mar. }

SERPA — ELVIRA MONTEIRO.

Theatro Thalia (Serpa)

Theatro Thalia

O theatro Thalia, cuja fachada a nossa gravura de hoje representa, foi estabelecido por diversos cavalheiros, dos mais abastados d'esta villa, n'uma egreja que se achava já profanada e era propriedade do Banco rural de Serpa.

Quando o Celleiro commum se converteu no alludido Banco, obteve-se do governo, que fosse cedido o extincto convento de S. Paulo, para n'elle se installar o hospital da Misericordia; e foi então que, fazendo-se esta mudança, ficaram sendo propriedade do Banco a egreja e o edificio do antigo hospital.

A Misericordia conduziu para a egreja de S. Paulo todas as imagens de santos que possuia. E, como ao Banco rural não era preciso o templo, abandonou-o para differentes usos, até que por fim o vendeu, com destino á fundação do nosso theatro.

No Thalia teem representado, além de numerosos amadores locaes, diversas companhias ambulantes, tanto portuguezas como hespanholas, sendo uma das primeiras a da Viuva Lopes, de que fazia parte a depois laureada actriz Rosa Damasceno. Esta senhora, não só trabalhou, em Serpa, com a referida companhia, como tambem se prestou a representar com um grupo de amadores, composto da *élite* serpense, n'uma peça intitulada *Córa*.

Um velho.

Denuncias á Inquisição de Lisboa

I

«Illustrissimos e Reverendissimos Senhores. A' presença de VV. SS. humildemente chega Fr. Francisco do Cenaculo, Lente de Vesperas na Sagrada Theologia do Convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, delatando o seguinte caso:

Que achando-se em um dia do mez de abril deste presente anno de 1790 em uma casa da mesma cidade, na presença de duas pessoas seculares e um religioso do mesmo habito de S. Francisco, e porque as taes duas pessoas estavam luctando em altercações reciprocas sobre feiticeiras que rasgavam roupas, transformavam-se na figura que queriam, cortavam os cabellos e faziam outras mil desfeitas a quem queriam, proferí eu, já um pouco enfastiado das contendas as formaes palavras:

Senhores, deixem vossas mercês de taes praticas, não deem credito a essas ridicularias, que se não encontram senão em mulheres, que tão faceis são em as sustentar e até (que é o mais) leva-las aos confessionarios queixando-se muitas vezes de lhes embrucharem os filhos por detraz das orelhas, ao mesmo tempo que elles morriam de doença natural porque Deus queria.

E como estas taes pessoas que me ouviram, erão conhecidas de uma, que com effeito se tinha confessado comigo uma só vez, mas que eu não sabia por a não ter conhecido na confissão e a esta tinha morrido um filho com o mesmo titulo que lhe quiz dar de embruchado, como foi notorio nesta cidade, pelas suas publicas queixas, vieram as taes pessoas, diante das quaes eu falei na suspeita, de que era a tal a que assim se me tinha accusado. Ora eu de modo algum descubri penitente, nem descubriria ainda que me visse nas garras de uma tyrana morte e todo o Mundo a perecer; muito menos julguei que em semilhante suspeita viessem maiormente depois de ter exercido o officio de confessor em quasi todas as villas e lugares desta ilha, nem tambem me parecia que dizendo isto descubria culpa alguma particular e propria do Penitente; mas sim uma coisa que muitas vezes ou por consulta ou por casualidade tenho ouvido a muitos mais sabios que eu. Porém, como nin-

Cancioneiro musical

I

Já lá vem a Mariannita

Musica recolhida por *D. Elvira Monteiro*

(CHOREOGRAPHICA)

guem se livra de inimigos, que ou levados do espirito da vingança, ou por mesmo fazerem mal, como lhes pede o seu humor, poderam talvez aproveitar o meu fallar e troce-lo a seu modo como bem quizerem, para evitar isto prostrado aos pés de VV. SS. com a maior submissão e respeito vou com toda a lisura, sinceridade, e simplicidade delatar-me em toda a verdade do facto exposto: protestando com todas as veras, que nunca jámais direi palavra, ainda que seja insignificante, de que se possa originar a menor suspeita a respeito dos Penitentes; porei uma absoluta guarda na minha boca em materia tam melindrosa. Em fé do que me assigno. Convento de S. Francisco em 30 de julho de 1790—*Fr. Francisco do Cenaculo.*»

(Inqusição de Lisboa, n.º 17.197. Sob o n.º 15:513 encontra-se uma denuncia assignada por Joaquim José de Lacerda, presbytero secular do habito de S. Pedro, na qual se culpa do crime de solicitação o padre Fr. Francisco do Cenaculo, religioso franciscano da Custodia Immaculada Conceição de Nossa Senhora das Ilhas de S. Miguel e Santa Maria e residente então no convento de S. Francisco de Ponta Delgada. A denuncia tem a data de 1795 e é provavel que se refira ao frade cuja apresentação se leu.

II

«Reverendo Senhor Manuel Anselmo de Almeida—Meu senhor; como sei vossa mercê é comissario geral do Santo Officio, vou por meyo desta aos pés de vossa mercê a rogar-lhe (*sic*) da parte do mesmo santo Tribunal queira proceder com toda a inteireza contra Francisco Brinquinho, preto da costa, forro, e de sua mulher Anna, e José Rodriguez e sua mulher, por serem publicos feiticeiros, adivinhadores e curadores e em tudo escandilozos e os quaes teem feito com as suas malditas artes grande prejuizo aos seus visinhos, matando-lhes escravos, bois e cavallos, o que he publico e notorio por elles mesmo da sua parte o publicarem a sugeytos que elles jurão, certamente experimento a sua ruina e assim recorrem a vossa mercê para que pelos meios que vossa mercê entender serem justos, proceda contra estes malfeitores, na forma em que o determina o Santo Tribunal. Espero na inteireza de vossa mercê sejamos alliviados de hum tão grande vexame, como experimentamos em tão terrivel visinhança. Desejo a vossa mercê saude muito feliz e que me dê occasiões em que mostre o quanto sou de vossa mercê reverente servo.—*Joaquim Theodoro de Afonseca.* Estiva 12 de dezembro de 1796.»

«Reverendo Senhor D. Manuel Anselmo de Almeida. — Muito meu senhor, por meio desta vou aos seus pés a pedir-lhe resposta de huã que a vossa mercê sei que foi entregue e julgo que por culpa do portador não tive resposta, que lhe mandava pedir nella que da parte do Tribunal do Santo Officio mandasse exzemignar (examinar) de quatro negros que dizem são feiticeiros que com os seus máos interiores tem vexado aos moradores seus visinhos, como a mim que me tem derrotado tanto e tanto em forma que estou arrastado com cinco filhos ás costas que por espaço de tres annos tenho perdido treze escravos e... cavallos, como é publico e alem de mim aos visinhos, como é notorio e examinados que sejem (*sic*) para vossa mercê os desterrar e serem castigados como manda o mesmo tribunal do Santo Officio; e assim peço-lhe pelas chagas de Christo que tenha dó dos que tão vexados vivem. Os cujos chamão-se Francisco Brinquinho, sua mulher Anna, José Rodrigues e sua mulher Maria Josepha, moradores nas Roslas (?) e a Estiva no rio do Terery e a sua custa dos ditos se

pode fazer toda a despeza que possuem para isso e espero a sua resposta sem falta. E sobretudo desejo a sua boa saude para que na posse della me determine occasiões de mostrar o quanto sou, a quem Deus guarde por muitos annos. De V. M.cê muito obediente servo e creado *Joaquim Theodoro de Afonseca.*

E torno a dizer-lhe que alem da mortandade me tem jurado que hei de carregar agua á cabeça que assim quasi que já estou vendo.

Sobrescrito: Ao muito Reverendo Senhor D. Manuel Anselmo de Almeida, guarde Deus muitos annos. Morador na rua das Larangeiras com resposta que importa a mercê do sr. Antonio Nunes Sarmento para entregar.

(Estas denuncias, que se referem ao Brasil, encontram-se na Inquisição de Lisboa, n.º 14.002).

PEDRO A. D'AZEVEDO.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

Segunda parte

I

Meu amor, p'ra te deixar
Era preciso que houvesse
Outro sol e outra lua,
E outro ceu --se Deus quizesse.

II

Para que quero eu olhos,
Senhora da Piedade?
Se eu não vejo o meu amor,
Nem de noite nem de tarde!...

III

Heide deitar-me n'um poço,
Fazer-me n'uma caldeira,
Toda a vida namorei
'Ma moça chocolateira!

IV

Deitei o limão correndo,
Correndo foi á botica.
Quem nasceu para ser cabra,
Cabra é e cabra fica.

V

Impossivel me parece,
Quando tu para mim olhas,
Namorares-te de mim
Tendo outras onde escolhas!

VI

Você diz que eu que sou sua:
Em que papel me assentou?
O mundo dá muita volta...
Sabe Deus de quem eu sou!...

VII

Minha tristeza não póde
Chegar a maior augmento;
Vae a ser difficultoso
Entrar em divertimento.

VIII

Minha avó é joeireira,
Joeira nas casas ricas,
Traz trigo na algibeira
Para dar ás franganitas.

IX

Eu bem sei que não devia
Estar cantando n'est'hora,
Que o meu amor 'stá doente,
Não sei se estará melhor.

X

Fui metter a mão na urna:
Por ser a primeira vez,
Eu tirei o vinte e dois,
Meu compadre o vinte e trés.

XI

Fechei a porta á desgraça,
Entrou-me pela janella...
Se eu sou filha de a desgraça,
Como posso fugir d'ella!...

XII

Um raminho de perpetuas
Eu te offereço, meu amor;
Mude-se o meu coração
Quando murchar esta flôr!

(*Continúa*)

(Da tradição oral, em Serpa)

M. DIAS NUNES.

BANCO RURAL DE SERPA

Tem Serpa um banco rural, fundado por decreto de 7 de março de 1840, que, se não é o que poderia e deveria ser—um banco com sufficientes fundos para occorrer ás necessidade de todos os agricultores deste concelho, tem sido ainda assim de grande beneficio para muitos delles.

O nosso amigo sr. dr. José Maria da Graça Affreixo, na sua «Memoria Historico-Economica do Concelho de Serpa», capitulo VI, diz, com a sua reconhecida proficiencia, bastante ácêrca deste banco. Mas a tiragem da referida «Memoria» foi muito limitada, e por isso a poucos chegou o conhecimento da historia deste estabelecimento, que é de manifesta utilidade para o concelho.

Deixando de parte algumas reflexões sobre a sua administração e progresso ou decadencia, que nos são suscitadas pela leitura do trabalho do sr. dr. Affreixo, por mal cabidas neste logar, passemos a historiar a vida do banco rural.

O banco rural de Serpa foi constituido principalmente com os fundos do celleiro commum que nesta villa existia, aos quaes se juntou o capital de varios accionistas, que alli collocaram as suas economias.

Tanto na organisação do banco rural como na do celleiro commum, ha factos e documentos que devem rememorar-se.

Ha neste concelho uma grande extensão de terreno mattagoso e montanhoso que era baldio e hoje é logradouro commum dos moradores visinhos.

Nos livros das vereações achámos diversos provimentos, dados em correição pelos juizes ouvidores, para que se observasse o não se fazerem roças na serra grande, por ser de grave prejuizo para as malhadas ou fabricas de cera e mel, de ha muito erectas nesses terrenos. No livro das vereações que teve principio em 1670, a folhas 146—147, e em data de 1679, ha um provimento do dr. Francisco Guerreiro Leitão, neste sentido. No mesmo livro, a folhas 150 e 180, existem eguaes provimentos do ouvidor Francisco da Costa Barbosa, e ainda mais dois no livro que teve principio em 1681, a folhas 59 e 61. A folhas 5 doutro livro, o ouvidor Mathias Pato Costa faz identica recommendação.

Na correição de 2 de novembro de 1688, a folhas 52 do respectivo livro, pelo mesmo juiz ouvidor foi perguntado—se se observava o não se fazerem roças na serra grande; sendo-lhe respondido pelos vereadores que —em consequencia do requerimento deste povo e dos senhorios das malhadas da dita serra, se tinham dado algumas roças para serem semeadas no anno seguinte, afim de se principiar o celleiro commum, para cujo effeito pretendiam haver provisão de sua magestade.

Em 14 de dezembro de 1689, a folhas 19 do competente livro, o ouvidor Francisco Rodrigues d'Aguiar fez a mesma pergunta, e mais—se fôra depositado o que se havia recebido no anno anterior. Pelos vereadores lhe foi dito «que as ditas roças deram este anno alguns vinte alqueires, e por ser conta tão pouca, a metteram nas rendas da camara, e que tinham já impetrado provisão de sua magestade para se poder dar as ditas roças, para se applicarem ao dito celleiro; e proveu elle dito ouvidor que não vindo a dita provisão se não dessem mais licenças para roças».

(*Continua*).

A. de Mello Breyner.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(*Recolhidos da tradição oral*)

O afilhado do Rei

Na era dos affonsinos havia dois homens, um tinha um filho e o outro uma filha. Os rapazes já tinham 17 annos e namoravam-se, mas era por cartas, e um dia a rapariga mandou-lhe dizer para elle lhe ir falar das dez para as onze. O rapaz foi, mas tinha em casa um tio que era padre e só recolhia ahi pela meia noite, e o rapaz era a primeira vez que sahia de casa, assim, fóra de horas. Estava o rapaz a falar com a rapariga e passou o tio; o sobrinho embuçou-se, mas ao tio não lhe escapou. No outro dia o tio perguntou ao irmão se tinha sahido alguem na noite antecedente d'aquella casa. O pae disse que não e o padre retrucou que tinha visto o rapaz na rua. Sóva no rapaz, que, zangado, mandou dizer á rapariga que, se queria fugir, arranjasse as suas coisas para aquella noite, que elle lá estaria, á meia noite em ponto, á porta d'ella com um cavallo. A rapariga disse que sim, e á meia noite fugiram. Foram andando, andando, andando e chegaram a uma fonte; desceram, estiveram bebendo agua e comendo alguma coisa. Era já manhãsinha e avistaram uma terra e foram até lá. No caminho atravessaram uma herdade muito grande e muito bonita e elles foram procurar ao dono da herdade se a queria vender. Disse-lhes que sim e compraram-n'a e mandaram fazer n'ella um palacete. E o rei de Madrid costumava ir ali todos os annos fazer uma caçada e não tinha visto ali palacete algum; admirou-se muito de ver umas casas tão bonitas e foi lá e dormiu no palacete aquella noite. E depois o dono da casa convidou-o para ser padrinho do filho que tinha nascido havia poucos dias. O rei disse que sim. No outro dia foi o baptisado e o rei pintou o retrato d'elle no hombro esquerdo do afilhado e disse aos paes que em o seu afilhado tendo 13 annos que o apresentassem em palacio. Foi-se embora o rei, e foi correndo o tempo. Já tinha 13 annos o rapaz e o pae deu-lhe dinheiro para fazer a viagem e disse-lhe muito sério, que se encontrasse algum coxo ou algum careca que voltasse para traz. O rapaz topou com um coxo e veio para casa mais que depressa. O pae riu muito e disse-lhe que não fizesse caso, que fosse. E foi, e lá caminho adiante encontrou um careca; esteve para voltar para traz, mas não quiz que o pae se risse d'elle outra vez. Diz-lhe agora o careca:

—Onde vae, meu menino?

—Vou ali a Madrid.

—Eu tambem quero ir.

—Mas atraz do cavallinho.

E foram. Chegaram lá muito longe e disse o careca:

—Olhe, eu agora durmo até á meia noite e o meu menino dorme da meia noite até pela manhã, que eu acordo-o.

Pela manhã já o careca estava montado no cavallinho quando acordou o rapaz.

—Então o que é isso?

—Então, até aqui veio o meu menino no cavallinho e agora vae ao contrario.

O rapaz foi a pé; estava muito calor e tinha muita sêde, chegou lá a um poço, e o careca diz:

—Tem sêde? Olhe eu ato a corda do cavallo á sua cintura, o menino desce ao poço e bebe lá e quando matar a sêde eu puxo-o pela corda, e depois vou eu beber da mesma maneira.

O rapaz tinha medo, mas a sêde era tanta, que se *astreveu*. O careca nunca lhe fez mal e tirou-o do poço, mas antes de o tirar obrigou-o a dizer, por juramento, que nunca havia de contar a pessoa alguma, e durante toda a sua vida, o que o careca lhe tinha feito e tinha para fazer.

Chegaram lá a Madrid e o careca foi-se apresentar ao rei como seu afilhado e o rapaz como seu criado.

O rei já se não lembrava e diz assim:

—Ora! logo tive um afilhado careca!

Um dia havia lá toques no palacio, e o rapaz sabia tocar muitos instrumentos e disse para os outros criados:

— Ora, se me emprestassem um instrumento eu ia aqui a tocar e havia de dar brado.

Trouxeram-lhe um cornetim, e elle poz-se a tocar ao som dos toques lá de cima, e tocava muito bem e só soava lá em cima o toque do cornetim. O rei mandou logo saber quem era que tocava. Disseram-lhe que era o criado do seu afilhado e o careca ficou *banzando* e disse logo ao rei que o seu criado lhe dissera que era capaz de ir desencantar a princeza real á torre das aguas vermelhas. O rei chamou logo o rapaz e disse-lhe que havia de ir desencantar a pinceza. O rapaz foi para a cavallariça a chorar. Ouviu uma voz que lhe perguntou porque estava assim *esmorcido*. Elle disse: Então eu não vejo ninguem! E disse-lhe a voz: «Anda lá, não tenhas medo, conta as tuas magoas». E elle contou. Diz-lhe agora a voz: «Vae perguntar ao rei se te arranja tres embarcações, uma de assucar, outra de carneiros e outra de trigo». O rei disse-lhe que sim, e o rapaz voltou a chorar para a cavallariça. Diz-lhe a voz: «Não chores, olha, tu vaes mar fora e á primeira terra que encontras desembarcas, e depois hade apparecer-te o rei das moscas e tu diz-lhe: O rei de Madrid aqui lhe manda de presente esta embarcação de assucar para os seus vassallos; e tu arrecada o que te der o rei das moscas. Depois na segunda terra hade apparecer-te o rei das aguias e tu diz-lhe: O rei de Madrid aqui lhe manda de presente esta embarcação de carneiros para os seus vassallos; e tu arrecada o que te der o rei das aguas. Depois na terceira terra hade apparecer-te o rei das formigas e tu diz-lhe: O rei de Madrid aqui lhe manda de presente esta embarcação de trigo para os seus vassallos; e tu arrecada o que te der o rei das formigas». O rapaz partiu muito choroso, e *assucedê-lhe* tudo quanto a voz lhe disse. Ora o rei das moscas deu-lhe uma aza, o rei das aguias deu-lhe uma penna e o rei das formigas não lhe deu nada, mas disse-lhe: «Quando te vires n'alguma afflicção, brada por mim». O rapaz perguntou ao rei das formigas se ainda era muito longe a torre das aguas vermelhas. O rei disse-lhe que já ficava perto e ensinou-lhe o caminho. Chegou o rapaz á torre das aguas vermelhas, onde havia um gigante que estava de posse da princeza real. E disse o rapaz: E então o que heide eu agora fazer? N'isto viu a princeza detraz de umas grades da torre e elle disse-lhe cá de longe ao que vinha. E ella disse-lhe que tomasse cautela com o gigante, mas que este á hora do meio dia deixava-se dormir e por mais que o chamassem não acordava. O rapaz chamou o rei das formigas e disse-lhe que á hora do meio dia queria que se fizesse um buraco na parede da casa em que estava a princeza para ella lhe cahir nos braços. O rei das formigas chamou toda a sua gente e fizeram logo o buraco e a princeza cahiu nos braços do rapaz. A princeza disse que não se ia d'ali embora sem que lhe trouxessem uma garrafa que estava no ultimo andar da torre. O rapaz chamou pelo rei das aguias e disse-lhe o que queria. O rei das aguias foi buscar a garrafa e apresentou-a no bico ao rapaz. Depois a princeza disse que tinha muito medo que quando o gigante acordasse e a não encontrasse na torre elle viesse a correr atraz d'ella. O rapaz chamou o rei das moscas e disse-lhe que com todas as suas artes livrasse a princeza do gigante. E os dois foram para as embarcações e partiram logo. O

gigante quando acordou viu o buraco na torre mas já não viu a princeza, nem rastros d'ella. Poz-se a gritar como um furioso, mas o rei das moscas com todo o seu exercito pôz-se a zumbir de roda d'elle e a picarem-lhe os olhos e a entrarem-lhe pelo nariz, pelos ouvidos, pela bocca, até que o suffocaram de todo.

Já o rapaz e a princeza estavam em Madrid e a princeza foi ao seu gabinete a lavar-se e a vestir-se para se apresentar ao pae, que ella era a filha do rei, e o rapaz foi para a cavallariça onde já não encontrou o seu lindo cavallinho e pôz-se a chorar. Houve grandes festas no palacio pela chegada da princeza, e a princeza levava uma cadellinha. O careca assim que soube que o rapaz tinha trazido a princeza jurou-lhe pela pélle, e d'uma vez pediu ao padrinho para o deixar ir a uma caçada com o seu criado, o rapaz, já se vê. Foi, chegou lá muito longe e deu um tiro no rapaz deixando-o morto no campo.

Ora a cadellinha da princeza andava sempre atraz do rapaz, e na caçada não se tirou do pé d'elle, e depois de o vêr morto ali ficou. Só lá muito de noite é que veio apparecer á princeza, a ganir muito e a empinar-se todo para ella. A princeza disse: «Já sei, morreu o teu dono.» E ordenou á gente do palacio que preparassem archotes e a acompanhassem da parte do rei. A cadellinha ia adiante e elles seguindo a cadellinha Chegaram lá ao sitio e viram o rapaz morto, e a princeza mandou que se retirasse toda a gente, e como tinha levado o frasco da torre das aguas vermelhas, pôl-o á bocca do rapaz. O rapaz voltou logo a si porque o frasco continha *esprito da vida*. E a princeza obrigou o rapaz a contar tudo quanto lhe tinha acontecido com o careca para saber o motivo que havia para elle o matar. O rapaz não queria *em vistas* do juramento que tinha feito de nada dizer até ao fim da sua vida. A princeza disse-lhe que não tivesse *escrupalos*, porque elle já tinha morrido e a vida que tinha agora só a ella a devia. O rapaz contou tudo. Vieram para palacio. A' hora do jantar perguntou a princeza ao pae que qualidade de homem era aquelle? e apontou para o careca.

— E' meu afilhado.

— Mas todos os seus afilhados teem o retrato de meu pae no hombro esquerdo e veja o meu pae se o careca o tem.

O careca não queria despir o casaco, mas o rei tanto se zangou que elle com medo declarou logo que não tinha no hombro tal retrato. E diz-lhe agora a princeza:

— Como hasde tu tel-o, se quem o tem é aquelle a quem chamavas teu criado e que tu mataste na floresta?

O careca ficou a tremer como varas verdes.

E' chamado o rapaz e descobrindo-lhe o rei o hombro viu o seu retrato. O rei mandou matar o careca e dos ossos mandou fazer uma cadeira para se sentarem a princeza e o rapaz, que ficou em pouco tempo principe porque casou com a filha do rei.

E conto grande, paga dobrada, venha ella.

Os tres encantos

ERA de uma vez uma viuva que tinha tres filhas e eram muito pobres, lavavam roupas. Appareceram ali um dia tres rapazes muito bem vestidos, que eram tres *encantos*. Um d'elles gostou muito da mais velha e foi pedil-a. Ella não queria, porque era muito pobre e o que havia de ser da mãe, que ficava só com as duas irmans; mas tanto teimou o rapaz que por fim casaram, e elle ao partir para a sua terra deu tanto dinheiro á sogra que esta não foi capaz de o arrojar pela casa.

Já não lavavam roupas, e as visinhas tinham muita inveja.

Os ladrões foram lá uma noite, fi-

zeram um buraco no telhado, roubaram o dinheiro e aqui ficou a familia outra vez pobre.

Foi o segundo rapaz pedir a rapariga do meio.

Succedeu o mesmo, a rapariga não queria, mas no fim casou-se, está claro, e o marido deu á sogra tanto dinheiro ou mais do que o outro.

Veio outra vez a inveja dos visinhos e mais os ladrões, e a familia ficou outra vez pobre.

Foi o terceiro rapaz pedir a rapariga mais moça.

Tudo na quinta da mesma, casamento e invejas, *somentes* não houve d'esta vez ladrões, que o dinheiro estava escondido na terra por causa das duvidas.

A viuva tinha ainda um filho muito pequenino e quando chegou a homem disse para a mãe:

Vou-me a vêr as minhas irmans, que não houve mais noticias d'ellas, nem dos maridos.

A mãe, com a vontade que tinha de saber das filhas, deixou-o ir.

E aqui vae agora o irmão á cata das irmans.

Andando, andando, chegou ao palacio da mais velha. A irmã conheceu-o logo e disse-lhe que o marido era o rei dos leões e, se o visse, que o matava.

Elle pediu que o escondesse ali para um cantinho, e que dissesse ao rei dos leões que não lhe fizesse mal.

Escondeu-se.

Veio o rei dos leões e disse:

—O' mulher! cheira aqui a sangue humano!

Ella disse que era o irmão que ali estava.

E elle disse:

—Então se é teu irmão é meu cunhedo, e diz-lhe que appareça, que não lhe faço mal.

Appareceu o rapaz e houve grandes festas em palacio, pela visita do irmão.

Passados dois dias decidiu-se o rapaz a visitar a segunda irmã.

Ora o rapaz ao sahir da casa da viuva tinha encontrado no caminho uma velhinha com um feixe de lenha á cabeça e tendo dó d'ella disse que elle lhe levava o feixe.

A velhinha agradeceu muito e viu-se livre da carga até á sua cabana, e, chegando ali, entrou e trouxe lá de dentro umas botas de *encante* e offereceu-as ao rapaz dizendo-lhe que aquellas botas o haviam de pôr na altura em que elle quizesse.

Indo o rapaz andando, andando, chegou á torre em que estava a segunda irmã, e pediu ás botas que o posessem á porta do quarto da irmã para elle bater e apparecer-lhe ella.

Assim foi; appareceu-lhe a irmã e disse-lhe que o seu marido era o rei dos peixes e que se o visse comia-o.

Elle disse que se ia esconder e que lhe pedisse que não lhe fizesse mal.

Ella assim fez, escondeu-o.

Veio o rei dos peixes e disse o mesmo:— que cheirava a sangue humano.

Ella pediu pelo irmão e o rei dos peixes disse que apparecesse, e se o outro o tinha obsequiado, aquelle ainda o obsequiou mais.

Foi depois o rapaz visitar a terceira irmã. Aconteceu lhe o mesmo; as botas pozeram-n'o á porta do quarto e veio a irmã e disse-lhe:

—Olha, o meu marido é, *por encante*, o rei de todos os bichos, e se te vê, come-te.

Elle disse que não n'o havia de comer, e o que queria vêr era se lhe quebrava o *encante*.

E ella disse que só havia um meio de quebrar esse *encante* e o dos dois cunhados — o rei dos leões e o rei dos peixes—era carregar uma espingarda com uma pedra e quando o visse de bocca aberta atirar o tiro direito á bocca.

Elle assim fez e o rei dos bichos morreu e ao morrer este morreram os outros dois, e as tres raparigas recolheram as riquezas todas e vieram com o rapaz para casa da mãe e ainda hoje vivem muito felizes.

E a certidão está em Tondella,
quem quizer vá lá vêl-a.
(Elvas).

———

A filha do commerciante

Era d'uma vez um commerciante que tinha uma filha muito bonita e morava ao pé do palacio do rei, e o rei tinha um filho que era o principe. A filha do commerciante chamava-se Rosa e na casa havia uma varanda que dava para o jardim do rei. Todas os tardes ia a Rosa á varanda regar as flores, onde havia uma flor que se chamava *verdiana*. E o principe, lá do jardim, dizia-lhe sempre:

—Quantas flores tem a *verdiana*?

E a Rosa respondia:

—Tantas como estrellas tem o ceu.

E o principe tinha uma grande paixão pela Rosa, que sempre se lhe mostrava esquiva. Um dia o principe encarregou uma criada velha de ir a casa do commerciante fallar com a Rosa e convencel-a para ir ao jardim.

A Rosa não queria ir, mas a velha teve tantas artes que a convenceu. A Rosa disse que só iria ás 11 horas da noite. E assim foi.

Quando lá chegou estava o principe no jardim e convidou-a a beber um copo de licor com elle. E ella respondeu:

—Então para isto é que me mandou cá vir?

E foi-se com a velha, mas o principe quando ella se retirava deu-lhe um beijo por debaixo do veu. No ontro dia foi a Rosa á varanda, e começou o principe:

—Quantas folhas tem a *verdiana*?

E ella:
—Tantas como estrellas ha no ceu.

E elle:
—E o beijinho debaixo do veu?

E ella foi-se toda zangada.

No outro dia foi outra vez a velha a casa do commerciante, e a Rosa foi outra vez ao jardim, onde o principe lhe offereceu de novo um copo de licor. Ella não quiz e o principe deu-lhe um belisco. E ella disse:

—Ui! velha, vamo-nos embora.

Na tarde d'aquelle dia o principe, do jardim:

—Quantas folhas tem a *verdiana*?
E ella:
—Tantas como estrellas ha no ceu.
E elle:
—Ui! velha, vamo-nos embora.

E ella retirou-se toda zangada e nunca mais foi á varanda.

O principe começou a entristecer e depois disse assim:—Para que heide eu estar a pôr me triste? Eu não posso casar com ella, que não é pessoa real; vou casar com a princeza, que tanto me quer. E casou.

As festas do casamento duraram tres dias e tres noites e houve muitos convidados e todos elles haviam de dormir as tres noites no palacio. E o commerciante e a filha foram convidados tambem, por parte de visinhos. E a Rosa pediu ao pae que lhe arranjasse tres vestidos muito ricos dos que não tivesse a princeza. O pae arranjou-lh'os.

No primeiro dia das festas a princeza não tirava os olhos do vestido de Rosa e disse-lhe:

—Venda-me o seu vestido.

E ella:

—Não lh'o vendo, dou-lho; mas ha de me deixar dormir esta noite no quarto do principe.

E a princeza consentiu e foi dormir na camara destinada á filha do commerciante.

E disse a Rosa ao principe n'aquella noite, que bem sabia que elle

gostava muito da filha do commerciante, que tinha muitos ciumes d'ella e que só ficaria satisfeita se elle fosse dar-lhe uma sova á cama em que ella dormia.

O principe, para fazer a vontade á sua noiva, foi dar a sova na filha do commerciante, mas em quem elle a deu foi na princeza, que se calou muito bem calada.

No outro dia a Rosa vestiu o segundo vestido, e a princeza quiz que lh'o vendesse, e ella:

—Não lh'o vendo, dou-lh'o, se me deixar tambem dormir esta noite no quarto do principe.

Succedeu o mesmo, e nova sova na pobre da princeza.

Terceiro dia, terceiro vestido e terceira dormida de Rosa no quarto do principe, e agora ella exigiu-lhe que fosse á cama da filha do commerciante e lhe cortasse o troço do cabello.

No outro dia appareceu a princeza sem troço e o principe ficou muito admirado e desconfiado do caso, e depois de muito pensar perguntou aos convidados com quem havia de elle casar, *com quem o comprou, ou com quem o vendeu*? Os convidados disseram:

—Com quem o comprou.

E vae elle casou com a Rosa e mandou embora a princeza, que o vendera pelos trapos dos tres vestidos.

Conto acabado, seja Deus louvado.

(Elvas).

As tres irmãs

Era d'uma vez um homem pobre e que tinha tres filhos e tres filhas, e um dia disse aos filhos que fossem correr mundo em busca de trabalho, que elle não os podia sustentar.

Elles assim fizeram. Chegaram lá a uma encruzilhada, onde havia tres estradas, e cada um foi para seu lado. O mais velho foi ter a um palacio, onde havia uma moura encantada, e a poder de muitas artes poude desencantar a moura e fez-se senhor do palacio e das terras, ficando rico.

O do meio encontrou na estrada uma velhinha, que era Nossa Senhora, e como a velhinha estava a fiar, pediu-lhe que o ensinasse.

A velhinha assim fez e da roca ia sahindo fio de oiro e a poder de tanto fiar e de tanto vender fio de oiro ficou o rapaz pôdre de rico em poucos mezes.

O mais moço encontrou na estrada um velhinho, que era o Padre Eterno, e offereceu-se-lhe para ser seu criado.

O velhinho acceitou; levou-o para uma herdade e ensinou lhe a cultivar as terras, e a poder de tempo e com boas colheitas, por sua conta, chegou tambem a ser muito rico.

E aqui estão os tres irmãos cada um com a sua riqueza.

Um dia tiveram os tres o mesmo pensamento, e foi mandarem ás irmãs um presente.

O mais velho mandou á irmã mais velha um firmal de prata; o do meio mandou á segunda irmã uma toalha de fio de ouro; e o terceiro mandou á irmã mais moça um annel de oiro, que tinha uma fava que deitava luz.

As irmãs ficaram doidas de alegria e espalhou-se logo na terra a noticia dos presentes.

Foi muito povo a vêr e o que mais espantava era o annel que deitava luz.

As duas irmans mais velhas começaram a ter inveja da mais moça e resolveram atirar com o annel para o fundo do mar logo que lh'o podessem furtar, e assim o fizeram.

Um dia o rei determinou ir a vêr os presentes e mandou dizer ao pae das raparigas que ia jantar com elle.

O pae ficou todo assarapantado, as filhas mais velhas ficaram todas contentes, e a mais moça ficou toda chorosa porque havia tres dias que não sabia do annel e não o podia apresentar ao rei.

Quem fazia o serviço da cosinha era a filha mais moça e o pae ordenou-lhe que apresentasse ao rei um jantar decente e bem cosinhado.

Estava a pobre da rapariga toda lavada em lagrimas a escamar um grande peixe ao canto da chaminé, vae abrir a barriga do peixe e salta-lhe de dentro o annel.

Ficou estarrecida.

Arrecadou o annel e continuou com o serviço, agora já bastante contênte e a cantar.

Veio o rei e foi para a mesa com o homem e com as duas filhas mais velhas, e no fim do jantar quiz vêr os presentes. Viu o firmal de prata, viu a toalha de fio de oiro e perguntou depois pelo annel. Responderam logo as duas irmans mais velhas:

—O annel desappareceu.

Responde a mais nova, vindo da cosinha:

—Desappareceu, mas Nosso Senhor mandou-m'o dentro da barriga d'um peixe e eil-o aqui.

As irmans ficaram desesperadas.

O rei percebeu tudo e disse que quem estava tão bem com Deus devia fazer feliz a pessoa com quem casasse e por isso escolhia desde já a menina do annel para rainha. E casou com ella.

Deus louvado, conto acabado.

(Elvas).

A. Thomaz Pires.

Proverbios & Dictos

(Continuado de pag. 144 do volume V)

—

CDXC

Você, é (de) estribaria.

CDXCI

O homem, para ser homem, deve ter feitos de alarve.

CDXCII

Feliz ao jogo, infeleliz nos amores.

CDXCIII

Guardado está o boccado para quem o ha-de comer.

CDXCIV

O homem, para ser homem, deve cheirar a tabaco, vinho e alho.

CDXCV

Já morreu o afilhado por quem eramos compadres.

CDXCVI

Gato escaldado, de agua fria tem medo.

CDXCVII

Um burro carregado de livros é doutor.

CDXCVIII

Uns comem as ameixas, outros debota-se-lhes os dentes.

CDXCIX

Coitado de quem morre; quem cá fica logo se governa.

D

Por cuidar morreu um burro.

DI

Por novas vos não canceis — que ellas serão velhas, vós as sabereis.

DII

Quanto maior é a trovoada, mais depressa espalha.

DIII

Quem tem somno balha o *cara-somno*.

DIV

As hortas são para os hortelões.

DV

Quem não tem dinheiro faz do c. candieiro.

DVI

Quem abre a boca quer sopa.

DVII

Quem tem uma vinagreira mette uma filha a freira.

DVIII

Quem tem um pé de vinagre póde pôr um filho a frade.

DIX

Quem tem mal não tem alegria.

DX

— Porque entram os cães nas egrejas?
—Porque encontram a porta aberta.

DXI

O saber não occupa logar.

DXII

Ou lido ou corrido — é o mais sabido.

DXIII

Filhos de meu primo-irmão, meus sobrinhos são.

DXIV

Se tua mulher te mandar deitar d'um telhado abaixo — pede a Deus que elle seja baixo.

DXV

Mais valem trétas, que lettras.

DXVI

Dinheiro, virtude e castidade — a metade da metade.

DXVII

Dos erros comem os *escrivões*.

DXVIII

Ladrão que rouba a ladrão tem cem annos de perdão.

DXIX

Depois de roubado, portas novas.

DXX

Depois de servido — adeus meu amigo.

DXXI

Do conto come o lobo.

DXXII

De bôas intenções está o inferno cheio.

DXXIII

Depois de morto, cevada ao rabo.

DXXIV

Depressa e bem — não o faz ninguem.

(*Continúa*)

(Da tradição oral, em Serpa)

M. Dias Nunes

ADUBOS CHIMICOS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Fundada em 1865

FORNECEDORA DA CASA REAL

Marca da fabrica registada

C. U. F. (PARA SACCAS).

Endereço telegraphico	Numero telephonico
Fabril-Lisboa	**501**

FABRICA DE ADUBOS CHIMICOS

Elementares, compostos e mixtos, purgueira e outros bagaços

BAGAÇOS MIXTOS

Adubos para todas as culturas e em harmonia com a qualidade das terras
Riqueza garantida em azote,
acido phosphorico assimilavel, potassa e cal.

Pureza absoluta de corpos prejudiciaes ás plantas ou ás terras

Para garantir à maior efficacia no emprego dos adubos chimicos e sempre que se trate de encommendas superiores a 100$000 réis, a COMPANHIA UNIÃO FABRIL, escolherá a pedido do comprador a fórma especial do adubo que convenha á cultura a que a terra é destinada e á sua composição chimica quando lhe mandem uma amostra, levantada segundo as instrucções que fornece e sem que o lavrador tenha que dispender coisa alguma com este trabalho especial.

GRANDES FABRICAS

Largo das Fontainhas e Rua Vinte e Quatro de Julho, 940

LISBOA

PREÇOS OS MAIS REDUZIDOS DO MERCADO

MASSA DE MENDOBI
Para engorda e sustento de gado cavallar e vaccum

MASSA DE PURGUEIRA
Para engorda e sustento de gado suino e adubo de terras

MASSA DE LINHAÇA
Para engorda e sustento de gado cavallar e vaccum

MASSA DE PALMISTE
Para adubo das terras

Envia preços e catalogos a quem fizer o pedido á

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA

Volume VI

· Anno VI

N.º 2

SERPA (PORTUGAL), Fevereiro de 1904

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

E M. DIAS NUNES

SUMMARIO

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Em Portugal, serie de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o Estrangeiro, serie de 12 numeros .... 8 fr.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO

Cada numero 1 fr.

Paris — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
Londres — F. FISHER UNVIN, Publisher — 11, Paternoster Buildings.
Berlin — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO Serpa

Venda avulso no paiz

100 RÉIS CADA NUMERO

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*
Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*
Coimbra — *Livraria França Amado*
Braga — *Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª*
Vianna do Castello — *Livraria Academica e Religiosa*

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Sousa Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, explendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.),* ***

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva, A. J. Torres de Carvalho, M. Dias Nunes, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Sousa Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.).*

QUINTO ANNO

1903

12 numeros, de formato in-4.º maximo, illustrados de numerosas photogravuras e zincographias, e contendo artigos de: *Arronches Junqueiro, A. Thomaz Pires, D. Antonio X. Pereira Coutinho, A. R. Gonçalves Vianna, Alberto Pimentel, D. Antonio de Mello Breyner, Dr. Candido de Figueiredo, Conde de Sabugosa, Conde de Arnoso, Costa Caldas, Celestino Soares, M. Dias Nunes, D. Elvira Monteiro, F. d'Assis Orta, Dr. Graça Affreixo, José da Silva Picão, D. João da Camara, Julio de Lemos. José Orta Cano, Dr. Ladislau Piçarra, Manuel Ramos, Pedro A. d'Azevedo, Ramalho Ortigão, Dr. Sousa Viterbo, Dr. Thomaz de Mello Breyner, Dr. Theophilo Braga..*

Anno VI — N.º 2 SERPA, Fevereiro de 1904 Volume VI

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Imprensa Africana — Rua de S. Julião, 58 e 60 — LISBOA

A Tradição

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA E M. DIAS NUNES

CAÇADORES E MATADORES DE LOBOS

A HISTORIA da caça anda intimamente ligada á zoologia, pois á caça se deve attribuir em grande parte a extincção de alguns animaes, que outr'ora povoaram o sólo portuguez.

Outros, se não desappareceram completamente, teem hoje o seu *habitat* muito restricto. Os lobos são dos que mais tenazmente teem luctado, resistindo á acção destruidora, sobre elles constantemente exercida. Ainda hoje, em mais de um povoado, se organisam batidas em fórma contra aquelle terrivel carnivoro e municipios ha que offerecem premios a quem apresentar alguma cabeça de lobo ou ninhadas d'elles.

No fim do seculo XVI ainda nas brenhas de Cintra se caçavam cervos e veados. Dá d'isso testemunho nada mais nada menos, D. Filippe II nas cartas que dirigiu a suas filhas por occasião de vir tomar posse do reino de Portugal. Em 2 de outubro de 1581, escrevia elle de Cintra, narrando a sua visita ao convento de Penha Longa, o seguinte:

«Y el sábado, que hera su dia, (ant Miguel) estuvimos alli y nymos misa y sermon, y yo visperas, porque my sobrino fué á caça y mató un venado, y oyó bromar no sé quantos ciervos ay por alli.» (*)

São muitos os documentos registados nas chancellarias reaes ácerca da caça, falcoarias, creação de aves de presa, passarinheiros, etc. Vou dar aqui um excerpto das notas que tomei a tal respeito, enumerando uns quatro matadores e caçadores de lobos, que que exerceram as suas funcções officiaes no periodo da dominação filippina.

Como se os caçadores portuguezes escasseassem ou não fossem sufficientemente destros, mandou o cardeal archiduque d'Austria, sobrinho de D Filippe I, que em seu nome governava o reino, vir de Castella a Domingos Fernandes e Francisco Sanchez, o primeiro dos quaes teria de ordenado annual quinze mil reaes, e o segundo dez mil, que começariam a vencer de 12 de março de 1589. O respectivo alvará, de 16 de maréo de 1590, é do teor seguinte:

«Eu El Rey faço saber aos que este alvará virem que por fazer mercê a Domingos Fernandez e a Francisco Sanchez, que mãdey vyr de Castela pera este Reyno pera matarem os lobos, ey por bem que elles tenhão e ajão de ordenado cada anno a custa da minha fazenda vinte e

(*) Gachard, *Lettres*, pag. 116.

cinquo mil rs.—s—X—b rs. Domingos Fernandez e os—Xrs. Francisco Sanchez, os quais XX—brs começarã a vencer de doze dias de março do anno passado de b.e bxxxix em diante, em que começarão a servir por mandado do cardeal archeduque, meu muito amado e presado sobrinho e irmão. Nottefico o asy e mando a dom Fernando de Noronha, conde de Linhares, do meu conselho do estado e védor da minha fazenda que lhes faça assentar no livro das ordinarias della e despachar cada anno pera lugar onde delles aja bom pagamento emquanto andarem neste serviço e lhe serão pagos com certidão do meu monteiro mór de como servem, e este alluara ey por bem que valha. João Alvez o fez em Lisboa a xbj dias de março de mil b R. E eu G. F. Rodovalho o fiz escrever. (*)»

Sabe-se da existencia, pela mesma época, de João Lopes, lobeiro, que ha bastantes annos se empregava com diligencia e cuidado em laçar os lobos nas coutadas reaes. Por este motivo, attendendo aos seus serviços lhe foi concedida a mercê de vinte mil reaes de tença, que começaria a vencer de 11 de novembro de 1591, segundo determina a carta de 9 de janeiro de 1592, concebida nos seguintes termos:

«Dom Filipe, etc., aos que esta minha carta virem faço saber que avendo respeito aver alguns annos que João Lopez, lobeiro, serve com diligencia e cuidado de laçar lobos nas minhas coutadas, hei por bem de lhe fazer merce de vinte mil rs. de temça em cada hum anno, os quaes vimte mil rs. de temça comecou a vencer de omze dias do mes de novembro do anno passado de quinhetos noventa e hum em diante, em que lhe delles fiz merce, que lhe serão pagos com certidão do meu momteiro mór de como procede com diligencia na dita caça dos lobos, e por tanto mãodo aos ueedores de minha fazenda que lhe fação assentar os ditos vimte mil rs. de temça no livro della, e levar cadanno na folha do assentamento para lugar aonde delles aja bom pagamento. E para firmeza de todo lhe mãodei dar esta carta por mim assynada e passada pella minha chancellaria e assellada com o meu sello pemdemte. Dada na cidade de Lisboa a nove dias do mes de janeiro. Mateus de Carnyde a fez—anno de nosso Senhor J. C. X—po de mil quinhentos noventa e dous. E eu Gaspar Fernandes Rodovalho a fiz escrever. (*).»

Em carta de 25 de maio de 1622 era André Fernandes nomeado monteiro-mor dos lobos e mais bichos da villa de Leomil, comarca de Lamego. Esta nomeação fora feita a requerimento do interessado, que allegava, em vista da lei que prohibira as espingardas, ter crescido o numero dos lobos, raposas e outros animaes damninhos, que infestavam os contornos d'aquella villa, havendo-o a respectiva camara elegido para fazer a montaria áquelles bichos. A respectiva carta, está redigida da seguinte fórma:

«D. Filippe, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que confiando eu de Andre Fernandez, morador na villa de Leomil, da comarca de Lamego, que no que o encarregava servira bem como cumpre a meu serviço e bem das partes, e por me enviar dizer por sua pittição que no termo da ditta villa avia muitos lobos, raposas e mais bichos, que nos gados do contorno da ditta villa fazião muita destruição, e ora por a prohibição das espingardas por a lei

(*) Torre do Tombo, chancellaria de D. Filippe I. *Doações e mercês* L.º, pag. fl. 281 v.

(*) Idem, chancelaria de D. Filippe II, *Doações e mercês*. L. 2.º fl. 24.

Costumes & Perspectivas

Uma contrabandista (de Barrancos)

que ordea (!) se criarão em meio numero, e que a camara da ditta villa o enlegia para fazer a montaria dos dittos lobos e mais bichos por ser apto para isso e por ha informação que tive do dito Andre Fernandez que nisto me servira bem como cumpre a meu serviço e por ser em utillidade e prol do povo e termo da dita villa, hei por bem de lhe fazer merce do officio do monteiro mor dos lobos e mais bichos da dita villa de Leomil. Dada na minha cidade de Lisboa aos vinte cinco dias do mes de maio. El-Rei nosso senhor o mandou por Jorge de Mello, que ora serve de seu monteiro mor deste Reyno por seu especial mandado, Mendo Roiz de Carvalho, escrivão de seu cargo, por o dito senhor a fez- -anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil e seiscentos e vinte e dous annos. (*)»

Os archivos municipaes devem por certo fornecer curiosos subsidios para o estudo de um assumpto, que deixo aqui levemente esboçado.

Lisboa, 11-1-1904.

SOUSA VITERBO.

(*) Idem, chancelaria de D. Filippe II *Doações e mercês*. L. 38, fl. 316 v.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

O' minha pombinha branca

O' minha pombinha branca,
Já não tenho portador,
Já não tenho quem me leve
Esta carta a meu amor.

Está carta a meu amor,
Esta carta a meu bemzinho.
O' minha pombinha branca,
Lindo amor, dá-me um beijinho!

(Serpa).

Elvira Monteiro.

Denuncias á Inquisição de Lisboa

I

Eu abaixo assinado, para descargo da minha consciencia, e não por odio ou vingança, denuncio: Primeiramente ao sr. Rollim, cabelleireiro Francez, o qual fallando comigo a respeito da salvação dos Protestantes me deu a entender e me disse com palavras formaes que não dava creditto a este artigo de Fé, e não o tendo elle, pois, por artigo como o é, deu-me suas más razões. E por outra vez tornando-lhe a falar para me desenganar se era ou não aquella resposta os seus sentimentos, não para isto, mas sim para vêr se elle retratava as suas heresias, me respondeu, que não queria fallar nisso, e dizendo algumas palavras me mostrou pelo menos duvida do artigo: e isto pode haver tres semanas.

Sugundamente ha-de haver couza de anno e meio fallando com o sr. Joaquim de Brito, que mora ao pé do Duque, ao Grillo, a respeito do actual governo de França lhe disse eu que o dito governo não podia assim subsistir por não ter Religião, ao que me respondeu, que eu era bom de crer semilhante cousa, dizendo-me que todo o homem podia viver sem Religião, negando por consequencia a nossa Santa Religião por inteiro. Não denunciei este homem logo por (me parece) não saber a obrigação que tinha de o fazer, o que faço agora.

Terceiramente: a João Baptista Waltmann que mora defronte da rua das Flores a S. Paulo, o qual (ha perto ou mais ou menos de 3 annos) o qual me disse fallando a respeito do Santissimo Sacramento do altar me disse ser um simulacro.

Quartamente denuncio ao sr. Prias, francez, que mora ao Chiado, ter loja de pelles, o qual estando eu hontem sentado na sua loja, pela primei-

Cancioneiro musical

II

O' minha pombinha branca

Musica recolhida por *D. Elvira Monteiro*

(CHOREOGRAPHICA)

ra vez me parece que lá me assentei que me lembre, contou um homem que ali estava, uma historia e vem a ser: indo-se uma vez confessar-se um francez em França a um barbadinho e sobre o Padre lhe fallar de inferno lhe disse, oh, Padre! mas se não o ha V. R. fica bem enganado? Ao que disse o tal Prias, e eu creio que nos enganamos bem no nosso calculo, o que eu attribui á historia, tudo isto foi dito em francez, ou senão quasi tudo.—Jacques Jourdan, filho de João Jacques Jourdan, assistente na Rua da Emenda, n.º 8.

II

Eu abaixo assinado Jacques Jourdan, filho de João Jacques Jourdan, negociante de nação franceza denuncio por diante deste tribunal do Santo Officio o ter ouvido em minha casa , Rua da Emenda, bairro das Chagas, dizer a um rapaz chamado Joaquim de Brito, o qual esteve em França e é valido do Sr. Duque de Alafões, assistindo ou em sua casa ou ao pé delle, dizer que se podia viver sem religião, negando (quanto me parece) a sua divindade e apontando-me por autor o Abbade Raynal; nunca mais lhe fallei com o dito, desde ha-de haver 2 para 3 annos, parece-me ter já dito isto mesmo neste Tribunal, porém, na duvida o faço de novo.

Declaro mais ter ouvido em sua casa propria sita na Rua Direita do Loreto para os Paulistas, á mão esquerda, no quarto ou terceiro andar por cima de um armazem de vinhos, passando a Rua da Emenda, ter ouvido, digo, ao Reverendo Padre João Cypriano (me parece é o seu nome) em sua mesma casa varias proposições tendentes a favorecer os erros dos modernos, isto é Jansenistas e Quenuelistas; como por exemplo: que nas Proposições de Quesnel condenadas pela igreja achava algumas das quaes não achava a mal: a respeito da famosa contenda do facto e direito dizer que a Igreja tinha condenado sem as proposições mas que Jansenio as tivera dito em outro sentido. A primeira das duas cousas, isto é, que não achava, que não podia vêr o mal de algumas proposições de Quesnel, isto me disse elle como de si proprio, quanto a outra de sentido de Jansenio, e as seguintes creio que m'as disse como relatando as palavras de outrem, mas, dizendo sempre que o que a igreja tinha feito era bem feito, mas ao mesmo tempo não desapprovando os sentimentos dos outros; athé me disse que havia quem dizia ou duvidasse se os clerigos tinhão ou não voz em concilio (deliberativa se deve entender, pois, só quem não pensar terá contenda, se elle a teve ou não consultiva), tambem que a bulla *Unigenitus*, não tinha sido aceita, e não me lembra se mais alguma cousa disto ha de haver uns poucos de mezes pelo menos. Não fiz logo esta declaração por ter consultado pessoa que assim me aconselhou não pensando que ahi houvesse materia, porém, para depois me descansar a Consciencia me disse de fazer—Jacques Jourdan.

O dito Padre João Cypriano é coadjutor da freguezia da Encarnação.

III

Eu abaixo assignado não por odio mas sim por descargo da minha consciencia denuncio o ter ouvido dizer a meu tio José Antonio Moreira (falando a respeito do papel sellado) que era cousa que elle não fazia tenção de gastar assim como folhinhas, nem bullas. Sobre eu me oppor a isto mesmo o dito quiz provar ao que meu Pae deu consentimento e meus irmãos José e Antonio. O primeiro não estava presente, mas logo que ouviu fallar veiu e disse alguns despropositos e meu irmão Antonio como é beneficiado não fallou a favôr, dizendo que se lhe pedia pelo seu beneficio não sei quanto para a bul-

la, mas que elle ia com as turbas e tenho uma ideia confusa de elle dizer que este anno havia de ser mais barato, de sorte que este... que falava não estou bem certo.

Depois de este acontecimento estando-se fallando de dispensas, me parece disse meu pae que o papa podia da-los emquanto homem, mas que por direito divino, não, ou cousa assim; mas ajuntando que elle as dava por empenhos. E demais elle diz cousas que se quasi contradizem, assim não se pode dizer pontualmente, o que elle quer dizer, nem o que pensa.

Depois do primeiro acontecimento não sei se antes do segundo fallando de novo com meu tio lhe disse que nem podia comer ovos nem laticinios sem a dita bulla, explicando lhe como pude o espirito della, ao que me respondeu: eu as não como; e tornando eu a dizer-lhe que talvez os tivesse comido (ovos) me disse seria parcella pequena, e eu fallava de molho feito com *ovos, isto é de* sopas, donde poderia ter levado alguns ovos desfeitos.

O meu tio assiste em Pontevel, a sua gente sempre lhe toma a bulla, creio eu. Em casa ainda que meu pae assim fallou compra não somente as bullas para si mesmo como penso, mas tambem para mim e meu irmão.

A este respeito de comprar bulla é que me parece meu irmão João disse, que emquanto lh'as comprassem a teria, doutro modo a não compraria.—Lisboa, de julho — *Jacques Jourdan.*

Creio que a intenção do meu irmão Antonio, não era dizer que não havia de tomar bulla, mas de dar menos esmola que aquillo que lhe obrigão quasi a dar.

IV

Eu Jacques Jourdan, morador na rua da Emenda, freguezia de Nossa Senhora da Encarnação, filho de João Jacques Jourdan, negociante francez, não por motivo algum que por descargo da minha consciencia, denuncio adeante deste tribunal do Santo Officio, ter ouvido dizer a meu irmão João Jourdan, assistente na mesma casa de meu pae, Rua da Emenda, que elle João Jourdan ouvira e vira ao Francisquinho (isto é o nome que dão ao filho, me parece, o mais velho, da viuva de Pedro Gonçalves dos Santos, a qual assiste, creio, na Rua dos Algibebes, e é casada com Francisco José Cardoso, mercador da Rua Augusta), creio, tambem, que o dito Francisco assiste com a mãe e o padrasto na dita rua dos Algibebes—o qual Francisquinho estava comendo presunto no botequim da Opera de S. Carlos em um dia de peixe, e lhe offerecera da dita merenda, haverá disto, pouco mais ou menos 16 dias ou 18, mais ou menos; e por pensar estar obrigado a dar esta denuncia o faço mas não por qualquer outro motivo. Lisboa 17 maio 1798—*Jacques Jourdan.*

(Inquisição de Lisboa, n.º 13453—Archivo Nacional).

PEDRO A. D'AZEVEDO

BANCO RURAL DE SERPA

(Continuado de pag. 8)

AINDA, em 29 de outubro de 1690, no respectivo livro, se acha o auto de correição, em que o dr. Manuel da Costa Lemos, juiz de fóra em Beja e ouvidor d'esta comarca, perguntou — se se observava o costume de se não darem roças na Serra Grande, sendo-lhe respondido — que tinham provisão de sua magestade para darem roças, cujo rendimento era para o celleiro commum. O alvará ou provisão é do theor seguinte: «Eu, el-rei, faço saber que havendo respeito ao que por sua petição me representão os officiaes da camara da villa de Serpa, em razão

de que por quasi todos os moradores da dita villa entenderem da cultura das terras, por ser este o unico trato d'ella, podessem assim os lavradores, como os pobres, quando ha esterilidade de pão por na dita villa não haver celleiro commum como ha em outras partes, e porque no termo d'aquella villa ha quatro coutadas do concelho, uma das quaes chamada a da Boiada, é terra sufficiente para n'ella se semear trigo e mais sementes, como tambem a da Serra Grande, e do rendimento d'ellas se pode dar principio a um celleiro commum; me pediam lhes fizesse mercê conceder licença para semearem as ditas terras e do seu procedido se fazer o dito celleiro, cuja execução e repartição se regulará pelo da cidade d'Elvas e na mesma fórma o que concedeu á villa d'Extremoz.

E visto o mais que allegaram e informação que se houve pelo provedor da comarca da cidade de Beja e resposta da gente da governança e povo da dita villa que sendo ouvidos sobre este requerimento não tiveram a elle duvida, Hei por bem que na dita villa de Serpa se faça deposito commum de trigo, o qual se governará á similhança e pelo regimento do celleiro commum da cidade d'Elvas, e para este celleiro mais brevemente se effectuar o juiz de fóra e mais officiaes da dita villa darão de semeadura e arrendamento ao quarto as terras da dita coutada chamada Boiada e as da Serra Grande na conformidade da resposta e consentimento que deram as pessoas da governança e povo da dita villa, cuja copia aqui vae junta assignada por Francisco Pereira de Castello Branco, escrivão da minha camara. E o dito juiz de fóra e vereadores serão bons executores dos arrendamentos e cobranças dos quartos, evitando todo o descaminho do que for pertencendo ao dito celleiro, e para mais breve augmento d'elle logo no primeiro anno e mais seguintes sendo já semeadas as ditas terras, darão conta na Mesa do Desembargo do numero e moios das terras semeadas, com as razões juntas do que é mais conveniente e livre de descaminhos, se o arrendarem-se os ditos quartos a uma pessoa que por sua conta e risco os cobre dando para o dito celleiro certa quantia de moios e alqueires, ou cobrarem-se por ordem do juiz e vereadores singularmente de cada um dos lavradores das ditas terras. E ao provedor da comarca mando que todos annos tome contas dos arrendamentos, cobranças, distribuição e despezas d'este celleiro, do qual se não levará salario algum emquanto não tiver dentro cem mois de principal, e esta graça de se darem a semear ao quarto as ditas terras durará sómente até o dito celleiro ter duzentos moios de principal, e tendo-os se irá governando á maneira e pelo regimento da cidade d'Elvas e d'Extremoz em tudo o que ao da dita villa de Serpa se puder applicar.

E quanto a casa para este celleiro, se alugará por ora uma boa e capaz á vista do pão do celleiro, e achando-se pelo tempo adiante ser melhor comprar ou fazer de novo casa propria do celleiro por elle ter já tanto crescimento de trigo que a elle se possa haver commodamente o dinheiro necessario para compra ou feitura d'elle m'o farão presente para lhes mandar deferir como for mais justo, cumprindo-se este alvará como n'elle contém e valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de um anno sem embargo da ordenação, livro segundo, titulo quarenta, em contrario, e pagou de novos direitos quinhentos e quarenta réis que se carregaram ao thesoureiro d'elles, a folhas 107 do livro segundo de sua receita, como se viu por seu conhecimento, registando-o no livro primeiro do registo geral dos ditos novos direitos, a folhas 88.

Thomaz da Silva o fez em Lisboa a 27 de maio de 1690. Francisco Pe-

reira de Castéllo Branco o fez escrever.— REI. — *O Monteiro Mór*.

(*Continúa*).

A. DE MELLO BREYNER.

O MILAGRE DA TRONCANITA

AINDA ha bem poucos annos, via-se mendigar pelas ruas de Serpa uma velhinha octogenaria, chamada Maria de Guadalupe Troncanita.

A velha Troncanita, como vulgarmente a designavam, tornára-se celebre, porque, em sua humilde pessoa, havia-se operado um grande milagre, tão extraordinario esse milagre que ficára profundamente gravado na memoria do povo serpense, e até figura numa das nossas selectas escolares.

A historia do maravilhoso acontecimento tive eu a dita d'ouvir da propria bôca de Troncanita, em novembro de 1897, contando ella nessa occasião 88 annos d'edade approximadamente. Essa historia contou-m'a a pobre velhinha muito commovida, com a voz tremula e entrecortada de lagrimas. Evidentemente, as suas palavras não occultavam o menor disfarce.

Passemos á interessante narração:

Teriam decorrido uns 39 annos, —disse-me a velha Troncanita,—falleceu lhe uma filha casada, que deixou na orfandade uma creancita do sexo masculino, tendo apenas 3 dias d'edade. A Troncanita, muito afflicta por causa do seu infeliz netinho, pois não encontrava quem o amamentasse, de mãos postas e joelhos no chão, durante tres semanas, pediu a Nossa Senhora de Guadalupe que «lhe deparasse uma ama» para aquelle innocentinho. E com fé tão ardente foram proferidos seus rogos, que um bello dia, estando Troncanita a lavar uns cueiros do neto, no tanque da horta dos «Pisões», onde ella era hortelôa, sentiu os peitos apojados, e, ordenhando-os immediatamente, viu com grande pasmo que dambos esguichava em abundancia o leite providencial.

Quando este facto succedeu, já havia onze annos que Troncanita tinha dado á luz o ultimo filho, e, por conseguinte, desde ha muito que o seu leite seccára. Nestas condições, é facil de calcular o assombro que um tal fenomeno produziria no espirito publico!

A noticia espalhou-se rapidamente, e muita gente correu logo a casa de Troncanita para certificar-se *de visu* de tão singular occorrencia. Com effeito, a mystica e carinhosa avó lá estava alimentando o neto com o seu proprio leite.

A secreção lactea nos seios apparentemente atrofiados de Troncanita, era uma realidade que ninguem podia contestar; o que, porém, surprehendia toda a gente, eram as circumstancias anormaes em que se produzia aquella funcção organica. Comtudo, o facto ali estava patente aos olhos de todos, e tão impressivo que passou—como era naturalissimo—á tradição oral.

O mesmo acontecimento acha-se commemorado num pequeno e modestissimo quadro, existente na ermida da Guadalupe, cuja pintura representa, dum lado N. S. de Guadalupe com o menino Jesus, e, do outro, Maria Troncanita aleitando o neto, tendo ao pé de si um cão grande, que sempre a acompanhava. Entre estas duas pinturas, destaca-se uma pequena gravura representando uma mesa sobre a qual se vê um crucifixo.

Por baixo lê-se o seguinte distico:

—«Este quadro representa o portentoso milagre que fes N. S. de Guadalupe em obsequio de um me-

nino que ficou sem mãi apoucos dias de ter nasido, é neto de Maria Troncanita, e foi o dia des de outubro de 1868, que vendo o menino sem sustento pediu de todo coração a N. S. a dita avô do menino mulher de 50 annos, que lhe deparasse quem lhe desse de mamar, e ao poco tempo foi tanta a abundancia de leite que teve a sua avô, que já ficava satifeito.»

*

Convém notar que a lactação de que vimos falando, não se limitou a um fenomeno fugaz, que apparecesse e desapparecesse como que por encanto; pelo contrario, manteve-se por um longo periodo de 14 mezes, que tantos foram os que durou a amamentação, e ao fim dos quaes morreu a creança.

Por mais extraordinario e anomalo que pareça este facto, não podemos deixar de considerá-lo como authentico, visto que razão alguma se nos apresenta em contrario. Todavia, não é caso unico, outros identicos a sciencia registra. Apontam-se até alguns factos excepcionaes de mulheres que tiveram leite capaz de amamentar, embora essas mulheres nunca tivessem concebido. No proprio homem tem-se manifestado já a secreção lactea. (*) Mas, nem por isso, o caso de Troncanita deixa de ser muito interessante, revelando-se como um effeito da suggestão religiosa.

Psychologicamente, explica-se pela incontestavel influencia que as imagens e as ideias exercem sobre as funcções da vida vegetativa.

A ideia da amamentação que tão intensamente agitava Maria Troncanita, é que, indubitavelmente, actuou por intermedio dos nervos sobre os elementos histologicos das glandulas mammarias, fazendo-as segregar o almejado leite.

LADISLAU PIÇARRA.

(*) J. Béclard—Traité Élémentaire de Physiologie, 7e édition, p. 706.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

Segunda parte

(Continuação de pag. 7)

XIII

Pegue na viola,
Faça-a retinir,
Meu amor 'stá longe,
Faça-o aqui vir.

VIV

Em ouvindo uma viola
Fico armado no ar...
Já me não assenta a bola
Emquanto me não casar!

XV

Quem me dera ser rainha
Para meu throno te dar,
Ou então ser muito rica
Para tudo te offertar!

XVI

Toda a mãe que ama a filha,
N'ella se está enlevando;
Vem de lá um maltrapilho,
Pega n'ella, vae se andando!

VVII

Ha gentinha que se presta
Para dar má novidade;
Custando, não me custava,
Se fallassem a verdade.

XVIII

Meu amor passou, fallou,
Eu resposta não lhe dei;
Olhou para mim, sorriu-se...
Eu meus olhos lhe baixei.

XIX

Levo as noites inteirinhas
A pensar em meu destino;
Meia noite já soou,
Alta torre bate o sino.

XX

Suspiro quando não vejo
O rosto d'um bem que adoro,
Alegro-me na presença,
N'uma ausencia triste chóro.

XXI

Todas as noites eu vou
Assentar-me á tua porta,
Espalhar lyrios na campa
D'uma saudade morta.

XXII

Inda que o papel me custe
Um vintem, que é conta certa,
Não deixarei de escrever
Cartas á villa de Serpa.

XXIII

Fui-me deitar a dormir
A' sombra d'esse teu rosto:
Deitei-me no mez de Maio,
Acordei no mez d'Agosto.

XXIV

Cada vez que eu vejo vir
Passarinhos á lagôa,
Lembra-me que são cartinhas
Que me mandam de Lisboa.

(*Continúa*)

(Da tradição oral, em Serpa)

M. Dias Nunes

MISCELLANEA TRADICIONISTA

Para que as creanças sejam mansas

I — Leva-se a creança á ermida de N. S. da Consolação, e bate-se-lhe com a nuca, tres vezes, sobre a *pedra de ara* do altar.

II — No dia do baptisado, quando a creança regressa a casa, vinda da egreja, cobre-se-lhe a cabeça com o chapeu do padrinho.

(*Brinches*).

*

A terça-feira

A' terça-feira, não cases filha, não deites gallinha, não embarqueis — que em tempos tão desabridos — são trabalhos conhecidos.

(*Safara*).

*

Arco iris

Em Serpa, os rapazes, ao verem o *arco iris*, vulgo o *arco da velha*, exclamam:

—«Arco da velha,
Tira-te dahi,
Que as moças bonitas
Não são para ti.»

★

Contra o raio da trovoada

A parte restante do madeiro que ardeu na noite de Natal, Anno Bom ou Rêis, posta á porta da casa, livra do raio da trovoada.

(*Brinches*).

*

Contra as sezões, terçãs e quartãs

O doente sái de casa «a deshoras» e dirige-se a um poço fóra da povoação, lança no interior deste um punhado de sal e profére as seguintes palavras:

—«Deus te salve San Pellão!
Sezões trago, e sezões são,
E ellas aqui ficarão,
E p'ra mim não voltarão.»

(*Serpa*).

LADISLAU PIÇARRA.

Adivinhas populares

— O que é aquillo, tamanho d'uma bolota, que enche a casa até á porta?
— E' a luz.

— O que é aquillo, muito redondinho, como a pedra d'um moinho?
— E' um queijinho.

—O que é aquillo, que tem dentes e não come, e tem barbas e não é homem?
—E' uma cabeça d'alho.

—O que é aquillo, que anda sem ter pernas e fossa sem ter focinho?
—E' a agua.

—O que é aquillo, que tem pernas e não anda, e tem corôa e não diz missa?
—E' uma trempe.

—O que é aquillo, que, quanto maior é, menos pesa?
—E' um buraco.

(*Continua*).

(Da tradição oral, em Serpa)

M. Dias Nunes.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

A BONECA

Era uma vez uma mulher e tinha uma filha e a mãe fazia meias, e depois diz-lhe a mãe:

—Filha, vae hoje a vender este par de meias e compra um queijo.

E a filha foi e vendeu as meias, e em logar de comprar o queijo comprou uma boneca. E aquella boneca fazia libras. E depois a filha levantou-se pela manhã muito admirada de vêr tantas libras e foi chamar a mãe:

—Venha cá vêr se eu não fiz bem em comprar a boneca em logar do queijo.

A mãe ficou muito contente, e, já se vê, d'ahi em diante a mãe e a filha appareciam muito bem arranjadas. E diziam as visinhas:

—Então o que fizeram, que andam agora com tanto luxo?

E ellas diziam:

—Temos cá uma boneca que faz libras.

E uma das visinhas pediu a boneca emprestada. Ellas emprestaram-lh'a; mas a boneca, na casa da visinha nunca fez libras, e a visinha zangada atirou com a boneca para o quintal proximo, que era o quintal do principe. E a boneca apanhou-se ás pernas do principe e não houve poderes para a arrancar d'ali. O rei mandou deitar um pregão: Quem fosse capaz de tirar a boneca das pernas do principe, sendo mulher casava com elle, sendo homem recebia uma tença. E depois a Maria, que tinha comprado a boneca, foi lá e disse para a boneca:

—Anda cá, minha menina.

E ella foi e começou logo a fazer libras no collo da Maria. E o principe casou com ella. E seja Deus louvado.

(Elvas)

*

O sabor dos sabores

Havia um rei que tinha tres filhas e um dia chamou-as e perguntou á mais velha: Por onde me queres tu, minha filha?—Pela alma, respondeu ella. E perguntou á segunda:—E tu? —Pelo coração. E fez a mesma pergunta á terceira filha, que lhe respondeu: «Eu quero tanto ao meu pae como ao sabor dos sabores». O pae zangou-se com esta resposta, porque entendeu que não era querer-lhe bem, e mandou-a pôr fóra do palacio. Ella arranjou as suas joias e o seu fato e foi a correr mundo. Chegou lá a outro reino, foi a palacio do rei e perguntou se precisavam de uma creada; disseram lhe que sim e mandaram-n'a guardar patos. Ella, quando ia para o campo, estendia no chão as suas joias e punha se a olhar para ellas muito triste. Os patos, como viam luzir, começavam a picar, e ella punha-se com um pausinho a apontar e a dizer:

«Pato aqui, pato ali,
Filha de rei a guardar patos,
E' coisa que nunca vi.»

Depois matava um e levava-o para o palacio, e todos os dias matava um. O principe, admirado de tanta morte nos patos, foi espreital a, e como lhe visse as joias e ouvisse as palavras, disse: «Tato! temos princeza!» E quando foi para palacio contou tudo ao pae, e disse que queria casar com a princeza.

Quando a rapariga chegou ao palacio foi mettida em confissão pelo rei, e ella contou tudo. Perguntou-lhe o rei se queria casar com o principe, e ella disse que sim, mas que o pae d'ella havia de ser convidado para o casamento, e que a comida que o pae havia de comer ella é que a queria fazer. Assim foi, e em todas as comidas não deitou sal. O rei de tudo que começava a comer de nada gostava, e ficou sem jantar. Diz-lhe agora a filha: «Vossa real magestade porque não comeu?» E respondeu o rei: «Pois que gosto tem a comida sem sal?—Então porque me pôz fóra do palacio por eu lhe dizer que lhe queria tanto como o sal, que é o sabor dos sabores?» O pae arrependeu-se muito do mal que tinha feito á filha, que não o tinha offendido; mas ficou muito contente por a ver casada com o principe. Colori, colorado. está meu conto acabado.

(Elvas)

*

Palmas verdes

Era de uma vez um conde e uma condessa e o rei sympathisava muito com a condessa, mas ella era muito honrada. Um dia mandou o conde em serviço a outra terra, e ao conde pareceu lhe isto historia, porque nos outros dias já tinha ido elle, em vez de outros, ao mesmo serviço. E não foi e escondeu-se. A' noite a condessa foi-se deitar e depois de a apanhar dormida debaixo dos cortinados, que eram de damasco ás parras verdes, foi elle o conde e deitou com um peneiro farinha á roda da cama, e sahiu. Foi o rei e a condessa estava a dormir e não o sentiu. Apartou os cortinados, esteve a olhar para a condessa, e depois sahiu. No outro dia veio o conde e vê pégadas de homem na farinha; e a condessa a dormir. Elle não disse nada; mas d'ahi em deante os seus dias eram muito tristes e os d'ella ainda mais, porque o conde nunca mais quiz comer com ella e nem mesmo queria dirigir lhe a palavra. Um dia contaram ao rei como elles viviam e o rei convidou os dois para irem jantar a palacio. Elle disse que ia, mas ella não, porque estava doente. O rei teimou e obrigou-os a ir. Foram; jantaram, e quando foi ás saudes deitaram todos os tres as saudes, sendo assim; a primeira foi a da condessa:

Já fui querida e estimada,
Agora não o sou nem serei,
Porque ou porque não,
Isso é que eu não sei.

O conde:

Eu na minha vinha entrei,
Rasto de ladrão achei,
Se provou ou não das uvas,
Isso é que eu não sei.

O Rei:

Eu é que fui o ladrão,
Eu na tua vinha entrei,
Parras verdes levantei,
Com esta me cortem as guelas
Se nas uvas eu toquei.

(Elvas)

*

O principe encantado

Era d'uma vez tres irmans que sahiram da sua terra; mas na terra para onde foram havia o costume de cada pessoa fazer o seu fato, e ellas não sabiam costurar; queriam dar os

seus vestidos a fazer e não havia quem tomasse conta d'elles, e decidiram por fim ir morar para outra terra.

No caminho foram ter a uma estalagem e perguntaram se havia algum quarto para ellas.

A estalajadeira disse que não, que tinha tudo cheio; mas, se quizessem, havia na frente umas casas para onde podiam ir, mas que apparecia lá um medo.

Ellas disseram:—Não tem duvida. E foram. E á noite disseram as duas mais moças: Vamo nos a deitar. E disse a mais velha: Vão vocês, que eu ainda fico. E ficou; estava quasi a escabeçar com somno e ouviu dizer: *Eu cáio, ou não cáio?* E assim que ouviu isto foi se a fugir e metteu se na cama com as duas irmans.

Na outra noite ficou a do meio. Aconteceu-lhe o mesmo. E na noite do outro dia ficou a mais moça. Quando ouviu dizer:—*Eu cáio, ou não cáio?* respondeu: Pois cae para ahi. E pela chaminé abaixo cahiu um mólho de chaves. E ella disse:—Chaves? N'algumas fechaduras hão de servir. E foi abrindo portas e mais portas d'aquella casa, até que chegou a uma casa onde havia uma cisterna, e sahiu d'ella um preto, que disse: Foste muito valente! E's capaz de fazer outra coisa? Então o que é?—E' montares-te nas minhas costas e irmos por essa cisterna abaixo. — Pois vamos.

Foram-se cisterna abaixo e lá ao fundo chegaram a um palacio; entraram, mas a rapariga não viu ninguem em nenhuma das salas, e nos outros dias tambem ninguem viu, senão o preto. E todas as noites, antes de se deitar, tinha á cabeceira da cama um copo de doce, que comia, e dormia-se logo a somno solto.

Um dia disse ao preto que tinha saudades das suas irmans e que ia vêl-as.

O preto não queria, mas ella tanto teimou, que conseguiu. E diz-lhe agora o preto: «Ha de ser com uma condição: hade-se demorar só tres dias e ao fim de tres dias hade ouvir tres assobios, ao primeiro assobio hade-se despedir de suas irmans, ao segundo hade estar á porta da casa da cisterna e ao terceiro havemos de vir cisterna abaixo».

Ella assim o prometteu. Veiu ás costas do preto, cisterna acima, e foi ter com as irmãs.

Muita festa para a festa, e contou tudo, tudo, quanto lhe tinha succedido.

Diz-lhe agora a irmã mais velha:

«Olha, quando te fores, não comas o doce que te põem á cabeceira da cama, não te durmas e põe-te á espera».

Ao fim dos tres dias soaram os tres assobios e aqui vem ella para o palacio ás costas do preto.

N'essa noite foi-se deitar, mas não comeu o doce e esperou, fazendo-se dormida.

Passado algum tempo sentiu chegar uma pessoa e metter-se na cama d'ella. Deixou-se estar, mas depois accendeu uma véla para ver quem era.

Era um principe, e toda a tremer, deixou cahir um pingo da véla na cabeça do pzincipe, que estava a dormir. Acordou o principe e disse:

«Mesmo agora me encantaste; e transformou-se n'um passarinho e fugiu.»

Ella ficou toda atarantada. Ao depois, a uma das janellas do quarto do rei d'aquella terra apparecia todos os dias um passarinho a cantar assim:

«Se el-rei soubesse
Que eu era filho d'elle,
Sopinhas de mel
Me dava a comer.»

Os criados tanta vez ouvirem isto, que foram dizel-o á rainha.

Um dia a rainha escondeu se debaixo da cama do rei e esperou o passarinho.

Veiu elle e cantou:

«Se el-rei soubesse
Que eu era filho d'elle,
Sopinhas de mel
Me dava a comer.»

E diz ella:

«Não o sabe o rei,
Mas sabe-o a rainha;
Anda cá, meu filho,
Que te faço as sopinhas »

Veiu o passarinho; a rainha mandou vir sopinhas de mel, e ao comel-as quebrou-se o encanto ao passarinho e transformou-se no principe.
Houve grandes festas no palacio e o principe foi buscar a rapariga com quem dormiu tantas noites e casou com ella.

Conto acabado, dinheiro ganhado.

(Elvas).

A Thomaz Pires.

Proverbios & Dictos

(Continuado de pag. 16)

DXXV

Queres? se diz aos doentes.

DXXVI

Quem tem bocca não manda assobiar.

DXXVII

Quem não tem bocca é que falla.

DXXVIII

Quem mexe no mel sempre lambe.

DXXIX

Agua não quebra osso.

DXXX

A cada canto um espirito santo.

DXXXI

Aldeia—cadeia.

DXXXII

P'ra quem não gosta ha de sobra.

DXXXIII

Pé velhaco não precisa sapato.

DXXXIV

Perna feia não precisa meia.

DXXXV

Primeiro nós, depois vós.

DXXXVI

Primeiro falta a bocca do que a sopa.

DXXXVII

Por bem fazer, mal haver.

DXXXIX

P'ra pouca saude, mais vale nenhuma.

DXL

Se não fosse a bota cortava-lhe a perna.

DXLI

São carnaduras—umas moles, outras duras.

DXLII

Levantar mais cedo para dizer a missa mais tarde.

DXLIII

De velho se volve a menino.

DXLIV

Uma cabra gafeirosa deseja gafar um cento.

DXLV

O pômo vedado é o mais desejado.

DXLVI

Custou, mas arrecadou.

DXLVII

Cabeça louca não precisa touca.

DXLVIII

Contra a força não ha resistencia.

DXLIX

Contas com Jorge e Jorge na rua.

DL

Tanta lida p'ra tão pouca vida!

DLI

Tardou, mas arrecadou.

DLII

Tira-te lá ganho, que perca me dás.

DLIII

Vão-se os anneis, fiquem os dedos.

DLIV

Se queres vêr teu marido morto, dá-lhe pepino em agosto.

DLV

Julga o ladrão que todos o são.

DLVI

Julgam os namorados que todos trazem os olhos fechados.

DLVII

Honra e proveito não cabem n'um sacco.

DLVIII

Dos quarenta annos p'ra riba, não molhes a barriga.

DLIX

Apregoar vinho e vender vinagre.

DLX

Mais vale tarde, do que nunca.

DLIX

Quem cedo *endentece*, cedo *irmanece*.

DLXII

Quem tarde adenta, tarde aparenta.

DLXIII

Offerecer é delicadeza; acceitar é grosseria.

(*Continua*).

(Da tradição oral, em Serpa.)

M. Dias Nunes.

Volume VI

Anno VI

N.º 3

SERPA (PORTUGAL), Março de 1904

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

E M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

SUMMARIO

TEXTO

…LLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Em Portugal, serie de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o Estrangeiro, serie de 12 numeros .... 8 fr.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO

Cada numero 1 fr.

Paris — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
Londres — F. FISHER UNWIN, Publisher — 11, Paternoster Buildings.
Berlin — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO - Serpa

Venda avulso no paiz

100 RÉIS CADA NUMERO

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*
Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*
Coimbra — *Livraria França Amado*
Braga — *Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª*
Vianna do Castello — *Livraria Academica e Religiosa*

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de : *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Sousa Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por : *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, explendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de : *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.). João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.),* ***

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de : *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva, A. J. Torres de Carvalho, M. Dias Nunes, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Sousa Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.).*

QUINTO ANNO

1903

12 numeros, de formato in-4.º maximo, illustrados de numerosas photogravuras e zincographias, e contendo artigos de : *Arronches Junqueiro, A. Thomaz Pires, D. Antonio X. Pereira Coutinho, A. R. Gonçalves Vianna, Alberto Pimentel, D. Antonio de Mello Breyner, Dr. Candido de Figueiredo, Conde de Sabugosa, Conde de Arnoso, Costa Caldas, Celestino Soares, M. Dias Nunes, D. Elvira Monteiro, F. d'Assis Orta, Dr. Graça Affreixo, José da Silva Picão, D. João da Camara, Julio de Lemos, José Orta Cano, Dr. Ladislau Piçarra, Manuel Ramos, Pedro A. d'Azevedo, Ramalho Ortigão, Dr. Sousa Viterbo, Dr. Thomaz de Mello Breyner, Dr. Theophilo Braga.*

Anno VI — N.º 3 SERPA, Março de 1904 **Volume VI**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros,* Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Imprensa Africana — Rua de S. Julião, 58 e 60 — LISBOA

A Tradição

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — **LADISLAU PIÇARRA** E **M. DIAS NUNES**

Notas historicas ácerca de Serpa

XII

Como Serpa passou para Castella — Os precedentes

Estamos chegados a um periodo, que é sem duvida dos mais confusos, mas por isso mesmo dos mais interessantes, na historia d'esta nossa região — aquelle em que toda a margem esquerda do Guadiana pertenceu a Castella. (1)

Para contar o que então succedeu não de uma maneira completa e clara—o que me não parece facil—mas ao menos até certo ponto comprehensivel, necessitamos recordar alguns factos anteriores, mais ou menos proximos.

A vida de D. Sancho II pertence á historia geral do nosso paiz; póde lêr-se, admiravelmente — talvez um pouco apaixonadamente — narrada pelo grande escriptor Alexandre Herculano; e só nos compete resumir em pouquissimas palavras aquelles dos seus acontecimentos finaes, que influiram na sorte da nossa região.

Emquanto D. Sancho conduzia as suas armas com prospera fortuna, desde Elvas até ao mar — segundo vimos em uma das Notas anteriores — as difficuldades internas iam-se accumulando medonhamente em volta d'elle. A lucta entre a corôa e o clero, já travada em tempo de seu pae, e que D. Sancho conduziu ou deixou conduzir com pouca habilidade, rude e brutamente algumas vezes, froixamente outras, havia chegado a uma crise aguda; e elle tinha contra si todos os prelados portuguezes — com rarissimas excepções — dirigidos de longe pelo papa, um poder enorme, sobretudo n'aquelle tempo.

N'esta lucta desegual, D. Sancho nem ao menos encontrava do seu lado o apoio unanime dos seus ricos-homens e senhores de terras. Nunca, em tempo algum, anterior ou posterior, a fidalguia portugueza esteve mais dividida, foi mais turbulenta e mais indisciplinada do que n'aquelle reinado de D. Sancho II. Os fidalgos de então não foram por certo mais barbaros, ambiciosos e insoffridos do que haviam sido os seus avós do tempo de D. Affonso Henriques ou de D. Sancho I; mas começava a faltar-lhes a guerra aos moiros, que era como uma valvula de segurança. Os moiros haviam sido no seculo precedente uma ameaça constante, ameaça de todos os dias e de todas as horas; e, portanto, uma peia e uma occupação para aquella dura gente de guerra, que só sabia viver em guerra. Agora, os moiros iam de

(1) Realmente a Leão; mas Leão andava já unido a Castella; e começava a dar-se geralmente o nome de Castella ao conjuncto.

vencida; defendiam-se, mas já não ameaçavam. E os fidalgos, mais descançados pelo lado do inimigo commum, voltavam-se uns contra os outros, e ás vezes contra o rei.

Em Portugal deram-se então verdadeiras batalhas campaes entre fidalgos portuguezes, como foi, por exemplo, a chamada Lide do Porto.

E para vermos quanto tudo andava baralhado, bastará reparar como n'aquella Lide se achava de um lado Martim Gil de Soverosa, o grande privado e o *alter ego* de D. Sancho; e do outro Rodrigo Sanches, o proprio tio do rei (1). E' no meio d'esta confusão ecclesiastica e civil, em que se envolvera D. Sancho, que vem figurar uma mulher, ao que parece aggravando-a. D. Sancho namorou-se de D. Mecia Lopes de Haro, e casou com ella. (2)

D. Mecia era uma senhora da mais alta linhagem, filha do famoso Lopes Dias de Haro, o «Cabeça brava», neta de Diogo Lopes de Haro, o alferes-mór de Castella e commandante da vanguarda na batalha das Navas, e descendente da longa linha de senhores de Biscaia, que se iam prender ao lendario D. From, um supposto irmão de um supposto rei de Inglaterra. Para que nada faltasse á nobreza de D. Mecia, ella tinha um avô proximo de sangue real, e teria uma avó mais remota de sangue infernal, se acreditassemos na lenda da «Dama Pé de Cabra», que um Conto de Herculano tornou tão conhecida.

Sobre ser uma nobilissima e—dizem — formosissima senhora, parece ter sido desde solteira uma das grandes elegantes do seu tempo. Conta-se que no acampamento do exercito, com que vieram cercar o famoso D. Alvaro Peres de Castro, na sua villa de Paredes, ella estava uma manhã sentada na sua tenda, jogando o xadrez com Martim Sanches, bastardo de Portugal, conde de Trastamara, e outros condados em Leão, e o mais brilhante cavalleiro d'aquelle tempo. D. Alvaro sahiu da villa armado, e n'uma corrida desenfreada do seu cavallo chegou á tenda tão rapidamente, que Martim Sanches, o qual estava sem armas, em «saya e manto», só teve tempo de pegar de uma lança, que ali se achava encostada a um esteio da tenda, e jogou-lhe uma lançada que lhe passou o escudo e a loriga. Mas Alvaro Peres, cujo renome de bom cavalleiro apenas seria inferior ao de Martim Sanches, vendo este desarmado, não o quiz ferir, voltou o cavallo e retirou a passo.

O ciume não era estranho ao caso, porque D. Alvaro «entom andava mui namorado» de D. Mecia. (1)

Não sei se a historia é verdadeira, provavelmente não é; mas é um lindissimo quadro da Idade-Media — a partida de xadrez interrompida, e a elegante D. Mecia assistindo sorridente ao encontro dos dois mais famosos guerreiros de toda a Peninsula.

O certo é, que D. Mecia casou pouco depois com o proprio D. Alvaro Peres de Castro; e na sua vida de casada ha tambem uma lenda. Diz-se, que ella se encontrou cercada pelos moiros na Peña de Martos, em uma occasião em que toda a guarnição masculina, sem excepção de um só homem, estava fóra em uma sortida. Ella ordenou tranquil-

---

(1) Fr. Antonio Brandão, na *Mon. Lusitana*, quiz filiar a Lide do Porto em questões pessoaes e de familia; mas na verdade, deve ter tido causas politicas. Foi um dos actos no grande drama que então se representava.

(2) O casamento com D. Mecia, negado por varios escriptores nossos, parece ser incontestavel; veja-se a nota de Herculano, n.º XXVIII, tomo II, da sua *Historia*.

(1) *P. M. Hist. Scriptores*, 199. — Por equivoco, o escriptor conta o caso como se D. Mecia já tivesse sido rainha de Portugal, quando na verdade era solteira, e só depois casou com D. Alvaro, e ainda depois com D. Sancho II.

Lavoura alemtejana

lamente ás suas donas e donzellas, que desfizessem os toucados, tomassem armas e se arrumassem ás ameias. Os moiros julgaram ver cavalleiros e peões, hesitaram no assalto, e deram tempo a que os homens de armas voltassem de fóra. (1)

Depois da morte de D. Alvaro, D. Sancho encontrou-se com a sua viuva, que andava na côrte da rainha D. Berengaria, namorou-se perdidamente d'ella, e fel-a rainha de Portugal.

O facto era naturalissimo. D. Sancho, valente nos campos de batalha, foi um fraco no correr da vida. E, além d'isso, foi um casto e um timido; não se contam d'elle brilhantes aventuras amorosas, como de seus avós. Aquella viuva de trinta annos, ou talvez mais, formosa e elegante, assisada e decidida, jogadora de xadrez e defensora de fortalezas, devia apaixonal-o e dominal-o.

E tão completamente o dominou, que alguns dos antigos escriptores quizeram explicar a sua influencia pelo emprego de artes magicas e feitiçaria, posto que um d'elles diga muito sensatamente, que o principal feitiço de D. Mecia devia consistir na sua formosura e na sua graça.

(1) A historia vem contada na velha *Chronica del santo rey don Fernando tercero*, e é bem claro que a deixo na fé da respeitavel Chronica. Unicamente quero dizer porque a attribuo a D. Mecia. A *Chronica* só lhe chama *la condessa su mujer* (de D. Alvaro); e D. Alvaro Peres de Castro havia sido casado com a Condeça D. Aurembiax de Urgel; mas não póde ser esta a heroina da historia, pois se tinham separado annos antes, casando ella com o infante D. Pedro de Portugal, e elle com D. Mecia Lopes de Haro. Segundo a *Chronica*, D. Alvaro morreu de doença pouco tempo depois da tal historia da Peña de Martos, *aviendo ya passado muchos dias* (muitos dias quer dizer pouco tempo); e portanto a historia, se é verdadeira, só se póde applicar á segunda mulher D. Mecia. Que lhe chamassem Condeça, explica-se, sendo D. Alvaro Peres tão grande senhor, como de feito era.

A situação de D. Sancho tornou-se insustentavel, tendo ao lado uma mulher altiva, bulliçosa, e — segundo parece — nem sempre leal; tendo em volta uma nobreza de tal maneira desenfreada, que não hesitou em lhe vir uma noite a casa roubar a mulher; e tendo contra si os bispos e arcebispos armados de todas as armas espirituaes.

Os acantecimentos precipitaram-se; de Lyão veiu a famosa bulla Grande de Innocencio IV, depondo-o do throno; e de Paris veiu o conde de Bolonha, já reconhecido procurador e governador do reino. D. Sancho quiz resistir pelas armas; ainda lhe restavam bastantes fidalgos seus parciaes, ainda varios alcaides lhe conservavam fielmente os seus castellos. (1) Mas vendo-se o mais fraco, foi ou mandou pedir o auxilio do rei de Castella, e mais directamente o do herdeiro do throno, o infante D. Affonso, que depois devia ser Affonso X.

Este tomou abertamente o partido do rei de Portugal, e não só escreveu ao papa em seu favor, como o veiu auxiliar materialmente, passando a fronteira com um corpo de tropas castelhanas. Quando, porém, já se achava em terra portugueza, sairam-lhe ao caminho os guardiães dos conventos de S. Francisco na Guarda e na Covilhan, intimando-lhe, por ordem do arcebispo de Braga e do bispo eleito de Coimbra, que desistisse do seu intento, e quando não o declarariam por «publico excomungado».

Diz fr. Antonio Brandão, que D. Affonso se deixou convencer pelas fortes e comedidas razões que lhe

(1) A causa de D. Sancho parece ter sido popular. Veja-se, por exemplo, o modo porque foi celebrada a fidelidade de Martim de Freitas, de Pacheco e outros. Veja-se no *Cancioneiro da Vaticana* uma canção de *maldizer*, cruel para os alcaides que entregaram os castellos ao conde de Bolonha (tem o n.º 1088 na edição de T. Braga).

Cancioneiro musical

III

A mim não me enganas tu

Musica recolhida por *D. Elvira Monteiro*

(CHOREOGRAPHICA)

deram, e em obediencia ao papa voltou de bom grado para Castella; mas a verdade é, que as censuras ecclesiasticas chegaram a ser declaradas, por onde se vê, que elle continuaria a avançar. E a verdade é tambem, que elle se mostrou muito escandalisado, e se queixou amargamente ao papa, o qual lhe respondeu de um modo evasivo que a excomunhão se não entendia *pessoalmente* com elle infante.

E, além das resistencias espirituaes, D. Affonso encontrava tambem resistencias materiaes. O partido do Conde de Bolonha estava já muito forte; e uma grande parte da fidalguia, sobretudo da camada nova, achava-se do seu lado.

Conta uma das nossas velhas chronicas, que ao passarem, D. Sancho e D Affonso, junto de Trancoso, estavam ali varios rapazes das principaes familias, da de Sousa e da de Bayão. Um d'elles, Fernão Garcia de Sousa, sobrinho direito do Gonçalo Mendes de Sousa de quem antes falámos, montou a cavallo, e só, seguido apenas por um escudeiro, veiu falar ao rei. Admittido á sua presença, disse-lhe:—Que ali, perante o Infante de Castella seu primo e todos os mais, lhe pedia que entrasse em Trancoso, onde elle e seus irmãos o receberiam como a seu Rey e Senhor; mas não levasse comsigo Martim Gil de Soverosa e os seus partidarios, porque este havia destruido a terra e impedido que se fizesse justiça... «elle era o rei, e vós Senhor não tinheis mais que o nome, e o sangue Real d'onde procedieis.» E accrescentou, que se estas palavras não agradassem a Martim Gil—o qual se achava presente—elle, D. Fernão, estava armado, á porta tinha um cavallo, e respondia por ellas.

Fr. Antonio Brandão, ao contar o caso, exalta-o ingenuamente como «um notavel exemplo de lealdade»; quando na verdade foi um acto de pura revolta, apenas envolvido ainda em formulas de respeito. Não sabemos se a historia é verdadeira; mas é typica do estado dos espiritos n'aquelle momento.

Foi n'estas condições, que D. Affonso se decidiu a retirar para Castella, levando comsigo D. Sancho II, que lá foi morrer exilado em Toledo. Conhecendo o caracter orgulhosissimo do principe, que depois chamaram Affonso o Sabio, e que então se achava em todo o verdor da mocidade, é facil imaginar quanto o revez lhe seria sensivel, e quantos e quão fundos ressentimentos se accumularam no seu animo contra o Conde de Bolonha. Para dar largas áquella má vontade, necessitava, porém, uma razão ou um pretexto, e esse pretexto parece tel-o encontrado nas ultimas conquistas do seu amigo D. Sancho.

Fr. Antonio Brandão, e outros escriptores nossos, esforçam-se sempre por demonstrar, como as conquistas dos portuguezes em terra dos moiros nunca foram limitadas por convenções ou ajustes com os outros estados christãos da Peninsula. E a razão patriotica d'este empenho, resulta de elles julgarem, que taes limites constituiriam uma quebra na plena independencia, liberdade e dignidade do reino de Portugal. Nem têem razão em negar um facto, que provavelmente se deu; nem em suppor que d'esse facto se deduziriam as consequencias que imaginam. Quando os estados christãos da Peninsula marchavam do norte ao sul, e por assim dizer parallelamente, a tomar as terras dos moiros, nada mais natural do que terem marcado entre si alguns limites, posto que vagos, ás suas futuras e respectivas conquistas. Sabemos, que um accordo n'este sentido se fez entre Castella e Leão, quando os dois filhos do imperador Affonso VII estabeleceram na entrevista de Sahagun a sua fronteira futura proximamente pelo rio Tinto. Entre Leão e Portugal deve-se ter feito algum accordo similhante no

tempo de Affonso Henriques e de Fernando II, provavelmente na entrevista de Cellanova — como imagina Herculano (1)—quando se ajustou o casamento de D. Urraca com D. Fernando. Nem estes accordos significavam de modo algum sujeição de uns reinos a outros; mas eram pelo contrario ajustes e contractos entre estados independentes e amigos.

Se, como parece muito provavel, se estabeleceu algum limite para as conquistas dos dois estados visinhos, é naturalissimo, que para o meio dia de Badajoz esse limite fosse pelo Guadiana até ao mar. Na impossibilidade de collocar marcos ou balizas em terras ainda dos moiros, devia procurar-se uma fronteira na natureza, em um grande rio, perfeitamente conhecido, correndo quasi regularmente norte-sul e que havia sido fronteira desde os mais antigos tempos—fronteira entre a Betica e a Lusitania dos romanos, fronteira entre a Andaluzia e a provincia de Merida dos arabes.

Nem esta ideia é uma supposição gratuita, porque os factos historicos a abonam. Quando D. Affonso Henriques foi cercar Badajoz no anno de 1169, Fernando II considerou esta expedição como um acto de hostilidade, além de outra razão, porque Badajoz, *na margem esquerda do Guadiana*, pertencia ás futuras conquistas de Leão. E não só D. Affonso Henriques abandonou então toda a pretensão á posse de Badajoz, como cedeu outros castellos da margem esquerda. Por exemplo Alconchel, conquistado pelos portuguezes no anno de 1166, pertencia no de 1171 a Fernando II, que o doava á ordem de Santiago, quer dizer que lhe fôra restituido. Alexandre Herculano admitte mesmo, que fosse «abandonada a margem esquerda do Guadiana», o que incluiria os castellos de Serpa e Moura (1). E mesmo que o facto fique duvidoso em relação aos ultimos castellos (2), isso não prova que a sua posse fosse reconhecida como legitima pelo rei de Leão, e unicamente que elle não insistiu com o de Portugal para a restituição, em uma epoca perturbadissima, sob a ameaça das invasões almohades, que tomavam aquella posse muito aleatoria.

Demorámo-nos no exame d'estes factos, porque são essencialissimos para a historia de Serpa; e nos mostram, como as ultimas conquistas de D. Sancho II em Moura, Serpa, termos de Mertola, e termos de Ayamonte, não deviam ser considerados muito legitimas na côrte de Castella.

Se havia razão para pensar assim, é questão inteiramente diversa, e na qual—patriotismo á parte—nos decidimos pela negativa. O unico direito, que podia ser allegado por parte de Castella, era o antigo ajuste, talvez verbal, feito entre o rei de Portugal e o rei de Leão; mas esse ajuste, se acaso existiu—o que é muito provavel, mas não seguro—havia sido feito um seculo antes, em condições diversas das que iam correndo, e estava esquecido, obliterado pelo tempo, sem que d'elle existisse documento conhecido.

Tudo isto constituia para Castella direitos extremamente discutiveis. Portugal tinha do seu lado a recente conquista, feita aos moiros por armas e forças exclusivamente portuguezas; e tinham os actos de soberania, exercidos por D. Sancho II na margem esquerda, a doação de Ser-

(1) *Hist. de Portugal,* em varias pasagens, nas quaes volta ao assumpto.

(1) *Hist. de Portugal*, I, 436.

(2) Disse antes (*Tradição*, II, p. 38) que aquella entrega me parecia duvidosa: porque d'ella não existe documento; e porque nas longas contendas a que depois deu lugar a posse de Moura e Serpa, se não fala em tal facto, que parecia natural ter-se allegado como argumento por parte de Castella. Estas duas razões não se podem dar como convincentes, e apenas deixam subsistir a duvida.

pa a seu irmão, a doação de Ayamonte aos spatharios, sem protesto por parte de Fernando III.

Não parece, pois, ter havido direito, nem razão, mas havia um pretexto; e um simples pretexto era perigosissimo nas mãos de um principe ambicioso, como foi o infante D. Affonso. Tanto mais, quanto elle estava ainda sentido da sua infeliz tentativa para manter ou restabelecer no Throno D. Sancho II; e devia considerar o Conde de Bolonha como um simples usurpador.

CONDE DE FICALHO.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

A mim não me enganas tu

A mim não me enganas tu,
A mim não me enganas, não!
Pera verde, minha verde pera, } bis
Minha pera verde, meu doce limão! }

(Serpa)

Elvira Monteiro.

JOGOS POPULARES

O Xarimbote (*)

Este jogo usa-se d'inverno, e geralmente em volta do lume, debaixo da chaminé.

Quando, nas longas noites invernosas, as familias formam róda á lareira para *matarem o frio*, entretêem-se os filhos, muitas vezes, com um engraçado divertimento, mas que não é de todo innocente, porque não raramente origina algumas queimaduras. E' o jogo do *Xarimbóte*.

Eis como as creanças o realisam:

Péga um dos jogadores n'um pausinho ardendo, e, dirigindo-se ao seu visinho, diz:

—«Xarimbóte venderei.»

—«Eu t'o comprarei.»

Responde o visinho. E accrescenta:

—«Quanto vale o xarimbóte?»

—«Sete arrobas e um pote. Se na tua mão morrer, eu te carregarei até á morte.»

Proferidas estas palavras, o primeiro jogador assopra o tição até fazêl-o faiscar e entrega-o immediatamente ao segundo, que a seu turno reproduz a mesma scena com um terceiro camarada, e assim por diante, até o tição apagar-se ou falharem as faiscas.

O jogador em cujas mãos succede este fracasso, soffre a seguinte pena: apoia a cara sobre as pernas d'outro parceiro, voltando as costas para o ar, e os demais companheiros vão todos á busca de qualquer objecto para lh'o collocarem em cima. A' medida que os objectos são postos sobre a victima, perguntam a esta:

—«O que tem, que tanto lhe pesa?»

A victima responde designando o objecto, que ella julga ser aquelle que lhe sobrepuzeram.

Se adivinha, levanta-se, e o parceiro que faz a pergunta tem de occupar o seu logar. E assim successivamente até a rapaziada aborrecer-se, ou da paternidade partirem ordens em contrario.

(Brinches).

LAIDSLAU PIÇARRA.

(*) Esta palavra apenas a encontrámos registrada no diccionario do sr. Candido de Figueiredo, com a mesma significação que tem aqui.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

Segunda parte

(Continuação de pag. 27)

XXV

As ondas do mar são verdes,
No centro são amarellas.
Coitadinho de quem nasce
P'ra morrer em cima d'ellas.

XXVI

O meu amor quer-me tanto,
Que até ao mar me levou
N'uma lanchinha de prata,
Remos d'ouro, me deitou.

XXVII

Vender olhos, comprar olhos...
Um officio qualquer tem;
Eu hei-de vender os meus
P'ra comprar os de meu bem.

XXVIII

Vender olhos, comprar olhos,
E' officio de cigana;
Eu hei-de vender os meus
P'ra comprar os de Marianna.

XXIX

Eu desejava ser era
Para a parede vestir,
Enleiar-me na janella
Do teu quarto de dormir.

XXX

Se eu morrer, doce lembrança,
Na campa põe-me um letreiro:
— Aqui se enterrou quem foi
Amor firme e verdadeiro.

XXXI

Se o meu sentido fallasse,
— Oh! que prenda tão galante! —
Fallava com meu amor
Toda a hora, todo o instante.

XXXII

Eu hei de mandar fazer
(Mas não sei se m'o farão),
Um comboi de saudades,
No teu peito a estação.

XXXIII

Oliveira pequenina,
Que azeite póde vender?
Homem sem barbas na cara,
Que vergonha póde ter?

XXXIV

Fui ao livro da fortuna
Minha sorte perguntar;
Passei folhas, logo vi:
Eu nasci para te amar.

XXXV

Semeei no meu quintal
(Coisa que não póde ser!)
A semente da má lingua...
Quem semeia ha de colher!

XXXVI

Eu não sei se vá, se fique,
Não sei se fique, se vá;
Se vou lá, não estou aqui,
Se estou aqui, não estou lá.

(Da tradição oral, em Serpa).

(*Continúa*)

M. Dias Nunes.

BANCO RURAL DE SERPA

—

(Continuado de pag. 25)

Em resultado d'este alvará fizeram-se as roças e a camara recebeu os quartos e os sextos do producto das sementeiras, para o dito fim, e com tanto zelo, que, logo em 1691 os vereadores requerem que se não tire a terça das rendas da serra,

por não serem do concelho, e só sim para a feitura do celleiro commum. (Livro das vereações de 1691, a folhas 70.) No mesmo livro, o juiz de fóra d'esta villa provê que as rendas da serra grande, decretadas para o celleiro commum, se lancem em livro separado das rendas da camara. Mas ou o zelo arrefeceu, ou as rendas cresceram muito, porque houve desvios d'estes rendimentos para outros fins, como se deprehende do seguinte diploma:

—«Por carta de 2 de junho do anno proximo passado, assignada pela minha real mão, fui servido ordenar ao Desembargador José Henriques Cavaco, fosse á villa de Serpa e na dita tirasse varias devassas ou informações que fui servido encarregar lhe mui especialmente dos descaminhos que haviam n'esse celleiro publico d'aquella villa, o que satisfez com a conta que dera com estes papeis a ella juntos, e copia do alvará porque se estabeleceu o dito celleiro, e hei por bem que vendo-se tudo na menza do desembargo do Passo se façam executar as clausulas do dito alvará, pelo que pertence ás coitadas ficando estas no mesmo em commum que tinham antes da consignação, e que as crescenças existentes do dito celleiro publico se apliquem ás casas ordenadas para o dito celleiro na fórma do mesmo alvará, levando-se em conta os onze mil oitocentos trinta e um alqueires que do dito celleiro se deram para as obras da igreja de S. Bento, sem embargo da falta das ordens, que sendo desobrigados os depositarios d'elle que sendo entendido que pela que toca ao capitulo setimo da conta do dito Desembargador que pertence ao descaminho do pagamento dos vigias, ordeno á junta dos tres estados mande tomar contas para se averiguar o que deste pagamento se divertiu. A mesma meza o tenha assim entendido e nesta conformidade o fará executar. Lisboa Occidental a quinze de abril de mil sete centos e vinte e seis.» Segue-se a rubrica de S. Magestade.

Depois vem a provisão do desembargo do Passo, que em nome de sua magestade manda ao provedor da comarca de Beja cumprir as ordens reaes. Executa-se o decreto pela forma seguinte:

—«Em virtude das ditas ordens de S. Magestade acima copiadas manda elle dito Doutor Provedor baldiar a coitada da Boiada e Serra Grande para que se não lavrem mais do que em diante e fiquem baldias e no mesmo em commum que tinham antes da consignação que delles se fez para a criação do celleiro commum desta villa, por estar completo no numero de dosentos moios de trigo de sua lotação na forma do alvará da criação do dito celleiro de 1690 e para vir á noticia de todos os moradores d'esta villa e moradores de seu termo, elle dito Doutor Provedor Francisco Ferreira Braga mandou apregoar e fixar editaes pelos logares publicos, para que, recolhidas as searas que de presente se acham semeadas nas ditas coitadas da Boiada e Serra Grande, fiquem estas baldiadas e no commum que antes tinham e para constar o referido n'este senado mandou o Doutor juiz de fóra fazer este termo que todos assignaram e o Doutor Provedor assignou como recebeo os proprios e Eu Pedro Martins Guapo que o escrevi, etc., etc., e assignei Francisco Ferreira Braga—Moraes — Manuel Rodrigues Bravo—Corvo».

Está visto que o celleiro teve o seu principio em 1690 e em 1726 — 36 annos depois — tinha completado o computo da sua lotação — 200 moios, tinha adquirido casa propria e, além de outros desvios, tinha dado para as obras da igreja de S. Bento 11:831 alqueires de trigo. D'este desvio foram os depositarios desculpados como se vê da provisão descri-

pta — sem embargo da falta das ordens, desobrigados os depositarios d'elle —. Dos outros desvios nada podemos saber; é provavel que a esponja apagasse os algarismos e as culpas.

Temos, portanto, o celleiro commum de Serpa feito com o rendimento dos baldios e rigido pelo regimento do d'Elvas e Estremoz.

N'outras terras instituiram-se com capitaes de particulares, debaixo da tutela e fiscalisação da auctoridade publica.

Em 1700 Clemente de Lobão Tello, cavalleiro fidalgo, professo na ordem de Christo, obteve provisão regia para, com fundos seus, instituir um celleiro commum em Portel, e mais tarde, em 1732, para outro igual em Moura, sendo este regido pelo regimento d'aquella por ser *o mais approvado no Alemtejo*.

O regimento destes celleiros, já extinctos, continha 11 condições tendentes a regular como e por quem se deviam fazer os emprestimos e cobrar as dividas, pela maneira que resumidamente vou descrever:

O instituidor e seus herdeiros deviam conservar completo o computo do celleiro—200 moios de trigo e 100 de cevada, era obrigado a fazer e conservar casa sufficiente para a boa arrecadação do trigo e da cevada, com casa onde funccionasse o juiz de fora, o escrivão da camara e o instituidor, na qual casa haveria um armario para se guardarem os livros das tiradas e mettidas do trigo.

A casa teria trez chaves.

A repartição do trigo e cevada seria feita a aprasimento do juiz de fora e do escrivão da camara; o fiador seria da aprovação do fundador e só quando este por manifesta injustiça recusasse o fiador edoneo, o juiz e o escrivão o dariam com sua approvação, mas debaixo da sua responsabilidade. Todos os annos e antes da repartição, o trigo seria medido para se verificar que estava completo o numero de moios da instituição. Quando sobejasse trigo, por não haver quem o pretendesse, o dono do celleiro poderia, com a annuencia da camara, vende-lo por menos 20 réis do preço corrente; obrigando-se a repôr na proxima colheita o que tivesse levantado.

As mettidas do trigo emprestado deviam effectuar-se até ao fim de agosto de cada anno. As dividas deviam cobrar-se como as do Estado. O juiz e o escrivão ganhavam um moio de trigo cada um, tendo o escrivão, mais 20 réis por cada termo de *tirada* ou de *mettida*.

Havia um medidor nomeado e ajuramentado, que ganhava 1 real por cada alqueire que media.

O regimento do de Elvas e Estremoz que, como já se disse, regia o celleiro de Serpa, determina o seguinte:

«E porque de se dar trigo a pessoas de menos credito pode resultar perda a este Deposito. Mando que os officiaes da camara sejam sempre os Administradores, e por seu Despacho se dei o trigo ás pessoas conhecidas, moradoras d'essa cidade, e seu termo com boas fianças e bens que abonarão os mesmos Administradores, pelos quaes se haverá a quantia de trigo que debaixo da dita fiança derem e no caso que os abonados por elles faltem e não tiverem bens para a satisfação.

(*Continúa*)

A. DE MELLO BREYNER.

Phraseologia popular

———

Branco como a cal da parede.

*

Branco de jaspe.

*

Branco como um papel.

*

Preto como uma amora.

*

Preto como um carvoeiro.

*

Negro como um escaravelho.

*

Negro como a aza do corvo.

*

Amarello como a cera.

*

Amarello como gemmas d'ovos.

*

Amarello como a cidra.

*

Amarello como um defuncto.

*

Amarello como um bugango.

*

Amarello côr de palha.

*

Amarello côr de menina.

*

Verde como limos.

*

Verde que nem *correlas* (1).

*

Verde côr de limão.

*

Encarnado como um tomate.

*

Vermelho como um pimentão.

*

Vermelho como um presunto.

*

Rôxo como um lyrio.

*

Rôxo da côr da tunica do Senhor.

*

Escuro como a noite escura.

*

Feio como um bode.

*

Feio como uma noite de trovões.

*

Feio como um lobo.

*

Bonito como um anjo.

*

Lindo como os amores.

*

Derreado como um lobo.

*

São como um pero.

*

Rijo como um pepino.

*

Rijo como um alho.

*

Rijo como um perdigoto.

*

Molle como a cera.

*

Molle como a barriga d'uma velha.

*

Duro que nem uma pedra.

(*Continúa*).

(Da tradição oral, em Serpa)

M. Dias Nunes.

(1) *Correlas*. — Corrupção de colera — bilis.

Apparições

Um vulto de mulher apparecendo a uma creança de oito annos

Na rua de Braz Carrasco, á Porta Nova, nesta villa, existe uma pequena casa terrea, onde, segundo a voz corrente, apparece um medo. E tão espalhada anda a lugubre noticia, que ninguem quer habitar a dita casa.

Entre os diversos casos comprovativos desta ingenua crença, temos o seguinte, que recolhemos directamente:

A victima, M. C., conta apenas 8 annos d'edade; é natural de Serpa, pae alcoolico e a mãe já fallecida.

Conta a pequena que, ha proximamente dois mezes, estando uma noite deitada, viu a altas horas, aos pés de sua cama, um vulto de mulher, em pé, vestido de preto, e fitando-a com os olhos escancarados. Sobre a cabeça desse vulto estava «uma coisa muito alta e muito branca, parecendo um panno com borlas».

A joven visionaria, muito assustada com o que se lhe apresentava, começou a gritar, e o *vulto* desappareceu.

M. C. declara ter ouvido dizer, que o medo já tinha apparecido a outras creanças, mas ella que que não acreditava; agora, porém, via que era verdade, porque o mesmo se passou comsigo, tendo por isso de mudar de casa.

*
* *

O caso acima referido, é, com toda a sua simplicidade, duplamente interessante: em primeiro logar, porque nelle figura uma pobre creança, que, com certeza, era incapaz de inventar ou fantasiar a scena que ella nos descreveu; em segundo logar, porque tal facto representa um exemplo frisante do contagio das *apparições*.

Sendo M. C. de tenra edade, filha dum alcoolico, e vivendo sem o amparo de mãe, em taes circumstancias, que admira que a infeliz pequena se deixasse sugestionar pelo sombrio boato, que insistentemente corria entre os visinhos?

Evidentemente, o supracitàdo vulto que surgiu a M. C., significa apenas uma *allucinação visual*, que ella —está claro—tomou como realidade, exactamente como succede a muitas pessoas adultas, como já temos aqui demonstrado.

Em conclusão: M. C. não pode ser considerada senão como uma padecente de nervos, e a allucinação de que foi accommettida é a prova provada do seu nevrosismo.

(Serpa)

LADISLAU PIÇARRA.

Adivinhas populares

(Continuado de pag 28)

— O que é aquillo, que, quanto mais se carrega mais força tem?
— E' o lume.

— O que é aquillo, que crú não ha e cosido não se come?
— E' a cal.

— O que é aquillo, que, estando no meio da casa, está no seu logar?
— E' um botão.

— O que é aquillo, que alto está e alto mora, todos o vêem e ninguem o adora?
— E' o relogio.

— O que é aquillo, que a gente busca e não deseja encontrar?
— São os buracos na roupa.

— O que é aquillo, que quanto maior é, menos se vê?
— E' a escuridão.

(*Continúa*).

(Da tradição oral, em Serpa)

M. Dias Nunes

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

Assim o dizem

Era uma vez um homem e uma mulher e tinham uma comadre. O homem, um dia, foi á praça comprar uma fressura de porco para a mulher lhe fazer uma cachola para o almoço.

Estava a cachola ao lume, entra a comadre:

— Ai, que bem que cheira o seu almoço! vamos a proval-o?

— Pois sim, comadre.

Mas tanto provaram, tanto provaram, que o comeram todo.

E disse a mulher:

— Ai, comadre! que hei-de dizer a meu marido!? Comemos o almoço todo!

-- Deixe, comadre, não se apoquente, que eu arranjo isso bem; olhe, quando vier o compadre e lhe perguntar pelo o almoço, a comadre diz-lhe:

— Que tal vens tu hoje da cabeça? Então não almoçaste já? Até, por signal, que tambem almoçou cá a nossa comadre!

E depois entro eu e acabo de o convencer.

Veiu o marido para o almoço e a mulher pespegou-lhe o recado que a comadre lhe ensinára.

O homem zangou-se muito e a mulher chamou a comadre:

— Então, não quer lá vêr? o meu homem diz que ainda não almoçou!

— Ora essa! até eu almocei com vossemecês, e o almoço era cachola. Boa vae ella!

O homem fez que se conformou, pegou n'um palito, metteu o na bocca e foi-se pôr á janella, com cara de poucos amigos.

Passou um conhecido e disse-lhe:

— Olá! Com que então já almoçaste!

— Assim o dizem... assim o dizem... — respondeu o homem.

(Elvas).

O Zé Pequenino

Eram d'uma vez dois irmãos, e um chamava-se Zé Pequenino.

Foram a correr mundo; andaram, andaram, e foram ter a casa d'um gigante, e o gigante era casado e tinha tres filhas. E depois elles deitaram-se na cama das filhas do gigante, puzeram na cabeça os capacetes d'ellas e deitaram as raparigas no chão.

Lá pela noite adeante disse a giganta para o gigante:

—Temos gallos em casa.

E o marido disse:

— Ai, temos? Então espera.

E foi buscar um alguidar e uma faca, e n'este intrementes os rapazes safaram-se. E o gigante quando veiu matou as filhas, em vez de matar os gallos, que eram os rapazes.

Elles, os rapazes, foram andando, e o Zé Pequenino é que levava os tres capacetes.

Passaram á porta do rei, e a criada disse:

— Ai, real senhor, vae ali o Zé Pequenino com um capacete mais lindo!

O rei mandou-o chamar:

— Então, que queres pelo teu capacete?

— Um bocado de pão e murcella. E o rei mandou-lhe dar a murcella e pão, e o Zé Pequenino foi-se embora.

No outro dia passou la com o segundo capacete e o rei comprou-lh'o

por um bocado de pão e chouriço; e no terceiro dia o rei comprou o terceiro capacete por um bocado de pão e farinheira.

E depois o irmão do Zé Pequenino foi dizer á rainha que o Zé Pequenino tinha dito que era capaz de ir matar o gigante e a giganta.

A rainha chamou o Zé Pequenino, que teimou que não tinha dito nada.

Mas tanto embirrou a rainha que o Zé pequenino decidiu-se a ir buscar o gigante e a giganta n'um trem de ferro.

Chegou lá e disse que ia da parte do rei para virem ambos a palacio, e que ali estava o trem para irem.

O gigante e a giganta entraram para o carro e o Zé Pequenino fechou o trem e morreram os gigantes.

Chegou cá com elles e mandaram-n'os enterrar, e a rainha perguntou ao Zé Pequenino o queria que se fizesse ao irmão, e elle disse que o arrojassem ao rabo de um cavallo. E arrojaram-n'o.

Conto acabado, dinheiro ganhado.

(Elvas).

DORMITORIO

Era d'uma vez uma princeza que tinha um vestido encarnado, e estavam a cahir pastinhas de neve e dizia ella:

—Muito bem diz o branco no encarnado.

E respondeu uma voz:

—Melhor diz vossa alteza nos braços do rei.

E ella:

—Muito bem diz o branco no encarnado.

E a voz:

—Se quereis ver o *Dormitorio*, oito pares de sapatos de ferro heis de romper.

E a princeza arranjou os sapatos e foi correr mundo.

Chegou a casa do Sol e perguntou onde parava o *Dormitorio*.

—Muito longe! Olhe, leve esta bolota para fazer chá ao *Dormitorio*.

E recebeu a bolota.

Foi ter a casa da lua.

—Onde pára o *Dormitorio*?

—Muito longe! Olhe, leve esta castanha para fazer chá ao *Dormitorio*.

Foi ter a casa das estrellas.

—Onde pára o *Dormitorio*?

—Muito longe! Olhe, leve esta noz para fazer chá ao *Dormitorio*.

E foi andando, andando; chegou lá muito adiante e encontrou uma casa. Estava lá uma preta que tinha dado veneno ao *Dormitorio* para elle morrer.

A princeza fez o chá da bolota, deu-o ao *Dormitorio* e elle poz-se melhor; deu-lhe o chá da castanha e estava quasi bom, e depois deu-lhe o chá da noz e poz-se bom de todo.

Diz-lhe agora o *Dormitorio*:

—Tu casas comigo e has-de dizer o que queres que se faça á preta.

—Dos olhos um espelho, dos dentes um pente, e dos ossos uma cadeira.

Assim o fizeram; mas quando a princeza se foi ver ao espelho disse o espelho:

—Ai, meus olhinhos! e partiu-se o espelho.

Quando se foi pentear, disse o pente:

—Ai, meus dentinhos! e partiu-se o pente.

E quando se ia a deitar na cama, subida na cadeira, disse a cadeira:

—Ai, meus ossinhos! e partiu-se a cadeira.

Deus louvado, conto acabado.

(Elvas).

A. Thomaz Pires.

Proverbios & Dictos

(Continuado de pag. 32)

DLXIV

Tira-te lá ganho, que perca me dás.

DLXV

Preso por um, preso por mil.

DLXVI

Quem diabos compra, diabos vende.

DLXVII

Quem se rende é cão.

DLXVIII

Quanto mais rôto, mais maroto.

DLXIX

Quem não tem cavallo anda a pé.

DLXX

Quem tem para o cavallo, tem para a cella.

DLXXI

Quem encommenda, encommenda o dinheiro.

DLXXII

A conversa das raparigas é — chitas, casar, alméce.

DLXXIII

Quando a esmola chega, já o pobre está desesperado.

DLXXIV

Sempre que te vejo me lembras.

DLXXV

Cedo ou tarde — tudo quanto se faz se sabe.

DLXXVI

Cada ovelha com sua parelha.

DLXXVII

Quem desdenha quer comprar.

DLXXVIII

Quem não tem barbas não tem vergonha.

DLXXIX

Antes só que mal acompanhado.

DLXXX

Trez é conta que Deus fez.

DLXXXI

Com as botas de meu pae pareço eu um homem.

DLXXXII

Quem não deve não teme.

DLXXXIII

O mal entra ás baraçadas e sahe ás pollegadas.

DLXXXIV

Quem o tem logo o mostra.

DLXXXV

Alfayate de encruzilhada—cose sem agulha, nem linhas, nem nada.

(*Continúa*).

(Da tradição oral, em Serpa.)

M. Dias Nunes.

Volume VI

Anno VI

N.º 4

SERPA (PORTUGAL), Abril de 1904

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

SUMMARIO

TEXTO

Directores:

LADISLAU PIÇARRA E *M. DIAS NUNES*

«**A TRADIÇÃO, de Serpa**, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Em Portugal, serie de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o Estrangeiro, serie de 12 numeros .... 8 fr.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO

Cada numero 1 fr.

Paris — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
Londres — F. FISHER UNVIN, Publisher — 11, Paternoster Buildings.
Berlin — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO - Serpa

Venda avulso no paiz

100 RÉIS CADA NUMERO

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*
Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*
Coimbra — *Livraria França Amado*
Braga — *Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª*
Vianna do Castello — *Livraria Academica e Religiosa*

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Sousa Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.). Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, explendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, ***

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva, A. J. Torres de Carvalho, M. Dias Nunes, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Sousa Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.).*

QUINTO ANNO

1903

12 numeros, de formato in-4.º maximo, illustrados de numerosas photogravuras e zincographias, e contendo artigos de: *Arronches Junqueiro, A. Thomaz Pires, D. Antonio X. Pereira Coutinho, A. R. Gonçalves Vianna, Alberto Pimentel, D. Antonio de Mello Breyner, Dr. Candido de Figueiredo, Conde de Sabugosa, Conde de Arnoso, Costa Caldas, Celestino Soares, M. Dias Nunes, D. Elvira Monteiro, F. d'Assis Orta, Dr. Graça Affreixo, José da Silva Picão, D. João da Camara, Julio de Lemos, José Orta Cano, Dr. Ladislau Piçarra, Manuel Ramos, Pedro A. d'Azevedo, Ramalho Ortigão, Dr. Sousa Viterbo, Dr. Thomaz de Mello Breyner, Dr. Theophilo Braga.*

Anno VI — N.º 4 SERPA, Abril de 1904 **Volume VI**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Imprensa Africana — Rua de S. Julião, 58 e 60 — LISBOA

A Tradição

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — **LADISLAU PIÇARRA** e **M. DIAS NUNES**

Notas historicas ácerca de Serpa

XIII

Como Serpa passou para Castella — As ordens militares na margem esquerda

O primeiro sympotoma de que as terras da margem esquerda nos viriam a ser contestadas, parece encontrar-se em um documento relativo á Ordem de Santiago; e, para comprehender bem a sua importancia, é necessario ter em vista a situação d'aquella Ordem.

Creada — segundo dizem — em Leão por Fernando II, e introduzida logo depois em Portugal por Affonso Henriques, a Ordem ficou unida, obedecendo toda ao Mestre de Santiago, residente em Hespanha em varias localidades, e durante muito tempo no castello e convento de Nelés. E' evidente, que a sujeição de uma força militar importantissima, e tendo na sua mão alguns dos mais fortes castellos, a um homem residente fóra do paiz, que podia ser um portuguez, mas podia tambem e devia com mais frequeucia ser um hespanhol, é evidente que esta sujeição tinha os mais graves inconvenientes. Emquanto o moiro, o infiel, foi o inimigo commum, aquelles inconvenientes não se sentiram muito, porque os cavalleiros de Santiago, tanto os de Portugal, como os de Leão e de Castella, combatiam pela mesma causa e do mesmo lado. Mas quando, diminuindo o poder dos moiros, as contendas entre os estados christãos se tornaram as mais frequentes e as mais graves, todo o perigo d'este estado de coisas se patenteou.

E' sabido, como annos depois d'aquelles de que vimos tratando, o rei D. Diniz expoz largamente ao papa Nicolau IV os inconvenientes e perigos da situação, e acabou por conseguir, que os cavalleiros portuguezes elegessem um Mestre provincial, com plena independencia ido de Castella. Isto, porém, só veu a dar-se muito mais tarde; e, no momento de que falamos, a Ordem de Santiago da Espada era uma e unida em toda a Peninsula.

A esta Ordem havia D. Sancho II doado — com excepção de Serpa e Moura, de que logo nos occuparemos todas as suas conquistas, feitas ao longo do Guadiana: havia-lhe doado Mertola e os seus termos de um e outro lado do rio; o castello de Alfajar, e Ayamonte com seus termos até ao rio Odiel na margem esquerda; Cacella e Tavira na margem direita. (1)

Quando se deu mais tarde a deposição de D. Sancho, os cavalleiros de Santiago recearam que estas larguis-

(1) Veja-se a *Tradição.*

simas doações lhes fossem retiradas ou disputadas, e trataram de as fazer confirmar pelo papa, o que até certo ponto era natural. Logo no mez de setembro do anno de 1245, Innocencio IV confirmou por uma serie de bullas, dirigidas ao Mestre e cavalleiros de Santiago, todas as concessões á Ordem, feitas por este nosso lado. (1)

Não contente, porém, com isto, a Ordem obteve tres annos depois, e logo em seguida á morte de D. Sancho II em Toledo, a confirmação pelo rei de Castella, D. Fernando III, dos castellos de Ayamonte, Alfajar e Mertola. . . *como los dió elrey D. Sancho mi cormano. . . si aveniere que sean despues en mi conquista.* (2) Ha n'este singular e instructivo documento muita coisa a considerar. Em primeiro lugar, uma confirmação de castellos portuguezes, livremente tomados aos moiros pouco antes, livre e liberalmente doados aos proprios cavalleiros de Santiago por um rei de Portugal, confirmação feita agora por um rei de Castella, sem que tal acto fosse precedido de rompimento de hostilidades ou de communicações diplomaticas, constituia uma violação flagrante da soberania portugueza. Nem a circumstancia de o documento não ser, segundo parece, destinado á publicidade e unicamente a ficar nos archivos de Uclés para o que désse e viesse, me parece ser uma attenuante, e antes a julgo uma circumstancia aggravante, pois dá a todo o negocio uns ares de trama secreto. A phrase condicional *si aveniere que sean despues en mi conquista;* pode provar que havia duvidas em Castella, quanto aos seus direitos sobre todo o lado esquerdo do Guadiana, e podia tambem provir do caracter justo e benevolo de Fernando o Santo, que desejava respeitar, ao menos na fórma, os direitos dos visinhos. Em qualquer dos casos, a ameaça ficava formulada e pendente. E' de notar, que o Mestre de Santiago, que pediu e obteve o documento, era um portuguez illustre, D. Paio Peres Correa, o qual fôra o braço direito de D. Sancho II na conquista justamente de parte dos castellos em questão, e sabia, pelo haver presenceado, á custa de quanto valor portuguez tinham sido encorporados na corôa portugueza. Vê-se, que elle antepoz agora os interesses da sua Ordem aos interesses da sua patria, o que era talvez natural, mas se afasta d'aquelle typo de puro patriotismo, pintado pelos nossos antigos historiadores. Deixando, porém, em paz a memoria de D. Paio, continuemos a tirar do documento o que pode ser util ao nosso assumpto.

O simples facto de a Ordem, quer dizer, o Mestre da Ordem, pedir aquella confirmação, prova que no anno de 1248 se discutia já nos conselhos secretos de Castella — de que D. Paio fazia certamente parte — a legitimidade das ultimas conquistas de D. Sancho II; e se pensava em fazer reviver as antigas e quasi esquecidas convenções do seculo passado.

Só em vista de planos, mais ou menos claramente formulados, os spatharios se podiam considerar ameaçados, e sentiriam a necessidade de se precaver.

Por outro lado, o theor do documento indica, que só se punha em duvida a posse da margem esquerda, e não a das terras Algarve. Pediu-se a confirmação de Mertola, de Alfajar e Ayamonte; e não se disse uma só

(1) Bulla confirmando a doação de Tavira na *Mon. Lusit.* 4.ª Parte, escriptura XXII; not. das bullas relativas a Mertola e a Ayamonte em Herculano, *Hist. de Port.* III, 14.—Ha outras confirmações, mas só citámos as relativas á nossa região.

(2) Conhecemos o Doc. unicamente pela citação de Herculano, *Hist. de Port.* III, 14. E' de janeiro de 1248, e D. Sancho tinha morrido poucos dias antes — não perderam tempo.

Costumes & Perspectivas

Lavradores, dos arredores de Braga

palavra a respeito de Cacella e Tavira. (1)

Porquê? porque, estando na margem direita do Guadiana, se consideravam indiscutivelmente de Portugal, e nenhuma confirmação parecia necessaria por parte de Castella.

Um ou dois annos depois suscitou-se a *questão do Algarve;* mas vemos que no de 1248 só começava a despontar a *questão da margem esquerda.*

Seguindo com o estudo d'esta margem esquerda, vejamos o que se póde apurar —e não é muito, nem muito claro — quanto a Moura e Serpa. Que estas nossas villas foram da Ordem do Hospital de S. João de Acre (2) é facto indubitavel; mas é difficil saber quando e como os hospitalarios ali entraram. Comecemos por dar uma breve noticia do homem que parece ter representado o principal papel n'aquelles acontecimentos.

Affonso Peres Farinha pertencia a uma familia nobre do norte, um dos ramos da qual teve o senhorio de Goes; mas elle proprio era um simples fidalgo, sem grande riqueza e sem grande poder, «cavalleiro de uma lança e um escudo», como o descreve um documento authentico, que logo diremos qual é. Depois de uma mocidade aventurosa, entrou, entre os 25 e 30 annos de edade, na Ordem do Hospital, e veiu para Moura e Serpa, onde viveu vinte annos, fazendo guerra aos moiros da Serra Morena, a quem tomou Aroche e Aracena, que entregou ao rei de Portugal, D. Affonso III. Fr. D. Affonso Peres Farinha — que assim passaram a chamal-o — foi commendador de Moura; foi mais tarde duas ou tres vezes Prior do Hospital, quer dizer, chefe de toda a sua Ordem no reino de Portugal; e passou duas vezes á Terra Santa, a tratar negocios da Ordem, e tambem a combater os infieis. Os reis de Castella e de Portugal fizeram-lhe grandes honras e mercês, e sobretudo D. Affonso III teve-o como privado e pessoa de sua especial confiança, do que lhe deu o mais claro testemunho ao deixal-o por seu testamenteiro.

Em resumo, chegou a ser, pelas suas obras e merecimentos, uma das primeiras, mais influentes e mais respeitadas pessoas de Portugal.

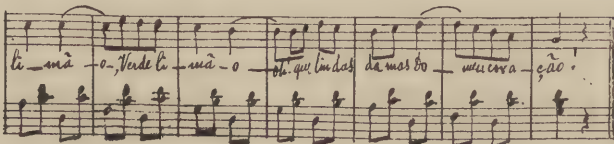
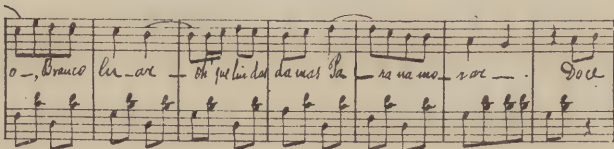
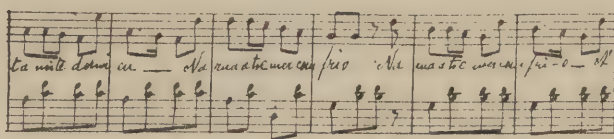
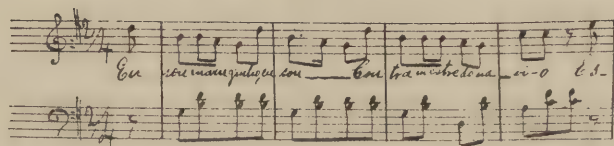
Auxiliado moral e materialmente pelo riquissimo e poderosissimo D. João de Aboim, que lhe deu para isso terras e herdade no sitio ou região de Portel, D. Affonso Peres fez edificar ou ampliar uma egreja e convento da Ordem do Hospital, da invocação de S. Pedro, no sitio chamado do Marmelal, e depois da Vera Cruz. (1)

---

(1) Conheço só a citação de A. Herculano; mas é claro, que se ali se mencionassem outras localidades não as omittiria, elle que é sempre tão cuidadoso e tão habil em tirar dos documentos tudo quanto possam ter de util.

(2) Foi uso designar aquella Ordem pelo nome da sua séde principal; e assim se chamou de S. João de Jerusalem, de S. João de Acre, de Rhodes, e finalmente de Malta.

(1) O convento já existia antes da fundação de Portel; na propria herdade em que se levantou o castello e villa de Portel havia um marco, situado no caminho que vinha de Beja para o convento... *in via que venit de Begia pro ad Monasterium de Marmelal* (*N. Malta portugueza*, II, 194. — Quanto aos nomes dos sitios devem-se ter succedido assim: os cavalleiros do Hospital fundaram uma egreja da invocação de S. Pedro, no sitio chamado do Marmelal ou Marmelar (a primeira fórma parece ser a mais antiga); collocaram ali uma preciosa reliquia, um fragmento do Santo Lenho, trazido sem duvida da Palestina, onde ainda tinham a sua séde principal; depois, nem podia ser antes, começou a chamar-se a egreja da Vera Cruz, ou de Vera Cruz do Marmelar, como ainda hoje se diz. Ali ficou a reliquia, celebre no tempos antigos, e muito venerada ainda nos modernos. Consta que d'ali sahiu duas vezes: a primeira foi quando D. Diniz a mandou pedir emprestada, restituindo-a no seu testamento. «Pero que tenho por bem e mando que tornem logo ao Marmelar a Cruz de *ligno dnj* que ende eu mandei filhar emprestada...»; e o

Cancioneiro musical
IV
Eu sou marujinho
Musica recolhida por D. Elvira Monteiro
(CHOREOGRAPHICA)

Ahi se collocou uma lapide, com uma longa inscripção, da qual constam em grande parte as informações que acabamos de dar. A lapide desappareceu ou destruiu-se; mas ainda existia no tempo do esclarecido bispo de Beja, Fr. Manuel do Cenaculo, o qual mandou tirar d'ella uma copia publicada em *fac-simile*, por J. A. de Figueiredo. (1)

A inscripção não é pontuada, o que introduz alguma incerteza na sua leitura, e, portanto, algumas duvidas na chronologia, que d'essa leitura se diriva.

José Anastacio de Figueiredo leu-a de um modo, e concluiu que Affonso Peres Farinha podia ter vindo para as nossas terras ahi pelo anno de 1243; Alexandre Herculano leu-a de outro modo, e concluiu que teria vindo dez annos antes, ahi pelo de 1233. (2)

E' possivel que assim fosse, e que alguns cavalleiros do Hospital, embora em pequeno numero, viessem tomar parte desde logo na defesa de Moura e Serpa; e tambem é possivel que entre elles viesse Affonso Peres Farinha, o qual — segundo diz a Inscripção do Marmelal — já pertencia á Ordem quando veiu para estas nossas terras: *intravit ordinem predictam et venit Mauram et Serpiam.*

Disse acima que a principio os cavalleiros viriam em pequeno numero, porque não julgo admissivel que a Ordem do Hospital tivesse então uma doação regia de Moura e Serpa, como tiveram, por exemplo, os spatharios em Mertola ou Ayamonte. (1)

Nem d'isso temos documento, nem o facto seria possivel, pelo menos em relação a Serpa, pois o infante D. Fernando teve e conservou durante annos aquelle senhorio, e usou até á sua morte o titulo de Senhor de Serpa, como largamente vimos antes. (2)

Além d'isto, existem varios indicios de que a Ordem, pouco a pouco, por compras, trocas, doações particulares, foi reunindo n'esta nossa região uma massa de bens, com que conseguiu constituir, ao cabo de alguns annos, a Cammenda de Moura, da qual Affonso Peres Farinha foi commendador, e, segundo parece, o primeiro.

Do registo do antigo cartorio de Leça, primeira séde da Ordem em Portugal, consta ter havido um: «Escambho de herdade que fez o ospital cõ Johã perez do qual ficou ao ospital o Castello de Moura».

Não conhecemos a data, nem as outras circumstancias do negocio, porque o documento se perdeu, ou pelo menos Figueiredo não o encontrou, e só o menciona pelo Registo

---

rei accrescenta desculpando-se d'aquelle emprestimo:... «cá a non filhei (tomei) eu senõ por devoçõ que en ella auya cõ intençõ de a fazer tornarhu (onde) ante siya (estava)». — A segunda vez foi quando o prior D. Alvaro Pereira a levou ao Salado por ordem de Affonso IV; o «Lenho da Vera Cruz, que levaram do Marmelar» (Ruy de Pina, *Chronica de El- Rei D. Affonso IV*, p. 61 v.º edição de 1653). O mesmo diz a curiosa relação da batalha que vem nos *Livros das linhagens* (P. M. H. *Script.*, I, 186); o rei ordenou ao Prior D. Alvaro, que «fezese mostrar a vera cruz do marmelar que lhe el mandara trager...»

(1) A lapide parece ter estado na capella mór do lado do evangelho; depois esteve nas casas de residencia do commendador; depois na sachristia da nova egreja; e depois desappareceu. O que se vê, é que não foi victima do tempo, e sim das terriveis obras e restaurações.

(2) Veja-se A. Herculano, *Hist. de Port*, II, p. 326 e nota XXII.—A indole d'estas notas e o espaço de que dispomos, não permitte uma discussão larga, e remettemos o leitor para a lucida exposição de Herculano.

(1) O que se poderia deduzir da phrase de A. Herculano (l. c.) «... e a defeza d'aquelles pontos arriscados (Moura e Serpa) foi confiada aos hospitalarios». Guardado todo o respeito á grande memoria de Herculano, os factos dizem-me que as coisas se não passaram assim, como se verá pela nossa narrativa.

(2) Veja-se a *Tradição.*

ou Indice do cartorio. O pouco que temos é, porém, sufficiente para o nosso intento. Deixando de parte qualquer tentativa para averiguar quem era aquelle João Peres, tentativa que me parece seria baldada, (1) fica no emtanto bem claro o facto do Castello de Moura ter vindo á posse da Ordem do Hospital por um negocio particular.

Do mesmo Registo consta a existencia de uma: «Doaçom que fez Sancha Fernandez ao spital do Castello de Serpa»; e a mesma indicação se repete logo adeante, quasi pelas mesmas palavras, com a unica differença a notar, de se dar o titulo de Dom á doadora—«Dona Sancha frrz». Tambem não ha data pelas razões já apontadas; mas n'este caso podemos chegar a algumas conjecturas plausiveis. Lembra desde logo — como já lembrou a Figueiredo—que esta Sancha ou D. Sancha Fernandes fosse D. Sancha Fernandes de Lara, mulher do infante D. Fernando, senhor de Serpa. De o seu nome nos apparecer só na doação, pode concluir-se que já estava viuva quando a fez. Recordando-nos do que antes dissémos, (2) que aquelle infante morreu no dia 19 de janeiro do anno de 1246, segundo testifica o kalendario da Sé de Lamego, como affirma fr. Francisco Brandão; e admittindo que D. Sancha fez a doação logo depois da morte do marido e por sua alma, o que estava bastante nos habitos da epoca, poderia aquella ser feita no anno de 1246 e talvez logo nos primeiros mezes. As coisas encadeiam-se, em relação a Serpa, de modo bastante plausivel e bastante claro: Serpa é doada ao Infante D. Fernando, logo depois de conquistada aos moiros, ahi pelo anno de 1233; o infante gosa o senhorio, e usa em quanto vive o titulo de senhor de Serpa; por sua morte, no anno de 1246, a sua viuva doa o castello á Ordem do Hospital. Não é possivel affirmar, que os factos se succedessem exactamente assim; mas não ha tambem, me parece, razão para o negar.

O que em todo o caso resulta do que fica apontado, é que o castello de Moura e o castello de Serpa vieram á Ordem pos contractos e doações particulares, os quaes tiveram lugar em epocas diversas, posto que provavelmente proximas. Não houve, portanto, uma doação regia á Ordem, feita por D. Sancho II logo depois da conquista. Que houvesse mais tarde uma confirmação e ampliação dos bens adquiridos, feita ainda por D. Sancho II, ou mais provavelmente já por D. Affonso III, é caso diverso e que julgo perfeitamente admissivel. E' natural que D. Affonso Peres Farinha, já conhecido pelas suas façanhas na guerra aos moiros, quizesse consolidar a posse da sua ordem na margem esquerda, e obtivesse com facilidade algum diploma real n'este sentido.

Ha documentos posteriores, dos quaes resulta, que os hospitalarios tiveram durante alguns annos uma posse ampla na margem esquerda do Guadiana.

Ha uma doação, que fez a rainha D. Brites a Abril Peres no anno de 1283, dando-lhe em herdamento a sua «Grassia (Granja) d'ficalho que é em termo de Serpa assi como *em outro tempo a ordem do espital a melhor ouve...*»; por onde se vê, que os hospitalarios tiveram alguns annos antes todo o termo de Serpa até Ficalho. Ha outra doação da mesma rainha a D. Raimondo de Cordova, feita no anno seguinte, dando-lhe a sua «Grassia e lugar de Mourõ q. he pertença de Moura com to-

(1) Figueiredo embrenha-se em complicadas conjecturas quanto a ter sido João Peres um parente de D. Vasco Martins Serrão e dos seus ascendentes, os que tomaram Moura (*Nova Malta portugueza*, II, 65). Não só as conjecturas são vagas, como o documento da Rainha D. Brites, relativo á tomada de Moura, é suspeito de falsificação moderna, o que lhe tira todo o valor. (*Tradição*).

(2) *Tradição*.

das as Rendas dizimos fruitos... *como noutro tempo a melhor ouve a Ordê do espital*»; por onde se vê, que tambem tiveram todo o termo de Moura até Mourão. (1)

Quando a rainha D. Brites mandou passar aquelles documentos—se acaso são genuinos—já os hospitalarios haviam perdido a posse d'estas nossas villas; ao deante veremos em que data e circumstancias. Mas ha um documento, lavrado quando ainda ali estavam, perfeitamente claro quanto á posse, e além d'isso perfeitamente digno de fé.

E' uma composição amigavel, feita por D. Martinho, bispo de Evora, de um lado, e o Prior do Hospital, fr. D. João Garcia, do outro, ácerca dos seus direitos e respectivas jurisdicções em certas igrejas da Ordem—nomeadamente nas igrejas do Crato, e nas de Moura e de Serpa. Ali se diz, que os capellães apresentados pelo Prior ao bispo, quer fossem seculares, quer freires da Ordem, deveriam jurar nas mãos do proprio bispo, que reconheceriam e respeitariam os direitos da Ordem, assim como os da auctoridade diocesana. E entre as igrejas para que seriam apresentados capellães se nomeiam as *ecclesias de Moura et de Serpa et earum terminis*. D'onde fica bem clara a posse da Ordem do Hospital na data do documento, 1248; e sendo com certeza seu chefe n'esta nossa região o commendador Affonso Peres Farinha. (2)

Em resumo, d'esta longa exposição se vê, que nos perturbados e confusos annos de 1247, 1248 e seguintes, *toda* a margem esquerda do Guadiana, então portugueza, pertencia ás ordens militares: ao norte os hospitalarios, tendo Mourão, Moura, Serpa e Ficalho; ao sul os spatharios, tendo os termos de Mertola, Alfajar e Ayamonte.

Convem ainda notar, porque a circumstancia influiu nos successos posteriores, que do mesmo modo que succedia com a Ordem de Santiago, a nossa Ordem do Hospital andava unida á da Hespanha. Realmente, todos os cavalleiros de S. João do Hospital de toda a christandade obedeciam ao Grão Mestre, então residente em Acre ou Accon na Palestina; mas além d'isso—e este é o ponto importante — a chamada *Lingua* de Hespanha, comprehendendo Portugal, Leão com Castella, Aragão e Navarra, obedecia ao Grão-commendador, a quem se achava sujeito o chefe portuguez, então chamado Prior do Hospital; e que muitos annos depois se passou a chamar usualmente Prior do Crato.

CONDE DE FICALHO.

(1) Citados por Figueiredo (*Nov. Malta Port.* II, 63)—Devo dizer, que estes documentos, como a doação de Moura da mesma rainha, são para mim um pouco suspeitos de falsificados. Deixo apenas a duvida apontada, e outros mais habeis que a verifiquem; em todo o caso não me atrevi a pôr de parte documentos importantes para nós, por uma simples suspeita que pode ser infundada.

(2) A carta vem publicada na integra por J. A. de Figueiredo na *Nova Malta Portugueza*, II, 3.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Eu sou marujinho

Eu sou marujinho, eu sou
Contra-mestre de o navio.
Esta noite dormi eu
Na rua, a tremer com frio!

Na rua, a tremer com frio,
A' porta do meu amor.
Eu sou marujinho, eu sou
Contra-mestre de o vapor.

Doce limão,
Branco luar...
Oh! que lindas damas
Para namorar.

Doce limão,
Verde limão... .
Oh! que lindas damas
Do meu coração!

(Serpa)

Elvira Monteiro.

BANCO RURAL DE SERPA

(Continuado de pag. 43)

«Poderão os officiaes da camara com o corregedor da comarca obrigar uma pessoa do povo abonada a que seja depositario, ao qual Mando que se lhe dei o salario que tem o Depositario do celleiro d'Evora—24:400—e o que assim elegerem ou obrigarem será sempre abonado pelos ditos officiaes da camara.

Terá o celleiro d'este Deposito tres chaves, huma das quaes terá o Vereador mais velho; outra o Escrivão da camara e a outra o Depositario, que será obrigado a dar conta cada anno de todo o trigo que pelos Livros da receita constar se meteo no Deposito, e dinheiro, que se fizer nas vendas do dito trigo que tudo lhe será carregado em receita, e não a outrem, nem poderá estar em outra mão sob as penas que houver por bem contra quem o contrario fizer.

«Haverá dous Livros, hum de receita e metidas e outro de despezas e tiradas, numerados e rubricados pelo dito Corregedor da comarca e em sua auzencia os rubricará o juiz de fora, em os quaes se apontará pelo Escrivão da camara com toda a clareza, no da receita todo o trigo que no Depozito entrar, e no da despeza, todo o que do Depozito sahir, e em titulo apartado o que se vender ao povo, havendo esterilidade ou necessidade para isso; formando-se assento particular a cada pessoa, que trouxer ou levar trigo, e nos das tiradas assignará a tal pessoa, e seu fiador, constando por Despacho dos officiaes da camara, que está por elles acceito e abonado, e da quantia que lhe mandão dar; e no das metidas e receita o Depozitario, que tambem assignará no das tiradas, para que se não possa tirar, ou meter trigo no Depozito sem elle acistir, para delle dar conta; e no assento das metidas se citará sempre o assento das tiradas, dizendo em que Livro e folhas fica, para se ver se meteu e pagou o que direitamente devia de trigo e crescença conforme á tirada que havia feito. E todo o trigo que se dever da tirada que se fizer em hum anno, se assentará no anno vindouro, na metida, que se fizer em satisfação da tirada; sem se poder assentar em o Livro d'outro anno algum, por assim se averiguar milhor se satisfez tudo o que importava á tirada de cada hum anno, e se evitar a confuzão, que de contrario pode rezultar, e na assentada e enserramento das metidas e tiradas assignará sempre com o Depozitario ó Vereador que a ella assistir.

«Levará o Escrivão da camara de cada assento de tirada ou metida hum vintem á custa das partes que levarem ou trouxerem trigo, sem outro algum salario mais, e as mesmas partes pagarão a medidage, para o que o Depozito não pague custo algum e não poderá o dito Escrivão ou quem por elle servir, fazer assento algum de tirada sem Despacho dos officiaes da camara nem outro sim de metida, sem que assigne o Depozitario, e fazendo o contrario, haverá apenas o que Eu houver por meu serviço.

«Repartir-se-ha o trigo do Depozito aos Lavradores cada anno, nos mezes de setembro e outubro, para terem lugar de o semiar, e aos moradores, quando a necessidade o pedir. Assistirão sempre ás tiradas e metidas hum official da camara por turno, quando o Vereador mais velho não poder assistir, e á cobrança finda e repartição ou metida assistirão com as suas chaves, o Escrivão da camara, e o Depozitario e o Vereador mais velho dará a sua chave

ao dito official, no caso que não possa assistir e emquanto estiver impedido; e nunca se abrirá o celleiro sem todos tres estarem presentes, e depois de sahir o sol, e em elle se pondo se fixará com as ditas tres chaves na dita forma.

«E outro sim Mando que a repartição se faça com toda a inteireza e igualdade, sendo presente em camara o juiz de fora: e se cobrará todo o trigo que estiver repartido em um anno, no novo do anno seguinte executivamente e de cadea, como Fazenda minha, não ficando trigo algum por cobrar d'um anno para outro nem se dará trigo algum a quem estiver devendo, sem primeiro entregar no Depozito todo o que estiver devendo o que assim me apraz, que observem, por evitar descaminhos que de contrario podem resultar, por via ou intervenção d'algumas pessoas poderozas, que tendo em seu poder o trigo, que huma vez lhe foi dado, o não restituem ao celleiro, sendo isto em prejuizo dos mais, e detrimento do Depozito.

«As vendas que se fizerem do trigo deste Depozito se não poderão nunca fazer sem o parecer do Corregedor da camara, e quando a necessidade o pedir, para que se evite todo o meio de se divertir o trigo e o dinheiro das ditas vendas, para o dito Corregedor logo carregar em receita ao dito Depositario.

«Havendo anno em que os moradores não necessitem de trigo do Deposito, estando este mal acondicionado, ou outra qualquer cousa que seja necessario reformarse: Hei por bem que os Officiaes da Camara, com parecer do Corregedor, estando na terra, possão obrigar os moradores tomem o dito trigo, pela repartição que for feita, conforme aos cabedaes de cada hum, e reporão outra tanta quantia como a que lhe for dada, no primeiro novo entregando-o bom e de receber, no mesmo depositario ás suas custas, sem crescença alguma, para que assim se conserve sempre inteiro para conveniencia dos mesmos moradores.

«E mando ao dito corregedor da comarca tome conta em cada um anno d'este deposito, o que fará com o seu Escrivão, e tudo que achar dever-se ou dezencaminhado, para logo cobrar executivamente, como se cobra minha Fazenda, e de cadeia; e tendo tudo cobrado sem faltar cousa alguma, constando por fé do Escrivão da Camara, lhe farão os ditos Administradores dar quatro mil reis em trigo do mesmo Deposito, conforme o valor que tiver na praça, e não dando tudo cobrado, não levará salario algum, e levando-o lhe será pedido na rezidencia, e o pagará em dôbro, e não o procurando os Officiaes da Camara, se haverá por suas Fazendas para o dito Deposito: e ao Escrivão que assistir ao Corregedor n'esta conta, arbitrará o mesmo Corregedor o salario conforme o trabalho que tiver, em escrever a dita conta, respectivamente ao que costumão levar os Escrivães da Provedoria de similhantes contas. E outro sim mando ao dito Corregedor da Camara para em tudo cumprir e guardar este Alvará, e tome as ditas contas com a applicação que pede este negocio, e conservação do dito Celleiro, tanto em utilidade do bem commum, e nas devassas geraes, que cada anno tirar em Correição, pergunte se houve algum descaminho n'este Deposito, ou se se deixou de cumprir tudo ou parte do que fica dito, e achando culpados, os obrigue a livramento, fazendo-lhes repor tudo o que achar de direito no Deposito, procedendo a prizão contra os culpados; e para esse effeito lhe mandarão os ditos officiaes da Camara dar copia d'este Alvará que será trasladado aonde for necessario para que em tudo se cumpra e guarde inteiramente, como n'elle se contem, e valerá, posto que sem effeito de durar mais de um anno, sem embargo da Ord. L.º 2.º Tit. 40 em contrario, e não passará pela Chancellaria.

Miguel Vieira o fez em Lisboa aos 17 de dezembro de 1671.»

(*Continúa*)

A. DE MELLO BREYNER.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

Segunda parte

(Continuação de pag. 41)

XXXVII

Quem anda, caminho leva,
Quem falla; que dizer tem,
Quem busca, por tempo acha,
O que é seu á mão lhe vem.

XXXVIII

Meu amor não está aqui,
Mas está quem lhe vá contar
Que eu, na sua ausencia d'elle,
O meu allivio é chorar.

XXXIX

Malo haya meu bem
Que tanto me engana!
Que havia de vir
No meio da semana!

XL

Comadre, não se admire
D'um macaco fazer renda,
Que eu já vi uma cegonha
N'uma loja vender tenda.

XLI

Triste coração,
Alegra-te agora!
Que aqui tens á vista
Um bem que te adora.

XLII

Lá no meio d'aquelles mares
'Stá uma pombinha branca.
Não é pomba, não é nada,
São ondas que o mar levanta.

XLIII

A' vista do cruel fado
Adorei tua belleza;
Seja embora desgraçado,
Mas em mim móra firmeza.

XLIV

Fui á serra á balsamina
Para embalsamar meu bem,
P'rá terra lhe não gastar
Os lindos olhos que tem.

XLV

Não me pesa de ser feia,
Que isso remedio não tem.
Que importa que me não amem,
Se eu não quero amar ninguem?!

XLVI

Não ha flôr como o junquilho
Creado no alagôto,
Nem amor como o primeiro...
Não *sendo* elle *maroto*!

XLVII

Quem tem fome falla em pão,
Se não tem a tripa rota.
Quem não tem aqui rapaz
Não entala nem uma sopa.

XLVIII

Primavera se ausentou,
Deixou as flôres no campo.
Tambem meu bem se assentou,
Um amor que eu queria tanto!

(*Continúa*).

(Da tradição oral, em Serpa.)

M. DIAS NUNES.

Phraseologia popular

—

(Continuado de pag. 44)

Duro como ossos.

*

Alegre que nem umas paschoas.

*

Triste como a triste noite.

*

Ruim como um cão.

*

Falso como Judas.

*

Bom como as coisas bôas.

*

Bruto como um cerro.

*

Bruto como uma asinheira.

*

Delicado como um cerro. (Ironico.)

*

Mau como las aranhas. (Ironico.)

*

Manso como um cordeiro.

*

Aceado como o pau do gallinheiro. (Ironico.)

*

Sujo como um porco.

*

Magro como um engeitado.

*

Magro como um galgo.

*

Gordo como um lontro.

*

Gordo como um porco.

*

Gordo que nem um pote.

*

Gordo como um espeto, na ponta. (Ironico.)

*

Fino como o azeite de Moura.

*

Fino como um coral.

*

Fino como o azougue.

*

Activo como um defuncto.

*

Doce como o mel.

*

Azedo como borras de vinagre.

*

Amargo como um veneno.

*

Amargo como o fel.

*

Amargo como o piorno.

*

Direito como um fuso.

*

Forte que nem uma muralha.

*

Valente como as armas.

(Continúa).

(Da tradição oral, em Serpa)

M. DIAS NUNES.

MISCELLANEA TRADICIONISTA

—

Os mandamentos do borracho

O primeiro—amarás
Os vinhos de Portugal,
E agua lhe deitarás
P'ra que te não façam mal.

O segundo — jurarás
Pela folha da parreira;
Antes tu te enfadarás
Com quem te corte a cepeira.

O terceiro é guardar
No armario pão e queijo,
E vinho, que beberás
A' medida do desejo.

O quarto—tu honrarás...
Uma borracha de vinho:
O chapeo lhe tirarás
Se a topares no caminho.

O quinto—não matarás;
Só se fôr a cabra ou bóde...
Tirar o espicho ao pote
E' coisa que o homem pode.

O sexto—tu guardarás
A talha—se fôr pequena;
E' á bocca lhe apararás,
Que te faça a côr morena.

Oitavo—é não levantar
Homem que esteja acarrado;
Antes tu te deitarás,
Borracho, p'ró outro lado.

Nono—não desejarás
Borracha que não fôr nossa;
A bocca lhe taparás,
P'ra qu'exgottar-se não possa.

Decimo—é não cubiçar
As pernas d'uma gallega;
Antes tu te metterás
A sacristão n'uma adega.

Estes dez mandamentos
Se encerram em dois:
O vinho é p'rós homens,
A agua é p'rós bois.

(Serpa.)

*
* *

Mandamentos do maltez

Primeiro — andar por cabanas e palheiros.
Segundo — andar aos pulos pelo mundo.
Terceiro—usar pouco dinheiro.
Quarto - andar leve de fato.
Quinto—andar das algibeiras limpo.

E quem estes mandamentos usar,
Não lhe faltará, entre as unhas, que matar.

(Serpa.)

*
* *

Cerimonia nupcial

Contava, ha annos, o semanario *O Figueiroense*:

«Na freguezia de Santa Maria de Bouro, por occasião de algum casamento, respeita-se a velha costumeira seguinte:

No acto de irem receber-se, vem um dos principaes parentes do noivo á porta do que ha-de ser sogro, onde está á sua espera um parente dos paes da noiva, e tirando ambos os chapeos, pergunta o parente da noiva ao outro:

—Que procuraes?

Responde o outro:

—Mulher, honra, fazenda e linheiro.

Logo o outro toma a noiva pela mão e apresentando-lh'a, diz:

—Ella cabras guardou, sebes saltou; se em algumas se espetou e a quereis, assim como é, assim vol-a dou.

Dito isto, dirigem-se á egreja, onde por seu turno entra o padre em scena na celebração do matrimonio;

depois, ainda que appareça «defeito», já não é permittida desunião nem questão de especie alguma, pois que ella, a interessada, apoia-se na presupposta força d'aquellas palavras, proferidas pelos dois parentes dos noivos.

Taes palavras são ao mesmo tempo «um veu» com que escondeu á noiva todas as... «culpas passadas.»

M. Dias Nunes

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

Desanda palitroques

Era d'uma vez um velho e uma velha; viviam muito pobres, porque o velho já não podia trabalhar, e um dia a velha zangou-se com elle e elle, apaixonando-se, foi para o campo e encontrando um homem que lhe perguntou se queria ir guardar gado, disse-lhe que sim, e foi-se com elle.

Ao fim d'um anno pediu ao amo para vir ver a mulher e entregar-lhe o dinheiro que tinha ganho.

O amo consentiu n'isso, deu-lhe um guardanapo e disse-lhe:

— Quando tiveres fome, não tens mais que dizer: «Guardanapo, compõe-te.

No meio do caminho, o velho, como tivesse fome, estendeu o guardanapo e disse:

— Guardanapo, compõe-te.

E logo ali appareceu muito de comer.

O velho ficou muito contente, e disse:

— Bom! Já não preciso guardar gado.

Foi andando e foi ter a uma estalagem, dizendo á estalajadeira que lhe guardasse aquelle guardanapo, mas que não dissesse: «Guardanapo, compõe-te».

Logo que o velho sahiu, a filha da estalajadeira disse para a mãe: «Vamos experimentar o guardanapo, e vêr o que isto é:

— Guardanapo, compõe-te!

E appareceu comida e mais comida.

— Bom!— disseram ellas —Já não precisamos accender lume para darmos de comer a quem nol-o pedir.

E ficaram com o guardanapo.

Quando o velho veiu, deram-lhe outro. O velho, quando chegou a casa, perguntou á mulher o que tinha para a ceia. E ella disse-lhe:

— O que hei-de eu ter? Uns feijões!

— Aventa lá com isso, mulher, que trago ceia melhor.

Ella não queria, mas elle tanto teimou, que a velha teve de aventar os feijões.

E elle começou para o guardanapo:

— Guardanapo, compõe-te! Guardanapo, compõe-te!

E nada de apparecer comida. A velha ficou desesperada e pôz o velho na rua.

E aqui vae o velho outra vez para casa do amo a guardar gado. Ao fim d'um anno quiz ir outra vez ver a mulher e o amo deu-lhe uma burra e disse-lhe:

— Quando tiveres precisão de dinheiro, não tens mais do que dizer: «Burra, faz dinheiro».

No caminho quiz experimentar o caso, e a burra fez bastante dinheiro.

Foi ter á mesma estalagem, deu a burra a guardar, mas com a recommendação de que não lhe dissessem: «Burra, faz dinheiro».

Succedeu-lhe o mesmo que quando foi do guardanapo— trocaram-lhe a burra.

E aqui vem o velho a caminho de casa com a burra trocada. Chegou lá e diz para a mulher:

— Já somos ricos. Queres vêr? E começa a dizer:

— Burra, faz dinheiro.

Mas a burra não fazia coisissima

nenhuma. E a velha, cada vez mais desesperada com tantos enganos, põe o velho na rua.

E lá foi o pobre do velho outra vez para casa do amo a guardar gado.

Ao fim de outro anno quiz o velho tornar a casa para ver a mulher e o amo deu-lhe um sacco com dois paus dentro e disse-lhe:

—Quando te vires n'alguma afflicção, não tens mais do que dizer para o sacco: «*Desanda palitroques*»; e quando não queiras que elles batam mais, dizes: «*Palitroques ao sacco*».

No meio do caminho, o velho quiz experimentar, e ao dizer: «*Desanda palitroques*», saltam os paus de dentro do sacco e começam a bater em tudo quanto encontravam; depois de se fartar de ver bater, disse: «*Palitroques ao sacco*», e aqui veem elles metter-se no sacco.

Disse o velho para comsigo: «Agora é que me vou a castigar a estalajadeira, que me ficou com o guardanapo e com a burra.

Chegou á estalagem e disse:

— Guardem-me cá este sacco, mas não lhe digam: *Desanda palitroques*.

A estalajadeira e mais a filha, como das duas vezes se tinham sahido bem, assim que o velho deu costas, disseram: «*Desanda palitroques*», e aqui começaram os paus a bater-lhes fortemente; n'isto veiu o velho e ellas pediram-lhe por tudo quanto havia que as livrasse d'aquella pancadaria de crear bicho, e elle disse-lhes:

— Só accudo se me apresentarem o meu guardanapo e a minha burra.

—Pois sim, senhor, disseram ellas, com tanto que nos livre d'isto.

Depois o velho disse:

— *Palitroques ao sacco.*

E os paus deixaram de bater, e o velho foi para casa muito contente com as suas prendas.

Bateu á porta, a mulher não lh'a queria abrir, julgando que a ia enganar pela terceira vez; mas tanto lhe pediu que ella cedeu; e experimentaram as duas primeiras prendas, que deram bom resultado.

A velha ficou muito contente, porque já estava rica, e ficaram vivendo como Deus com os anjos.

Os visinhos assim que viram aquella fartança, foram accusar o velho de ladrão.

Foi preso o velho e condemnado á morte.

Quando já estava rodeado da justiça e de muito povo para o verem enforcar, elle pediu que lhe deixassem vir de casa um sacco que lá tinha; disseram-lhe que sim, e logo que o sacco chegou, gritou o velho:

—«*Desanda palitroques!*»

E começaram os paus a bater n'aquella gente toda; houve muitas pernas partidas e braços e cabeças quebradas, e começaram todos a pedir que os livrassem d'aquella pancadaria, e o velho disse:

—Só se me perdoarem a morte, porque estou innocente; a riqueza que tenho deu-m'a meu amo, que era S. Pedro.

A justiça disse que sim, e o velho gritou:

—«*Palitroques, ao sacco!*»

Logo que os paus se metteram no sacco, pôl-os ás costas e foi-se caminho de casa a viver com a sua velhota.

Colori, colorado, está meu conto acabado.

(Elvas).

A. Thomaz Pires.

Proverbios & Dictos

(Continuado de pag. 48)

DLXXXVI

Quem não chora não mamma.

DLXXXVII

Bens de capella—vão a quem tocam.

DLXXXVIII

A festa passa—o pobre gasta.

DLXXXIX

Quem tem um não tem nenhum.

DXC

Bem te conheço — és de Braga, chamas-te Lourenço.

DXCI

Quem muito pede, muito féde.

DXCII

Quando o mal é de morte, o remedio é morrer.

DXCIII

Emquanto o pau vae e vem, folgam as costas.

DXCIV

Quem é parvo, pede a Deus que o mate ou ao diabo que o leve.

DXCV

Official a official não leva nada.

DXCVI

Uma constipação bem curada leva trez dias e mal curada leva quatro.

DXCVII

Um favôr qualquer faz.

DXCVIII

O que tem de ser tem muita força.

DXCIX

Quem não conta é que não erra.

DC

Ai! que me queimei! — depois de queimado...

DCI

O que se ha-de pedir aos santos pede-se logo a Deus.

CII

O vinho fez-se para os homens.

DCIII

Em pouco, pouco se perde.

DCIV

O que o berço dá, a cova o leva.

DCV

Quem quer ser respeitado, dá-se a respeito.

DCVI

Pedra bulidiça não cria limos.

DCVII

Quem quer meninas bonitas compra-lhe enfeites.

DCVIII

Quem tem rabo não se assenta.

DCIX

Todos os caminhos vão dar a Roma.

DCX

Se é mel, lambam todos.

(*Continúa*)

(Da tradição oral, em Serpa)

M. Dias Nunes.

Volume VI

Anno VI

N.º 5

SERPA (PORTUGAL), Maio de 1904

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

E M. DIAS NUNES

SUMMARIO

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Em Portugal, serie de 12 numeros	1$200 réis
Para o Estrangeiro, serie de 12 numeros	8 fr.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO

Cada numero 1 fr.

Paris — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
Londres — F. FISHER UNVIN, Publisher — 11, Paternoster Buildings.
Berlin — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO - Serpa

Venda avulso no paiz

100 RÉIS CADA NUMERO

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*
Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*
Coimbra — *Livraria França Amado*
Braga — *Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª*
Vianna do Castello — *Livraria Academica e Religiosa*

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de : *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Sousa Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por : *Alberto Pimentel, filho (Dr.). Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, explendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de : *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, ***

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de : *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva, A. J. Torres de Carvalho, M. Dias Nunes, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Sousa Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.).*

QUINTO ANNO

1903

12 numeros, de formato in-4.º maximo, illustrados de numerosas photogravuras e zincographias, e contendo artigos de : *Arronches Junqueiro, A. Thomaz Pires, D. Antonio X. Pereira Coutinho, A. R. Gonçalves Vianna, Alberto Pimentel, D. Antonio de Mello Breyner, Dr. Candido de Figueiredo, Conde de Sabugosa, Conde de Arnoso, Costa Caldas, Celestino Soares, M. Dias Nunes, D. Elvira Monteiro, F. d'Assis Orta, Dr. Graça Affreixo, José da Silva Picão, D. João da Camara, Julio de Lemos, José Orta Cano, Dr. Ladislau Piçarra, Manuel Ramos, Pedro A. d'Azevedo, Ramalho Ortigão, Dr. Sousa Viterbo, Dr. Thomaz de Mello Breyner, Dr. Theophilo Braga.*

Anno VI — N.º 5 SERPA, Maio de 1904 Volume VI

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Imprensa Africana — Rua de S. Julião, 58 e 60 — LISBOA

A Tradição

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

Notas historicas ácerca de Serpa

XIV

Como Serpa passou para Castella

No anno de 1249, D. Affonso III, já proclamado rei de Portugal, marchou para a conquista do Algarve, ou — para sermos mais exactos — dos *restos* do Algarve. Acompanhava-o seu tio D. Pedro, o velho conde de Urgel, um eterno batalhador que acabava de chegar do cerco e tomada de Sevilha; acompanhava-o o Mestre d'Avis, assim como Gonçalo Peres, commendador de Mertola, chefe dos spatharios em Portngal (*); e varios fidalgos, que começamos a ver figurar então, porque os ultimos acontecimentos — como era natural — haviam renovado completamente o pessoal da côrte, que n'aquelle tempo era tambem o pessoal de guerra. Faltavam ali os de Soverosa e outros parciaes de D. Sancho II, que se achavam refugiados em Castella ou retirados nas suas terras do norte; e em seu logar vemos apparecer os Portocarreiros, os de Britteiros, os Mellos, um ramo da antiga familia de Riba de Vizella, entre elles Mem Soares, grande privado do rei, os filhos de Pedro Ouriguez, um dos quaes, João Peres de Aboim, foi depois mordomo-mór e a mais influente pessoa do paiz.

A parte do Algarve, por Loulé, Faro, Silves e todo o angulo occidental, continuava a pertencer ao Imperio almohade, governado nominalmente pelo Khalifa, residente no Maghreb, o «miramolim Rey de Marrocos», como dizem algumas das nossas antigas chronicas. (*)

Mas o formidavel Imperio almohade dos velhos tempos de Affonso Henriques, apertado na Peninsula pelas conquistas successivas dos reis christãos, dilacerado na Africa pelas revoltas dos Bens-Morins e outros, ia cahindo aos bocados, e não era nem a sombra do que antes fôra.

A conquista do Algarve não foi, portanto, nem difficil, nem longa. Não nos pertence contar o pouquissimo que se sabe — ao certo — ácerca d'aquella conquista, e unicamente procurar a origem do que depois

(*) As nossas antigas chronicas dão o Mestre de Santiago, D. Paio Corrêa, como presente n'esta conquista do Algarve; mas o facto é mais que duvidoso.

Se ha epoca em que as chronicas, portuguezas e hespanholas, sejam especialmente confusas o inexactas, é justamente esta. Notar as suas contradições seria um nunca acabar; e assim iremos simplesmente seguindo a nossa narrativa.

(*) Justamente então, o Khalifa As-Said acabava de ser morto por uns revoltosos; e o seu successor, Al-Morteda, ainda não fôra eleito.

constituiu a *questão do Algarve*. Isto mesmo nos interessa indirectamente e só porque a tal questão se vem enredar na historia de Serpa.

Diz-se que governava no Algarve, no momento da conquista, um moiro, chamado Aben Mahfot, Aben Maffod, Aben Moffo, Abumafon, Alamafon, que de todos estes modos e ainda de outros, encontramos o seu nome escripto. E diz-se que este moiro era a mesma pessoa que um certo Muhamad, o qual se achava no anno anterior na defeza de Sevilha, e apparece designado como Senhor de Niebla e commandante da cavallaria do Algarve.

E' possivel que isto seja assim; que o seu verdadeiro nome fosse Mohamed-Ibu-Mahfud ou coisa parecida; e que elle governasse em tempo toda a zona littoral do occidente, desde Niebla até á extremidade do nosso Algarve, região que—segundo vimos—foi depois cortada materialmente em dois troços pelas conquistas de D. Sancho II e dos spatharios, ao longo do Guadiana até ao mar.

Parece que este moiro, ao ver perdido o Algarve, fugiu d'ali por mar, e veiu ter com o infante D. Affonso, herdeiro de Castella, cedendo-lhe os seus direitos á posse de Faro, Silves e outras terras e castellos d'aquella provincia. Procurava assim alcançar a benevolencia do poderoso principe hespanhol, afim de manter uma posse tranquilla, embora subordinada, nas terras de Niebla, *el reyno de Niebla*, como ás vezes então lhe chamavam. E parece, que o infante D. Affonso acceitou os offerecimentos do moiro. (*)

E' clarissimo, que a cedencia de Ibu-Mahfud, ou como quer que o moiro se chamasse, constituia para o infante castelhano um direito puramente irrisorio. Não se podia tomar a sério, que um moiro viesse ceder terras já perdidas, e que não tivera força nem habilidade para manter. Havia seculos, que na Peninsula se tomavam terras a moiros sem nunca se terem respeitado os seus direitos, nem mesmo pensado n'isso. Se ao proprio D. Affonso, quando annos antes conquistou o reino de Murcia, viessem dizer, que o rei de Murcia havia cedido os seus direitos, por exemplo, ao rei de Aragão, elle teria considerado tal acto como absolutamente nullo. Não alcançou, pois, um direito, e era bastante intelligente para o saber; mas obteve um pretexto, e seria isto o que desejava.

Vemos assim, como a *questão do Algarve* se sobrepoz á *questão da margem esquerda*, a qual já existia desde o anno anterior. Sómente, como a posse da rica, bem cultivada, densamente povoada provincia do Algarve era muito mais importante, que a dos pequenos castellos de Serpa e Moura, e das terras quasi desertas de Ayamonte, a segunda questão veiu a tomar o primeiro lugar nos successos e nas narrativas dos historiadores, emquanto a primeira em data passava modestamente ao segundo plano, sem comtudo esquecer.

E' o que se vê da seguinte phrase de fr. Antonio Brandão, o qual diz, que a causa das desavenças entre os dois paizes foi «...a terra do Algar-

(*) Veja-se Herculano, *H. de Port.* III, nota III, onde a questão vem muito mais largamente exposta do que o podemos fazer aqui.—E' muito possivel, que toda esta historia, hoje extremamente confusa, se venha a esclarecer. O periodo da decadencia do Imperio almohade está por emquanto mal estudado, e pode-se esperar, que algum arabista da Peninsula ou do resto da Europa, venha a encontrar nos codices arabicos, ainda ineditos, alguns esclarecimentos a respeito d'este periodo e do nosso facto especial.

O que hoje sabemos é devido aos antigos livros christãos, mal informados em geral sobre as coisas dos moiros; e pelo lado arabico ao livro de D. José Conde, que sabia pouco, e—o que é peor—quando não sabia, inventava.

Costumes & Perspectivas

No Guadiana (Serpa)

ve, e as *partições e divisões dos Reynos de Portugal e Leão* (1)

Para que a questão da margem esquerda não esquecesse, contribuia o facto de os portuguezes não ficarem ali quietos, mas irem sempre avançando.

Com uma certa probabilidade se pode collocar no mesmo anno de 1249, e no periodo em que D. Affonso III andava no Algarve, uma importante expedição de D. Affonso Peres Farinha. Reunindo os seus cavalleiros do Hospital, e as forças locaes de Serpa e Moura, embrenhou-se pelos desvios e matagaes da Serra Morena, e foi atacar os castellos de Arôche e Aracena. As suas forças de certo eram pequenas, e o commettimento foi atrevido; mas aquelles castellos renderam-se, e elle entregou-os depois ao rei de Portugal, D. Affonso III. Tudo consta da Inscripção do Marmelal: «...*et fecit in mauris multum malum et multam guerram et transivit cum eis in magnis prelis et actibus armoruu et cepit ab eis Aronchi et Arecena et dedit eas domno Alfonso III regi Portugaliae.*

E' evidente, que nada d'isto agradava em Castella.

Em resultado de todos estes factos, e de todos os precedentes apontados nas notas anteriores, a guerra rebentou no anno de 1250 entre o herdeiro de Castella e o rei de Portugal (1). Pode parecer singular, que se fizesse uma guerra sem a intervenção, ou mesmo contra a vontade do rei de um dos paizes; mas pode advertir-se, que as coisas não estavam tão bem reguladas n'aquelles governos da Idade media quanto o foram depois; que Fernando o Santo se achava já bastante velho e cansado; e que o seu herdeiro era um homem feito, muito poderoso, com uma brilhante reputação militar alcançada na campanha de Murcia, e alem d'isso filho pouco obediente—o que bem caro pagou mais tarde.

Fundando-se em conjecturas até certo ponto plausiveis, posto que talvez não muito solidas, Alexandre Herculano admittiu, que as operações militares se localisaram no norte, pelos lados do Cox; e não nas nossas margens do Guadiana. Na falta de documentos, é impossivel saber a verdade ácerca d'esta circumstancia, que de resto pouco deve ter influido nos resultados finaes. O que se sabe, é que a guerra foi curta, para o que contribuiram sem duvida os esforços de D. Fernando III, auxiliado pelo influente mestre de Santiago, D. Paio, a quem, como portuguez e ao mesmo tempo chefe da Ordem em Hespanha, não podia convir a prolongação da hostilidade.

(*Continúa*)

CONDE DE FICALHO.

(1) Leão estava agora unido a Castella, e podemos dizer indistinctamente as fronteiras de Leão, ou as fronteiras de Castella; mas rigorosamente Portugal era por toda a parte limitrophe do antigo reino de Leão.

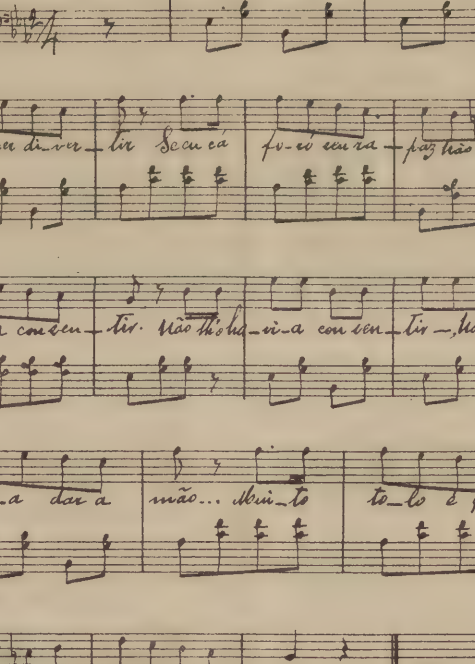
(2) Esta guerra de 1250 foi confundida com a de 1252 por todos os nossos historiadores, mesmo pelos Brandões, tio e sobrinho; e só A. Herculano veiu a demonstrar terem sido distinctas.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Anda aqui uma menina

Anda aqui uma menina
Que se não quer divertir.
Se eu cá fôra o seu rapaz
Não lh'o havia consentir.

Não lh'o havia consentir,
Não lhe havia dar a mão...
Muito tolo é quem dá
Ao mundo satisfação!

Serpa

Elvira Monteiro.

Cancioneiro musical
V
Anda aqui uma menina
Musica recolhida por D. Elvira Monteiro
(CHOREOGRAPHICA)

LENDAS LOCAES

A cobra da "Quinta do Fidalgo"

A noroeste da villa de Serpa, vindo mesmo bater-lhe nos muros, estende-se uma larga porção de fertil terreno, cercado por uma solida parede de pedra e cal. Esta boa propriedade, composta na sua maior parte de terra limpa e d'algumas oliveiras, apresenta ao fundo, do lado occidental, um pequeno hortejo, restos duma horta que outr'ora ali existiu. A mesma propriedade pertence á illustre casa Ficalho e denomina-se a «Quinta do Fidalgo».

Noutros tempos foi esta quinta plantada de vinha, e a maneira como tal vinha acabou, é, conforme se conta, devéras caprichosa. Pois diz-se que, estando a dita quinta na posse do fidalgo Domingos de Mello, succedeu que, em certo dia, um criminoso se refugiou na mencionada vinha, para evitar a acção da justiça.

Não lhe valeu, porém, o privilegio do abrigo, porque ali mesmo as auctoridades o foram prender.

Domingos de Mello, indignado por lhe terem abusivamente invadido a propriedade, mandou arrancar a vinha, que—diz a tradição—até estava carregada d'uva.

Mas deixemos este curioso episodio, que trouxemos aqui accidentalmente, e passemos á historia da «cobra da quinta».

*
* *

Na alma ingenua do povo serpense ainda se abriga a crença de que, na chamada «Quinta do Fidalgo», existe uma *cobra encantada*, a qual, de tempos a tempos, faz a sua apparição perante os transeuntes. A lenda deste imaginario reptil é na verdade muito interessante, e, por isso, merece ficar registrada.

Eis a lenda:

A referida cobra apresenta uma grande cabelleira, os olhos são pretos e muito lindos; usa «cabello á rainha» e vive junto dumas figueiras componentes do supracitado hortejo. Segundo o vulgo, trata-se aqui da transfiguração duma fidalga denominada Anna.

A cobra pode *desencantar-se*, mas para isso é necessario proceder a uma prática assaz desagradavel e melindrosa. Essa prática consiste no seguinte:

A pessoa que pretender realisar o *desencanto*, tem de bradar por Anna, que é, como já dissémos, o nome da fidalga encantanda. A cobra, ouvindo este nome, ha d'apparecer sob a fórma dum touro dando grandes urros e querendo marrar. Se a pessoa que bradou por Anna não tiver medo, o touro retirar-se-ha, para voltar dahi a posco transformado num cão preto. Se a mesma pessoa não se assustar por ver o cão preto, este irse-ha embora, e em seguida virá a cobra, que se lhe enroscará em volta da cintura e lhe dará um beijo na cara.

Ora, para que o *encanto* seja quebrado, é absolutamente necessario que a pessoa que levou o beijo continue a mostrar-se foita, aliaz é morta pela cobra.

Diz ainda a tradição, que a mencionada cobra apparece na manhã de S. João com um thesouro d'ouro e prata, para entregar á pessoa que a desencantar; e que, quando ella apparece a alguem, em sonhos, diz:

—«Eu não engano ninguem, quem tiver foiteza póde vir desencantarme.»

*
* *

Como prova de que ainda hoje existe a crença popular a que nos vimos reportando, vamos descrever um facto succedido ha poucos annos. E' a historia duma rapariga, que julgou

ver a celebre cobra na occasião em que seguia para a ceifa.

Foi o chorado conde de Ficalho, insigne collaborador desta revista, quem nos communicou o interessante caso que seguidamente publicâmos:

Em certa madrugada de verão, acompanhada de sua irmã e doutra rapariga, caminhava M. U., de 15 annos, natural de Serpa, pela estrada de circumvallação, na parte que margina a quinta da «Fidalga.» Ao passarem a ponte do Pancáio, ouviram, M. U. e as companheiras, uma voz medonha, sahida dum vulto tendo cabeça de gente, o qual estava collocado junto do muro da referida quinta.

M. U. em razão do grande susto que apanhou, tolheram-se-lhe os movimentos, queria correr e não podia, ao passo quas as duas companheiras rasgaram a fugir, gritando pelas outras ceifeiras do mesmo rancho, que marchava mais adiante. Por fim as duas raparigas que tinham debandado, houveram por bem esperar pela sua infeliz companheira, que, com enorme difficuldade, lá se foi arrastando até ao chafariz que fica quasi defronte das taes figueiras, atraz mencionadas. Mas, attingido esse funesto ponto, em vez de M. U. proseguir no seu caminho, quiz a fatalidade que os seus passos fossem embargados pela horrenda visão duma «cobra muito grossa com a cabeça duma pessoa». Nesse momento, M. U. perdeu os sentidos e caiu prostrada no chão. As duas companheiras, agarradas a ella, começaram a gritar até acudir gente. A victima da lugubre visão, amparada por duas pessoas, foi depois conduzida ao local da ceifa, onde ceifou todo o dia, mas chorando sempre.

A' noite, quando regressava a casa, ao passar pelo mesmo sitio onde lhe *apparecera a cobra*, começou a gritar e desmaiou novamente, não rolando sobre o sólo, porque alguns homens que tambem vinham na sua companhia, a sustiveram.

Após esta tragica occorrencia, M. U. ficou tranzida de susto, que não a deixava, principalmente de noite.

O facto que acabamos de narrar, é, como os leitores bem vêem, um caso *d'apparição*, similhante aos que temos aqui publicado.

M. U., conforme tivemos occasião d'averiguar, é uma nevrotica hereditaria. E, segundo ella propria nos confessou, era sua avó quem lhe falára muito da famosa *cobra encantada*, ensinando-lhe a maneira de a *desencantar*.

Em conclusão: M. U. quiz ganhar o fantastico thesouro d'oiro e prata, e o resultado foi pôr em evidencia, atravez da sua morbida sensibilidade, a romantica superstição popular, que em singelo estylo deixâmos consignada.

LADISLAU PIÇARRA.

BANCO RURAL DE SERPA

(Continuado de pag. 59)

Nenhum dos regulamentos prescreve o juro, ou accrescimo, que devia ser pago pelo devedor: do de Portel e do de Moura nada pude averiguar como certo, mas creio que era o accressimo de $^1/_{16}$ ou um selamim por alqueire; o desta villa era de um alqueire por cada 15 — quarteiro — ou fracção do quarteiro.

A casa propria do celleiro de Serpa era na Praça desta villa, até á transformação ou conversão deste no actual Banco Rural, em 1840; anno em que um grupo de cavalheiros organisou os estatutos regulamentares da erecção de um Banco Rural, criado principalmente com os fundos do celleiro e mais acções de particulares, que concorreram para a sua fundação.

Foram os iniciadores deste intento to: Thomaz de Mello Breyner, o Marquez de Ficalho, Doutor João

Diogo Peniz Parreira, Doutor João Maria Parreira, Antonio Cortez Bremeo de Lobão, Doutor João Ignacio Bentes, Bento José da Roza Pacheco, Domingos Pereira da Silva, Antonio José dos Santos Miranda, Domingos de Mello Breyner e outros.

Fizeram-se os estatutos, que ainda hoje, sem alteração alguma, regem este estabelecimento, os quaes foram approvados por Decreto de 7 de Março de 1840. Estes estatutos são divididos em duas partes; a primeira, respectiva á instituição do Banco, e a segunda que regula as suas funcções. E' dividida a primeira em 43 artigos, sendo os artigos 37 a 43, como addicionaes, que prescrevem a applicação do lucro liquido resultante dos fundos que o povo tem no mesmo Banco.

Preceituam estes artigos que os lucros sejam applicados, sob a responsabilidade dos vereadores, sómente no que fôr de maior interesse para a agricultura, enumerando as obras que reputa em primeiro logar.

A segunda, ou o regulamento, é dividida em 5 titulos com 49 artigos.

E' a esta instituição, tão bem imaginada e posta em execução, que se devem muitos beneficios de protecção aos pequenos agricultores, e é pena que a exiguidade dos seus fundos não permitta soccorrer a todos, tanto pequenos como grandes.

E ainda bem que houve quem tomasse aquella resolução de converter o celleiro commum em Banco Rural, porque a lei de 25 de Junho de 1864 extinguio as juntas dos celleiros communs, passando a sua administração para as camaras municipaes, os que eram do povo; e facultando a extincção dos que pertenciam a particulares.

Vejâmos como eram considerados e regidos estes estabelecimentos.

As informações do padre Manoel Cançado da Costa, a que o sr. dr. Affreixo se refere na sua citada memoria, considera-os montes de piedade, e assim o eram todos considerados no relatorio precedente á lei de 14 de Outubro de 1852. Mas o Direito e o Repertorio de legislação e jurisprudencia portugueza considera-os de outra forma, e diz: que impropriamente eram chamados monte-pios pela lei de 14 de Outubro; porque os rendimentos dos monte-pios são destinados a beneficiar os socios, e os dos celleiros communs são applicados para as despezas dos municipios ou parochias, ou para lucro dos seus proprietarios, sendo de particulares. As dividas dos celleiros eram cobradas pela mesma forma porque o eram as da Fazenda, e o ministerio publico procedia nestes feitos ex-officio para todos os effeitos legaes, na conformidade do que prescreviam as suas instituições, mantidas e conservadas pela dita lei de 14 d'Outubro de 1852 e confirmadas pela de 1 de Junho de 1853.

O Direito, porém, diz que é insustentavel a doutrina da supra citada lei, mas a Revista de legislação e jurisprudencia sustenta que devem ser cobradas como preceitua o citado decreto e, fundando-se em varias razões, ainda sustenta esta opinião contra a doutrina de um accordão da Relação de Lisboa de 26 d'Agosto de 1882.

Pelo que fica dito se vê, que os celleiros communs eram administrados: os proprios do municipio pelos camaristas com a assistencia e fiscalisação do Juiz de Fôra, e os particulares por seus donos um escrivão (o da camara), e o Juiz de Fóra.

A citada lei de 14 de outubro de 1852 mandou conservar os celleiros communs, reputando-os de utilidade publica, e mandou rever os seus regulamentos, uniformisando-os. Por esta lei, o pessoal administrativo destes estabelecimentos compunha-se do presidente da camara, de um parocho, do Juiz de Fóra e de dois cidadãos eleitos, em lista quintupla, pelo conselho municipal, e nomeados pelo

conselho de districto, d'entre os cinco. O administrador do concelho nomeava um escrivão e um depositario, e era obrigado a fiscalisar e vigiar, se os regulamentos se executavam fielmente, procedendo a exame de seis em seis mezes, com pena de suspensão no caso de falta.

As juntas geraes propunham ao governo os regulamentos que julgassem melhores.

(Continua)

A. DE MELLO BREYNER.

«Relação das Selebres Festas que no mes de Junho de 1788 se fiserão na Notavel villa de Serpa, extrahida de enformaçois veridicas,

POR

Hum anonymo de Moura» (*)

PROLOGO

A' tua noticia chegará talvez a narração das festas de Serpa. Depois de teres lido não ti disgostes a sua insipida instituição; bem ves que suposto estas festas sejão na sua origem de pouco momento contudo está riscado o plano para que ellas se engrandeção e venham a ser dignas de aplauzo geral de toda a Europa. Senão repara nas festas dos Romanos e dos gregos actualmente extintas; vive porem a lenda hoje na mimoria dos homens a sua grandeza oupulencia e selibridade. Porventura principiarão estas com o auge com que acabarão?

Os despozorios da Republica de Veneza com o Már adriatico, o seo Carnaval e outras festas celebres da Europa na sua instituição forão de pouco credito; prezentemente comcorre de remotas terras immenso povo para gosarem do Jubilo que as ditas festas infundem. Ora aplica el conto: para o foturo desfructará Serpa de igual aplauzo pela sua festividade desvanecendosse antão o redecullo principio da sua instituição. Pelo que benevolo leitor não te consumas pela parca quantidade das ditas festas que te ofereço

Dispus a sua relação por informações veridicas que tive: não asisti a ellas por estar molesto da minha frequente gotta não servindo de obstaculo a jornada de quatro legoas que dista a minha Patria de Serpa. Não te canço com carapetões, a pura verdade te ofereço pois te julgo testemunha de vista

VALLE.

*

Em toda a christandade se celebra a commimoração de Santo Antonio e de S. João em os seos respettivos dias no mes de Junho: na Notavel Villa de Serpa, costumão as mouças solteiras da plebe festijár Santo Antonio nas duas freguezias da mesma villa com emulação d'humas ás outras: por cujo motivo se denumina vulgarmente rancho das festeiras do Salvador *as Ouiteireiras*; são as *da Porta Nova* as que selebrão a dita festa na Matriz de Santa Maria.

Foi neste prezente anno Juiza das Ouiteireiras Barbara Maria Valente ficando ileita para Juiza do anno seguinte Catherina da Saude; prezedio na Matris de Juiza a sizuda Antonia Rapouza a quem sosedeo no juizado a belisima Maria Thomazia. Só as ouiteireiras festejão o S. João na Igreja

(*) Por intermedio do nosso camarada e amigo dr. Ladislau Piçarra, obtivemos, ha tempo, um curioso manuscripto, subordinado a este titulo, que foi encontrado na livraria do fallecido dr. Antonio Cortez Bremeu de Lobão. Compõe-se o manuscripto, cujo contheudo vamos fielmente reproduzir, de 27 paginas in-8.º — muito amarellecidas e enodoadas, calligraphia pouco legivel — e n'elle se descrevem, com grande copia de pormenores, as festas de Santo Antonio e S. João, em Serpa, no anno de 1788. A'parte certas ironias do auctor, decerto filhas de antiquissimas rivalidades, aliás sem fundamento serio, entre os povos de Serpa e Moura, o manuscripto em questão é deveras apreciavel e valioso sob o ponto de vista ethnographico. D. N.

do Salvador, cuja Juiza foi a insignificante Galhofa.

No primeiro de Junho arvorarão as ouiteiras hum mastro estandarte glorioso da prezente festividade revistido de flores e ervas defronte da caza da Juiza: junto ao mastro todas as noites e domingos e dias santos se bailla em barda, homens e mulheres the meya nouite o que se continua athe 24 do mesmo mes: em cujo baile por ser de noite não tem a critica severa dos Zoillos descuberto ações indicentes, por iso se julga piamente de que se comportão com siriadade christãa.

Foi Sua Magestade servida nomiar para Juis de fora da villa de Serpa o Dr. Nicolaó da Costa Preto Mangalhãis, homem de caracter dezabuzado de conssuda literatura e com hum genio profundo em inventar obras de prazer e divirtimentos. Notando este insigne Ministro o susego e quietação do pouvo de Serpa e compadesendo-se da sua vida laborioza e certo na sua moral em que he licito addir os recreios profanos ao exzercicios de devoção propos ás juizas festeiras para que nas tres tardes precedentes á festa se dispuzesem a ricriar o pouvo com mascaras toiros e cavalhadas.

Propuzerão as festeiras este saudavel comselho aos seos apachonados para que exzicutando-o as ilustrasem e fizesem o gosto ao dito Ministo rezultando-lhe com isto a gloria de instituidor das ditas festas, cuja fama será esculpida em duraveis bronzes para mimoria da pusteridade; consede in continente o Juiz licença, para mascaras e mais festas que te vou expor narando-te primeiro as de santo Antonio e terminarei com as que se fizerão pelo São João precedida a disquirição topographica da Praça de Serpa.

Fermozeia a Villa de Serpa huma magnifica Praça em forma rectangula do nascente ao poente, 12 soberbas cazas arodeião com o Paço da Camera, adeficio antigo porem de excellente arquititura, digno de competir na regularidade com os milhores da corte de Lisboa; inumeravens genellas que comdecorão as ditas casas incluindo immenço povo de hum e outro sexo evitavão a dispeza da fatura dos palanques; sete ruas vão terminar á dita praça as quais para a função forão tapadas com carretas novas fabricadas de azinho; era o touril huma caza por bacho do Palacio da Apuzentaduria que sirviu no outro tempo de cavalarisse ao numerozo destacamento de cavalaria que a praça de Moura mandava para esta villa.

No dia 11 á tarde varios individuos mascarados, derão principio á dita festividade. A variedade das farças a passeio, a difirença dos caratres figurados ao natural. danças magnificas serias e jocozas com que se aprezentarão na praça os nasionaes de Serpa excitarão hum geral comtentamento nos espetadores.

Resebeo igual jubilo o pouvo de Serpa no dia seguinte: forão mais numerozos os mascarados: verias se te lembra amigo leitor, farças deverças, diferentes ornattos e igual asejo; não escapou á imaginação dos ditos mascarados a reprezentação figurada dos vestidos aziaticos, vestidos á pastoura, xapéos de disforme grandeza ultima moda com que actualmente se adornão as senhoras; cujo devertimento foi difundido igualmente pelas ruas da dita villa para que gozase o resto do pouvo por não poder vir á praça; o que em particular não te poço descrever, comtentando-me somente a seguinte mascara, porque prozumo será iterna a sua fama nos annais de Serpa.

Francisco Cuba o Almocreve a pareseo na praça e pasiou as ruas emginhozamente figurado; cavalgava em hum membrudo burro que levava pendente do rabo hum grande e espantozo chocalho, cujas vozes excitavão a todos a corozidade; huma capinha de seda já velha cobria os hombros do dito almocreve, toca cas-

telhana pela cabeça, sem mascara na cara, levando a mão esquerda huma forquilha que suspendia a emxerga de huma albarda. Julgou-se com bastante dissirnimento, por que o dito almocreve imitava bem o porta insignia que presidia no triunfo dos Romanos.

Impaciente o povo por ver correr os touros não recebeo o mesmo prazer com os divirtimentos comuns de bailes e danças dos mascarados lhe chigar a ora felis. Eram 5 da tarde quando se deo principio á corrida dos touros, doze novilhos athe 3 annos de idade bastantemente correrão e erão os mascarados e o resto do Povo os touriadores. Não correspondeo o prazer á esperança dos espetadores, nada de sortes e nem os novilhos as quirião empinhando-se mais a ivitar promptamente athe a mesma sombra dos mascarados.

No dia 13 de manhã em ambas as freguezias asistirão todos á festa e sermão. Ourou em Santa Maria Fr. João de Mertola, religioso capucho: no Salvador empinhou se o Dr. Manuel Correia da Serra, prisbitoro do abito de S. Pedro e protonothario apostolico com a sua eloquencia costumada a encher de espiritual jubilo os coraçõis dos seos ouvintes.

Soarão pelas 3 horas da tarde os repitidos eccos dos mascarados que disperços na praça e ruas da villa recriavão os olhos do Povo com os seos matizados trages, momos, alaridos, e danças, cujo divertimento continuo the as 5 horas. Emtrarão a este tempo á praça pela Rua de Beja os guias dos Cavalhadas com suas lanças que trazião após de si ouito cavalleiros para correr frangos, cavalgavão em machos, mullas e cavallos segundo o seo valimento para com os donos das ditas bestas. Que tais serião os arreios!

Erão os cavalleiros moços da plebe apachonados das ditas fisteiras, destros por arte em montar em albardados jumentos e ignorantisimos dos preceitos da picaria. Aparecerão vestidos de branco com ataduras de fitas de deferente cor e mascarados a fim de encobrirem a sua infima condição, servião-se tão bem da cana verde na mão esquerda, deviza ordinaria nas cavalhadas serias de cidades grandes. Acompanhava-os o seo bofom montado nhum burro rediculamente vestido, almatrichado com dois picanos tachos de arame por estribos.

Dispostos estes meus senhores em duas picanas alas sobirão do fundo da praça com os paços respetivos e proprios das alimarias a quem serivião de carga athe o Paço da Camera onde na volta protubarão hun baile serio de mascarados, homens nobres que vistozamente contradançavão em obzequio de huma illustre familia que os admirava; rezultou desta disfeita pençada de propozito huma picana bulha que prudentemente foi sufocada na sua origem pelo vigilante Ministro Governador da dita Praça cappitaãn Mor e mais infanteria que formada precavia qualquer incidente dezordem; os cavalleiros com inaudita bizaria vexados do embaraço que momentaneamente retardou o paço as suas cavalgaduras, dispejarão a praça sahindo pela rua dos fidalgos persuadidos de que não deviam voltar á praça.

Suspenso ficou o povo com a diliberação dos ditos campiões: diversos forão os raciocinios, sendo geral a magoa nos espetadores, ventilou-se a questão por huma e outra parte e sempre ficou indisiza. Moderou esta embrulhada o prodente Juiz, farto em acomsilhar e exicutar meios de facil acomodação: Manda chamar os cavaleiros por atenção a cuja ordem promptamente obedecerão satisfeitos de tão urbana benevolencia com que forão tratados.

Entrarão de novo pela mesma rua de Beja; escaramuçarão quanto quizerão com lamentavel bizaria the quando parados principiarão a correr ao alvo: puzerão-se no meo da Praça dois candieiros de páo pintados de vermelho hum dos quais es-

tava coxo faltando-lhe o dedo da pianha em que se sustinha para não cahir; foi chamado hum rapas mal aceitado e de vestido roto que em toda a função esteve segurando o dito candieiro: duzia e meya de frangos e hum francello forão as inocentes victimas de tão cruel espectaclo.

Pendente já o primeiro frango quando sahio o gia da ala direita que errando o golpe mostrou comduerce de derramar o sangue galinacio. Segue com frondoza furia o segundo gia prizidente da ala esquerda, não era o seu animo popar a vida ao frango porem foi baldada a sua deligencia. O pobre frango estava distinado para propagar em idade adultra a sua prole porquanto sofreo sem ofensa o leve toque da lança dos mais cavalleiros athe que o Bufon: cuja qualidade á pouco descrevemos dezatou qual outro Alexandre o nô Gordio com o seo furrugento traçado e teve a gloria de ser o primeiro que ouffereçeo ao Meretissimo Juiz em obzequio da asistencia com que honrrava tão exquesito festejo.

Continuou a corrida, forão espetados dois ó trez frangos e os mais cahirão vivos na praça dezatados pello choque da lança os quais acodia diligente certo mascarado, vestido de negro disparando primeiro uma espingarda de cana carregada com farellos que os espelia com o asopro comonicado por um picano orificio na mesma cana, e deste modo e com esta graça foi provido com cinco frangos de que se aposou pelo vulgar dictame *primi capientis*.

O Francelho foi o ultimo que se expoz por alvo aos cavaleiros, vozeava a mizera ave intimidada do terror panico que inculcava a penetrante lança dos canpiões que cansados de o não poderem matar o decharam são e salvo. Então os nossos cavalleiros tirados os candieiros reiterarão por dispidida as suas escaramuças sem rigularidade, na mesma insipida marcha com a qual tinhão principiado. Pasemos a descrever as festas selebradas pelo S. João nas quais se manifesta melhor ordem, outro aseio e gravidade.

Satisfeito o Ministro da geral aprovação com que o povo de Serpa recebeo agradecido o brilhante festejo que acabamos de expor, imaginou que as festeiras de S. João não deviam ficar sepultadas no esquecimento do mesmo povo limitando-se á solemnidade do templo; pelo que deliniou de novo as mesmas festas isto he, mascaras, touros, em camizadaz, e cavalhadas, advertindo que seriã exzicutadas com deverça gravidáde e para cujo ensahio elle mesmo se constituhio voluntariamente director.

Mandou antes de tudo a linpar e aplainar a praça arancando-se algumas pedras que encravadas se achavão sem regularidade de calçada pelo sollo da mesma praça, os rapazes no dia vinte e hum de Junho forão de grande auxilio na comdução das pedras puxando alegrez pellos tirantes do carrinho que as conduzia para a Rua da Cadeya e forão amontoadaz na parede osidental da rua.

(Continua)

Serpa durante a guerra da Restauração

A collocação de Serpa junto da fronteira tornou a villa alvo dos ataques dos inimigos, a que foi necessario responder com o augmento dos meios defensivos. E' depois de 1640 que se encontram as principaes referencias a Serpa, devido tanto ao cuidado meticuloso que se empregava nas fronteiras, como tambem, ao acaso da conservação dos livros da Secretaria ou Conselho de Guerra, que durante muito tempo ao abandono no Archivo do Pateo das Vaccas, em Belem, se alojam hoje no Archivo da Torre do Tombo.

Dos documentos publicados agora, refere-se um aos ciganos, essa raça vinda do interior da Asia, que entrou em Portugal nos fins do sec.

XV, debaixo do nome de grecianos e egicianos ou egitanos, como se elles fossem oriundos da Grecia ou do Egypto; e o outro ao accordo feito pelos povos de Serpa ou os seus visinhos hespanhocs, accordo que as auctoridades militares portuguezas estavam longe de vêr com bons olhos.

PEDRO A. D'AZEVEDO

I

Juiz de fora de Serpa. Eu El-Ray vos envio saudar havendo visto nossa carta de 10 deste com outra do capitão-mor Manuel de Mello acerqua dos siganos que Eu mandava prender, e ordem que se avia de ter com as homisiadas que nessa villa andavão fuy servido resolver que os dous siganos que o dito capitão mor tem alistados venhão pera as gales; e o homisiado Manuel Correa soldado de sua companhia se notefique que conforme a ordem dada va servir fora do lugar do delicto de que me pareceo avisarvos e encomendar logo ordeneis se cumpra e execute a dita resolução. Os siganos virão com a segurança necessaria para que não succeda fugirem. E ao capitão mor se avisa tambem esta ordem para dardes a mão hum ao outro na execução della com que se consiga. Lisboa a 30 de mayo de 641.=Rey.

(Liv. 2 da *Secretaria da Guerra*. fl. 69. No Archivo Nacional).

II

Conde de São Lourenço. Conde amigo Eu El-Rey vos envio muito saudar como aquelle que amo. Os officiaes da Camara de Cerpa me escreverão a carta que se vos remetera com esta em que appontão a reciproca correspondencia com que elles e os castelhanos moradores no condado seus vesinhos, em virtude de hum bando que se havia lançado, trattavão da cultura dos campos e beneficio de suas fazendas, o que se tem perturbado e impede pellos officiaes de cavallaria que assistem em Moura e Monsaras que tem roubado e roubôo quanto ha no condado contra o bando lançado e em grande prejuizo dos mesmos moradores de Cerpa. E porque aqui não ha noticia algua deste bando vos encommendo me avizeis logo de quem he a ordem com que se lançou e dos fundamentos que ouve para isso e satisfareis logo a esta deligencia porque a fico esperando para tomar nota nesta materia (que he muito grave) a resolução que convenha a meu serviço. Escrita em Lisboa a 30 de Janeiro de 1649.—Rey.

(Livro 10 da *Secretaria da Guerra*, n.º 8 do Archivo Nacional, fl. 152 v.)

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

(Continuação de pag. 59)

XLIX

O alecrim d'esta terra
Não é lá como o da minha;
Este tem a folha larga,
O meu tem-n'a miudinha.

L

Tenho sapatos e meias,
Graças a Deus, tudo tenho!
Mas, por não me estar calçando,
Mesmo assim em pernas venho.

LI

O annel que tu me déste
Quinta feira d'Ascensão,
Era-me largo no dedo,
Apertado na affeição.

LII

Quando eu fui á inspecção,
Que puz o pé no *satil*,
Olharam-me os cirurgiões:
—D'estes, tomára eu cá mil!

LIII

A morte tudo acaba,
A morte tudo acabou,
A' morte ninguem escapa,
A' morte ninguem 'scapou.

LIV

Amores são alcatruzes,
Dou-lhe esta comparação;
Se não queres, ádeus luzes,
Que amores não faltarão.

LV

Subi ao alto rochedo
Para vêr o sol raiar.
E' pena não vir mais cedo,
Para mais cedo te amar.

LVI

E's uma pombinha branca,
Que eu pelas azas bem vejo;
Deus te dê, pombinha branca,
O que eu para mim desejo.

LVII

Escrevi teu lindo nome
Na areia do branco mar:
Vieram as tres sereias
Com teu nome navegar.

LVIII

As minhas saudades
São rôxas e brancas,
Todas de meu bem,
D'elle tenho tantas.

LIX

E' das oito ás nove
Que eu fallo comtigo;
E das nove ás dez
Fallas tu commigo.

LX

As moças de Valle-de-Vargo
São porcas porque ellas querem:
Passa-lhe agua pela rua;
--Lavem-se ellas se quizerem!

(*Continúa*).

(Da tradição oral, em Serpa)

M. Dias Nunes.

Adivinhas populares

(Continuado de pag. 44)

A terra é branca,
A semente é preta,
Cinco dançarinas,
Uma dançareta.

—E' a mão com a penna de escrever.

Cinco damas n'uma rua,
Quatro vestidas, uma núa.

—E' a meia com as cinco agulhas.

Quatro vão p'ró ceu olhando,
Oito batem na calçada,
Dois balham n'o xarimbote,
Um só manda a cangalhada.

—E' um carro de bois a andar.

Sou theatro de prazeres,
E de immensas afflicções,
A velhice e a mocidade
Commigo afogam paixões.

O rico p'ra mim se chega,
Tudo quanto tem esquece;
Os pobres, do seu trabalho,
Allivia, e ao que padece.

—E' a cama.

Estava p'ra passar,
Mas não passou.
Como passou quem passava,
Não passou.
Se não passasse quem passou,
Passava;
Mas como passou quem passou,

Não passou.

—E' o figo.

(*Continúa*)

(Da tradição oral, em Serpa)

M. Dias Nunes.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

O tonel de vinho

Era d'uma vez um homem e uma mulher e tinham uma comadre. O homem trabalhava no campo e tinha em casa um tonel de vinho. A mulher e a comadre todos os dias faziam uma merenda e iam buscar uma garrafa de vinho ao tonel, e tantas vezes foram até que o despejaram. A mulher, assim que o viu despejado, começou a dizer: «Comadre, que conta hei-de eu dar do vinho a meu marido?» E a comadre disse: «Eu arranjo isso.»

Foi para casa, arranjou uma capa de cabaças, mascarrou a cara e as mãos e foi para o campo onde o compadre trabalhava. Subiu a um oiteiro, pôz a capa e começou a chamar o homem:

«Miguel, Miguel,
Aqui está quem te bebeu
O vinho do teu tonel.»

E batia com as cabaças umas nas outras. E o homem, como tantas vezes ouvisse chamar, olhou e viu aquella phantasma negra; julgou que era o demonio e ficou todo assustado.

Foi para casa a tremer de medo e disse para a mulher: «Appareceu-me o demonio lá fóra e disse-me que tinha bebido o vinho do nosso tonel.» —Que dizes, marido? Isso será verdade? — Vamos vêr. Foram e estava despejado. E o homem disse:

«Uma cruz ao pé do tonel vamos fazer,
Para que coisa má o vinho do tonel não venha beber.»

(Elvas)

*

A desmazelada

Era d'uma vez um homem que casou com uma mulher que não sabia fazer nada, nem mesmo uma açorda. Para a obrigar a fazer o comer, arranjou o homem um casaco de mulher e disse para a companheira: «Obriga este casaco a fazer o almoço, que eu ás 8 horas venho almoçar.»

A mulher dizia para o casaco: «Casaco faz o almoço, porque d'aqui a ponco vem o teu dono.» E o casaco não se movia. Chegou o homem, e, como não havia almoço feito, disse para a mulher: «Veste lá o casaco, que lhe quero dar uma sova.» A mulher vestiu o casaco, e o marido começou a zurzil-o, e a mulher: «Ai, marido, que me dóe! Ai, marido, que me doe!» E elle: «Não é comtigo, é com o casaco; e em eu vindo a casa, ao meio dia, o jantar ha de estar prompto, diz isto ao casaco.» Aconteceu o mesmo; mas á terceira vez não foi preciso bater no casaco, porque a ceia já estava feita.

Colori colorado, conto acabado.

(Elvas)

A. Thomaz Pires.

MISCELLANEA TRADICIONISTA

Para desempeçar meadas

Para desempeçar meadas de linha, dizem as mulheres:

—San Francisco por aqui passou,
Viu a minha linha empeçada,
Elle a desempeçou.

*

Para tornar a agua pura

A gente que trabalha nos campos,

muitas vezes, acossada pelos rigores da sêde, vê-se obrigada a beber em regatos e lagôas immundas; e, afim de purificar a agua, faz sobre esta uma cruz, com a mão em cutelo, ao mesmo tempo que vae dizendo:

—Por aqui passou Santa Luzia:
Matou todos os bichinhos que havia—.

E em seguida, pondo-se de bruços, bebem afoitamente.

*

Oração de S. Jorge (*)

Jorge que em cavallo branco andou,
Alguma graça lhe achou.
Co'as armas de N. S. Jesus Christo se armou.
Tantas guerras em que andou,
Tantas batalhas venceu,
E em nenhuma d'ellas morreu.
Assim has-de tu ser (fulano ou fulana),
Que N. S. Jesus Christo te ha-de livrar
Co'o seu divino escapulario,
E San Jorgs te ha-de defender,
O teu corpo te ha-de livrar;
Não serás preso, nem morto,
Nem o teu sangue derramado.
San Jorge vae comtigo,
P'ra ires acompanhado.

*

Para adormecer as creanças

Vae-te embora passarinho
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um somninho descançado.

Vae-te embora passarinho,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino
O seu somninho primeiro.

Quem tem filhos pequeninos,
Por força lhe' ha-de cantar.
Quantas vezes 'ma mãe canta
Com vontade de chorar!

Quem quizer ouvir cantar
Vá á porta de quem cria;
Com vontade ou sem vontade,
Canta de noite e de dia.

(Continúa).

(Da tradição oral, em Serpa.)

M. Dias Nunes

(*) S. Jorge, diz o povo, morreu em cima do cavallo, mas de morte natural, pois nunca foi ferido.

Proverbios & Dictos

(Continuado de pag 64)

DCXI

Chapa deitada—chapa bulida.

DCXII

Deus te salve, Algarve! que tantos figos dás.

DCXIII

Uma de escacha, outra de racha.

DCXIV

Quem a boa arvore se encosta, boa sombra gosa.

DCXV

Trigo com murrão não faz bom pão.

DCXVI

Atraz de mim virá quem bom me fará.

DCXVII

Vento do poente — solta os bois e vem-te.

(Continua)

Da tradição oral, em Serpa.

M. Dias Nunes.

Volume VI

Anno VI

N.º 6

SERPA (PORTUGAL), Junho de 1904

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA, ILLUSTRADA

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

E M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

SUMMARIO

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Em Portugal, serie de 12 numeros	1$200 réis
Para o Estrangeiro, serie de 12 numeros	8 fr.

VENDA AVULSO NO ESTRANGEIRO

Cada numero 1 fr.

Paris — LIBRAIRIE E. ROLLAND — 2, Rue des Chantiers.
Londres — F. FISHER UNVIN, Publisher — 11, Paternoster Buildings.
Berlin — A. ASHER & C.º — 25, Wienerstrasse.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO Serpa

Venda avulso no paiz

100 RÉIS CADA NUMERO

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*
Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*
Coimbra — *Livraria França Amado*
Braga — *Livraria Escolar Editora, de Cruz & C.ª*
Vianna do Castello — *Livraria Academica e Religiosa*

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um explendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Sousa Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.). Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Covas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, explendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, ⁂

QUARTO ANNO

1902

12 numeros, de magnifica impressão em papel superior, adornados de 24 gravuras, e inserindo artigos de: *Alfredo de Pratt, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, A. Rosa da Silva, A. J. Torres de Carvalho, M. Dias Nunes, Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Sousa Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.).*

QUINTO ANNO

1903

12 numeros, de formato in-4.º maximo, illustrados de numerosas photogravuras e zincographias, e contendo artigos de: *Arronches Junqueiro, A. Thomaz Pires, D. Antonio X. Pereira Coutinho, A. R. Gonçalves Vianna, Alberto Pimentel, D. Antonio de Mello Breyner, Dr. Candido de Figueiredo, Conde de Sabugosa, Conde de Arnoso, Costa Caldas, Celestino Soares, M. Dias Nunes, D. Elvira Monteiro, F. d'Assis Orta, Dr. Graça Affreixo, José da Silva Picão, D. João da Camara, Julio de Lemos, José Orta Cano, Dr. Ladislau Piçarra, Manuel Ramos, Pedro A. d'Azevedo, Ramalho Ortigão, Dr. Sousa Viterbo, Dr. Thomaz de Mello Breyner, Dr. Theophilo Braga.*

Anno VI — N.º 6 SERPA, Junho de 1904 **Volume VI**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Imprensa Africana — Rua de S. Julião, 58 e 60 — LISBOA

A Tradição

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — **LADISLAU PIÇARRA** E **M. DIAS NUNES**

Notas historicas ácerca de Serpa

XIV

Como Serpa passou para Castella

(Conclusão)

Do nosso lado Affonso III não levantou decerto difficuldades, porque tudo nos leva a acreditar, que os successos militares lhe foram de todo o ponto contrarios. Assignou-se, pois, uma trégua de quarenta annos, cujas condições nos são desconhecidas nas suas particularidades; mas devem ter sido absolutamente desvantajosas para Portugal.

Segundo parece, Affonso III teve de ceder a todas as exigencias do infante castelhano: reconheceu a sua posse no Algarve, e do mesmo modo na margem esquerda do Guadiana, ficando este rio por fronteira.

Assim no anno de 1250, pela força e má sorte das armas, esta nossa boa villa de Serpa—com toda a sua região — passou para o dominio de Castella, sob o qual ficou mais de quarenta annos, como iremos successivamente vendo. E' isto o que diziam, uns sessenta e tantos annos depois, os procuradores de D. Diniz, em umas colligações, que a seu tempo citaremos mais largamente, e onde se encontram as seguintes palavras: ...*aquellas villas de Mora y Serpa con sus terminos y jurisdiction, eran de la conquista y Señorio del Reyno de Portugal... hasta que D. Alonso Rey de Castella las huvo del Rey de Portugal, y occupó violentamente.*» (1)

E, além de o dizerem aquellas allegações, dizem-n'o todos os factos posteriores. Uma unica duvida poderia suscitar-se, e é, se a passagem de Serpa para Castella teve lugar na tregua de 1250, se nas pazes de 1253; mas tudo prova que fosse na primeira data.

(1) Ha uma pequena nota de A. Herculano a este respeito, na qual elle me parece estar em erro; e que, justamente pela sua grande auctoridade, é necessario rectificar. Falando das allegações de D. Diniz, diz da phrase acima citada (*H. de Port.* III, 78): «Isto é inexacto. Moura e Serpa eram, como sabemos, dos hospitalarios, e Affonso X houve-as d'elles por escambo, negociação, que começou em 1271 e se concluiu definitivamente dez annos depois.»—Isto que diz Herculano é que é inexacto. Houve effectivamente o tal escambo, como detidamente veremos ao deante; mas Affonso X obteve por elle a posse e rendimentos que tinham em Serpa e Moura os hospitalarios, e em caso algum podia obter mais do que elles tinham. Ora isto era uma coisa bem diversa do Senhorio e Jurisdição Real, o qual já possuia desde o anno de 1250 por uma convenção ou acto diplomatico. E, como esse acto diplomatico era o resultado de uma guerra, as allegações de D. Diniz são exactissimas, dizendo, que o rei de Castella tomou Serpa ao de Portugal *violentamente*. Francamente não posso perceber, como o cuidadoso e claro espirito de Herculano deixou de fazer esta distincção essencial.

Uma mudança de dominio real, não seria um facto tão sensivel na Idade média, quanto é nos nossos dias; não trazia comsigo uma substituição obrigada de auctoridades e de guarnição. As coisas eram então mais confusas, e por isso mesmo em certos casos mais suaves. Assim na nossa Serpa, os hospitalarios continuaram a governar, porqne eram uma Ordem portugueza e ao mesmo tempo uma Ordem hespanhola. Temos numerosissimas provas de que o facto se deu; e algumas indicações, ainda que obscuras, sobre o modo porque se deu.

Consta do Registo do cartorio de Leça a existencia de um documento, que lançou José Anastacio de Figueiredo em um mar de duvidas e perplexidades; mas, a meu ver, tem uma facil explicação. E' uma «Carta em como Dom Ferñado Rey despanha deu ao spital tres Castelos Moura eyxarez e teraym». (1)

Deixemos de parte Eyxarez e Teraym em Hespanha, e vejamos o que diz respeito a Moura, advirtindo que se pode talvez entender a Commenda de Moura, isto é Moura e Serpa. Nada mais natural, do que D. Fernando III, entre o anno de 1250 em que a margem esquerda passou para Castella, e o anno de 1252 em que elle morreu, ter dado ou antes *confirmado* aos hospitalarios o senhorio que já ali tinham quando aquellas terras pertenciam a Portugal. Explica-se assim a existencia do documento; e o documento explica a permanencia dos hospitalarios. E não só os hospitalarios ficaram, como ficaram sob o mesmo chefe.

Admittindo que Affonso Peres Farinha viesse para a margem esquerda no anno de 1233—e em caso algum podia vir antes—, e dizendo a Inscripção do Marmelal que viveu na nossa região vinte annos, ficou até ao de 1253, em pleno dominio de Castella. A mesma Inscripção diz: «...*rex vero Portugaliae et rex Castellæ fecerunt ei multum honorem;* e podemos bem imaginar que o rei de Castella lhe fizesse estas honras, quando, como commendador de Moura, assistia no seu reino, e antes de ser eleito Prior do Hospital. De tudo isto resulta, que a mudança em Serpa no anno de 1250 foi na essencia radical, nada menos que a passagem de um reino para outro; mas nas apparencias, no correr da vida local, nas circumstancias materiaes, deve ter sido relativamente pouco sensivel.

No anno de 1252 morreu D. Fernando III. Como seu primo comirmão, Luis IX, elle havia sido um grande santo e um grande rei — sómente o de França havia sido talvez o maior santo, emquanto o de Hespanha foi o maior rei. Succedia-lhe no throno o celebre Affonso o Sabio, um dos mais extraordinarios e vastos espiritos de toda a idade media, posto que em certas coisas bastante desequilibrado. Já havia feito a guerra a Portugal como infante, e não tardou em a fazer de novo como rei.

As causas proximas, os successos, a terminação d'aquella guerra de 1252 pertencem á historia geral do paiz, e apenas nos compete procurar nos ajustes finaes qual ficou sendo a situação d'estas nossas terras. As condições da paz foram muito menos desvantajosas para Portugal do que haviam sido as da trégua anterior, em parte, porque a situação politica de Affonso X era — apesar de rei — menos desafogada do que dois annos antes, em parte tambem porque Affonso III havia feito uma resistencia mais efficaz; mas sobretudo porque então se ajustou o conhecido casamento de Affonso III com D. Brites, filha de Affonso o Sabio e de D. Mayor Guillem de Guzman. Este casamento ficava mal a todos que n'elle intervieram, excepto a D. Brites, que então era uma creança sem responsabilidade e depois foi uma optima senhora. Ficava mal a Affonso o

(1) *Nova Malta Port.*, II, 64.

Costumes & Perspectivas

Ermida de N. S. da Consolação (Brinches)

Sabio, que dava uma filha a um homem casado; e ficava mal a Affonso III, o qual, abandonando a mulher legitima, ia casar por interesse com uma bastarda. Tudo quanto ha a dizer a tal respeito, está, porém, dito; e só devemos notar, que o ajuste foi muito do agrado de Affonso o Sabio, cuja vaidade se lisonjeava—e elle era vaidoso, como quasi todos os homens de lettras—ao fazer rainha uma filha sua illegitima. Esta boa disposição do rei de Castella influiu, pois, nas melhores condições concedidas a Portugal.

Quanto se pode calcular e deduzir dos successos posteriores, as condições da paz, negoceada nos principios de 1253 e revalidadas em Chaves nos meados de maio do mesmo anno, quando ali se encontraram os dois Affonsos, e o de Portugal recebeu por esposa D. Brites, foram pouco mais ou menos as seguintes: que o rei de Castella conservava a posse e usofructo do Algarve, e das villas á esquerda do Guadiana; mas, vindo o de Portugal a ter um filho de D. Brites, e quando esse filho chegasse aos sete annos de idade, o de Castella lhe restituiria o Algarve, e as villas de Moura, Serpa, Arôche e Aracena. (1) De momento as coisas ficavam como já estavam; mas podiam mudar para Portugal de um modo muito favoravel em um futuro relativamente proximo.

D'estas condições, notavelmente vantajosas quando comparadas com as da trégua anterior, e que os nossos escriptores do XV e XVI seculo conheceram muito vagamente, resultaram algumas das affirmações extraordinarias das Chronicas: que D. Brites trouxe em dote para Portugal o Algarve; que Affonso III mandou a mulher a Toledo a seu pae, «pedir por mercê lhe deçe (desse) a conquista da terra do allguarve»; e outras similhantes. Sob estas asserções inexactas e falsas, está o facto verdadeiro, de o casamento com D. Brites ter sido a causa principal da passagem da dura situação de 1250 para a situação mais toleraval de 1253.

Vemos assim, como a villa de Serpa passou para o dominio de Castella; e veremos na Nota seguinte o que ali succedeu, continuando o mesmo dominio.

CONDE DE FICALHO.

(1) Das allegações já citadas, e a que voltaremos varias vezes, consta aquella promessa por estas palavras: *Le restitugria las Villas de Serpa, Mora, Aroche y Aracena* ..» Para as *restituir* era necessario possuil-as, o que concorda com o que antes dissémos, que as teve pelas armas desde 1250, e não por troca com o Hospital depois de 1271.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

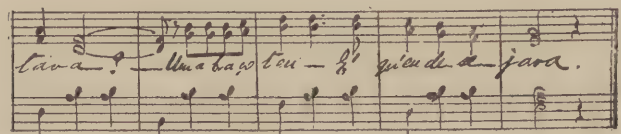
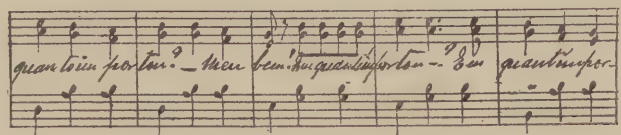
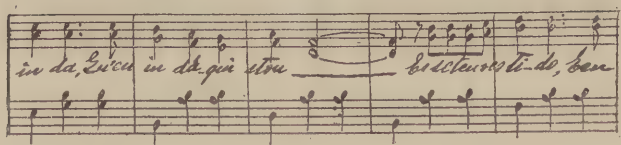
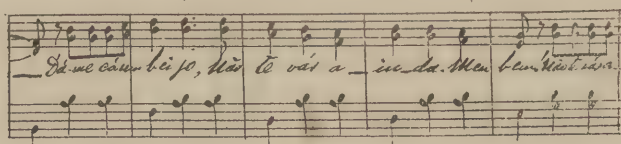
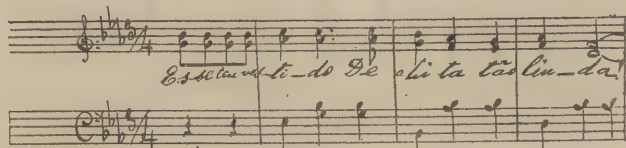
Esse teu vestido

Esse teu vestido
De chita tão linda!
Dá-me cá um beijo,
Não te vás ainda.
—Meu bem!- -

Não te vás ainda
Que eu ind'aqui estou...
Esse teu vestido,
Em quanto importou?
Meu bem!—

Em quanto importou?
Em quanto importava?
Um abraço teu
E' que eu desejava!

Serpa

Elvira Monteiro.

Musica recolhida por *D. Elvira Monteiro*

(CHOREOGRAPHICA)

Nossa Senhora da Consolação

EM

BRINCHES

I

A Ermida

QUANDO se entra em Brinches pela estrada de Serpa, quasi á beira da mesma estrada e do lado direito, vê-se uma pequena egreja muito caiada, assente sobre uma rampa. E' a ermida de Nossa Senhora da Consolação, certamente mandada ali erigir por alguns devotos cujos nomes se perderam na memoria do povo.

Esta ermida não se distingue pela sua belleza architetonica; todavia é bastante espaçosa, bem construida e de paredes perfeitamente regulares. Em summa, para uma aldeia, é um templo muito decente traduzindo bem a fé que presidiu á sua edificação.

A «ermida de Nossa Senhora»— como vulgarmente lhe chamam — e cuja gravura hoje reproduzimos, tem a porta principal virada ao poente; o seu frontispicio é coberto por um alpendre rectangular, feito d'alvenaria, medindo 6 metros de comprimento por $4^m,80$ de largura e $3^m,80$ d'altura. Este alpendre, conforme indica a gravura, apresenta 3 arcos cujas columnas têem cimalha; e os bordos da sua abobada são tambem guarnecidos por uma cimalha tendo aos cantos uma pequena pyramide egualmente d'alvenaria.

Penetrando na egreja, vê-se que esta é formada duma só nave, medindo $11^m,5$, desde a porta principal até ao arco da capella mór, sobre 5^m de largo e $5^m,4$ d'altura. O tecto é constituido por uma abobada lisa e de volta redonda; as paredes tambem são lisas e apenas adornadas duma cimalha, que as separa da abobada. Ao meio da parede lateral que diz para o norte, ha outra porta que dá ingresso á ermida, sensivelmente menor que a do frontispicio. O pavimento é de ladrilho, mas já um pouco deteriorado; e tanto as paredes como a abobada acham-se caiadas de branco.

Na parede que nos fica á esquerda, olhando para a capella mór, e perto d'esta, acha-se fixa uma caixa de madeira, onde os fieis lançam as esmolas; e, pegado á dita caixa, está um pequeno quadro figurando Nossa Senhora com o menino Jesus ao collo. Na parede do lado direito, tambem proximo da capella mór, observam-se dois pequenos e modestos quadros, egualmente de madeira, representando dois milagres de Nossa Senhora. Um dos quadros commemora a milagrosa cura dum filho de Brinches, já fallecido, mas que ainda ali tem muita familia, chamado Bento Ferreira. Neste quadro estão pintados: Nossa Senhora com o Menino ao collo, o doente deitado numa cama tendo ao lado sua esposa, que implora a protecção da Virgem, e, finalmente, um individuo sentado numa cadeira, junto do leito do enfermo. O mesmo quadro tem a data de 1832.

O outro quadro representa tambem uma cura milagrosa praticada na pessoa de José de Carvalho, de S. Aleixo. Num extremo do quadro vê-se a figura de Nossa Senhora com o Menino ao collo, e no extremo opposto, deitado sobre o leito, o doente, junto do qual se representa sua mulher ajoelhada. A' esquerda do enfermo encontra-se ainda figurada uma mulher apontando a Virgem.

Até aqui temo-nos occupado quasi exclusivamente do corpo da ermida; por conseguinte, passemos agora á descripção da capella mór.

Esta capella, tanto por suas dimensões como pela decoração artistica que ostenta, é digna do gracioso templo que vimos descrevendo. Mede $3^m,8$ de comprido por 3^m de largo. Ao meio levanta-se um altar de fórma romana, feito de madeira entalhada e dourada.

A capella é egualmente de madeira entalhada e dourada.

As paredes da capella mór e o respectivo arco são forrados d'azulejos azues e brancos, nos quaes se vêem pintados: aves, navios, caça, pessoas, a torre de Belem e varias ramagens.

O frontispicio do arco, que tambem é coberto d'azulejos, apresenta ao centro uma bonita pintura, representando a Virgem rodeada d'anjos em adoração.

Na parede do referido arco, á esquerda, acha-se dentro duma ellipse o desenho duma pyramide, cujo vertice é sobreposto pelo sol. Em torno desta figura lê-se o seguinte distico: «*Umbram nescit.*»

A gravura é como que apresentada por quatro anjos, dos quaes, dois estão pintados em cima, e os outros dois em baixo.

Do lado opposto ha um outro desenho representando uma arvore, ao pé da qual está figurada uma serpente.

Por cima do desenho da arvore, lê-se: «*Odore fugat suo.*» E, em volta, encontram-se da mesma fórma os quatro anjos pintados.

Todas estas pinturas têem sido bastante apreciadas.

A abobada da capella mór assenta sobre quatro aranhas; a sua pintura é de ramagens, mas muito deteriorada.

Na capella mór notam-se diversos nichos, sendo o principal ao centro, que é onde se aloja a imagem de Nossa Senhora da Consolação, a qual está collocada sobre uma peanha de madeira entalhada e dourada, que mede meio metro d'altura.

A' esquerda deste nicho, ha um outro mais pequeno, no qual se abriga o menino Jesus, tambem collocado sobre uma peanhazinha egualmente entalhada e doirada.

Tanto o nicho de Nossa Senhora como o do Menino Jesus, são guarnecidos por cortinas de seda antiga.

Disseminadas pela mesma capella, observam-se varias imagens d'anjos.

Além das imagens já referidas, encontram-se ainda na capella mór a imagem de S. Braz, á esquerda, e a das Onze Mil Virgens, á direita, ficando no centro o crucifixo.

A imagem das Onze Mil Virgens reduz-se ao busto, mas a sua esculptura é realmente primorosa. Esta imagem foi offerecida pela marqueza de Ficalho, que manifestava por Nossa Senhora da Consolação uma profunda fé.

Finalmente, na capella mór, ha ramos de flôres artificiaes e figuras de cera, que ali estão depositadas como offerendas dos devotos.

Annexa á capella mór, como é da praxe, está a a sacristia; porém, esta nada tem de notavel. E' uma casa quadrada, coberta por uma abobada lisa, tendo $4^{m},8$ de lado por 5^{m} d'altura.

Ali se encontra um pote de barro para receber as esmólas d'azeite, que os fieis offerecem para alumiar a Virgem.

E, para nada omittirmos, devemos accrescentar que, por cima da porta principal da ermida, ha um campanario com a respectiva sineta.

Em frente do alpendre atraz descrito, existe um calvario tosco d'alvenaria, encimado por uma cruz de ferro.

Finalmente, contíguas á parede da ermida, voltada ao sul, ha tres casitas—por signal bem desconfortaveis—que servem de moradía á ermitôa.

Apparição da imagem de Nossa Senhora

Sobre a origem da ermida que acima ficou descrita, corre entre os habitantes de Brinches uma curiosa lenda, que, aliás, não é exclusiva desta aldeia, pois vémo-la reproduzida em muitas localidades, com ligeiras alterações.

Diz a tradição que, no sitio onde hoje se levanta a mencionada ermida, appareceu um dia, expontanea-

mente, collocada sobre o tronco duma oliveira, a imagem de Nossa Senhora da Consolação. Os brinchenses, attonitos com tão maravilhoso achado, trataram logo de conduzir a dita imagem para a egreja matriz da freguezia, a qual fica mesmo no centro da povoação.

Mas, coisa extraordinaria!, no dia seguinte de manhã, a imagem reappareceu sobre o mesmo tronco. Tornaram a levá-la para a egreja matriz, mas em breve ella regressou ao seu local favorito.

Esta scena repetiu-se por alguns dias, até que os devotos reconheceram que Nossa Senhora o que pretendia era ali uma egreja, onde se installasse definitivamente.

Foi então que os brinchenses mandaram erigir a bella ermida de que nos temos occupado. E tão arreigada se acha tal crença no povo, que este ainda hoje pensa que, por detraz do altar mór da ermida, existe o celebre tronco d'oliveira.

No proximo numero falaremos do culto e milagres de Nossa Senhora.

LADISLAU PIÇARRA.

Paço da Degolação do Baptista(*)

Herodes, Erodias, Salomé e Irlao

HER.

Como he possivel Irlao
o não terem subsistencia
contra a fuga de hum traidor
nem dadivas nem promeças
como pode escapar digo
estando em minha presença
aquelle torpe creado
q. dos Magos se nomea
houve quem desse sahida
ajuda alguma, ou cautela
em meo Reino em meos estados
por alguma dependencia
aquelle creado inutil
que sendo um vil servelheta
tem dado motivo a Herodes
e a hum Rei tem cauzado penas
tantas que afirmo por Deos
que a saber eu com serteza
de alguma conspiração
nascida de gente hebrea,
findaria com mais vidas
cortaria mais cabeças
que ha folhas em verdes chopos
e nessa azul campanha estrelas.

IRLAO

Snr. aquelle que foge
deita por qualquer vereda
os povoados recusa
e a melhor estrada engeita
pronouta no bosque oculto
descansa sobre uma penha
bebedo charro, e talves
q. do lodo se alimenta
curando d'este resguardo
qualquer que o perigo tema
pode atravecar hum mundo
apesar das deligencias.

HER.

Mal haja quem me tirou
das unhas tão boa preza.

SALO.

Ja vive nos seos estados

ERO.

Como pode ser que seja.

IRLAO

Sim Snr. passou a Russia
(não tem duvida) a Duqueza

* Este «paço», de auctor desconhecido, extrahimol-o fielmente d'um curioso e antiquissimo manuscripto, ao qual dentro em breve consagraremos algumas linhas. Segundo informações fidedignas, o «Paço da degollação» era um espectaculo muito querido do publico e foi representado em Serpa até mais do meado do seculo XIX. A epocha escolhida para a representação era, segundo nos consta, a mesma em que se commemora o Santo Precursor.

D. N.

Erod.

Pois como pode auzentar-se
sem que me peça licença!

Erodias

Porque pode desta sorte
não pode de outra maneira,
manesfestar seu pesar
e entimar sua soberba
depois da morte de Andronio
q. a despregadas bandeiras
vestiu de luto as paredes
mandou fechar as janelas
agoa brotarão nos olhos
cinza lançou na cabeça
e isto bem tomado as mãos
por causa que inda não era
por sujeito que seria
por rapas que ainda não chega
a mostrar bom, nem mao fio
e isto sabendo a Duqueza
que neste como nos mais golpes
seu Reino enteressa.

Erod.

Pois por vida desses olhos
de cujos vivas sentelhas
sou salamandra abrazada
sou amante borboleta
que se chegar a tomar
deste proseder querela
que vi roduzir a pó
estatuas fabolentas

Salo.

Mais cresserá no teu nome
hum lauro se tal fizeres.

Irlao

Snr. direi o que entendo
se acaso me dás licença
sem afeição, nem misterio
sem rebuço e sem cautela
entre os grandes e os pequenos
que a tal Duqueza governa
em seos grandes senhorios
tem avido deferenças
tão cruentas que paçarão
a ser como seviz guerras
a aplacar as sedições
destas pessoas primeiras
a castigar as segundas
foi a ida da Duqueza
isto quanto a esta parte;
e quanto a ir sem lecença
he erro que tras comsigo
a jornada feita a preça
que o sentir ou não seo filho
com mais ou menos tristeza
não faz no caso prezente
que a lealdade se perca
antes de a conhecer
na estremoza fineza
quanto por cumprir a lei
seo amor descompuzera
castigas pois seu retiro
sintir mal de sua pena
punir no erro seria
mais que justiça imprudencia.

Salo.

Sabeis Irlao de Marfiza
as couzas da Rucia
com vagar e miudeza.

Erodias

São as capas dos validos
muitas vezes tapa ofenças,

Erod.

Basta que he contra o meo gosto-irado
falar mais nesta materia
Sahe hum creado asombrado
Pelas portas de Palacio, e já vem
pela escaleira huma fera
como hum homem, e hum
homem como huma fera.

Erod.

Que dizeis que vos não entendo

Cred.

Esta voz me desempenha
Sahe João vestido de peles
Penitencia pecados que ha Deus

(Continua)

BANCO RURAL DE SERPA

(*Conclusão*)

Mas veio a lei de 25 de Junho de 1864, que extinguio as juntas dos celleiros communs, fazendo passar a sua administração para as camaras municipaes, e, por tanto, os empregados especiaes destes celleiros acabaram, visto que estes bens ficaram incorporados nos bens do concelho, como se explica em portaria de 7 de Setembro de 1870.

Continuaram os administradores de concelho a exercer as funcções dos Juizes de Fóra em relação aos de instituição particular.

A lei mudou a forma da administração dos celleiros e a jurisprudencia intendeo que não eram precisos; deixaram de ser considerados *montes de piedade*, porque os seus rendimentos se applicam ás despezas do municipio ou da parochia, conforme elles são.

Que é evidente o fim de acabar taes instituições, não ha que duvidar; assim se resolve pelo ministerio do reino em seu despacho de 27 de Junho de 1870, e assim se julga no Direito e no Reportorio de legislação Portugueza, preceituando-se que os seus fundos podem ser gastos, e que não ha obrigação de os conservar.

Por esta forma acabaram os celleiros communs, convertendo-se os seus capitaes em melhoramentos municipaes ou parochiaes, de ephemera ou nenhuma utilidade.

Aos de instituição particular é-lhes facultada a sua extincção. A portaria de 7 de Setembro de 1870, permitte que acabe um celleiro de Arraiollos, pertencente a Antonio Feliciano Varella, que tinha sido instituido em 1720, dizendo-se «que os celleiros communs são uma excepção ao direito commum, que se não pode sustentar em vista da lei de 25 de Junho de 1864».

Por esta forma devem ter acabado todos os celleiros communs do paiz.

E se o de Serpa escapou a estas reformas foi porque a previdencia de uns homens bons o tinha legalmente convertido no actual Banco Rural, com a não menos previdente clausula de ser prohibido á camara municipal ter ingerencia alguma na direcção do Banco ou nas suas operações—*artigo 35 dos estatutos*. O artigo 3.º do regulamento prescreve mais o seguinte: «*A camara municipal nunca poderá vender, doar, trocar ou escambar, e nem mesmo retirar, as acções dos fundos pertencentes ao povo, sendo extensiva esta disposição aos cincos accionistas pelas acções representadas do mesmo povo na assembléa geral.*»

E o artigo 9.º da mesma instituição determina,—*que a eleição de cinco representantes do povo na assemblea geral e de dois directores seja feita todos os annos no tempo e pela forma que se fizer a da camara municipal.*

Por um milagre de sabia previsão escapou este celleiro ás reformas deste paiz onde, á mingoa de outras virtudes, ha a monomania de fabricar leis a torto e não a direito.

Finalmente, temos um Banco Rural que escapou e vive apesar de, por vezes, ter sido mal administrado, servindo outras á politica facciosa.

O seu capital circulante é de réis 21:875$640, representado por 1:093 acções do valor de 20$000 réis cada uma, sendo 1:075 acções do povo, resultantes dos fundos do extincto celleiro e mais 15$640 réis, fracção que não chega ao valor de acção, e 18 acções de particulares.

Este capital está, segundo o ultimo balanço, no seguinte activo: Valor do edificio 500$000 réis; 185 letras e 69 escripturas de hypotheca, 19:607$930 réis; 5 escripturas e 7 letras letigiosas no valor de 939$715; 2 letras protestadas 114$000 e dinheiro em caixa 829$560, prefazendo a totalidade de 22:019$210. Total excedente ao passivo — 143$570, lucros a repartir.

Pelo que acabo de expôr se conhece que são approximadamente 300 os agricultores soccorridos a juro modico, dos quaes os lucros ainda vão, ou devem ir, beneficiar a mesma classe, sendo applicados, como os estatutos prescrevem, em obras de interesse agricola.

E' esta a historia simples da orihem deste estabelecimento, esboçada apenas em vista dos documentos e dos factos que o constituiram. Não são aqui cabidas reflexões sobre a forma porque tem vivido até hoje. Existe, e bem podia já ter capitaes sufficientes para as necessidades da agricultura deste fertil concelho; era facilimo habilitar-se a prestar um largo e proficuo auxilio aos agricultores, facultando-lhes por conta de credito convenientemente assegurado, capitaes baratos com que pudessem desafogadamente explorar mais e milhor as suas propriedades; com os rendimentos que o originaram ou com a capitalisação dos seus lucros, era facil o augmento dos fundos até o bastante para aquelle fim.

Mas que ao menos se conserve o que está para auxilio d'alguns, é o nosso desejo; e, se assim não fôr, fica aqui consignado, alem do nosso voto, o que foram os do passado em confronto dos que hão de vir.

Serpa, Junho de 1904.

A. de Mello Breyner.

«Relação das Selebres Festas que no mes de Junho de 1788 se fiserão na Notavel villa de Serpa, extrahida de enformaçois veridicas,

POR

Hum anonymo de Moura»

(*Continuado de pagina 76*)

A este trabalho seguio-se o transporte da areya que proximamente ministrava o entulho de hum pardieiro á ponta do sol; os mesmos rapazes com igual contentamento exzercerão esta occupação hunz ao caminho e outros a espalhar a areia de sorte que sem maior dispeza ficou bem orizontal o terreno da praça: forão tapadas as emtradas das ruas com tabua pregadas em paoz porpendicularmente encravadoz no chão; não servio de touril a casa terria da Apozentadoria; devia este ficar na frente da Praça e por isso com o mesmo taboado foi fabricado o touril na travessa *da penuria* que vem terminar á Praça.

Sendo a presente festividade em honra de S. João era justo que elle prezidise a esta sulenidade, pelo que foi colocada a sua imagem na Galeria do Paço da Camera no dia 22 em altar adornado com decencia cobrindo-lhe um belissimo toldo de campanha estendido obliquamente da parede ás grades de ferro da varanda enrramiada de verdes e crescidas ca naz; foi n'esta manhãa colocado hum mastro de 10 braças de alto no meio defronte da praça pintado de fachas brancas e vermelhas dispostas em forma espiral em cujo apice terminava a esfera pintada de vermelho com huma bandeira de lona; pendia a esfera para o norte e parecia ao longe que brandamente se movia com o impulso do vento: n'este instante julgarias sabio leitor demonstrada a hipotheze de Copernico? Este mastro he dos comfradez de S. Pedro extramuros de Serpa.

Na tarde deste mesmo dia (vinte e dois de Junho) os eccos alarìdos e sonz dos diverços instromentos dos mascarados servião de pregão publico da proxima fistividade; era notavel o concurço do povo na praça; a galeria da Camera, e as janellas das casas, abudantes do bello sexo com os seos adornos patentiavão dilicioza vista.

Nutre-se no angulo esquerdo da varanda da Camera huma frondoza oliveira, a cuja sombra se acolhião do regor do sol varias pessoas de

ambos os sexos; cujo aspecto representava hum bello quadro de paizage *de Bernardo Picart;* a infantaria pelas quatro horas dá tarde á ordem do Governador formado o Povo em sitios distinados dezembarasou a Praça logo entrarão pela Rua de Beja vinte rapazes mascarados com dois porta-estandartes e dois comandantes uniforme igualmente vestidos de branco com laços de fitas de diferente cor pelos chapeos e braços trazia cada hum á mão direita huma cana, figurando espingarda emramada de folhas com hum ramo de flor de loendro no apise, servindo de rolha, formava a coronha huma emfuza de tres canadas cheya de agua. Marchavão estes perfilados puxando-os o primeiro comandante aos quais seguia na retaguarda o sigundo com traçados dezembainhados ao som de tãobor bem compaçados pelo meio da Praça the ao fundo a honde fizerão alto a honde se devidão a direita e asquerda e asim singelos presedidos dos seos commandantes vierão marchando pelo lado da praça de huma e outra banda em the á frente a honde se dispuzerão em batalhão ocupando a baze da mesma praça.

Emtretanto sahe da linha ao lado direito hum mascarado para baliza que ao golpe do tãobor foi disciplinado, os outros que effectuavão com igual acção a manobra do dito baliza, aprezentar a arma passal-a á esquerda tocar e tirar a flor do loendro lançar fora a flor levar a mão direita a emfuza aplical-a ao ventre emclinando a cana para o chão forão o tempo do seo exzecisio; emtão marchão pela praça aguando-a toda com os iguixos que demanavão da emfuza pela cana. Como se explicaria obsceno Ovidio prezenceando esta acção? Julgo que afirmaria que eram estes mascarados pigmeos comginitais de gigantes orinando pela praça. Fazem depois alto na frente e unidos no meio da Praça marchão athe ao fundo e formão-se de novo em batalhão que se disfez cuidando cada hum em goardar a sua arma no seleiro commum e procurar logar comado nas escadas do peloirinho unicamente destinado para a companhia dos regadores.

Sotace para a praça o primeiro touro (era amigo leitor huma vaca com vistigios de canga cicatrizados no pescoso) parou logo que sahio, disconhecendo o sitio, asombrada dos alaridos do povo se precepita a correr por toda a parte evitando temeroza o desafio dos toriadores mascarados pelo que animados estes a forão preseguindo the que foi mandada recolher por inutil com a mesma formalidade se procedeo na corrida do segundo e terceiro touro soposto que mostravão investir e de repente se desviavão compadecidos dos mascarados.

Esperava o povo que na corrida do quarto touro que devia ser o do valle (a pedido do dono) receberia sumo contentamento. Com ifeito sahe para o Campo o dito touro que se reveste no principio de pavor cuidando emtretanto retirar-se de reconheser a força do seo inimigo mascarado; agumentace a este o animo e se oferece pronpto ao combate. O manhoso touro deposta a vergonha o enveste e o aterra e continuaria a maltratallo senão acode por detras huma copia de mascarados que de repente devertem o touro dexando livre a sua preza. O nosso ateleta roto a força com que vinha emcuberto se rretira a escovar o corpo e atribue a sua disgraça a meya canada de vinho com que se fartara antes do conflicto.

Ficou na praça o touro gosando do seo triumfo sem contendor e nenhum se oferecia valerozo á sua furia. Os mascarados não queriam touros similhantes aos que se correm nas cidades opulentas e já julgavão optimos os 3 primeiros; o maioral do dito touro espiritualizado com bastante vinho e confiado na lembrança de que mutuamente se tratavão apresentasse ao dezafio querendo com a

sua sorte despicar a aforta que outro touriador recebera. Compadecido o benigno touro da loucura do seu maioral, desvia-se, prodente consedendo-lhe o fruto da victoria. Insta este não contente de tão urbana cortezia aparecendo-lhe por deante com assôis insultantes de que irritado o touro despede a dobrada arma e prega-lhe hum boleo, bem merecido premio da sua temeridade, derrepente foi socorrido pela turba dos mascarados que vigilante atendia a distrahir o furioso touro.

O juiz mandou ao mesmo tempo retirar o homem e o toiro da praça que se não dechava recolher comvocando a todos á batalha the que mansu e foito com a prizença da vaca do xucalho sua ordinaria comductora, marchou pasifico para o touril. O quinto e ultimo touro inteiro na verdade capaz gordo foi o que maior gosto deo a Plebe e aos mascarados. Era belisimo espetaclo ver correr intimidada aquella inginte maça despedindo coises e asenando com a sua disforme e pezada cabeça the que cansado foise unir com os mais terminando-se a primeira tarde dos nossos divertimentos.

(Continúa)

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

———

(Continuado de pag. 78)

LXI

De eu ser a tua contraria,
Comadre, tem paciencia;
Todos nós somos amigos
Da nossa conveniencia.

LXII

Lá no meio da rua nova
Caiu a penna ao pavão.
Quem não quer que o mundo falle,
Não lhe dê occasião.

LXIII

A minha paixão,
O meu sentimento,
Ha-de se acabar
Co'o rigor do tempo.

LXIV

N'uma manhã de geada
Cahiu a flor ao damasco.
Moças que namoram dois...
D'essa fructa é que eu não gósto.

LXV

Encostada, sobre a ponte,
Fiquei sem de mim saber,
Fiquei triste e pensativa
Ouvindo a agua correr.

LXVI

Andas morta por saber
Quem é o meu namorado!
E' um rapaz trigueirinho,
Que usa o chapeosinho ao lado.

LXVII

O' corvo, ó corvo,
Porque te não casas?
Já te vão cahindo
As pennas das azas.

LXIX

Andas morta por saber
Onde eu faço a minha cama!
A' embeirada do rio,
A' sombra da espadana.

LXX

Os teus olhos me prenderam,
Um dia, ao sahir da missa.
Que prisão tão rigorosa,
Sem cadeia nem justiça!

LXXI

Onde quer que ha peixes grandes
Não escapam saramugos.

Fui descalçar uma meia,
Achei falta dos piugos.

LXXII

Oh! que mãos tão delicadas,
Que tão bem sabem 'screver!
Dize, amor, quem foi teu mestre,
Quero lá ir aprender.

LXXIII

«Cada qual para o que nasçe».
Não ha dictado mais certo.
Eu nasci para ser tua,
Não me podes ser *ingréto*.

(*Continúa*).

(Da tradição oral, em Serpa)

M. DIAS NUNES.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

A menina apparecida

Era d'uma vez um rei muito moço e um conde, foram passeiar e tanto passearam que veio a noite. Viram ali uma casa com luz, foram bater á porta e pediram ao dono da casa para os deixar lá ficar, e o homem disse: «Fiquem, senhores, mas eu não tenho cama para descançarem, tenho só uma, mas a minha mulher está n'ella muito doente.»—«Dê-nos umas cadeiras»; e sentaram-se ao lume de lenha.

Pela noite adeante nasceu uma menina e disse uma voz: «Esta que nasceu ha-de reinar». E o rei disse para o conde: «Não ouviste?»—«Ouvi, real senhor.»—«Ora esta!» E' de manhã, quando o homem veio dizer que lá tenham uma creadinha ás suas ordens, o rei disse: «Vae baptisar a creança». E o homem disse: «Então ainda esta noite nasceu! e não tenho padrinho».—«O padrinho é este senhor». E baptisaram-n'a e foi padrinho o conde. E o rei disse: «A menina vae comnosco». O homem não queria deixal-a ir, mas o rei disse: «Sou o rei, mando n'ella». E os paes lá ficaram muito tristes.

No caminho o rei disse para o conde: «Mata a tua afilhada». O conde disse: «Não mato, se queria que a matasse não dissesse para eu ser padrinho». E levava uma cinta encarnada, enrolou a creança na cinta e dependurou-a d'uma arvore.

Passaram dois almocreves e disse um: «Olha uma cinta encarnada e a mim que me faz tanta falta»! Foi tiral-a e encontrou a creança.—«Olha! tão bonita! levo-a para casa, que não tenho filhos.» Quando a creança chegou aos oito annos mandaram tirar-lhe o retrato e o pae foi vendel-o por muitas terras, dizendo que era o retrato da menina apparecida n'uma cinta encarnada. O conde comprou um retrato e foi mostral-o ao rei, e o rei disse: «Dize ao homem que traga a criança.» Elle não queria leval-a, mas pela força sempre a levou.

O rei mandou fazer um caixão, metteram n'elle a creança e o rei disse-lhe: «Levas ahi comer para sete annos.» E deitaram o caixão no meio do mar. Ao fim de sete annos veio o caixão acima. Defronte estava a tia do rei á janella, viu o caixão no mar e mandou buscal-o. Abriu o caixão e encontrou uma menina muito bonita; e mandou participar ao sobrinho que tinha seis aias e agora sete, uma muito bonita que tinha vindo do mar dentro d'um caixão. E o rei disse: «Ainda não morreste, raça do diabo!» E foi visitar a tia para ver a rapariga e levou sete anneis todos eguaes e deu um a cada aia e aquella que perdesse o annel morreria. O rei andava sempre atraz da rapariga e lá um dia foi ella lavar-se, tirou o annel e esqueceu-se d'elle. Quando veio buscal-o já não o encontrou. Tinha-o tirado o rei e foi atiral-o ao mar. Veio a rapariga perguntar ás outras e disseram-lhe que

não tinham visto o annel. O rei adoeceu, tinha muito fastio e a aia disse á tia do rei que talvez uma postinha de peixe lhe abrisse o appetite. «Lembras-te bem»—disse a tia, e mandou comprar peixes e de dentro da barriga d'um sahiu o annel. Logo que o rei o soube, disse: «Então para que hei de estar com mais coisas? Caso com ella e que reine.» E casou.

(Elvas)

*

O mateiro

Havia um homem que era mateiro e muito bruto. Um dia estava a cortar uma pernada e passou outro homem e, disse-lhe: «Vossê vae cahir; está a cortar o ramo onde tem os pés.» O mateiro não fez caso e continuou a cortar, até que caiu o ramo e mais elle. Levantou-se e foi a correr atraz do homem que o tinha prevenido e disse-lhe: «Vossê, homem, é Deus, adivinhou quando eu cahia, e agora hade-me dizer quando eu morro.» O homem, por brincadeira, disse-lhe: «Vossê morre quando o seu burro zurrar tres vezes a seguir » Voltou o mateiro para o mato, carregou o burro e foi caminho de casa. Quando ia no meio do caminho o burro zurrou uma vez, um pouco mais adiante zurrou outra vez e quando se ia approximando de casa zurrou terceira vez e o homem disse: «Bom, agora é que eu vou morrer.» E deixou-se ficar ali sentado á espera da morte. O burro foi caminho de casa, e a mulher, como não visse o marido, foi á procura d'elle. Encontrou-o no sitio, sentado e á espera da morte, e disse p'r'á mulher: «Vae chamar um padre, porque estou morto.»—«Credo, homem! estás morto e fallas? Anda d'ahi, vamos para casa.»—«Não vou d'aqui senão para o campo santo.»

Em vista da teima, a mulher foi chamar o padre. Com o padre veio muita gente para levarem o homem. Estavam em consultas porque lado haviam de ir, por haver uma ribeira a passar, e o mateiro levanta a cabeça e diz:

«Quando eu era vivo
Passava por alem,
Agora que sou morto
Passem por cá bem.»

Os homens zangaram se e deixaram-n'o só. Por fim o mateiro foi caminho de casa a reinar com a sua mulher e mais o seu burro.

Deus louvado, conto acabado.

(Elvas)

A. Thomaz Pires.

Proverbios & Dictos

(*Continuado de pag 80*)

DCXVIII

Homem ambicioso não é preguiçoso.

DCXIX

O que não mata, engorda.

DCXX

Para amigos, mãos rôtas.

DCXXI

O bom jogo tudo consente.

DCXXII

—Com que sonhas, porco?
—Com alande.

DCXXIII

O gato come o que está mal guardado.

DCXXIV

Quem a ferro mata, a ferro morre.

DCXXV

O ceu dos pardaes é a barriga dos gatos.

DCXXVI

Quem promette e não dá, nasce-lhe uma corcova nas costas.

DCXXVII

Quem boa cama fizer, em boa cama se ha-de deitar.

DCXXVIII

Ninguem as calça, que as não descalce.

DCXXIX

O bom julgador por si (se) julga.

DCXXX

Soldado doente não serve el-rei.

DCXXXI

Tudo quanto é vivo apparece.

DCXXXII

Ninguem joga para perder.

DCXXXIII

Ninguem está para se perder.

DCXXXIV

A' vista do panno é que se faz o preço.

DCXXXV

Quem ha-de morrer escusa estar doente.

DCXXXVI

O que ha-de ser ao tarde, que seja logo ao cedo.

DCXXXVII

A candeia que vae adiante é que allumia.

DCXXXVIII

Os dedos da mão não são eguaes.

DCXXXIX

E' como as pessoas reaes: não apparece senão onde está.

DCXL

Ou tudo ou nada, mulher do diabo!

DCXLI

O veneno, em sendo pouco, não mata.

DCXLII

Apanhou-se o diabo com botas, correu a villa toda

DCXLIII

Os annos não passam em balde.

DCXLIV

Dinheiro não consente faltas.

DCXLV

Quem muito abarca, pouco aperta.

DCXLVI

Quem não é p'ró comer, não é p'ró ganhar.

DCXLVII

O que está feito ganha ao que está por fazer.

(*Continúa*).

(Da tradição oral, em Serpa.)

M. DIAS NUNES.